A guerra de Hugo Chávez contra o colonialismo

Núnzio Renzo Amenta

expressão
POPULAR

A GUERRA DE HUGO CHÁVEZ CONTRA O COLONIALISMO

NÚNZIO RENZO AMENTA

A GUERRA DE HUGO CHÁVEZ CONTRA O COLONIALISMO

1ª edição
Editora Expressão Popular
São Paulo – 2010

Copyright © 2010, Editora Expressão Popular
Título original: La guerra al colonialismo de Hugo Chávez

Tradução: Heloisa Marques Gimenez
Revisão: Ricardo Nascimento Barreiros
Capa, projeto gráfico e diagramação: Krits Estúdio
Foto da capa: Consulado da Venezuela no Brasil
Impressão: Gráfica Loyola

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

D511g

Amenta, Núnzio Renzo
A guerra de Hugo Chávez contra o colonialismo / Núnzio Renzo Amenta ; tradução Heloisa Marques Gimenez. – 1.ed. – São Paulo : Expressão Popular, 2010.
288 p. : fots.

Título original: La guerra al colonialismo, de Hugo Chavéz.
Indexado em GeoDados - http://www.geodados.uem.br
ISBN 978-85-7743-132-8

1. Venezuela – História. 2. Venezuela – Política. 3. Chavez Frías, Hugo Rafael. I. Gimenez, Heloisa Marques,trad. II. Título.

CDD 987

Bibliotecária: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

1ª impressão - abril 2010

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida
sem a autorização da editora.

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR
Rua Abolição, 197 – Bela Vista
CEP 01319-010 – São Paulo – SP
Fone/Fax: (11) 3112-0941
www.expressaopopular.com.br
vendas@expressaopopular.com.br

Sumário

Apresentação 11

Introdução 13

Parte I
A Venezuela e Hugo Chávez 29

Parte II
As razões do golpe 75

Parte III
A preparação do golpe 89

Parte IV
11 de abril 121

Parte VI
12 de abril de 2002 153

Parte VII
13 de abril de 2002 201

Parte VIII
Operação "Restituição da Dignidade" 231

A evolução 263

À Enza, minha esposa, que me apoiou incondicionalmente nas minhas andanças pelo estrangeiro. Sem seu alento e sua doce crítica não teria nunca a força para escrever este livro.

"... e agora me veio um sonho, me veio ali... na esquina de um povoado, ainda há pouco. Íamos, depois de um ato onde havia muita gente – eu queria descansar por lá... à beira-mar. Era em Margarita exatamente, e então vamos, já ao cair do sol, e vamos cruzando uma esquina para ir a algum lugar descansar um pouco. Íamos em caravana, uma caminhoneta qualquer e eu dentro, olhando... olhando... olhando cada esquina, cada casa, tratando de olhar tudo e, de repente, disse ao garoto, ao companheiro que dirigia: 'pare, pare' – porque vi umas crianças brincando com uma bola de borracha – e disse ainda: 'que bom que há também uma menina jogando', que necessitava correr ainda mais, e então... em uma cadeira, um senhor com os cabelos brancos olhando as crianças brincando de bola e com uma menina em suas pernas, eu disse, aí está, esse sou eu... o último sonho."

Hugo Rafael Chávez Frías

Apresentação

Sobre nós, europeus, o Caribe exerce uma atração particular, sendo até hoje um lugar que se distancia notavelmente dos preceitos dos nossos lugares.

Mar limpo, praias cândidas, palmeiras inclinadas pelo vento, gente pobre, mas acolhedora e alegre, música ensurdecedora, gaitas, salsa e merengue, cores vivas, perfumes intensos. Lembranças de romances e filmes de piratas, batalhas navais, abordagens, naufrágios, tesouros roubados, enterrados, perdidos e encontrados. A insegurança, a constante sensação de aventura que também te envolve ao passar por uma pequena rua desconhecida sob olhares cheios de curiosidade (ou de desconfiança?).

Democracias jovens, que buscam com afã suas identidades (uma forma de desenvolver-se, eu diria, autóctone), se encontram lutando contra uma realidade complexa, que para nós do velho continente é muito difícil de entender. Por exemplo, na Europa temos uma inflação anual de 2% a 3%, na América do Sul uma inflação de 15% é considerada "boa"; uma dívida externa que não se extinguirá nunca, paga com enormes sacrifícios, a taxas exageradas. As moedas locais só servem dentro dos países correspondentes. Quando alguém quer viajar ao exterior, também dentro do continente, tem que comprar dólares (dos Estados Unidos) aos poucos no mercado negro por causa do con-

trole de câmbio, que é uma forma de proteção contra uma excessiva desvalorização.

O poder político concentra-se firmemente nas mãos de alguns poucos democratas ricos, geralmente muito ricos, que controlam tudo – meios de comunicação, bancos, importações e exportações etc. – e que parecem viver em um passado colonial que deveria estar superado e esquecido. A corrupção é a regra, polícia e tribunais inclusive, e os poucos honestos não têm vida fácil. A religião católica é praticada pela maioria, mas há uma contradição que reúne todos os países pobres: o alto clero vive e atua junto ao poder dos ricos, intervindo pesadamente na vida política, não para defender os direitos das minorias marginalizadas, mas para proteger os interesses econômicos próprios e de seus amigos. A Opus Dei na América do Sul é uma casta (de tipo maçônico?) reservada para poucos privilegiados, leigos e clero, normalmente pertencentes a famílias de notáveis obviamente ricos, onde se protegem reciprocamente dos outros, isto é: os leigos não alinhados aos ensinamentos e o clero humilde que vive em estreito contato com a pobreza e a marginalização. Em uma união que desafia o tempo e a lógica cristã, bispos e cardeais fascistas coexistem com padres reformistas, estes últimos normalmente missionários procedentes da Europa.

A Venezuela é um desses países caribenhos com mais de 24 milhões de habitantes sobre um território três vezes maior que o da Itália.

Introdução

Os acontecimentos que ocorreram na Venezuela em 2002 e 2003 colocaram em evidência o total desinteresse pelo país, real ou disfarçado, por parte da Europa – onde cada dia mais se evidencia a sujeição aos EUA, com silêncios que cheiram à cumplicidade, sempre justificando os crimes da administração Bush. As mesmas ações, cometidas por qualquer outro país, seriam tachadas de terroristas e, naturalmente, de violação de direitos humanos, mas se são cometidas pelos EUA se supõem legítimas e necessárias para a defesa da segurança e das liberdades democráticas de todo o mundo ocidental, do qual se erguem como paladinos. O dinheiro da Venezuela é cobiçado por muitos países e muitos empresários, mas é melhor que isso não seja de conhecimento de muitos por aí... Não agradaria Bush em nada.

Para tentar compreender o que ocorreu na Venezuela naqueles dois anos é essencial ter ideia do clima sociopolítico existente até 1998, que defino, creio que sem exagerar, como colonial: o poder nas mãos de uns poucos e a grande massa explorada e submissa.

A Constituição de 1958

A Venezuela naqueles anos estava no olho de um furacão. Em aparente calma, mas circundada por redemoinhos furiosos que

acabariam por modificar muito rápido muitos equilíbrios instáveis cujos efeitos haveriam de sentir-se em todo o mundo. Podemos identificar o início da democracia na Venezuela com a queda, por obra das Forças Armadas, da ditadura militar de Marcos Evangelista Pérez Jiménez em 23 de janeiro de 1958. Pérez Jiménez encontra amparo nos EUA, fugindo a bordo de um avião que é lembrado com o nome de "Vaca Sagrada", nome que ninguém conseguiu me explicar. Anos depois, em meados de 1963, os EUA o entregaram às autoridades venezuelanas; ele foi processado e mantido preso até 1968. Naquele ano foi concluído o processo com uma condenação a mais de quatro anos por peculato, mas no mesmo dia foi posto em liberdade por já haver cumprido a pena. Pérez Jiménez abandonou a Venezuela e se mudou para a Espanha, onde permaneceu até a sua norte, em 20 de setembro de 2001, sem problemas financeiros.

Com a queda da ditadura, foi necessário estabilizar o país, dissolvendo os guerrilheiros, facilitando o regresso dos exilados e criando uma constituição adequada. Como ocorreu na Itália ao final da Segunda Guerra Mundial, a Constituição devia colocar as bases de uma nova República, mas de maneira prioritária devia impedir que no futuro pudesse nascer uma nova ditadura. Este foi o fio condutor da Constituição venezuelana que se firmou em 31 de outubro de 1958, em uma casa chamada de "Punto Fijo", de propriedade de Rafael Caldera.

É importante assinalar que esta Constituição foi preparada em Nova York por três personagens da época: Betancourt, Caldera e Villalba, e por eles assinada em qualidade de executivos dos três partidos: AD (Ação Democrática), Copei (Comitê de Organização Política Eleitoral Independente) e URD (União Republicana Democrática), com a anuência do Departamento de Estado. Um quarto partido, o PCV (Partido Comunista Venezuelano), foi excluído, indubitavelmente porque não era do agrado dos Estados Unidos. O acordo se fundava substancialmente na obrigação

de atuarem juntos e de maneira solidária para defender a constitucionalidade e não usar a força para deslegitimar resultados eleitorais. Tal acordo entre partidos, que ainda hoje se chama "acordo de Punto Fijo", consagrado em uma constituição, governou o país por mais de 40 anos.

O mesmo ocorre em toda a América do Sul. Em geral as pessoas se referiam à coalizão dos partidos que deveriam estar alinhados ao poder ou à oposição (que nunca existiu) com o nome de um fruto tropical, a graviola. Este fruto tem a casca verde (cor do partido Copei) e o interior, a polpa, é totalmente branco (cor do partido AD). Seria como dizer "as duas faces da mesma moeda"! Muitos dos antigos guerrilheiros regressaram à pátria, também atraídos por cargos políticos. Encontraremos nessa situação muitos personagens da vida pública, ex-guerrilheiros, reais ou supostos.

A vida política se desenvolve como em uma grande e feliz família, visto que, com base em tal acordo, de fato na Venezuela nunca existiu uma oposição política real. Todos os partidos maiores e grande parte dos outros acabam por se colocarem de acordo sobre como "repartir o bolo". Os ministros mudavam não por necessidade política, mas para que o ministro da vez enriquecesse. Assim ficavam todos contentes e a ninguém ocorria mudar essa lógica. O Ministério de Saúde não funciona? Bom, coloquemos um novo ministro que resolva tudo, e, naturalmente, tudo seguia exatamente como antes.

As Forças Armadas tinham que ficar tranquilas, portanto era negado o direito de voto aos militares. O Congresso elegia o alto comando, depois de uma cuidadosa seleção entre aqueles mais confiáveis. Naturalmente, em nome de um equilíbrio excepcionalmente eficaz, tiveram que ser contemplados todos os políticos de envergadura, para se protegerem de um eventual golpe contra a administração vigente. Os atores eram trocados, ou melhor, promoviam, eles próprios, tais trocas, mas a comé-

dia sempre foi a mesma. Essa situação levou a classe política, salvo poucas exceções, a enriquecer desmedidamente, junto aos seus amigos empresários, com os quais trocavam favores e dólares. A única preocupação dos grupos foi evitar a excessiva popularidade de algum deles, para que fossem todos necessários, e também para evitar desvios.

E as pessoas comuns? Não tinham nenhum direito real, a não ser se virar como podiam para sobreviver, procurando incomodar o menos possível as "pessoas importantes". Sindicatos corruptos e sindicalistas ladrões completam o quadro. Um analfabetismo generalizado, para além de 10%, escolas públicas que não prestam, normalmente localizadas em edifícios em ruínas, escolas privadas decentes para os mais ricos. Uma alta mortalidade infantil e de gestantes. Expectativa de vida abaixo dos 60 anos. Aposentadorias ridículas e nenhum plano de seguridade social. Substancialmente, um barril de pólvora estava a ponto de explodir, e inchava cada dia mais.

Os acontecimentos de 1992

O governo naquele ano estava representado por partidos que podemos definir como de centro-direita. O presidente era Carlos Andrés Pérez, em seu segundo mandato quadrienal, iniciado em 1989. Durante seu primeiro mandato (1974-1979) foi acusado de desvio de fundos públicos. O mesmo delito pelo qual Pérez Jiménez foi condenado. Absolvido por falta de provas, seus opositores políticos sempre o consideraram, por razão ou conveniência, culpado. Essa reeleição assinalou sua reabilitação política – e com uma amarga surpresa para aqueles que tentaram impedi-lo.

Em 27 de fevereiro de 1989, poucos meses depois de sua reeleição, ocorreu um fato que marcou a vida de muitas pessoas de maneira trágica; foi o chamado "Caracaço": um levante da massa pobre, das favelas, desesperada e faminta, que desceu dos

morros (a periferia dos entornos de Caracas) saqueando e destruindo tudo o que encontrava. Há muitas versões dos fatos daquele dia, mas a realidade é que o limite da tolerância humana não é algo que se calcula com fórmulas matemáticas. Quando se vive sobre um barril de pólvora, não tem importância a origem da faísca que o faz estourar, porque em todos os casos pode ser fatal. Seria melhor eliminar o barril em lugar de deixá-lo crescer desmedidamente, adotando sempre as precauções cabíveis para não fazê-lo explodir.

A perda do poder de compra da moeda, as especulações dos poderosos com bens acumulados, perspectivas de desenvolvimento nulas, trabalhadores sem emprego aos montes, caos nas instituições, chantagens dos políticos às empresas, comissões nas licitações públicas e aduanas, são só alguns ingredientes. Os políticos ladrões e corruptos confiaram no uso da força pública e das Forças Armadas, sobretudo porque eram comandadas por pessoas corrompidas; mas se esqueceram que, ao fim e ao cabo, elas são compostas em sua maioria pelos filhos do povo humilde e pobre. Naquele dia Caracas e seus arredores foram saqueados. A fúria das pessoas se manifestou de repente, enquanto os políticos buscavam desesperadamente uma saída. A solução inevitável foi recorrer ao Exército e reprimir o motim com fuzis. Milhares foram os mortos e feridos e muitos desapareceram no nada. Circulavam versões de que foi o próprio governo quem provocou o motim popular, porque justamente naquele dia, nos Estados Unidos, representantes do governo venezuelano se reuniram com o Fundo Monetário Internacional para pedir dinheiro. No entanto, os acontecimentos se deram com tanta rapidez e de maneira tão difusa que não puderam ser controlados. Será verdade? O certo é que assim parece e que muitos acreditam nisso.

Regressada a calma de alguma maneira, Carlos Andrés Pérez começou a pôr em ação suas receitas políticas. Mas, como diz o ditado, "o lobo perde o pelo mas não perde o vício". Du-

rante os anos de seu segundo mandato, o CAP, como é definido por suas iniciais, continuava acumulando riquezas. Depois de uma visita à Espanha, vendeu à Ibéria (companhia aérea espanhola) a maioria das ações da companhia aérea venezuelana Viasa. Esta venda deu-se quando a Ibéria estava endividada até o osso e a Viasa estava em atividade, funcionava muito bem, não havia tido nunca acidentes e em seus aviões havia um serviço impecável. Para justificar sua privatização o governo fez circular notícias falsas, nas quais se temia a iminente quebra da Viasa, tudo isso com a cumplicidade dos órgãos de informação privados. Com os mesmos critérios, poucos meses antes o governo havia privatizado a CANTV, a companhia nacional de telefonia. É necessário frisar que tais vendas não aportaram quase nada aos caixas do Estado e foram totalmente ilegais, não existindo naquela época nenhuma lei que respaldasse as privatizações.

Anos depois, durante o segundo governo de Caldera, a situação se inverte: a Ibéria já não tem dívidas, enquanto a Viasa fracassa colocando nas ruas mais de 3.500 trabalhadores. Tudo isso com o consentimento dos políticos venezuelanos. Como pôde ocorrer isso tudo? De uma maneira muito simples: com a cumplicidade de todos os políticos, sem exceção. A Ibéria, como maior acionista, decidia as políticas do grupo. Entre outras coisas, pagou a manutenção das aeronaves da Viasa com um custo três vezes maior que o real e transferiu todas as perdas e gastos possíveis a essa companhia.

Em uma entrevista televisiva com o então ministro do Planejamento Teodoro Petkoff, um ex-guerrilheiro e militante do MAS (Movimento ao Socialismo), quando o condutor da transmissão perguntou sobre o que faria o governo para proteger a Viasa, sua resposta foi que o governo não podia fazer absolutamente nada e que as coisas teriam que seguir seu próprio curso. O curso de que falava o ministro foi a quebra da Viasa e o sequestro dos seus aviões, que seriam entregues à Ibéria como pagamento das dívi-

das acumuladas. A companhia espanhola quis também apossar-se das rotas, coisa que felizmente não conseguiu.

Ano após ano as coisas iam de mal a pior, até que desembocaram em duas tentativas de golpe.

Os dois golpes de 1992

O jovem tenente-coronel Hugo Chávez Frías

Um novo personagem ingressa prepotentemente no cenário da vida pública venezuelana: Hugo Rafael Chávez Frías. Hugo Chávez é, como se diz comumente, um filho do povo. Nasceu em 28 de fevereiro de 1954 em um povoado na fronteira das planícies venezuelanas, em uma família muito pobre. Seu pai foi um professor rural que, por causa dos escassos recursos econômicos, para manter a numerosa família foi obrigado a levar seus filhos, o pequeno Hugo e o irmão mais velho, à avó paterna, Rosa Inés. Ela vivia em Sabaneta, Estado de Barinas, no ocidente do país, em uma casinha de índio, daquelas feitas de palha e barro seco, como as que ainda existem hoje.

Nas histórias contadas por Chávez, ele fala sobre como depois de sair da escola ajudava a avó a vender os doces de fruta feitos por ela. Conta-nos que era um garoto feliz, correndo pelos campos próximos, subindo nos abacateiros ou vendo um filme com os amigos. Também nos conta que ia encher uma latinha com café na floresta tropical. Mas que depois dessa pequena colheita teve que fugir, pois estava sendo perseguido por um tipo de vespa que chamavam de "pega olho", porque toma como alvo o branco dos olhos. O café então colhido era secado ao sol por alguns dias, moído à mão e for fim coado: "divino e saboroso". E logo fala das lembranças da mãe Rosa, como chama a avó, do seu amor incansável por suas plantas e do carinho que tinha pelos netos. Bem jovem se alistou no exército. Foi um cadete respeitoso e educado, não bebia álcool, jogava beisebol e queria tornar-se petroleiro.

Ama o Exército – que chama de "minha casa" em várias circunstâncias, e estuda com paixão.

Foi o oitavo de seu curso e aos 21 anos saiu com o título de estudos em engenharia militar, especializado em comunicações. Conhece e aprofunda os escritos sobre Simón Bolívar, absorve seu pensamento e suas ideias políticas, sobretudo a da integração e construção da sonhada e nunca realizada "Gran Colombia": Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia.

Inspira-se não somente em Simón Bolívar, mas também nos grandes heróis do passado, que são de uma extraordinária atualidade na América do Sul: Ezequiel Zamora, cujo lema foi "terra e homens livres"; e Simón Rodriguez, o mestre de Bolívar. Alcança assim uma identidade com as raízes de sua gente que permitirá a ele ver com incrível clareza o que se passa ao seu redor. Ainda que formado militarmente, as experiências de sua infância o levaram a sentir-se mais próximo dos excluídos do que dos poderosos. Aos poucos seria castigado por não aceitar passivamente as injustiças; naqueles anos, os governos utilizavam o Exército como extensão da polícia. Uma das frases de Bolívar repetida por Hugo Chávez é: "maldito seja o soldado que direcione as armas contra o seu povo".

Nasceu assim a ideologia "bolivariana", que se desenvolveu dentro das Forças Armadas, dando vida, desde 1983, ao "Movimento Bolivariano MBR-200", constituído pela maior parte dos cadetes formados na turma "Simón Bolívar" que saiu das escolas militares em 1975.

Casou-se pela primeira vez com Nancy Colmenares, e deste matrimônio nasceram duas filhas, Rosa Virginia e María Gabriela. Depois dos fatos de 4 de fevereiro de 1992, separou-se porque sua mulher não queria colocar em perigo sua vida e a das filhas. Hugo Chávez nunca perdeu o contato com elas.

Na prisão de Yare conheceu a jornalista Marisabel Rodríguez, de Barquisimeto. Os dois se apaixonaram, se casaram e tiveram dois filhos: Hugo e Rosainés. Esta última, quando ocor-

reram os acontecimentos, tinha seis anos. Por causa desse casamento, Marisabel foi despedida pelo dono do jornal no qual trabalhava e assim começam os primeiros problemas.

Durante seu serviço militar recebeu muitas condecorações, como:

- Estrela de Carabobo;
- Cruz das Forças Terrestres;
- Ordem Militar Francisco de Miranda;
- Ordem Militar Rafael Urdaneta;
- Ordem Militar Libertador V Classe.

Nas Forças Armadas Nacionais ocupou vários cargos:

- Comandante do Pelotão de Comunicações, Batalhão Caçadores Cedeño, Barinas/Cumaná, 1975-1977.
- Comandante do Pelotão e Companhia de Carros AMX-30, Batalhão Couraçado Bravos de Apure, Maracay 1978-1979.
- Comandante de Companhia e chefe do Departamento de Educação Física da academia militar, 1980-1981.
- Chefe do Departamento de Cultura da mesma academia, 1982.
- Comandante Fundador da Companhia José Antonio Páez, Curso Militar na Academia, 1983-1984.
- Comandante do Esquadrão de Cavalaria Francisco Farfán, Elorza, Apure, 1985-1986.
- Comandante Fundador do Núcleo Cívico-militar de Desenvolvimento Fronteiriço Arauca-meta, 1986-1988.
- Chefe de estágio do Conselho Nacional de Segurança e Defesa, Edificio Blanco, Miraflores, 1988-1989.
- Oficial de Problemas Civis, Brigada Cazadores, Maturín, 1990.
- Comandante do Batalhão de Paraquedistas Coronel Antonio Nicolás Briceño, Quartel Paéz, Maracay, de 1991 a 4 de fevereiro de 1992.

O golpe de 4 de fevereiro de 1992: Operação Zamora

Pouco a pouco começou a tomar corpo a ideia de que para que as coisas mudassem uma nova constituição teria que ganhar vida, visto que as instituições existentes não permitiam nenhuma mudança. Além disso, a situação no país era um desastre total: a pobreza palpável em toda parte, o poder judiciário totalmente corrupto, o executivo só tutelava os privilégios dos poderosos e também da Igreja Católica, que brilhou por seu silêncio.

Os preparativos para o golpe foram minuciosos, detalhados e duraram anos, com reuniões ocultas nas casas de amigos confiáveis ou pelo interior. Os acontecimentos ocorridos nos dias do "Caracaço" provocaram certa aceleração nos planos do grupo, que por fim decidiu atuar durante a noite entre os dias três e quatro de fevereiro de 1992, coincidindo com a volta do presidente Pérez de Davos (Suíça), onde participava do Fórum Econômico Mundial. Os principais envolvidos foram cinco, todos com o grau de tenente ou coronel:

- Hugo Chávez Frías;
- Francisco Arias Cárdenas;
- Joel Acosta Chirinos;
- Jesús Urdaneta Hernández;
- Jesús Ortiz Contreras.

No relato dos últimos momentos com os familiares, feito por Francisco Arias Cárdenas e pelo próprio Hugo Chávez, está todo o drama vivido naquelas horas: a despedida dos familiares, mesmo sem dizer-lhes exatamente o que estava prestes a acontecer, a entrega dos objetos pessoais, o último abraço cientes de que arriscariam a vida e por fim o último olhar aos filhos adormecidos.

Mas a que se propunham? Quais foram as razões que os impulsionaram àquela rua sem saída?

A ideia foi capturar o presidente, estabelecer um governo de transição para chamar o país à aprovação de uma nova constituição com novas regras, segundo um critério ainda embrionário de Democracia Participativa. Também confiaram em um levante que os teria apoiado. É importante assinalar que não houve intenção de estabelecer uma ditadura militar, como foi difundido falsamente nos dias seguintes ao golpe e posteriormente confirmado de forma ampla. Como geralmente ocorre, os acontecimentos não saem como o previsto, seja por questões casuais ou por uma traição no último minuto.

Em Caracas, as ações estavam sob o comando do tenente-coronel Hugo Chávez Frías, que dirigiu as operações a partir do Museu Histórico Militar da Planície, e do tenente-coronel Joel Acosta Chirinos, que comandou as operações na base aérea General Francisco de Miranda, no aeroporto La Carlotta. Por volta das 23h se iniciaram os combates nos arredores da residência presidencial, La Casona, assim como em Miraflores, edifício do governo, e na base aérea Francisco de Miranda.

Outros combates ocorreram dentro do forte Tiuna, uma base militar na zona oeste de Caracas, em um edifício chamado Helicoide, na sede da polícia metropolitana (PM) e no canal de televisão estatal Canal 8. O grupo conduzido pelo tenente-coronel Hugo Chávez Frías encontrou uma forte resistência, por mera casualidade, e o presidente Pérez não foi capturado por poucos minutos.

Na realidade, o presidente, na residência La Casona, recebeu uma ligação do general Fernando Ochoa Antich; Pérez, provavelmente, foi informado no último minuto, visto que saiu em seguida e dirigiu-se ao palácio Miraflores, poucos minutos antes que a residência fosse atacada, conseguindo assim escapar da captura. À meia-noite os rebeldes atacaram Miraflores, com tanques e com uma unidade de paraquedistas. O choque foi duro, com mortos e feridos de ambas as partes. O presiden-

te Pérez conseguiu evitar uma vez mais a captura, escapando e amparando-se na sede da Venevisión, de onde falou ao país denunciando o golpe.

Os combates em Miraflores se concluíram às quatro da manhã, com a rendição dos rebeldes e seu comandante Hugo Chávez Frías. O presidente Pérez voltou a Miraflores, mas enquanto em Caracas as tropas regulares tomaram o controle, no restante do país os rebeldes conseguiram bons resultados. Em Maracaibo, no Estado de Zulia, a operação chamada "Reconstrução 92" teve êxito. Francisco Arias Cárdenas, comandante do grupo de artilharia de mísseis José Tadeo Monagas, tomou a casa do governador Oswaldo Álvarez Paz, à meia-noite, proclamando-se governador militar e explicando em uma televisão local os motivos do golpe e os princípios de seu movimento MBR-200.

Em Maracay, os rebeldes não conseguiram conquistar a base aérea, mesmo mantendo-a cercada. Em Valência houve outros combates e os rebeldes tomaram o controle de vários pontos estratégicos, mas não houve nenhum levante popular, as pessoas estavam despreparadas para uma possível repressão. Às 16h do dia seguinte, aparece na televisão Hugo Chávez Frías, prisioneiro, que lançou um comunicado aos companheiros dizendo para que abandonassem a luta, ainda que tivessem a oportunidade de continuá-la. O chamado pela rendição foi dado pelo comandante Chávez com essas palavras:

> Antes de tudo quero dar bom dia a todo o povo da Venezuela e essa mensagem bolivariana está dirigida aos valentes soldados que se encontram no regimento de paraquedistas Aragua e na Brigada Blindada de Valência. Companheiros, lamentavelmente, por enquanto, não conseguimos tomar o poder. Vocês o fizeram muito bem por aí, mas já é tempo de evitar mais derramamento de sangue, já é tempo de refletir e virão outras situações e o país tem que dirigir-se definitivamente a um destino melhor. Ouçam então minhas palavras,

> ouçam ao comandante Chávez, que os envia essa mensagem para que, por favor, reflitam e deponham as armas porque, na verdade, os objetivos a que nos havíamos proposto em nível nacional já não são alcançáveis. Companheiros, ouçam esta mensagem solidária. Agradeço sua lealdade, agradeço sua valentia, seu desprendimento, e, eu, perante o país, perante vocês, assumo a responsabilidade desse movimento militar bolivariano. Muito obrigado.

Todos os rebeldes obedeceram ao seu comandante e entregaram as armas.

Como se vê, a insurreição não foi nem pequena nem organizada por um grupo de loucos fanáticos. Os políticos com a cumplicidade dos órgãos de informação trataram de ocultá-la.

No dia seguinte, 5 de fevereiro, convocou-se o Congresso para aprovar um decreto que suspendeu as garantias constitucionais em todo o país, justamente para evitar a temida insurreição popular, e os grupos parlamentares concordaram em não seguir com os debates utilizando-se do argumento "golpe". De repente, um velho espertalhão, o senador vitalício Rafael Caldera, desconhecendo este acordo do silêncio, lançou-se em um polêmico discurso onde expôs a tese de que era objetivo dos rebeldes matar o presidente e que o golpe foi provocado pela profunda crise da democracia venezuelana. Assim conseguiu-se dois resultados: classificou os autores do golpe como vulgares delinquentes fanáticos e ao mesmo tempo colocou a culpa no governo atual, sobretudo na pessoa do presidente Carlos Andrés Pérez. Foi justamente graças a esse discurso, indubitavelmente planejado junto aos seus seguidores, que no ano seguinte, havendo saído Pérez, Rafael Caldera foi eleito presidente.

Da insurreição participaram 133 oficiais e 967 soldados.

O comandante Chávez e os outros oficiais foram condenados a vários anos de prisão e foi preso na penitenciária de Yare nos Vales do Tuy.

Justamente para reduzir ao mínimo a publicidade sobre o golpe, muitos processos contra soldados foram suspensos e outros militares foram simplesmente demitidos das forças armadas. Em 1994, aqueles que ainda estavam na prisão, de surpresa, foram perdoados pelo presidente Caldera e abandonaram as Forças Armadas.

Na mensagem de rendição de Chávez há alguns pontos que devem ser analisados. Primeiramente, aquele "por enquanto" profético, como sempre, junto à frase "virão novas condições", nos dão a entender que na rendição não houve nenhum sinal de resignação, e sim uma fria análise da situação e uma decisão, sobretudo, tomada para evitar "um maior derramamento de sangue". Mais adiante diz: "os objetivos que nos propusemos não foram alcançados na capital". Um destes objetivos era indubitavelmente o apoio popular, sem o qual de nenhuma maneira se alcançaria a realização de seus planos. A rendição quase imediata de seus companheiros demonstra a força da liderança do comandante Chávez.

O segundo golpe de 27 de novembro de 1992

Enquanto o golpe de quatro de fevereiro foi organizado somente por militares e oficiais de baixo escalão como comandantes, capitães e tenentes, e por essa razão chamou-se Coma.ca.te, dessa segunda tentativa de golpe, que de alguma maneira teria que concluir o que se iniciou em fevereiro, participaram grupos de civis e oficiais de alto escalão, dos quatro ramos das Forças Armadas. Entre os civis estavam as organizações "Bandeira Vermelha", "Terceira Via" e "Frente Patriótica", além de personagens independentes de relevo na oposição ao governo. Entre os militares lembramos dos contra-almirantes Hernán Grüber Odremán (chefe das operações) e Luis Enrique Cabrera Aguirre e do general de brigada da aviação Francisco Vizcondes Osorio.

O coronel do Exército Higinio Castro e o major da Guarda Nacional Carlos Salima Colina, ainda que pertencentes ao grupo que planejou o golpe, não participaram da sua execução. A insurreição foi um total desastre e acabou no mesmo dia. Houve mortos, um avião derrubado, muitos rebeldes foram presos e outros se exilaram no Peru.

Depois desse segundo golpe, os equilíbrios do "Pacto de Punto Fijo" começaram a estremecer e, sobretudo, colocou-se em dúvida a eficácia de seu excessivo controle do poder. A relação entre as Forças Armadas e a política começa a desfazer-se. Nas Forças Armadas se amplia a distância entre altos oficiais – atrelados firmemente, quase todos, ao bonde político – de um lado e o Comacate e as tropas de outro.

O prestígio da classe política cai em queda livre; as pessoas primeiro duvidam, depois se mostram descrentes e por fim passam a odiá-la.

PARTE I

A Venezuela e Hugo Chávez

O primeiro contato

Ano de 1998.

O estrondo macio dos motores me colocou em uma espécie de limbo nebuloso, e os murmúrios dos passageiros ao meu redor me pareceu vir de uma notável distância. Os fones de ouvido em volta do pescoço me incomodam e os ajeito acomodando-os sobre os joelhos. Estico as pernas inutilmente buscando uma posição mais confortável. Tento voltar a dormir, mas minha cabeça escorrega de lado e o contato com o frio da janela me desperta completamente. Olho para fora, onde uma resplandecente lua cheia ilumina a asa do avião, e, nove mil metros abaixo, vejo a faiscante superfície do oceano. Com um suspiro me posiciono apoiando-me ao encosto e bocejando trato de desintumescer os braços e as pernas o quanto permitem o estreito espaço à disposição. Olho o relógio: 9h25 no horário de Roma. Movo para frente os ponteiros em seis horas para ajustar-me ao fuso horário do aeroporto de chegada: 3h25. Na tela à minha frente aparece o mapa do hemisfério com a rota e os dados do voo. Estávamos voando a nove mil metros e a uma velocidade de 870 km/h. A chegada é prevista para algo como 6h30 da hora local. Outras três horas. Reflito sobre a saída do aeroporto

de Fontanarossa de Catania, aos cumprimentos de amigos e parentes, aos conselhos de praxe: cuidado por onde andas, com a comida etc...

A chegada a Fiumicino, a ida à zona internacional, o controle dos passaportes. Sempre vem a dúvida de que algo ruim pode acontecer, como aquela vez em que se equivocaram ao escrever meu nome no bilhete e quase perdi o voo, ou como quando a agência de viagem confundiu o horário de saída de Roma, uma da madrugada, com a de saída de Catania, 19h do dia anterior, me fazendo chegar ao aeroporto com um dia de atraso!

Desta vez tudo saiu bem. Depois da longa espera no aeroporto Leonardo da Vinci, desde as 21h até a uma da madrugada, hora de partida a bordo do trimotor da Viasa, companhia de bandeira Venezuelana. Depois de um voo tranquilo o avião aproxima-se do aeroporto internacional Simón Bolívar, vindo obviamente do Leste. Uma cadeia de altas montanhas, cobertas pelo verde dos trópicos, que chegam quase a mergulhar no mar. O aeroporto é uma grande pista orientada de leste a oeste, ao longo da qual se encontra respectivamente o aeroporto militar, o aeroporto nacional e o internacional. Os aviões, por causa da direção dos ventos, são obrigados a aterrissar na direção oeste-leste. O avião, portanto, desfila ao longo da costa, passa o aeroporto, continua por alguns quilômetros e logo dá uma volta de 180 graus e inicia a última fase da manobra de aterrissagem no corredor aéreo que o levará a sobrevoar a "Colina de Catia la Mar" a menos de cem metros do telhado das casas, tocando a terra depois de dez horas e meia da decolagem em Roma. A aterrissagem é acolhida pelos infalíveis aplausos dos passageiros ("conseguimos...").

Uma rajada de ar quente e úmido me envolve na saída do aeroporto e na sequência os cheiros, únicos, inconfundíveis, da Venezuela: grama úmida, maracujá, mamão, abacaxi e aquele de gasolina, que, não sei por que, mas é diferente do da nossa, assim como no preço, algumas centenas da nossa velha lira por

litro. O cumprimento dos amigos, a saída com o carro até a autopista La Guaira-Caracas, rodando por uma avenida margeada por altas palmeiras de Chaguaramos, palmeiras de tronco reto, perfeitamente redondo e liso, de cor cinza na base e com a parte final de um bonito verde escuro sob as palmas.

Esta estrada é a única via de ligação entre Caracas e a costa.

Na realidade existe uma via alternativa que é chamada de "estrada velha", utilizada antes da autopista ser construída, e que foi então abandonada. Hoje é impensável subir a Caracas por essa via, mesmo com um veículo de tração nas quatro rodas, por suas péssimas condições, pelo total abandono em que se encontra, e pela probabilidade não tão remota de assaltos. Recentemente a autopista foi dada em concessão a uma sociedade espanhola que deveria prover sua manutenção ordinária e extraordinária, visto que há um viaduto que apresenta sinais de afundamento. A distância de uns 20 quilômetros, com um desnível de 800 metros em relação ao aeroporto, é percorrida em mais ou menos 20 minutos quando não há grandes filas por alguma batida ou veículos quebrados. Conta-se que quando um desmoronamento de terra obstrui a estrada, antes de eliminar o dano, amplia-se sensivelmente a estrada do lado oposto: máximo resultado com mínimo esforço!

Entramos em um túnel pouco iluminado e, sendo já nove da manhã, o contraste da luz com a sombra é bastante incômodo. Meus amigos riem e me dizem para esperar o túnel seguinte antes de me lamentar. Saindo do túnel vemos um incrível espetáculo: as árvores de Araguaney (árvore nacional desde 29 de março de 1948), imersas no matagal espinhoso verde-escuro dos entornos da montanha, estão todas florescidas e o amarelo brilhante de suas flores está "como uma diadema de ouro" (Romulo Callegos), oferecendo-nos um espetáculo único e inesquecível, que poderá ser admirado somente durante os poucos dias em que as delicadas flores estiverem sobre os galhos.

Entramos em outro túnel bem maior, todo em subida, com uma fila dupla de carros e caminhões. Transita-se a uns 30 km/h com o ar cheio de fumaça dos escapamentos; turismo de aventura! É necessário manter as janelas fechadas e o ar condicionado desligado. Imagino a beleza de uma parada forçada. Conseguimos, em todo caso, sair vivos e com muito alívio abro a janela interrompendo a longa apneia.

Volto a contemplar o espetáculo dos Araguaney. A explosão de cores e beleza é, no entanto, substituída por outro espetáculo, alguns quilômetros adiante, não tão agradável: o dos *ranchos* e barracos arruinados que cobrem as zonas dos morros inteiras, estendendo-se perigosamente sobre suas ladeiras desflorestadas e desmoronadiças, dentro de Caracas e na periferia. Caracas tem uma população declarada de mais de dois milhões de habitantes, aos quais devem ser somados ao menos alguns outros milhões de pessoas que povoam os morros.

Nos anos de ouro da Venezuela, por volta dos anos de 1950 e 1960, quando para um dólar bastavam pouco menos de três bolívares e o petróleo criava um novo tipo de sociedade, o campo esvaziou-se e a população concentrou-se na costa central, ao redor de La Guaira, e sobretudo em Caracas. Foram anos caracterizados por uma forte imigração da Europa e também dos países vizinhos. Nasceram assim os *ranchos*, que servem apenas como abrigo para a chuva e o sol. Aqui o frio não existe a não ser na altitude, portanto, os perigos de semelhante cenário são a falta de higiene, a promiscuidade e os desmoronamentos. São construções claramente abusivas – construídas por gente pobre, marginalizada e abandonada a sua própria sorte – que vão sendo ampliadas com o passar dos anos e melhoradas, dando lugar para o alto número de filhos em função dos limitados recursos.

No tempo da ditadura de Pérez Jiménez os *ranchos* quase desapareceram, mas com a chegada da democracia, proliferaram

de maneira exponencial, ignorados por todos os governos que tiveram que enfrentar outros problemas, outros interesses bem mais urgentes, como o de enriquecerem o mais rápido possível. Dessa maneira, converteram-se em verdadeiros guetos com poucas ruas acessíveis a carros e onde ninguém se arrisca a entrar, nem mesmo a polícia. A eletricidade é roubada do transformador mais próximo e a água potável, quando possível, do cano que estiver mais ao alcance.

Mas quem vive nestes *ranchos*?

A maioria da população pobre que não pode pagar nem um irrisório aluguel; comprar casa, nem se fala. O salário mínimo não permite sequer satisfazer as necessidades primárias.

Segundo meus amigos, as pessoas vivem ali por livre e espontânea vontade.

Para mim, não há vontade.

Alguns quilômetros antes de Caracas, em função de uma das muitas diminuições de velocidade, estávamos rodando como se estivéssemos a pé, vi um senhor, magro, suado, com um enorme saco cheio sobre os ombros, que vinha caminhando em sentido oposto, ou seja, descendo até La Guaira. Perguntei aos meus amigos por que aquele louco estava ali, que poderia ser atropelado. Disseram-me que era um catador de latinhas, recolhia latas de cerveja e Coca-Cola, numa relação de 30 para 1 em favor da cerveja, naturalmente, que as pessoas nos carros jogavam pela janela. Sendo de alumínio, tais latas podiam ser recicladas. Assim, "aquele louco" era um pobre diabo que tratava de ganhar alguns bolívares. Um sistema econômico de coleta seletiva de lixo!

Quando passou diante do nosso carro, ainda parado, mesmo que por poucos instantes, tive como observá-lo de maneira cuidadosa: tinha os olhos como que apagados, como se olhasse além do horizonte; seus olhos se cruzaram com os meus por um breve momento, como se não me visse. A testa coberta de suor, o rosto magro coberto por uma barba por fazer, a boca entrea-

berta com os lábios secos, descalço, rasgado, sujo… indubitavelmente sedento e faminto.

Olhei-o enquanto se distanciava com um andar vacilante.

Quantos anos teria? Cinquenta?

E na minha estadia vi muitos catadores de latinhas.

Ótimos representantes do tipo de democracia venezuelana: a democracia do "Pacto de Punto Fijo".

Caracas

Caracas encontra-se em um vale detrás do pico Ávila, que a separa do mar. Vindo do aeroporto internacional, sobe-se por trás dele, num certo sentido, numa altura de mais de 2.600 metros. A altitude da zona histórica é de mil metros e Caracas conta com um clima muito agradável, com temperatura média de 28ºC.

Foi fundada por Diego de Losada em 1567 com o nome de "Santiago de León de Caracas", nome este composto para contentar a todos: Santiago o nome do santo guerreiro espanhol, León o nome do governador da época e Caracas, que era o nome original da população indígena que habitou o vale. Depois da sua fundação foi necessário viabilizar uma via de acesso ao mar, em particular ao porto de La Guaira, do qual era totalmente dependente.

Essa via de acesso foi chamada de várias maneiras: "estrada dos espanhóis", "estrada para Caracas", "estrada para o mar", "estrada para o porto de San Pedro de la Guaira", "estrada real" e "estrada velha". Esta estrada parte de Maiquetía, do bairro El Rincón, passa sobre a "cordilheira da costa" e desce até Caracas ao longo das ladeiras do pico El Ávila, hoje parque nacional que ocupa a parte central da cordilheira. A parte mais alta é o pico Naguatá, a 2.765 metros sobre o mar. Esta estrada, a única que dá acesso da costa norte a Caracas, foi usada por mais de três séculos até a construção da autopista, e então abandonada.

Em Caracas, nasceram personagens do calibre de Simón Bolívar e Francisco de Miranda. Hoje é uma bonita cidade moderna, com muito verde e a zona central, nestes anos, foi completamente reestruturada. Desapareceram as velhas construções, as quais foram substituídas por grandes edifícios destinados, sobretudo, a escritórios e centros comerciais.

Uma das coisas que me impactou é a presença de estacionamentos privados, mas muito baratos. São raras as zonas onde se encontra problema para estacionar, como, obviamente, na área histórica. Outra agradável surpresa foi descer na estação do metrô de Petare, um bairro na periferia leste muito povoado e popular. O entorno limpo e organizado, nem mesmo um chiclete no chão. Parecia tudo novo, os trens também. Perguntei desde quando existia e a resposta foi assombrosa: "foi inaugurada em 1983!". Em comparação, nossos metrôs parecem demasiado com os do terceiro mundo. Na Venezuela, vê-se que aquela gente comum, a "ralé" ou os "marginais", isto é, os habitantes dos *ranchos*, segundo a definição dos acomodados, é muito mais civilizada do que se pode crer: tente jogar um pedaço de papel em um trem ou durante a espera de um em alguma estação! Os que estão ao redor o reprimirão asperamente!

Outro fenômeno são as filas de espera. Lembram-se como fazemos na Itália quando temos de fazer fila, por exemplo, no caixa de um bar ou para subir no transporte público? É suficiente deter-se a observar por poucos minutos para se dar conta de quantos são os espertalhões (ou mal-educados) e quanto são os bobalhões (ou educados). Resultado: nós, italianos, somos todos espertalhões.

Na Venezuela, verão uma fila de gente a espera por subir em um ônibus, geralmente formada por uma centena de pessoas, mas todas em fila, um por um, e se o espaço sobre a calçada não é suficientemente grande para acolher a todos, verão uma fila tortuosa, mas a ninguém ocorrerá desrespeitá-la.

Será que são todos bobalhões, ou educados?

Mas Caracas, além de ser a capital, também é o coração de todo o sistema Venezuela. Aqui, além das sedes institucionais, encontramos os escritórios de todas as Sociedades e empresas importantes, sejam venezuelanas, PDVSA e semelhantes, ou estrangeiras. No que se define grande Caracas, isto é, a zona do aeroporto, todas as populações do Estado Vargas, e quase todo o Estado Miranda; vivem mais de 40% de toda a população venezuelana.

Hotéis e restaurantes são caros, mas de alta qualidade.

Come-se bem por toda parte, tanto nos restaurantes econômicos quanto nos mais distintos. Há muitos locais cujos proprietários são italianos e, em geral, os venezuelanos apreciam nossa cozinha. De fato, a Venezuela é um dos primeiros lugares do mundo em produção de massas. Em quase todos os locais, encontra-se espaguete à bolonhesa ou espaguete Nápoles (ao tomate), assim como a chuleta à milanesa. Se vamos a um açougue, que levam o mesmo nome que os de Palermo, na Sicília, é suficiente pedir por um quilo de milanesa e ser servido com um quilo de chuletas de ótima carne. Também preparam boas saladas, algumas muito elaboradas. Há uma que se chama *capresa*, preparada com tomate, mussarela e pedacinhos de presunto.

O contexto social

Há uma Caracas, por assim dizer, dos ricos e outra dos pobres. Os ricos são, em sua maioria, estrangeiros, mesmo que naturalizados venezuelanos, e quase todos de pele e olhos claros. Assiste-se a um fenômeno comum que pode ser expresso em termos matemáticos: a brancura da pele é diretamente proporcional à qualidade de vida ou ao tamanho da conta bancária! Tentemos agora adivinhar a cor da pele dos habitantes dos *ranchos*... Em seguida adivinhemos a cor da pele daqueles que vivem nas zonas como Country Club, Castellana, Mercedes, Lagunilla Country Club etc.

Encontramos-nos projetados na segunda metade do século 19: proprietários ricos e serviçais – para os ricos – não mais escravos, mas "de cor". O alcoolismo é uma chaga nacional. Fiquei impressionado com o alto número de bares, onde, à tarde, entre as 17h e as 18h, são vendidas centenas de garrafas de polarzinhas geladas – cerveja local da marca Polar envasada em uns 200 ml. Às sextas-feiras, pela tarde, é possível observar lugares onde se escuta música a mil decibéis, bebe-se dezenas de polarzinhas por cabeça e se gasta boa parte da renda semanal.

Um dia, estávamos na praia e uma jovenzinha, nossa amiga venezuelana, filha de italianos, besunta-se de uma boa dose de protetor solar, coloca sob o guarda-sol sua cadeira de praia, muito cuidadosa em não expor-se diretamente ao sol; perguntei a ela se tinha problemas de pele, e ela, bastante enfadada, respondeu que não tinha nenhum problema, mas que se expusesse sua bonita pele branca ao sol ela se tornaria escura, "como a dos crioulos", explicou. Refletindo sobre essa desconcertante resposta e depois de uma rápida investigação caseira, me dei conta de que existe uma desigual luta de classes: de um lado uma minoria que detém todo o poder, na qual se incluem os empresários, banqueiros, o alto Clero e os oficiais superiores das Forças Armadas, do outro estão todos os demais. Lembrei-me das palavras de um italiano, proprietário de uma agência aduaneira, que me disse:

"Aqui não estoura uma revolução sangrenta só porque os venezuelanos são muito bons. Se tivessem outra índole, já teriam matado todos os políticos corruptos que há..."

Uma porcentagem elevada, 87% da população, é pobre. Desta faixa, 45% vive em pobreza crítica. Paradoxalmente, a Venezuela é um país rico: tem a maior reserva de petróleo do mundo (descoberta recentemente), além de ouro, diamantes, ferro, cobre, minerais preciosos e bauxita em abundância. A terra é extraordinariamente fértil e não falta água.

E então?

Na Venezuela tudo é importado, sob a ideia de que tudo o que é estrangeiro é bom, enquanto tudo o que se produz no próprio país é péssimo, e aí se incluem as pessoas escolarizadas. Quem pode envia seus filhos para estudar, em primeiro lugar, em colégios católicos e, depois, nos Estados Unidos ou em seus países de origem, já que, em sua maioria, os ricos são estrangeiros. Pelo fato de que tudo é importado e as aduanas e a fiscalização são suscetíveis à corrupção, por que produzir? Sabem como se treina elefantes? Amarram-nos a uma corrente e os deixam sem comida e água até que venham comer nas nossas mãos, agradecidos por estarmos salvando suas vidas. Os políticos e poderosos na Venezuela atuam dessa maneira com aquela… gentalha de marginais.

Quero contar algumas anedotas experimentadas em primeira pessoa:

Acompanhando um amigo meu que é médico, entrei em um centro de diálise do hospital da Universidade Central, em Caracas. A impressão foi a de uma sala de horrores. O ambiente estava sujo e decadente: canos enferrujados, camas emendadas com arame, paredes em pedaços, cobertores desgastados cobriam os dialisados, conectados a máquinas pré-históricas. Um médico que trabalhava ali me disse que aqueles desgraçados podiam considerar-se felizes pelo simples fato de estarem sob diálise naquele dia; frequentemente, tinham que buscar por conta própria o kit de diálise caso o serviço sanitário não o disponibilizasse.

O Ministério da Saúde, para favorecer quem pagasse as comissões mais altas, licitava a aquisição de filtros e dos kits em condições de emergência e, portanto, por atribuição direta. O risco estava na possibilidade de ficarem desprovidos e deixarem, simplesmente, morrer os pobres doentes.

Um dia, um padre me convidou para participar da procissão da Sexta-feira Santa, que aconteceria no bairro Aeroporto, situado justamente em frente ao Aeroporto Internacional Simón

Bolívar. A coisa que mais me impactou foi o cheiro de pobreza, que me reconduziu um pouco antes no tempo, à minha infância vivida no final da Segunda Guerra Mundial.

Mas essa gente que vive dia por dia, sem esperança, quase apática, te oferece sua casa e as poucas coisas que tem com uma generosidade espontânea e se te vê em dificuldade te socorre de imediato. Como quando estava de férias na ilha de Margarita, com a família; alugamos um bangalô de Juan Griego, a leste de "La Galera", um antigo e pequeno forte espanhol. Uma tarde, munidos de vara de pesca, fomos à praia pescar e estacionei meu Ford Blazer, alugado, o mais próximo possível, em uma área onde não havia perigo de encher-se de areia. Enquanto pescávamos, e com baixo rendimento, um grupo de jovens se aproximou de nós fazendo piada e rindo muito. Disseram-nos que comemoravam a formatura de um deles.

O sol estava se pondo e decidimos voltar ao bangalô. Já estava quase escuro e, dando marcha a ré no carro, descuidei e acabei com uma roda sobre a areia. O dano estava feito e não foi possível movê-la apenas com a nossa força. Em busca de ajuda, caminhei ao longo da praia erma. Encontrei os garotos de antes e perguntei se podiam nos dar uma mão. Vieram em três, mas dando-se conta do problema chamaram todos os outros. Tentaram quase meia hora e nada, o carro apoiou o fundo na areia e eu já começava a pensar que tipo de grua serviria para tirá-lo dali. Na Itália teríamos chamado os bombeiros, mas, por aqui, a quem se podia recorrer?

Enquanto isso, junto ao grupo de meninos se somaram alguns adultos, pais e irmãos deles, que vieram procurá-los pelo avançar da hora. Depois de uma breve discussão sobre a situação me disseram que teriam que ir até suas casas para buscar algumas ferramentas, mas que eu não precisava ficar preocupado pois voltariam para nos ajudar. A primeira coisa que pensei foi que aquilo era uma desculpa para livrarem-se do trabalho. Ao

contrário, para nosso grande alívio, uns 15 minutos depois, chegaram armados de paus e muitas tábuas. Cavaram sob o carro por mais de 20 minutos, colocaram as tábuas sob ele e conseguiram liberá-lo, fato que todos acolhemos com gritos de êxito sobretudo daqueles garotos. Nesse momento, perguntei-lhes quanto teria que pagar, mas recusaram meu dinheiro dizendo que não os devia nada. Depois de alguma insistência os convenci que me acompanhassem ao bangalô, onde os ofereci uma caixa de cerveja e uma garrafa de uísque, que foram bem recebidas. Enquanto nos despedíamos, soube que o garoto que dentre eles mais trabalhou, também arriscando machucar-se, foi justamente o recém-formado.

Em uma padaria de Caraballeda, perto de La Guaira, esperava minha vez diante do balcão. O velhinho que me precedia pediu ao atendente "dois pães canela", que são pãezinhos de uns 200 gramas, do tipo mais barato. O velhinho abriu a mão e colocou sobre o vidro do balcão algumas notas amassadas, mas que não foram suficientes. O atendente disse-lhe quantos bolívares faltavam e vi o olhar perplexo do senhor, que evidentemente não tinha mais dinheiro. Fiz sinal ao garoto que o desse os pãezinhos assim mesmo e assim o fez. O velhinho saiu sem se dar conta do meu gesto, ou simulando que não havia percebido, não sei.

Vi essa cena diversas vezes, com personagens diferentes, e quando me propunha a pagar os bolívares que faltavam, os vendedores me olhavam desgostosos, ao menos essa é a minha impressão.

Uma manhã eu e a minha esposa estávamos na farmácia de um primo nosso, perto de Maiquetía. Apresentou-se uma garota que tinha não mais que 20 anos, com um menino de uns cinco anos com a cara muito inchada por um abscesso dentário.

A mãe entrega ao meu primo uma receita com o nome do antibiótico. As doses necessárias eram duas, mas a mulher só tinha dinheiro para uma. Meu primo lhe explica a situação e a

mãe diz que uma seria suficiente; meu primo insiste dizendo que se não injetasse uma segunda dose o problema não seria solucionado. Nesse momento a jovem se põe a chorar porque não sabia o que fazer. Eu escutei a conversa por trás da estante. Chamo o meu primo e lhe digo para que dê à moça o medicamento, as seringas e todo o necessário, que eu os pagaria. Meu primo entrega tudo e devolve o pouco dinheiro que a jovem havia posto sobre o balcão, dizendo em voz alta que ela deveria dar graças à minha generosidade.

Assim que a mulher saiu, repreendo meu primo dizendo-o que não era necessário aquela cena toda. Ele insiste que teve de fazê-lo porque, se tivesse dito apenas que os remédios sairiam de graça, rapidamente se formaria uma fila enorme de gente. Depois segue me dizendo, e sacudindo a cabeça, que eu nunca poderia ocupar-me de um trabalho como o seu.

Para mim foi como ter um dever cumprido.

O candidato Chávez

Mas quem é hoje, em 1998, o homem que organizou um golpe, o homem daquela histórica frase "por enquanto"?

Se alguém tivesse ficado com vontade de fazer uma pesquisa sobre os adjetivos... para se desqualificar alguém, teria sido o suficiente ler todos os jornais daquele período. Nosso leitor de boa vontade teria à sua disposição uma grande quantidade de material que inteirar-se.

Chávez era um bêbado violento que batia na mulher e nos filhos. Ignorante e vulgar, um "morto de fome", pobre e, naturalmente, índio e filho de índios, coisa aparentemente de uma gravidade extrema. Considerado sem caráter, covarde e incapaz, utilizava uma linguagem indigna para um futuro presidente de uma nobre nação como a Venezuela, onde a democracia havia sido sempre um baluarte. Chávez seria um ser complicado, com

um enorme complexo de inferioridade, imoral. As comparações com Mussolini e Hitler são inúmeras, tanto mais se comparadas com os elogios indignos e desmedidos aos grandes do passado, como Carlos Andrés Pérez e Rafael Caldera, doutores, sábios e... católicos convictos. A lista seria longa, mas paro por aqui porque creio que já relembrei a ideia.

Um dia, enquanto transitava com o carro em Caracas, escutei uma transmissão de rádio em que se falava de Chávez. Num determinado momento, chegou ao vivo a ligação de um ouvinte, uma mulher de idade. Falando, fez referência a um filho seu tombado durante o golpe de 4 de fevereiro de 1992, justamente sob o comando de Chávez. Diminuí a velocidade e aumentei o volume do rádio, imaginando os impropérios e maldições que aquela mulher dirigiria ao comandante. Mas, para meu espanto, ela disse, literalmente:

> Rogo a Deus todos os dias para que nosso comandante possa tornar-se presidente e colocar em prática os planos que levaram nossos filhos a combater e morrer pela pátria. Somente assim poderei resignar-me da perda do meu filho, sabendo que não morreu em vão. Também peço a Deus que Chávez não nos traia porque nós estamos com ele e seguiremos assim até as últimas consequências!

Tratava-se de uma louca fanática?

Se uma mãe fala naqueles termos de um homem que foi, em última instância, o único responsável pela morte de seu filho, qual era o valor daquele homem?

Em um documento redigido em Yare em julho de 1992, durante a reclusão, há todo o seu programa político. No último artigo o documento diz:

> (...) o Movimento Bolivariano Revolucionário 200 declara ao povo venezuelano sua disponibilidade em contribuir para a busca de uma solução pacífica. Invocamos a vontade soberana pela realização de um Fórum Nacional com os re-

presentantes autênticos de todos os setores sociais, políticos, econômicos e militares do país. Um Fórum cuja instalação tem que coincidir com a renúncia do atual presidente da república e a imediata formação de um governo de transição: a Junta Patriótica Bolivariana, por um governo cívico-militar de salvação nacional.

É necessário que, ao mesmo tempo, sejam convocadas eleições para uma assembleia nacional constituinte, com profundas raízes populares. Com estas ações políticas se abrirá uma via para um novo modelo de sociedade, original e solidário, e para um novo sistema de governo com as características do que delineou Simón Bolívar em Angostura: o sistema de governo mais perfeito é o que produz a maior soma de felicidade, de segurança social e de estabilidade política possível.

Dessa maneira se evitará um processo de violência que encheria de sangue a sofrida pátria bolivariana. Se isso vier a ocorrer, a história marcaria implacavelmente os responsáveis, cegos, surdos e insensatos.

A campanha eleitoral presidencial do ano de 1998

Nesse clima com o qual os venezuelanos estão aparentemente acostumados é que está a ponto de tomar forma a chamada Revolução Bolivariana. Em dezembro daquele ano, 1998, haviam ocorrido as eleições presidenciais. Foi eleito o sucessor de Rafael Caldera. Os partidos refinaram as armas e arrumaram seus candidatos para que aparecessem em sua melhor condição antes de serem introduzidos no clamor da batalha eleitoral. Será a última temporada antes da derrota completa e absoluta, em todos os sentidos, da política tradicional. Durante aquele ano os humores dos políticos mudaram notavelmente. Da arrogância inicial, habitual, passaram depois à surpresa, incredulidade e desconcerto, para, por fim, acabar na histeria coletiva.

Inicialmente, cada partido, logicamente, apresentou seu candidato. Só citaremos aqui os principais atores desse processo. A Ação Democrática apoiava Luís Alfaro Ucero, um de seus pais fundadores. Um homem mais velho é colocado entre os candidatos como um dos menos desgastados pela corrupção dominante. Outro papável desse partido foi o professor Claudio Fermín. Vivia já há tempos em Miami, também por causa dos problemas que vieram junto com a amizade com Carlos Andrés Pérez. De volta à Venezuela, demite-se definitivamente da AD e se apresenta sozinho.

Há, logo depois, Irene Lailin Sáez Conde, a ex-miss universo venezuelana (1981), já há bastante tempo alcaidina de Chacao, uma das alcaidias[1] mais ricas de Caracas. Com o passar dos anos, conseguiu ser apreciada não só por sua beleza, mas também por sua inteligência, capacidade organizativa e pelas numerosas obras sociais realizadas. A alcaidia de Chacao também é conhecida como "Irenelândia". Ainda que jovem – nasceu em 13 de dezembro de 1961 – e solteira, muitos creem que ela pode chegar a ser a primeira presidente mulher da Venezuela. As notícias mais comuns que circularam foram de que, por enquanto, ela passaria da alcaidia ao governo do Estado e, dentro de quatro anos, chegaria à Presidência. Mas, para a surpresa de todos, ela apresenta-se nos comícios presidenciais daquele mesmo ano. Em um primeiro momento, o partido Copei a apoia com vários encontros e entrevistas oportunamente anunciadas pelos meios de comunicação.

Outro personagem que teve uma grande influência nos acontecimentos futuros foi Henrique Salas Römer. Já era governador do Estado de Carabobo, onde conseguiu aportar um enorme desenvolvimento interrompendo, inclusive, a hegemonia industrial

---

[1] As Alcaidias são instâncias de administração municipais que se assemelham às prefeituras no Brasil

de Caracas. Nos últimos anos, em Valencia, capital deste Estado, houve um notável crescimento, tanto em construção residencial como industrial, e a população aumentou vertiginosamente. Henrique Salas Römer foi substituído no governo do Estado de Carabobo pelo filho, Henrique Salas Feo, como em toda boa empresa de administração familiar.

Nessa convocatória eleitoral, a novidade não muito agradável foi representada por um candidato incômodo que entrou pela primeira vez na cena política e que, de início, foi ignorado totalmente pelos jornais e redes de televisão: Hugo Chávez Frías, ex-tenente-coronel, ex-golpista. Quando as pesquisas de opinião começaram a trazer dados favoráveis a ele é que se inicia uma áspera campanha depreciativa em sua direção, campanha esta sarcástica e desinformada.

Um dia, falando com um padre amigo meu, o bom padre M., e com alguns garotos de sua paróquia, expressei minhas dúvidas sobre o fato de que esse personagem, sobrevivente de um falido golpe de Estado, pudesse ser bem aceito pela gente comum e, sobretudo, pelos donos indiretos da América do Sul, os EUA. Os meninos da paróquia eram todos entusiastas de Chávez, que consideravam o homem do momento, muito inteligente e determinado. O padre também parecia, mesmo que relutante, concordar com o que diziam os jovens, e acrescentou que nos próximos dias iria convidar o candidato Chávez a um jantar na casa paroquial para entender melhor suas ideias e seu programa. Fiquei bastante pasmo porque imaginei que seria como misturar o diabo com água benta.

A campanha de Hugo Chávez se deu com meios muito limitados, viajando por todo o país em uma caminhonete, de camisa e paletó e boina vermelhos, em contato direto com as pessoas humildes, os deserdados de sempre. Diferente dos demais candidatos, que gastaram e espalharam centenas de milhares de dólares com publicidade em televisão e jornais, manifesta-

ções onde apareciam personagens do meio artístico e reuniões de alto nível, além de festas com rios de uísque. Mas a verdadeira guerra contra Chávez ocorreu sobre a pequena tela, visto que os donos das redes privadas nacionais – como a RCTV, canal 2; a Venevisión, canal 4; Televén, canal 10; Globovisión, canal 31 – estavam todos atrelados à classe política dominante e fizeram parte do golpe. Iremos nos referir ao grupo dessas quatro emissoras como "as quatro TVs irmãs". Alguns apresentadores se caracterizaram pela extrema violência verbal contra o candidato Chávez. Fosse por opinião pessoal ou para manter o posto de trabalho, venderam sua dignidade da maneira mais vil, jogando no lixo qualquer traço de decência ou ética profissional – citarei alguns nomes que, também sucessivamente, mostraram sua vocação. Da Venevisión: Napoleón Bravo, pseudônimo de José Ovídio Rodríguez Cuesta, megalomaníaco? Seu pseudônimo literalmente quer dizer Napoleón aborrecido. Da Televén: Martha Colomina, saída da Ucab, que não perdia uma chance, seguramente a mais feroz (Ucab = golpista), e, depois, Carlos Fernandez, um ótimo executor de ordens. Da Globovisión: Nitu Pérez Osuma, uma senhora muito fina, elegante, que só se vê em branco, já que a cor vermelha a incomoda em demasia, além de Leopoldo Castillo e Kico Bautista.

Dessa maneira, impulsionado pela curiosidade causada por esse tão controvertido candidato, comecei buscando as informações possíveis sobre o homem, também porque sua campanha parecia ser financiada com parcos recursos se comparada com as majestosas campanhas dos demais candidatos. Entre as minhas amizades também havia uma freira, madre superiora italiana, que estava em missão na Venezuela já fazia tempo. Uma grande mulher que, mesmo com meios limitados, pôde dedicar-se a ensinamentos religiosos, à assistência aos religiosos em formação e, sobretudo, ao trabalho com as irmãs de hábito no leprosário perto de Maiquetía. Essa freira era totalmente contra Chávez,

dizendo-o comunista, ignorante, arrogante e violento: um verdadeiro perigo para a sociedade e para a Igreja. Naqueles dias veio da Itália um sacerdote hóspede da freira; em um dado momento, com a minha presença, surgiu uma discussão sobre a questão das eleições, e o sacerdote disse: "na Venezuela, em todos esses anos, a Igreja perdeu a oportunidade de viver o Evangelho, alienando-se com os pobres e deserdados, e a ela pareceu muito mais cômodo e conveniente estar ao lado dos ricos".

Os dias passaram, aproximava-se o mês de dezembro de 1998 e o nome "Chávez" circulava pela boca de todos, sempre com muita ênfase. Nos bairros pobres se dizia todo o bem possível, enquanto que nas zonas residenciais da classe alta era dito todo o mal quanto fosse possível.

Sua campanha o levou a todo o país e sua passagem sempre ocorria entre um mar de gente alegre. Seu emblema, a boina vermelha, tornou-se um símbolo político real. A alta hierarquia da Igreja Católica, nos últimos meses daquele ano, longe de demonstrar imparcialidade, alinhou-se abertamente contra Hugo Chávez de todas as maneiras possíveis. Distribuíram-se panfletos na entrada das igrejas, pronunciou-se homilias (sobretudo os bispos) contra o perigo de uma ditadura de cunho comunista e faziam orações ao bom Deus para que libertasse o povo venezuelano dessa chaga. Nos anos anteriores, não escutei uma só palavra contra o governo de Caldera – vê-se que tudo caminhava com perfeição, ao menos para os membros da Confederação Episcopal Venezuelana.

Uma semana depois que o padre M. expressou o desejo de convidar à paróquia o candidato Hugo Chávez, encontrei-me com ele, que me contou em tom bastante alarmado, que fora chamado pelo bispo de La Guaira, monsenhor Francisco de Guruciaga Iturriza, célebre figura da Opus Dei, de família rica obviamente, que o advertiu em grande sigilo de um fato delicado: teve notícias de Caracas que ele, o padre M., estava sendo inves-

tigado pela Disip (polícia política) por algumas de suas declarações inoportunas de proximidade a Hugo Chávez. Então o bispo o repreendeu para que tivesse uma postura mais cautelosa e lembrando-o rigorosamente das normas da Igreja; desde aquele momento o padre M. nunca mais falou sobre o "fato delicado". Naturalmente, a Disip não tinha nada a ver com a história, tratou-se de simples desculpa para assustar o indisciplinado sacerdote e trazê-lo de volta à ordem.

Durante o mês de novembro, as estatísticas sobre as intenções de voto dos venezuelanos davam uma notável vantagem a Hugo Chávez. A oposição tratou de recorrer ao que era possível e sua manobra de estreia tentou disfarçar a situação publicando em todos os órgãos de imprensa à sua disposição – quase a totalidade dos existentes no país – estatísticas falsas que davam vantagem ao candidato de um ou outro partido. As emissoras de televisão também lançaram, em todos os espaços possíveis, uma campanha violenta e perversa, na qual as críticas e as trapaças contra Hugo Chávez se contrapunham aos elogios desmedidos, ridículos e abertamente mentirosos aos candidatos "normais".

Sob uma pretensa imparcialidade, algumas redes televisivas entrevistaram o candidato da discórdia nacional, tratando de fazê-lo parecer desajeitado, contraditório e com ideias pouco claras. Mas Hugo Chávez, na sua campanha, focalizou a atenção do país sobre poucos pontos essenciais, fundamentalmente sobre a necessidade de uma nova constituição, coisa que foi o eixo de todo o seu trajeto público desde o falido golpe de Estado em 4 de fevereiro de 1992. Essa nova constituição deveria eliminar todas as incongruências daquela existente (o Pacto de Punto Fijo) e, então, permitir a fundação de uma nova República.

Hugo Chávez identificava a Constituição existente como a quarta (IV) e, assim, a nova seria a quinta (V). Realmente, o movimento político fundado por ele era chamado de MVR, Movimento Quinta República, segundo a notação em algarismos romanos.

As estatísticas, também as mais domesticadas, indicaram que Hugo Chávez atraiu mais de 45% das intenções de voto; os 55% restantes, subdivididos entre os vários concorrentes, dava ao incômodo candidato a garantia da vitória. Assim, visto que nem a guerra midiática, nem os sermões dos bispos e nem as pressões psicológicas (como a ameaça de demissão a alguém que se arriscava a falar bem de Hugo Chávez) surtiram efeito, aconteceu que todos os partidos decidiram retirar suas candidaturas e apoiar somente uma, de maneira a fazer frente a Chávez com uma coalizão, mesmo heterogênea, mas com alguma possibilidade de vitória.

Nos primeiros dias do mês de dezembro de 1998, o doutor Carlos Canache Mata, presidente da Ação Democrática, fez a seguinte declaração a todas as redes televisivas: "(...) o partido Ação Democrática, a partir desse momento, decide apoiar a candidatura de Henrique Salas Römer à Presidência da República. Repito, o partido AD apoia Henrique Salas Römer". Contudo, Luís Alfaro Ucero, o homem de mais prestígio do partido, decidiu seguir naquela disputa eleitoral. Assim, ao passo que a AD convidava os eleitores a votarem em Henrique Salas Römer, nas cédulas eleitorais do partido aparecia Luís Alfaro Ucero, de modo que houve disputa pela atribuição de votos dessa lista, visto que tal situação ocorreu a poucos dias das eleições.

A Copei retirou o apoio a Irene Sáez, que, com grande coragem e dignidade, apresentou-se sozinha.

Alguns igualmente enfurecidos pelo abandono de seus partidos decidiram ficar na disputa em vez de se envergonharem da retirada da candidatura e perder o pouco da dignidade que lhes restava; outros, por sua vez, distanciaram-se da corrida presidencial.

Os últimos dias da campanha foram caracterizados pelo aumento dos simpatizantes de Hugo Chávez, mesmo com todas as tentativas de condicionamento da agitada classe política e so-

ciedade rica, sobretudo de Caracas. Numa última tentativa de mudar a situação, o candidato Henrique Salas Römer organizou uma marcha que saía de Valencia, capital do Estado de Carabobo, até Caracas, e de uma forma bastante peculiar, a cavalo! Dessa maneira, centenas de simpatizantes e de mercenários pagos para esse fim, formaram uma caravana, no sentido literal do termo, percorreram a cavalo as ruas entre as duas capitais e se apresentaram em Caracas em uma exultação de bandeiras e com uma coreografia digna do século 18. Lembro-me que Alicia Machado, a miss Venezuela e miss Universo do momento, de nobre estirpe, além de alguns representantes da cultura do país participaram da cavalgada.

O resultado foi um desastre total, pois as pessoas comuns consideraram aquela encenação como ostentação de riqueza e arrogância. A única coisa que ficou na cidade de Caracas, como alguém notou, foram os excrementos dos cavalos. Recordo também que ocorreu outro fato inédito na Venezuela: o Comitê Eleitoral, creio que pela primeira vez na sua história, multou Hugo Chávez em um milhão de bolívares, cifra enorme para o período, por haver violado não sei qual norma eleitoral. O candidato Hugo Chávez não tinha dinheiro, mas todos os seus simpatizantes trabalharam para recolher a quantia a ser paga. Pelas ruas e especialmente durantes os comícios, jovens chavistas, com cestas na mão, pediam às pessoas suas moedas para a estranha arrecadação. Todos depositavam algo, exceto obviamente seus adversários, que aplaudiam em todas as redes televisivas a ação "imparcial" do Comitê Eleitoral. Assim, os pobres e marginalizados recolheram para seu líder muito mais do que o necessário.

Durante os dias que seguiram, nas classes sociais atreladas aos velhos políticos, havia certa inquietude, mesmo que bem mascarada, e luzia uma segurança bastante incomum. Na Venezuela, lamentavelmente, os resultados das eleições foram desde sempre objeto de desconfiança mais ou menos justificada e o

temor das pessoas comuns era de que, se Hugo Chávez vencesse com uma vantagem pequena, a AD e seus companheiros, ou seja, "a Graviola", iriam arrasar o país exclamando uma fraude eleitoral inexistente para justificar atos de violência (nada novos) na tentativa de anular ou deslegitimar o veredicto das urnas.

Alguns começaram até a armazenar provisões de mantimento e combustível, na espera do pior.

As eleições presidenciais de 6 de dezembro de 1998

Nos dias imediatamente antes do "dia D", aumentaram exponencialmente as intimidações e as pressões da classe dominante, ricos e aduladores, sobre o eleitorado mais vulnerável. Muitas ameaças de demissão se transformaram em fatos concretos e bastante gente foi jogada à miséria apenas pela suspeita de ser "chavista". Esta nova palavra se converteria na palavra mais comum para uma forma total de discriminação. A sociedade civil que se identificava com a classe média e alta uniu-se aos padres da Igreja para defender a "sua" democracia e as "suas" liberdades contra as pretensões da escória e dos miseráveis que começavam a considerar-se "iguais a eles".

Ainda que as lembranças escolares de vocês estejam um pouco apagadas, vocês poderão recordar que até o fim de 1700 usava-se termos como clero, nobreza e terceiro Estado. Com esses termos fazia-se referência à elite, isto é, a uma minoria privilegiada, enquanto as massas foram excluídas e marginalizadas. Agora, na Venezuela, essa forma de organização social, mesmo com todas as modificações impostas pela incipiente globalização, continua a existir tal divisão e de certa maneira a época colonial não se acabou. À luz dos acontecimentos futuros e, quiçá, de maneira um pouco temerária, comparei Hugo Chávez com Camille Desmoulin, o homem que em 12 de julho de 1789 faz surgir a faísca que abriu as portas da Revolução Francesa. Mas vamos com calma.

Os políticos profissionais, com o auxílio dos meios de comunicação social – todos complacentes –, começaram a deixar em alerta os venezuelanos contra possíveis atos de violência por parte dos chavistas. Ao contrário, aconteceu que os únicos fatos violentos durante e depois da campanha eleitoral aconteceram por ações não chavistas. Em todos os comícios de Chávez, onde se reuniam multidões, ele sempre convidava seus simpatizantes à calma, a não se deixarem provocar e não praticar a violência. Inclusive, nestas reuniões de centenas de milhares de pessoas não se quebrou um só vidro, nem se atirou uma só pedra ou foi queimado um só carro, e sim, tudo acontecia em alegria, com grande entusiasmo. Foram festas populares reais, onde estiveram presentes em grande número mulheres e crianças com suas infalíveis boinas vermelhas. Quando estes encontros chegavam ao fim, normalmente depois de um dos muitos discursos longos de Hugo Chávez, de mais de seis horas, onde as pessoas ficavam de pé, encantadas e sem sinais de incômodo, o retorno à casa sempre se deu de modo pacífico e organizado.

Hugo Chávez demonstrou com fatos seu carisma pelas massas e, por isso, logo foi definido por seus adversários como pregador, charlatão e encantador de serpentes, que encontrava adeptos dentre o que seria o lixo da nação. Na realidade seus discursos foram muito diretos, de imediata compreensão. Utilizava uma linguagem bastante popular, era como alguém do povo.

Todas essas minhas considerações nascem por experiência pessoal, assisti a vários desses episódios e analisei de perto os acontecimentos deste livro, em primeira pessoa, pela televisão, notícias de jornal e por testemunhos de amigos.

E, então, chega o dia fatídico.

Hugo Chávez consegue 56,20% dos votos, e Henrique Salas Römer 39,97%. Entre os demais candidatos só se salva Irene Sáez, conseguindo 2,82%, enquanto o bom Luis Alfaro Ucero

fica com 0,42%. Todos os demais desaparecem no nada. Naturalmente a oposição tratou de desacreditar o processo com o apoio de economistas do hemisfério norte, mas a eleição teve que ser ratificada, mesmo porque o Centro Carter confirmou sua regularidade.

A conquista da presidência: 2 de fevereiro de 1999

Sabidos os resultados, o futuro presidente se coloca a trabalhar em seguida, mas já encontra os primeiros obstáculos, porque os membros do governo que estava por terminar não colaboravam de maneira alguma. Hugo Chávez queria conhecer alguns dados, sobretudo econômicos, para não perder tempo uma vez instalado no poder. É claro que as velhas raposas ainda tinham algumas cartas na manga, mas, sobretudo, tinham que sumir com os muitos esqueletos dos armários, e, portanto, tinham que rapidamente resolver alguns problemas antes de, relutantemente, passar o comando.

1. Juramento

A posse ocorreria em 2 de fevereiro de 1999, mas nos últimos três dias de vida do governo de saída, Rafael Caldera teve bastante tempo para assinar mais de 200 documentos, muitos deles para favorecer até as últimas possibilidades a amigos e parentes. Dentre os documentos havia de tudo: aumento de tarifas e impostos, contratos com sociedades venezuelanas e estrangeiras, ordens de compra, acordos de última hora etc.

Outra batata quente na mão do querido Hugo Chávez. Quando o novo presidente pronunciou o juramento com a mão sobre a Constituição, ritual de praxe da ocasião, referiu-se à Constituição acrescentando o termo "moribunda", e foi acompanhado por muitas risadas, abafadas em seguida. Seria suficiente

ver a cara de Rafael Caldera, ao centro na imagem 1, para nos dar conta do estado de ânimo da velha classe política.

Seu discurso sem rodeios, como seria sempre, foi o resumo da campanha eleitoral e uma antecipação dos programas de governo, que não foram outra coisa que a realização do que ele havia prometido. O discurso se inicia com a enumeração da composição da plateia a qual se dirige a mensagem, como é costume nas sociedades hispânicas. Começa dirigindo-se às autoridades e personalidades presentes, em ordem de importância, iniciando pelo cidadão presidente e vice-presidente do Congresso da República, e terminando a longa lista com "cidadãos senadores, cidadãos deputados e, além de todos esses, homens, mulheres e crianças da Venezuela, esta terra bolivariana; homens, mulheres e crianças do continente, do mundo". Por fim encerra a lista com "queridos pais, irmãos, Marisabel, filhos, amigos, todos", dirigindo-se assim aos seus pais, irmãos, à esposa, aos filhos e aos amigos.

O discurso real começa com uma frase de Simón Bolívar:

> Feliz do cidadão que sob o escudo das armas de seu comando convoca a soberania nacional para que exerça sua vontade absoluta.

E continua:

> (...) repeti muitas vezes esta frase nos últimos meses da insólita campanha eleitoral de 1998, porque foi insólita de verdade, disse inspirado pela certeza aquela frase de Walt Whitman que diz "é certo como a mais certa das certezas", e assim percorremos nosso caminho, seguros de que esse dia chegaria... Eu disse ao povo venezuelano que começaria meu discurso com essa frase e quero repeti-la, com a vossa permissão (...).

E a repete pela segunda vez.

Assim, inicia-se seu mandato, confirmando pontualmente o que proclamara na campanha eleitoral e, contradizendo a todos

os adversários, não esquece nenhuma promessa feita ao nobre povo da Venezuela.

Seu decreto número um foi a convocatória de um referendo para redigir uma nova constituição. Este será o primeiro referendo popular na Venezuela, e com um tema de grande porte. Pela primeira vez um governante se dirige ao povo para pedir seu parecer, e, nesse caso, a intenção é redigir uma nova constituição. A anterior foi decidida e aplicada por uma elite sem perguntar nada a ninguém. As dificuldades em função do novo presidente começaram em seguida. A excluída classe política não teve nenhuma intenção de abdicar e manifestou sua vontade de lutar até as últimas consequências. O primeiro problema levantado pelos intelectuais foi: se a chamada para um referendo era um ato constitucionalmente correto, e logo criticaram a forma e o conteúdo das perguntas a que deveriam responder os venezuelanos. Tudo isso foi motivo de um longo debate, desembocado no Tribunal Supremo, que teve que admitir a legitimidade da operação, isto é, reconhecer que um presidente pode sim convocar uma Assembleia Constituinte.

Uma passagem muito importante de seu discurso foi:

> (...) Já que tenho um compromisso com o povo, decidi adiantar a assinatura do decreto que convoca o referendo [pela Assembleia Constituinte]. Não esperarei até 15 de fevereiro, como já disse. Não, há um clamor pelas ruas, é um clamor do povo. Assim, dentro de poucos minutos, no palácio do governo de Caracas, em Miraflores, juramentarei aos membros do gabinete e em seguida convocarei o primeiro Conselho Extraordinário de Ministros. Hoje mesmo, antes de sair do palácio para ir ao encontro popular em Los Proceres [avenida dos desfiles em Forte Tiuna], assinarei o decreto presidencial chamando o povo venezuelano para o referendo. Isso é simplesmente um compromisso, uma ordem do povo. Eu estou aqui para ser instrumento de um coletivo, por isso, senho-

> res do Congresso, senhor presidente do Congresso, senhor presidente da Câmara dos Deputados, honoráveis senhores e deputados, creio que estou economizando um pouco de trabalho, de angustias, de correrias e amarguras. Não, agora! Agora! O referendo se dará, e hoje mesmo terei o gosto de entregar ao senhor presidente do Congresso Nacional Eleitoral uma carta de solicitação para que sejam tomadas todas as providências necessárias para preparar o referendo dentro dos termos que indica a lei, entre 60 e 90 dias. Em poucas horas, meu governo introduzirá aqui no Congresso a solicitação de uma lei habilitante que possibilite enfrentar os problemas a curto prazo, porque o povo não pode esperar a Constituinte e essa é uma verdade absoluta. A Constituinte não é uma panaceia, nunca a colocamos sob esses termos. Tem um objetivo fundamental, como a transformação das bases do Estado e a criação de uma nova República, a refundação da República, a relegitimação da democracia. Esse é o objetivo fundamental da Assembleia Constituinte.

Como se vê, utilizou da melhor maneira os dois meses que ocorreram entre a sua eleição e o dia da posse, e não quis perder tempo com os enfrentamentos à espinhosa questão. Assim, naquele mesmo dia, 2 de fevereiro de 1999, assinou o decreto que encaminharia a Venezuela a uma nova etapa histórica. Nasceu uma nova ordem social e um novo Estado. As atividades do presidente começam a ser sentidas em seguida, com ações impensáveis há poucos meses. Inicia-se com a moralização da gestão do palácio do governo. Descobre-se então que antes o governo arcava com mais de 3.500 folhas de pagamento mensais, mas o número de empregados era bastante inferior. Onde iam parar essas folhas fantasmas?

Todos os partidos tinham, no edifício, escritórios muito bem equipados, utilizavam sem custo as linhas telefônicas, os carros do Estado para uso pessoal, os policiais e soldados como moto-

ristas e ordens para acompanhar filhos à escola e esposas ao comércio. Os aviões da PDVSA, a companhia petrolífera venezuelana, eram utilizados como aviões privados pelos funcionários, políticos, bispos, monsenhores e amigos.

Em apenas uma semana Hugo Chávez retira da velha classe política mais de 500 telefones celulares, 100 carros e 140 aviões da frota da PDVSA. Naturalmente determina também a imediata saída de todos os escritórios dos partidos que se localizavam no edifício.

Um dos decretos assinados por Rafael Caldera poucos dias antes de deixar seu cargo foi pela aquisição de limusines presidenciais. Hugo Chávez anula a ordem de compra, renuncia também a seu salário como presidente e o transformam em bolsas de estudo. Todas essas ações são tachadas de populismo por seus adversários, mas soam muito agradáveis àquela gente comum que se identifica plenamente com ele. Com o tempo, nos eventos públicos, as pessoas passam a se dirigir a Hugo Chávez informalmente ou chamando-o simplesmente de "meu comandante".

A poucos meses de sua entrada na Presidência começaram a aparecer livros contra ele, cujos autores pertenciam à intelectualidade opositora. Tais publicações queriam convencer a opinião pública de que Chávez era um novo Mussolini ou pior que Hitler, fazendo comparações, em culta dissertação, entre esses personagens históricos e as ações do tenente-coronel. Um desses textos esquisitos iniciava-se mais ou menos assim: "Houve uma vez um reino feliz, encabeçado por um nobre e sábio senhor...". O reino feliz seria a Venezuela de 1998 e o nobre sábio o dr. Rafael Caldera!

Bastaram dois meses para qualificar, ou melhor, selar Chávez com o título de tirano, atitude desqualificadora nunca abandonada pela oposição. Os colonizadores atacavam seu pior inimigo.

O referendo pela Assembleia Constituinte

A velha classe política fez de tudo para impedir a convocação da Constituinte, chegando até o Tribunal Supremo, primeiro pela ratificação da legitimidade constitucional e depois pela definição das perguntas do referendo. Depois de calorosos debates, chegou-se à formulação definitiva; as duas perguntas foram:

> Quer convocar uma Assembleia Nacional Constituinte com o propósito de transformar o Estado e criar uma nova ordem jurídica que permita o funcionamento efetivo de uma democracia social e participativa?
>
> Está de acordo com as bases propostas pelo Executivo Nacional pela convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte, examinadas e modificadas pelo Conselho Nacional Eleitoral na sessão de data...?

A questão fundamental foi que o executivo opinava que a Assembleia Constituinte deveria ser Originária e, portanto, uma vez instaurada, o ordenamento jurídico existente perderia todos os seus poderes. De fato, com a convocação de tal assembleia, e sendo ela instalada, os velhos burocratas perdiam todos os cargos e o poder. Naturalmente a oposição fez uma dura campanha pelo "não" com todos os meios ao seu alcance, as "quatro TVs irmãs" e a maioria dos jornais impressos. A votação aconteceu em 25 de abril de 1999. De 11 milhões de eleitores votaram 38%, com quatro milhões de votos válidos.

	SI	NO	Nulos
Primeira pergunta	87,75 %	7,26 %	4,80 %
Segunda pergunta	81,75 %	12,75 %	5,87 %

Esta foi a primeira vitória eleitoral de Hugo Chávez.

Em 25 de julho foram eleitos os membros da Assembleia Constituinte e o grupo de Chávez conquista 93% dos lugares, 122 de um total de 131.

O referendo e a tempestade em Vargas

A batalha no Congresso e nas ruas foi de uma intensidade absurda. Os poucos elementos da oposição que ganharam um lugar na Assembleia Constituinte tentaram de todas as maneiras boicotá-la, artigo por artigo, com a intenção frustrada de retardar o trabalho. Entre esses personagens encontramos Claudio Fermín, sem dúvida um dos mais decentes, acompanhado, porém, de outros do calibre de Carlos Andrés Pérez; que teve um processo jurídico suspenso, visto a sua imunidade parlamentar; e outros elementos como o advogado Tony Blayr, que tentou o boicote legal com a cumplicidade dos membros do Tribunal Supremo. Apesar disso, a Assembleia Constituinte concluiu seus trabalhos em pouco menos de um ano e as votações do referendo aprobatório foram fixadas para 15 de dezembro de 1999.

Segundo o parecer de especialistas internacionais em constituição, a Venezuelana é uma das mais avançadas do mundo, sobretudo na defesa dos direitos humanos. Mas a novidade introduzida por ela é a de um conceito inédito de democracia participativa e protagônica em contraposição ao modelo ocidental de democracia representativa onde a distância, em todos os sentidos, entre o eleito e o eleitorado é abismal e o momento em que os elementos se encontram está durante as campanhas eleitorais apenas, mas concluídas as eleições, os eleitores desaparecem da cena até a próxima votação, enquanto que os eleitos pintam e bordam ao seu gosto e sem nenhum controle.

Algumas perguntinhas: quantos deputados italianos pobres vocês conhecem? Quantos deputados italianos com dificuldades econômicas vocês conhecem? Quantos deputados italianos ricos vocês conhecem? A questão toda de fundo está aqui. Na Venezuela, a nova Constituição entrega um enorme poder ao povo e esse poder é direto e constante. Obviamente, a nova ordem do Estado não aprova aqueles que exerceram o poder à sua vontade,

mas agora as pessoas comuns, por fim, sentem-se protagonistas reais de sua própria sorte.

Em um dos intermináveis discursos de Chávez, ele cita uma frase de Simón Bolívar que se demonstrará incrivelmente atual, unindo de modo bastante peculiar a circunstância do libertador ao do novo presidente. Durante a guerra de libertação do domínio espanhol, a Venezuela fora partida em duas, por um lado ficaram os realistas fiéis à coroa espanhola e do outro os seguidores de Bolívar. Entre os primeiros, obviamente, estava a Igreja Católica, sobretudo com o alto clero. Um terrível terremoto deixou atrás de si um rastro de mortos e destruição em Caracas e os bispos se apressaram em declarar que o fato foi um inevitável castigo de Deus contra os que se rebelaram contra a ordem (espanhola) constituída. Bolívar respondeu que também venceriam todas as catástrofes naturais possíveis e imagináveis.

Chávez, em um discurso seu, citou esses acontecimentos, repetindo a declaração da guerra contra os elementos naturais. Tudo isso em tempos nada suspeitos.

O Estado de Vargas se estende ao longo da costa norte, aos pés da cordilheira da costa. De leste a oeste estão, sucessivamente, o aeroporto Simón Bolívar, Maiquetía, Macuto, La Guaira, Caraballeda e Naiguatá. Desde os primeiros dias do mês de dezembro daquele ano, as chuvas foram bastante intensas e persistentes e alcançaram níveis impressionantes. No dia 15 de dezembro choveu ininterruptamente, causando não poucos problemas de deslocamento para as pessoas que iam votar e o governo adiou em algumas horas o fechamento das mesas de votação. As intempéries foram o motivo principal da baixa de fluxo até as urnas. Na noite do dia 15 para o 16 as chuvas alcançaram um impressionante nível, recorde; em uma noite caiu uma quantidade de água superior à esperada para um ano inteiro.

O arco da cordilheira que domina a costa ao norte de Caracas esteve no passado sob o controle da proteção civil, mas os

governos anteriores foram abandonando as estações meteorológicas, até ignorá-las completamente. Desta cordilheira descem as águas dos canais naturais cavados pelas águas pluviais na descida em direção ao mar. Ao longo da costa, esses canais pequenos e grandes foram invadidos por construções de casas e ruas instaladas de maneira descontrolada e desorganizada, e com total indiferença das autoridades. Entre os picos do lado da costa e os mais altos do lado de Caracas, ao sul, encontram-se pequenos vales quase inacessíveis e deles partem esses canais sobre a encosta norte que descem até o mar.

No transcorrer dos anos, as intempéries acumularam uma enorme quantidade de escombros na entrada dessas quebradas, criando diques naturais cuja importância foi descuidada completamente. As águas pluviais daquela noite se acumularam nessas espécies de lagos ao longo de toda a costa, visto que a água que foi parada pelos diques postiços foi uma parte infinitesimal daquela que caiu do céu. Quando o nível desses lagos estava bastante alto e a pressão chegou ao limite de ruptura dos diques, as barreiras de pedras e terra quebraram de repente e uma massa gigante de água, barro e pedras precipitou-se pelo vale em direção ao mar, e em poucos minutos varreu, literalmente, tudo o que encontrou, ao longo de 80 quilômetros de costa, destruindo e fazendo desaparecer milhares de casas sob uma montanha de muitos metros de barro, enterrando ou arrastando mais de 80 mil pessoas. Bem poucos foram os corpos que se pôde recuperar.

Também nessa circunstância os bispos falaram de castigo de Deus, como se sem Chávez presidente Deus houvesse poupado seus filhos daquela catástrofe! E Chávez respondeu com as mesmas palavras de Bolívar. As ajudas chegaram em seguida. O acesso à área atingida estava bastante complicado, e as únicas vias que ficaram eram por mar ou avião. Portanto, foram utilizados todos os recursos das Forças Armadas Nacionais, barcos e navios, aviões e helicópteros privados. As pistas do aeropor-

to Simón Bolívar, que, felizmente, não padeceram de danos, foram usadas para transportar os sobreviventes até Caracas e para fazer chegar ao local ajudas mais urgentes, como água potável, mantimentos e remédios. As pessoas eram embarcadas ao longo das praias, transportadas ao aeroporto, onde recebiam uma primeira assistência, e logo levadas a Caracas, a centros de acolhida. As cenas transmitidas pela televisão me fizeram lembrar o que ocorrera nas costas francesas durante a Segunda Guerra Mundial, depois que os nazistas ocuparam a França.

Voluntários em motos e até em bicicletas levavam suas ajudas aos locais mais inacessíveis. Tiveram que ser evacuadas mais de 400 mil pessoas. Os sobreviventes subiam nos telhados das casas enquanto esperavam por ajuda. Helicópteros os carregavam e transportavam a lugares seguros mais próximos, buscavam áreas abertas para aterrissar, desembarcar os atingidos e depois dar uma nova volta. Sobre um desses tetos, junto a um grupo de pessoas, havia também um cachorro, creio que um doberman. Quando o helicóptero chegou o piloto não deixou que embarcassem o cão por falta de espaço, e o dono do animal, com os olhos cheios de lágrimas, teve de abandoná-lo. Durante o trajeto da casa ao ponto de aterrissagem as pessoas se ocuparam de consolar o homem dizendo que há que assistir primeiro aos seres humanos, mas é fácil imaginar a tristeza e a dor de quem perdeu tudo e foi obrigado pelas circunstâncias a abandonar a sua própria sorte, sem dúvida trágica, o seu fiel amigo. No entanto, ocorreu algo incrível: o cão, que ficou sozinho no telhado, vê algumas pessoas que nadavam desesperadamente, atira-se nas águas, turvas e vertiginosas, nada até a pessoa mais próxima e a leva a salvo ao teto da sua casa. Essa cena se repetiu por três vezes e o cachorro conseguiu salvar essas três pessoas. O helicóptero então retorna, o piloto vê sobre o teto o cão com outras três pessoas, aproxima-se e as pessoas são embarcadas. Também desta vez o piloto se nega a levar o cachorro, mas as pessoas se

revoltam, gritam que não abandonarão o animal que os salvou e obrigam o piloto a levar o cachorro com eles. Imaginem a felicidade do seu dono quando o vê desembarcar do helicóptero. Contam-lhe o ocorrido e poucas horas depois o fato se converte em notícia jornalística, publicada por todos os meios de comunicação. Meses depois o cão seria condecorado com uma medalha por sua bravura.

Chávez, com farda militar, comandava pessoalmente as operações de resgate, locomovia-se num Jeep – normalmente dirigido por ele próprio, ou em um helicóptero militar. Organizava as embarcações da Marinha, os voos que saíam e chegavam a Caracas, a logística e apoiava os socorristas e as pessoas desesperadas. Mais de uma vez esteve também a ponto de sofrer um acidente com o helicóptero em função das péssimas condições atmosféricas, mas trabalhava sem trégua e estava presente em toda parte. Sobre toda a costa estava instalado o caos; não havia água potável, nem luz elétrica, nem telefone e faltavam mantimentos – por isso, além da evacuação, que durara várias semanas, teve que ser organizada assistência àqueles que não quiseram abandonar as suas casas e também aos que esperavam ser removidos da área. Nessas condições precárias foram inúmeros os casos de saques e ações delituosas de toda sorte, incluindo abusos por parte dos órgãos policiais.

Todas as redes de TV estavam no local, prontas para registrar, não só os acontecimentos, mas especialmente os erros e desvios que se pudesse atribuir ao governo, especulando até mesmo sobre a desgraça daquela gente pobre tão duramente atingida.

Vanessa Davies é uma jornalista que trabalha em uma das redes privadas da oposição, creio que a RCTV. Esta jovem se tornou testemunha de um delito cometido entre as ruínas lamacentas de Vargas: militares dispararam contra alguns garotos, matando diversos deles, sob as vistas de seus parentes e outras pessoas amigas. Essas pessoas, então, denunciam o fato diante

das câmeras de televisão e o seu depoimento é recolhido e usado por Vanessa que, de volta aos estúdios em Caracas, coloca no ar uma reportagem agressiva contra os assassinos e responsabiliza o governo em geral e Chávez em particular, como de costume. Durante a transmissão Vanessa recebe uma ligação de Chávez, que a repreende dizendo que ela não podia fazer uma acusação sem provas. Vanessa, cada vez mais enfurecida, responde que tem provas em abundância. Chávez a convida em seguida a apresentá-lo essas provas, e Vanessa, certamente com algum temor, vai a Miraflores, onde é recebida pelo presidente.

Quando a jornalista acaba de falar, o presidente manda que preparem o helicóptero para ir a Vargas e convida Vanessa para acompanhá-lo. Imaginem se a jornalista perderia aquela ocasião. Assim, o presidente, a jornalista e alguns funcionários embarcam no veículo, chegam a Vargas e transferem-se ao Jeep já perto do bairro que fora palco do delito, com alguns soldados como escolta. Chávez conversa com os parentes e os amigos das vítimas, os responsáveis são identificados e presos. Cumprida a missão, todos regressam a Caracas, com uma Vanessa bastante confusa. Da sede da TV Vanesa transmite um novo programa contando o novo ocorrido, colocando ênfase no comportamento do presidente e enfatizando o fato de que nunca imaginaria uma ação tão rápida e inesperada para defender os direitos humanos das pessoas humildes. Esse programa foi o início do fim da carreira jornalística de Vanesa em uma emissora de oposição, já que, desde então, negou-se a transmitir mentiras contra Chávez. Pouco depois, não sei se ela mesma se demitiu ou foi simplesmente mandada embora; o fato é que Davies abandona seu trabalho e passa à TV do Estado, o notório Canal 8.

Em reprovação vieram os raios dos meios de comunicação da oposição, que por muito tempo crivaram-na de perguntas, também sobre sua vida pessoal, e a coisa mais branda que disseram a ela foi "traidora". Vanessa Davies trabalha ainda hoje no

Canal 8, é muito estimada pelo público e pelos colegas, também porque se convertera numa chavista convicta.

Apesar da tragédia, a mais funesta na região desde tempos imemoráveis, votaram no referendo 45% dos eleitores. Isto é, os que aprovaram a nova Constituição foram 71,78%, e os que não foram 28,23%, e os votos nulos foram de 4,55%.

As primeiras eleições presidenciais sob a Constituição de 1999

Como todos os representantes eleitos, também Chávez colocou seu mandato às ordens e o país se prepara para uma nova campanha eleitoral. Entre a eleição de Chávez como presidente, em dezembro de 1998, e os primeiros meses de 2000, ocorre a quebra do grupo de 4F, ou seja, os personagens que organizaram o golpe de quatro de fevereiro de 1992.

Joel Acosta Chirinos e Jesús Urdaneta Hernández foram chamados em seguida por Chávez para participarem do processo (a Revolução Bolivariana), mas, pouco depois de uma estreia tímida de sua participação, provavelmente insatisfeitos porque imaginavam conquistar renda fácil, colocaram-se contra. Mesmo com as tentativas de desacreditar Chávez de todas as maneiras, e com o apoio exultante de todos os meios de comunicação opositores, o presidente não cedeu às polêmicas, e, em todas as suas declarações públicas, chamava-os de amigos de alma, afirmando que as portas sempre estariam abertas a eles. Depois de uma aparição breve, Jesús Urdaneta Hernández desaparece da cena política, enquanto Joel Acosta Chirinos, ainda que não completamente de acordo com Chávez, milita agora em um partido que articula a Revolução Bolivariana e a política conservadora. De Jesús Ortiz Contreras não tive mais notícias.

Francisco Arias Cárdenas, em 1998, era governador do Estado de Zulia, fato que teve o preciso sentido político de aban-

donar os ideiais do 4F e alinhar-se junto à oligarquia que combatera. Referindo-nos a essa eleição de Francisco Arias, Chávez disse que havia sido sua própria escolha, e que, quando chegou à Presidência, chamara também Francisco e o convidara para que se unisse ao processo. Em um primeiro momento o convite foi aceito, mas durante o ano de 1999 as coisas começaram a mudar lentamente, piorando. Em uma declaração pública, Chávez teve que dizer, referindo-se a Francisco Arias Cárdenas, que ele, se fosse obrigado a escolher entre um amigo e um princípio, ficaria sempre com o princípio, mesmo que com tristeza. Francisco Arias Cárdenas e sua esposa pertencem a famílias da burguesia venezuelana, socialmente proeminentes, enquanto os pais de Chávez são pobres. Foi, sobretudo, a esposa de Francisco que não pôde aceitar que um ignorante, morto de fome, que envolveu seu esposo em uma aventura absurda, agora tentasse fazê-lo em outra ainda mais complicada. Ninguém gosta de ser o segundo, e, por isso, a família o impele a romper com Chávez e se candidatar nas novas eleições como candidato à Presidência, em oposição ao ex-companheiro de combate. A oposição pensava em substituir Chávez a qualquer custo, e assim acreditaram que um outro elemento oriundo do grupo de 4F, porém mais moderado, pudesse ser a arma vencedora para tirar de cena o incômodo personagem que ocupava a Presidência.

Francisco Arias Cárdenas é então apoiado pela alta hierarquia da Igreja Católica, pela velha classe política e também pelos Estados Unidos. Parece que foi realizada uma importante reunião na cidade de Coro, organizada pelo bispo local, além da alta hierarquia da Conferência Episcopal Venezuelana. Nesta reunião foram definidas as estratégias para aproveitar a excelente oportunidade política que Chávez, deixando seu cargo, oferecia de bandeja à oposição. Naquela sede, estabeleceram-se os prazos e a forma que seriam desembolsados os recursos necessários para a realização da tarefa. Logo depois Francisco viaja aos

EUA, onde, sem dúvida, se reúne com venezuelanos desertores e com a colônia dos exilados cubanos em Miami.

Pela CIA não foi possível obter provas que vinculariam Chávez à guerrilha colombiana, apesar do notável apoio recebido pelas "quatro TVs irmãs", e de especial maneira por Patricia Poleo e Marta Colomina, que apresentaram provas filmadas de guerrilheiros colombianos e declarações de militares venezuelanos encapuzados. O governo conseguiu provar que todas essas evidências eram falsas e haviam sido produzidas com ajuda estadunidense. Outra tentativa foi envolver Cuba, e então se começou a falar de castro-comunismo, de infiltrados cubanos, de militarização dos partidos do governo.

Pouco antes das eleições presidenciais de julho de 2000, estoura o caso Rosabal; as eleições deveriam ter se realizado em 28 de maio de 2000. Alguns dias antes do dia 28 de maio as "quatro TVs irmãs" transmitiram uma notícia de "fonte segura" de que haviam desembarcado tropas cubanas especiais em Puerto Cabello, onde havia a principal base da marinha militar da Venezuela, e falava-se em centenas de soldados. Havia rumores ainda de que aterrissavam aviões cubanos em Maracaibo, cheios de militares que vinham "doutrinar" os colegas venezuelanos. Esta notícia, a poucos dias das eleições, deveria dar a Francisco alguma vantagem política. No entanto, o Conselho Nacional Eleitoral comunica a decisão de que, por razões técnicas, as eleições seriam adiadas para o dia 30 de julho. Assim, perdem efeito as notícias disseminadas pelas "quatro TVs irmãs", e, como eram ainda evidentemente falsas, há um efeito bumerangue e a oligarquia é completamente deslocada de seus planos.

Para corrigir tal falha, em 21 de julho as emissoras de oposição apresentam, com exclusividade, um ex-agente cubano arrependido, chamado Juan Álvaro Rosabal, de 35 anos, que, desertando dos serviços secretos cubanos, pedia asilo político na Venezuela. Custodiado pela oposição, por temor de que o governo Chávez

pudesse assassiná-lo, e sob a proteção do advogado Ricardo Koesling, concede desconcertantes declarações que colocam o país em polvorosa. Ele declara que mais de 1.500 agentes cubanos, pertencentes ao Exército e aos serviços secretos, estavam presentes na Venezuela para fazer proselitismo político entre as classes populares e as Forças Armadas, e que todo esse movimento já levava muitos anos (o famoso castro-comunismo). O advogado Koesling afirmou que seu cliente fazia parte dos 300 agentes que compunham o aparato de segurança de Fidel Castro quando ele foi à Venezuela na ocasião da VII Cimeira Iberoamericana, realizada na ilha de Margarita em novembro de 1997. E acrescenta: "(...) ficaram todos na Venezuela com a missão de se infiltrar nos bairros mais humildes e distribuir publicidade do Che Guevara, do governo cubano e do socialismo". Rosabal o corrige dizendo que, dos 300 agentes, somente 32 permaneceram, mas logo esse número foi aumentando entre os anos de 1998 e 1999.

A reação do governo foi imediata, mas as declarações e contestações foram burladas pelos meios de comunicação opositores. Em 28 de julho, Rosabal se dirige à embaixada da Nicarágua pedindo asilo político. Seu advogado declara que o governo venezuelano o está procurando por ordem direta do presidente. Poucos dias depois, Fidel Castro, em uma coletiva de imprensa em Cuba, desmente Rosabal, dando todos os detalhes que o qualificam como um pobre coitado que não tem nada a ver com o governo de Havana. Contudo, a dúvida ficou no ar; quem é que mente e quem diz a verdade? As eleições aconteceram e Chávez venceu com uma grande vantagem sobre seu ex-companheiro de luta.

No mês de novembro daquele mesmo ano, o mistério sobre o caso Rosabal é solucionado definitivamente. Em 14 de novembro, depois de mais de quatro meses de silêncio, de repente, Juan Álvaro Rosabal reaparece. Apresenta-se à magistratura venezuelana e desvenda todo o mistério. Ingressou na Venezuela com documentos falsos, obtidos por mil dólares em Cuba por meio

de um venezuelano chamado Adriá Brito. Declara também que foi o advogado Ricardo Koesling e dois cubanos da Junta Patriótica de Miami, Salvador Romaní e Héctor Carbonell, que organizaram suas declarações com a promessa de pagar-lhe 30 mil dólares para que representasse a farsa. Quando Fidel Castro o desmentiu, citando dados incontestáveis, a oposição some com ele, amparando-o na embaixada da Nicarágua. Para enterrar o assunto, a oposição quis desfazer-se da incômoda testemunha fazendo-o viajar a uma base militar em Manágua, coisa que nosso herói não quis. No dia 3 de novembro, Rosabal abandonou de livre e espontânea vontade a embaixada nicaraguense, cansado de esperar pelos 30 mil dólares que, obviamente, nunca foram pagos. Colocou-se então em contato com sua esposa e ela, por sua vez, contatou o chanceler da Venezuela José Vicente Rangél, que mandou dois funcionários, provavelmente da Disip, que resgataram Rosabal em Maracaibo em 8 de novembro e o levaram a Caracas, sob forte proteção da polícia científica.

Por fim, foi o governo venezuelano que ajudou Rosabal a escapar da vingança de Koesling e seus companheiros. Onde está ele agora? Ninguém sabe ao certo. Provavelmente, ele e sua esposa gozam de algo muito parecido aos programas de proteção à testemunha que nos lembram filmes holliwodianos. Estará em Cuba? Peço que memorizem os nomes de Salvador Romaní e também do exímio advogado Ricardo Koesling porque os veremos reaparecer em outra circunstância, muito mais dramática.

As eleições se desenrolaram normalmente em 30 de julho de 2000 e os resultados foram os seguintes:

- Eleitores: 11.720.668
- Votantes: 6.637.276 (56,63%).
- Votos válidos: 6.288.578 (94,75%).
- Hugo Chávez Frías: 3.757.773 (59,76%).
- Francisco Arias Cárdenas: 2.359.459 (37,52%).
- Claudio Fermín: 171.346 (2,72%).

Com relação às eleições de 1998, Chávez consegue um maior número de votos, seja em valor absoluto ou percentualmente, e evidencia sua estável popularidade, mesmo com toda a impotente campanha de descrédito da oposição.

Uma anedota

Um dia, conversando com meu amigo padre Julio M., expliquei-lhe que na Itália realizei um bom *software* para a gestão dos laboratórios de análises biológicas e que efetuei mais de 150 instalações, da Sicília a Gênova. O padre me sugeriu que tentasse também vendê-lo na Venezuela, a começar pelos hospitais. Decidimos ir primeiro ao hospital militar de Caracas e, visto que o meu idioma espanhol tinha muitas falhas, foi o padre Julio que pediu que fosse chamada a diretora para uma reunião. Assim foi e no dia da reunião me acompanhou. Apresentamo-nos no hospital e nos pediram que entrássemos no escritório da direção, mas o diretor estava em uma reunião e tivemos que esperar. Depois de cerca de meia hora o diretor chega, um coronel médico do Exército que nos recebe amavelmente. Pede que nos sentemos enquanto se desculpa pelo atraso, organiza alguns papéis e depois se senta conosco perguntando-nos o motivo da visita.

Começo a explicar quem sou eu, o que faço na Venezuela, e que havia desenvolvido um *software* que ainda não existia no país. Chamei sua atenção e vi que ele concordou e passou a mão pelo queixo. No mesmo momento toca o telefone, o coronel se levanta, e, desculpando-se, diz: "sem dúvida é o presidente, ele me liga dezenas de vezes por dia". Eu e o padre Julio trocamos olhares. Seria verdade? O coronel fala com alguém da secretaria da presidência e sem querer escutamos a conversa:

> (...) sim, sobre aquilo não há problema... Com aquele, lamentavelmente, não pudemos fazer nada, já era tarde... ele... o

> menino morreu essa noite... sim chegara aqui antes... um par de dias... eu sei... ele... pneumonia... Os dois já estão bem e na próxima semana já poderão voltar às suas casas... eu já os disse pela noite! [e levanta o tom de voz] Aqui seria necessário intervir logo, mas se não nos manda os materiais... [escuta por alguns instantes, concordando com a cabeça e depois em tom mais calmo] Estamos perdendo um tempo precioso... Bem... bem... às 15h... estaremos prontos.

Coloca o fone no gancho e volta à nossa mesa, enquanto senta-se e nos explica:

> não era Hugo Chávez, mas a sua secretária. Outro dia chegaram cinco crianças doentes. Mas com uma delas não pudemos fazer nada. Por dois deles intervimos a tempo e tudo saiu bem. Mas há um que teremos que intervir no coração e não temos nada. Irão entregar-nos um equipamento emprestado, mas há outras coisas que o governo tem que conseguir o mais rápido possível se quisermos salvar o garoto. O presidente se incomoda com esses atrasos, mas nós já fizemos tudo o que foi possível!

Enquanto o coronel falava, lembrei-me que, alguns dias antes, escutei na VTV, a emissora do Estado, que o presidente, em uma das suas viagens pelo país, em um povoado do interior, foi cercado por um grupo de mulheres cujos filhos tinham sérios problemas de saúde. O presidente adiantou o seu retorno a Caracas, embarcou em seu avião as cinco crianças com as respectivas mães e os levou às pressas, ao que parece, àquele hospital. Nenhuma das "quatro TVs irmãs" se interessou pela sorte daquelas cinco crianças. Ao que parecia, somente Chávez pessoalmente estava interessado no assunto, não como ato político mas como uma tarefa daquele que tem o poder: usá-lo para o benefício de todos e sobretudo dos mais necessitados. Cultos catedráticos definiriam a situação como populismo vulgar, como se fosse essa uma palavra horrorosa. Seria interessante a definição dada pelas famílias das crianças salvas.

Alí Primera

Quero fazer uma homenagem a um homem particular que deixou uma marca indelével com suas canções de protesto na Venezuela, e que também foi vítima da oligarquia. Alí Rafael Primera Rosell nasceu em Coro, Estado de Falcón, em 31 de outubro de 1942, em uma família muito pobre. Quando criança trabalhou como engraxate, foi mensageiro e até boxeador. Depois dos primeiros anos escolares, sua família se mudou para Caracas. Intercalando estudo e trabalho, graduou-se em 1963 e inscreveu-se na faculdade de química da Universidade Central da Venezuela. No entanto, sua paixão verdadeira foi a música. Aprendeu a tocar violão e começou a cantar, primeiro por diversão, mas logo essa atividade se converteria em sua profissão.

Em 1968, o Partido Comunista Venezuelano deu-lhe uma bolsa para a universidade de Bucareste, onde começa a compor canções de protesto, nega-se a apresentar-se e toca somente para o povo, ainda que, para viver, muitas vezes foi obrigado a lavar pratos. Não quis vender sua música. Em 1973, volta à Venezuela, onde funda uma pequena gravadora. Casa-se em 1977 e tem cinco filhos. Com suas canções frequentemente fustiga personagens poderosos, e assim adquire uma grande popularidade, inclusive especulando-se sobre uma possível candidatura à Presidência. E de esquerda!

Para obstruir seu caminho, o muito democrático governo de então impôs a proibição de suas canções, que por algum tempo são afastadas das rádios e emissoras de televisão. Depois tiraram a nobre proibição, mas nesse momento Alí começa a receber ameaças de morte. Contudo, segue escrevendo suas canções, que ganharam ainda mais popularidade entre a gente humilde e serviria também como combustível para o ódio dos poderosos. Uma bomba de gás lacrimogêneo foi estourada na porta de sua casa, por pessoas não identificadas, colocando em perigo toda a

sua família, onde o último filho tinha apenas quatro meses. O motivo foi óbvio, mas a advertência não foi levada a sério pelo cantor do povo.

Alguns meses depois, em 16 de fevereiro de 1986, Alí morre em um catastrófico acidente de trânsito. Falava-se que ele dirigia embriagado, mas todos sabiam que Alí nunca dirigia se não estivesse perfeitamente lúcido. Todos no país especulavam sobre assassinato, mas o carro em que viajava ficou destruído e não foi possível, ou não quiseram, encontrar indícios de sabotagem. Hoje, se tentarmos perguntar a um Venezuelano sobre as causas da morte de Alí Primera, escutaremos que foi um assassinato político. A classe dirigente temia a sua crescente popularidade e também a intenção dele de se candidatar à Presidência. Isso é o que ocorria na democrática Quarta República, tão querida dos Estados Unidos e da Igreja Católica. Suas canções são retomadas por Chávez, que em muitas ocasiões canta alguma estrofe, convertendo-as nas canções da Revolução Bolivariana. Várias delas podem ser conseguidas na internet, mas se viajarem à Venezuela poderão encontrá-las por todo lado e muito baratas.

PARTE II

As razões do golpe

Existem inúmeras razões que determinaram os acontecimentos de 11 de abril, algumas de caráter internacional e outras da política regional, além de enormes interesses em nível das grandes transnacionais, sobretudo as da matriz Estados Unidos-petróleo. A Europa também teve sua participação, por meio da Espanha e Inglaterra. A lista é longa e complexa, portanto me limitarei a tocar pontos fundamentais, que são as origens de todas as outras motivações.

Sem dúvida muitos dirão que a Europa não tem nada a ver, mas seria suficiente dar uma olhada nas notícias que saíram nos jornais, revistas e televisões europeias em abril de 2002 para descobrir a total ausência de informação sobre o tema, salvo a repetição do que aparecia nos meios de comunicação venezuelanos de oposição. Chávez é um exímio desconhecido, mesmo colocando em polvorosa, já há algum tempo, metade do mundo. A razão para esse silêncio midiático é uma só: o que os olhos não veem o coração não sente. Assim matamos dois coelhos com uma cajadada só: fazemos feliz nosso aliado-dono (Estados Unidos, para evitar equívoco) e evitamos as tentações e os maus pensamentos que possam surgir se analisarmos as atitudes dos nossos social-democratas aguados que só têm o cérebro voltado para a busca de comodidades que possam vir de seus cargos e, por conseguinte, aumentar o peso das suas carteiras.

Depois que Chávez assume a Presidência, a classe política se quebra, perdendo todo o poder. Este vazio é preenchido em seguida pelos editores midiáticos, que enriquecem também porque estão livres do pagamento de impostos. Assim, o papel de partido político assumido pelas emissoras de televisão e jornais que, escondidos pela máscara da "liberdade de imprensa", é intocável e, portanto, podem fazer e desfazer o que quiserem na mais absoluta impunidade. Além das "quatro TVs irmãs" e do canal CMT, unem-se ao bloco antichavista quase todos os jornais como: *El Universal*, *El Nacional*, *Tal Cual*, *El Impulso*, *El Nuevo País*, *El Mundo*, *2001*.

As razões dos Estados Unidos

Luis Giusti foi presidente da PDVSA, a companhia petrolífera venezuelana, até a chegada de Chávez. Sua gestão deveria ter dois objetivos declarados e um não declarado (mas que teria sido a natural consequência dos dois primeiros). O primeiro objetivo teria sido elevar a produção de petróleo diário aos seis milhões de barris – em 1998 alcançou-se a cifra de apenas dois milhões. Mesmo que esse aumento unilateral tivesse feito baixar o preço do óleo cru (sem contar os outros membros da Opep, da qual a Venezuela faz parte), o aumento da produção poderia ter aportado aos caixas do Estado um enorme fluxo de dólares. Seria como dizer que arremato tudo porque necessito de liquidez, não importando a perda de patrimônio.

O segundo objetivo foi o de, no contexto do aumento de produção, que a PDVSA fosse cotizada na bolsa de valores de Nova York, começando com 30% das ações. Esta política, ao final do ano de 1998, finalizado o mandato presidencial de Caldera, fez cair o preço do petróleo abaixo de dez dólares o barril, além de subir os custos de gestão da PDVSA em mais de 65% de seu faturamento. Estes eram os objetivos declarados.

O terceiro era o que haveria de ter levado o senhor Giusti à Presidência da Venezuela, senão em seguida, no período 1999-2003, no seguinte, mas estando sempre o poder nas mãos de um testa de ferro, oportunamente pilotado pela oligarquia venezuelana e que, eventualmente, se pudesse destinar como bode expiatório de uma política bastante destrutiva. Em 1998 a PDVSA declarou que a reserva garantida de petróleo duraria por uns 80 anos, avaliados com base na produção diária do período; portanto, triplicando a produção diária, esse período de duração se reduziria a menos de 30 anos! Sim, a PDVSA havia sido cotizada na bolsa de valores nestas condições, e em 1999 as transnacionais haviam feito dela o que queriam e privado a Venezuela de seu maior recurso.

Alguém podia perguntar-se: mas se as reservas de petróleo estivessem limitadas, por que tanto interesse, de um lado, em vender, e, de outro, em comprar? Nada mais simples: a Venezuela faria um verdadeiro bom negócio, porque se livraria de uma sociedade que empobrecera em menos de uma década, além de livrar-se dos EUA, que, como grandes filantropos que sempre foram, teriam ajudado de bom grado um país pobre a se levantar ao menos um pouco. Nobres causas e nobres propósitos. Contudo, como estamos acostumados durante esses anos, tudo isso não passava de grandes e descaradas mentiras! Durante a Presidência de Giusti se realizaram prospecções, explorações do subsolo, em todo o país, mas os resultados foram bem escondidos, sobretudo dos venezuelanos, não dos políticos, obviamente.

Durante os anos de 1990, a PDVSA e os governos da época deram vida à chamada "abertura petroleira", na qual a PDVSA estipulou acordos com empresas privadas, sob a forma de contratos mistos, para a exploração dos campos petrolíferos marginais, isto é, as áreas cujos poços já não davam as quantidades iniciais. As companhias trabalharam em tais campos, também, vejam que casualidade, com prospecções ao subsolo, estudo de

dados, calculando assim os custos de reativação, perfuração de novos poços, renovação de infraestrutura e projeção da rentabilidade dos campos. Com tais dados fizeram uma oferta, como imposto de entrada. Participei, me corrijo, presenciei algumas destas licitações da segunda rodada, onde fez parte da história as companhias chinesas que, em um só dia, apropriaram-se de vários campos levando aos caixas do Estado mais de 400 milhões de dólares. Por outro lado, naquele dia a nossa ENI agiu mal: ofereceu por um campo 60 milhões de dólares, mas o campo foi apropriado por outra sociedade, não italiana, obviamente que ofereceu mais que o dobro. No quadro de tais acordos, a PDVSA havia recebido 30% dos ingressos enquanto 70% fora aos bolsos das companhias estrangeiras. Que magnânima PDVSA!

Para dar uma ideia da genialidade, honestidade e previsão da gestão de Giusti, dou alguns dados: a espanhola Repsol baseou oficialmente os seus cálculos, e por conseguinte a sua oferta, sobre uma produção estabilizada ao redor dos 20 mil barris diários, mas teve muita sorte (na Itália chamaríamos de outra coisa...) e a produção efetiva superou os 60 mil barris diários! Sortuda essa Repsol! Só que esse tipo de sorte tiveram mais de 90% das empresas que não só não se preocuparam muito em pagar os impostos correspondentes, como também estiveram em adequadas manobras políticas para reduzir os que já existiam ao mínimo possível, obviamente com a cumplicidade dos políticos do "puntofijismo".

Hoje, sabemos, sem sombra de dúvida, que a reserva provada de petróleo na Venezuela é a maior do mundo. Que vergonha seria para os venezuelanos se tivessem arrematado a PDVSA, ou melhor, dado de presente a companhia petroleira aos EUA! A PDVSA tem fortes investimentos dos Estados Unidos, entre os quais seis refinarias da empresa venezuelana Citgo. Também em função dessa sociedade os golpistas tinham feito um plano, ou seja, vender (presentear) todo o grupo a Gustavo Cisneros e aos

seus sócios estadunidenses. Imaginemos por um momento que os planos dos EUA e da velha classe política tivessem sido concretizados. Nesse caso, poderíamos calcular quais seriam os rendimentos dos interessados, empresários, políticos e aventureiros envolvidos (por comissões, cortesias, participações...)? Façam um esforço, ao menos imaginem quantos zeros haveriam de ser colocados detrás da primeira cifra! E se isso não parece motivo suficiente, mesmo que os EUA tenham detonado várias guerras por muito menos, vou exemplificar com outros.

A política estrangeira de Chávez está dando o mau exemplo na América do Sul. Dentre outras coisas, está ensinando como se pode prescindir da generosidade extremamente desinteressada dos EUA, do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial. E ainda mais grave: está tratando de repetir naquela região o que fizemos aqui na Europa, que é unir os países do sul para competir com o resto do mundo.

Os EUA fizeram o possível e o impossível para evitar a área do euro; mesmo que com danos limitados, consegue agora exercer sobre a União Europeia uma hegemonia de notável peso. Agora estão empenhados em evitar outra catástrofe na sua economia, já que uma América do Sul progressista, tirando de si séculos de dominação estrangeira, não seria uma aliada ideal e tolerante como é a indecisa Europa. Interferem na corrupção dos políticos sul-americanos e, na área militar, são, até agora, os únicos a gastar mais de 200 bilhões de dólares ao ano em armamentos. Entre aspas, uma das consequências graves dessa aptidão é que ela acabará impulsionando a corrida armamentista de outros países como a Rússia e a China.

2. Mapa da Venezuela

E, no entanto, a Venezuela é o único país da América do Sul que não tem e não quer ter relações de nenhum tipo com o FMI e com o Banco Mundial. O petróleo, graças à política de proteção da Opep, teve o preço de seu barril elevado a aproximadamente US$28,00, enquanto a produção da Venezuela havia crescido lentamente aos 2.700.000 barris em 2001.

E, para finalizar, coloquemos as cerejas no bolo...

A Venezuela é o único país da América do Sul onde não há a mínima possibilidade dos EUA estabeleceram uma base militar, ainda que microscópica. Já tentaram de muitas maneiras, sobretudo utilizando a questão da droga, da guerrilha colombiana e das calamidades naturais como a tempestade na costa norte de Caracas em dezembro de 1999. Naquela ocasião, os EUA, sempre atentos às necessidades dos povos com dificuldades, enviaram barcos de guerra com *marines* e equipamentos para ajudar aos atingidos. Só que não tiveram nenhuma intenção de deixar as equipes nas mãos dos venezuelanos, gente notoriamente ignorante, portanto foi necessário o manejo do pessoal dos EUA. Washington mandou os barcos em seguida aos acontecimentos catastróficos, e, quando já estavam a caminho, informou ao governo venezuelano tal envio.

Chávez em um primeiro momento aceitou com gratidão, mas, quando se deu conta das reais intenções dos EUA – que seria a de estabelecer uma base militar na costa do país sob as desculpas de estar ajudando – nega a desinteressada oferta e os barcos, com o rabo entre as pernas, eles invertem a rota e regressam à sua pátria. Imaginem o que apareceu nos meios de comunicação da oposição. Também havia questões territoriais. Por exemplo, o golfo da Venezuela, a norte de Maracaibo. Os EUA querem que a jurisdição venezuelana fique em uma faixa marítima que siga o perfil da costa, como normalmente ocorre. Nesse caso, porém, a Venezuela define como suas águas territoriais aquelas incluídas pela linha imaginária, a linha vermelha

no mapa acima, que une as duas pontas costeiras mais ao norte da baía, e isso não agrada aos EUA. Mas quando o mesmo raciocínio se aplica à Flórida a coisa muda de rumo e eles consideram justo e legal o conceito de linha imaginária.

Na Venezuela há um refrão que diz: "(...) o que é bom para o peru é bom para a perua..." Evidentemente esse conceito é impossível de ser traduzido para o inglês. Não falamos da zona oriental que, ainda hoje, depois de muitas décadas, está em disputa com a Inglaterra, graças aos bons negócios, adivinhem de quem? Simón Bolívar disse, por volta de 1830: "(...) os EUA parecem destinados pela providência divina a praguejar o continente sul-americano em nome da liberdade" – segundo o evangelho de Washington, acrescento eu. E as coisas não mudaram nos últimos 170 e muitos anos! Os EUA realmente seguem ingerindo... Há uma canção de Alí Primera que diz, referindo-se aos EUA: "nós amamos seu povo, mas não seus governos porque fazem guerra por dinheiro". Os mesmos sentimentos são comuns a quase toda a América do Sul e Central. Só que alguns governos dessa região querem o governo que faz a guerra por dinheiro, porque uma parte dele vai terminar nas suas carteiras.

As razões da Espanha

Com os governos venezuelanos precedentes, Aznar conseguiu grandes benefícios às companhias e bancos espanhóis. Bush, para as suas ações mais truculentas de política externa, sempre buscou aliados, ou, melhor dizendo, cúmplices, especialmente no continente europeu. Dessa maneira, frequentemente se alega que as decisões a que a administração estadunidense foi obrigada a tomar não são nunca unilaterias, mas a Europa está ao seu lado nesses processos. Lembro-me do caso da Viasa, a companhia aérea de bandeira venezuelana engolida pela Ibéria. Uma consideração à parte deve ser feita sobre a Repsol, a companhia

petrolífera espanhola. Se o golpe fosse exitoso, teria havido uma repartição igualitária do petróleo com as companhias estadunidenses que, com a eleição de Bush, estavam com o foco voltado para o Oriente Médio. A Repsol, uma vez privatizada a PDVSA, teria sido convertida em uma das maiores potências mundiais no setor petrolífero. Alguns bancos espanhóis, muito poderosos na Venezuela, organizaram, sob os governos anteriores, uma mega fraude com os empréstimos para carros e automóveis, que nunca acabavam, e eram chamados de "mútuos indexados". Uma lei do governo Chávez obrigou todos os bancos a aplicarem o critério de indenizar milhares de pessoas com dezenas de milhões de dólares. Seria mais econômico financiar um golpe de Estado.

Por outro lado, as indústrias estadunidenses de armamentos e artigos eletrônicos, sobretudo de emprego militar, mantinham vários acordos de cooperação com indústrias espanholas, e esse fato, longe de ser uma vantagem para a Espanha, converte-se em arma de chantagem contra o seu governo. Se analisarmos todos os acordos do tipo estipulados por transnacionais dos EUA nos vários continentes, descobriremos que, ou diretamente ou por meio do FMI e do Banco Mundial, os EUA teceram desde sempre uma firme teia na qual são envolvidos governos inseguros e políticos corruptos que, para manterem seus postos e continuar sem intrigas, venderam e traíram a dignidade de seus povos. A Itália não é exceção; de qualquer canto se vê esse triste espetáculo, e para ser mais claro, da extrema direita à extrema esquerda, pois, em ambas, as declarações nunca correspondem às ações.

As razões dos políticos destronados

Todos os políticos venezuelanos, à sombra do assim chamado "puntofijismo", alcançaram uma posição de equilíbrio estável da qual foi impossível tirá-los. Donos das instituições, dos juízes e das diferentes polícias, transformaram o palácio do governo (Mi-

raflores) em uma venda de ladrões, onde se estipula contratos vantajosos para políticos e empresários, com uma justa e equânime repartição dos bens. Tudo isso também era sustentado pelos proprietários dos grandes meios de comunicação, dos quais se serviram os políticos para propagar e sustentar notícias artificialmente construídas nos corredores do palácio. Se creem que isso é um exagero, é suficiente ir aos arquivos históricos de jornais como *El Nacional* e *El Universal* e procurar alguns artigos sérios de denúncia à corrupção, difundida em cada canto do país. Com toda a sua boa vontade não encontrará quase nada, e se algum jornalista teve a infeliz ideia de atacar seriamente um político ou um empresário, ao menos que se tratasse de real represália do proprietário do veículo de comunicação, o mal-aventurado trabalhador se encontraria em seguida no olho da rua e na impossibilidade de trabalhar em outro jornal. Haveria sido taxado de herege. Essa foi a liberdade da qual se gozou.

Se, por um acaso, um jornal não se encaixa nessa ótica, procedia-se com chantagem: de repente não chegavam as provisões de papel, ou chegavam inspeções de registro etc. As televisões não foram excluídas dessa submissão, e, do contrário, um canal podia ser facilmente colocado de escanteio. A chegada de Chávez parte dramaticamente esse equilíbrio. Os políticos perdem seu enorme poder e já não podem controlar nada. Todos os planos de enriquecimento desmedido também são desmantelados porque as pessoas comuns, que perderam a confiança na classe política, por fim, podem vê-la com clareza, e, sobretudo, sem a possibilidade, ao menos imediata, de causar-lhes danos. Os anos passados nos "ócios de Caracas (não de Capua, como Aníbal)" fizeram perder o contato com o povo; sua liderança acaba, mas ninguém se resigna. Começa assim uma luta sem precedentes entre a nova ordem social e o velho mundo, que quer ressuscitar, a todo custo, usando meios lícitos e ilícitos, sobretudo estes últimos.

As razões dos empresários e da oligarquia

Os políticos necessitavam do dinheiro dos empresários, e, esses, para garantir seus enormes lucros, necessitavam de políticos corruptos. Vocês dirão que esse é um fato normal e que ocorre no mundo todo. Mas há um pequeno detalhe que diferencia a situação venezuelana: nesse país o único ingresso fiscal é proveniente do petróleo. O pagamento de impostos sobre a renda foi enviado mais por vontade do contribuinte do que pela aplicação de leis. Era mais barato dar algo ao político amigo do que pagar impostos. Promulgava-se de vez em quando uma lei adequada para tornar lícita uma evasão fiscal, e assim todas as empresas declaravam perdas e nenhuma pagava impostos, mas estranhamente as mesmas sociedades repartiam com os acionistas incríveis montantes, como por exemplo todas as redes de televisão privadas.

Fazia-se o impossível!

É fácil imaginar a simpatia com que os empresários acolhem os convites do governo para ficar em dia com os impostos, Se a fiscalização denuncia um jornal ou uma emissora de televisão pelo não pagamento de impostos, anuncia-se em seguida a violação da liberdade de imprensa, num escândalo em coro com os demais meios de comunicação, numa resposta em uníssono. Começa assim a guerra entre um governo que pretende que todos paguem os impostos e os poderosos que se sentem perseguidos pelas ferozes presas do ditador. O que é a normalidade em outros países, aqui se converte em objeto de divisões classistas. Obviamente, Chávez é acusado de fomentar a divisão entre os venezuelanos, visto que antes não havia nada parecido. Chávez teve a ousadia, pensem, de promulgar 49 leis para adequar o Estado aos ditames da nova Constituição. Em novembro de 2001, são aprovadas leis de importância fundamental como as de pesca, dos hidrocarbonetos, sobre a regulamentação das costas, as leis da chamada reforma agrária, além das leis sobre finanças e imposto sobre a renda.

Lembro-me de uma entrevista que Carlos Croes fez na Televén com Carmona Estanga então presidente da Fedecamaras, em que o futuro golpista dizia: "(...) veja Carlos que, se eu tenho uma casa na praia, já não poderei desfrutá-la como eu queira porque o sr. Chávez agora diz que a região costeira é propriedade do Estado!" Que absurdas pretensões tinha aquele desgraçado presidente! Quiçá Croes tivesse de informar ao futuro presidente da Venezuela, que poderia muito bem entrar para o livro dos recordes pela presidência mais curta da história, que em todo o mundo se sabe, exceto aqui naturalmente, que a região costeira sempre foi considerada propriedade do Estado.

Uma classe muito poderosa é aquela saída da Universidade Católica Andrés Bello – Ucab e que ocupa até agora quase todos os espaços da vida pública, econômica e cultural do país. Esta casta parece costurada fortemente com a hierarquia da Igreja Católica e a Opus Dei. Tal universidade é muito exclusiva e praticamente fechada para os marginalizados da sociedade. Da Ucab sai quase toda a chamada oligarquia.

As razões dos militares dissidentes

Com a velha Constituição era o Congresso que estabelecia as promoções e os encargos dos militares de alto escalão. Claramente foram privilegiados os que demonstravam os mais altos níveis de servilismo. Dessa maneira os políticos se asseguravam da colaboração incondicional do alto mando e não tinham temor a golpes de Estado. A fidelidade incondicional às instituições foi assegurada por um elevado grau de corrupção, onde os melhores foram melhor compensados com cargos altamente rentáveis ou que apresentavam melhores condições de vida. Também com a nova Constituição, o presidente da República é o comandante de todas as Forças Armadas, mas a novidade é que as promoções são decididas pelos próprios militares, não dependendo da

Assembleia Nacional e são ratificadas diretamente pelo presidente. Com essa nova situação os velhos lacaios se veem privados de todos os privilégios adquiridos nos muitos anos de atividade, por assim dizer, linguística. Agora são tomadas em consideração a profissão, o apego às instituições, caráter e personalidade do militar, coisas impensáveis alguns anos atrás. Agora os militares podem votar, enquanto antes não podiam, têm novos e bem definidos direitos constitucionais, mas também novos deveres, sobretudo com respeito aos direitos humanos.

Uma elite de militares de alto escalão, que não se submete a obedecer a um simples tenente-coronel procedente das camadas mais baixas da gentalha e de claros traços indígenas, é a que por fim se revolta, trai e se vende a interesses estrangeiros. Em troca, mesmo com todas as manobras, ficam isolados e não conseguem efetuar todas as operações. Para poder aumentar sua credibilidade e também, creio, o nível das remunerações que receberam dos velhos e dos novos poderosos, deixaram parecer que o descontentamento dentro das Forças Armadas foi generalizado. Aceita-se um mandatário branco, com olhos e cabelos claros, mas nunca um negro. Parece absurdo, mas essas são as razões que estão criando os mais sérios problemas a Chávez.

Entre dezembro de 2001 e fevereiro de 2002, pude visitar alguns oficiais de Forte Tiuna, apresentado por um ex-militar italiano. Alguns deles, falando de Chávez, seu presidente e comandante em chefe das Forças Armadas, usavam tons e atitudes de claro desprezo, provavelmente seguros de que o golpe, do qual foram cúmplices, o varreria em pouco tempo.

As razões do alto clero e da Conferência Episcopal Venezuelana

Eu sou católico, como toda a minha família. Mesmo que não praticante, fiz amigos na Igreja e também fiz parte de associações

de leigos, ajudando onde podia. Isso para dizer que não sou anticlerical, ateu e agnóstico. Perco as contas do que já vi de bispos e cardeais na América do Sul que sempre gozaram, mais que na Itália, de inúmeros privilégios. As relações mais estáveis sempre foram aquelas estabelecidas com governos de direita e com a classe empresarial.

Todas as ideologias que se aproximam da classe trabalhadora são vistas com suspeita. Realmente, os Estados Unidos, onde desde sempre, em nome de uma (não se sabe bem qual) liberdade de pensamento, marcaram e perseguiram os comunistas como inimigos, interna e externamente, convertendo-se em território de referência para os ideais socioeconômicos do alto clero sul-americano.

Alguém na Itália há de lembrar que ser comunista significou uma automática excomunhão; impedia-se o acesso às igrejas e não se podia celebrar cerimônias sagradas para esses hereges. Não estamos falando da Idade Média, mas de algumas décadas atrás apenas. Se não me engano, foi o papa João XXIII que apagou essa vergonha. Mas a América do Sul é do outro lado do oceano e contra todos os direitos humanos, de pensamento, de expressão etc. Quem professa ideias diferentes daquelas impostas ao seu tempo é visto como um inimigo do capital, da propriedade privada e obviamente da Igreja Católica. Chávez fala abertamente de "socialismo endógeno", torna-se amigo de Fidel Castro, promulga leis de reforma agrária, derruba diversos monopólios, estimula a criação de cooperativas.

Para as mentes puritanas está claro, sem sombra de dúvida, que o país está caminhando rumo ao estalinismo-leninismo mais retrógrado e perigoso. Um mundo que aceita passivamente dançar a música dos *yankees* não pode permitir que sejam tocadas deliberadamente músicas comuns nem a exaltação do nacionalismo em vez da vassalagem, ou valorizar a mestiçagem, vista como uma riqueza cultural em lugar de vergonha.

As populações indígenas, consideradas pouco mais que animais domésticos, até agora assistidas por missões religiosas e, portanto, sendo apenas objeto de piedade e caridade, com a nova Constituição, são elevadas ao patamar de cidadãos de primeira classe e as terras nas quais vivem são atribuídas aos grupos étnicos e, portanto, protegidas por lei. São terras ricas em ouro, diamantes e metais preciosos e sobre elas avançaram aventureiros e especuladores, alguns disfarçados de empresários, outros disfarçados de organizações evangélicas. Os indígenas têm agora uma representação no parlamento e, pela primeira vez na história da Venezuela, saem de seu secular isolamento.

O governo de Chávez também é criticado porque está cedendo uma parte do território a grupos que nada hão provido ao desenvolvimento da Venezuela. De que lado está a Igreja Católica? Uma coisa é incontestável: coloca-se contra Chávez em todas as ocasiões! Critica a política econômica e externa. Critica as políticas educacionais, sanitárias, de ajuda às camadas pobres. Tudo o que Chávez faz está errado, fora de lugar ou é de claro viés comunista, enquanto que tudo o que fizeram os velhos chacais foi obviamente ótimo e abençoado por Deus. Além de tudo, há vínculos estreitos entre alguns membros pertencentes a Opus Dei e a oficiais do velho regime, como, por exemplo, o general aposentado Rubén Pérez Pérez, genro do ex-presidente Rafael Caldera. A Opus Dei também não foi estranha ao golpe.

PARTE III

A preparação do golpe

Alguns militares venezuelanos de alto escalão que se encontravam em missão nos Estados Unidos regressaram inesperadamente à pátria, e certamente não por solicitação de Chávez. Os EUA reforçaram a presença da delegação militar no Forte Tiuna, onde se uniam a militares de diversas forças armadas, sobretudo da Marinha; chegaram agentes da CIA para coordenar atividades, evitar rupturas entre as facções da oposição, fustigar e corromper da melhor maneira os militares dissidentes, organizar a evacuação dos civis dos Estados Unidos caso a situação piorasse, planejar uma eventual intervenção militar, fazer o contato entre as unidades navais à disposição na área e também evitar mudanças de última hora de políticos e da sociedade civil, que receberam muito dinheiro. Não se pode frustrar assim tal esbanjamento de recursos.

O golpe veio sendo preparado desde os primeiros meses de 2001. A direção cautelosa da CIA começa a dispor os personagens nos seus lugares de combate e onde não é possível infiltrar gente, compra, simplesmente, a cumplicidade de descontentes traidores genéticos.

Guaicaipuro Lameda Montado

Uma das figuras maquiavélicas que traiu o grupo de Chávez e logo se tornou seu principal inimigo foi o general Guaicaipuro

Lameda. As consequências das suas atividades perversas puderam ser vistas apenas com o tempo, mas não há dúvida sobre o fato de que teve um papel primordial nelas. General de brigada do Exército, nasceu em 6 de agosto de 1954 em Barquisimeto, Estado Lara. Frequenta a Academia Militar, da qual sai em 1974, um ano antes de Chávez. Licencia-se em Ciência e Arte Militar em 1978, e, em 1982, licencia-se também como engenheiro elétrico na Universidade do Oceano Pacífico na Califórnia. O nome dado a ele por seus pais, Guaicaipuro, é o nome do maior herói da resistência indígena venezuelana contra os conquistadores. Ele mesmo, em uma entrevista, disse que o nome que recebera o havia indicado uma via para tomar na sua vida, como que imitando as virtudes de um grande homem, e disse ter pregado em seu coração o lema "honra e pátria"; obviamente ele se esqueceu disso muito rápido e reduziu-se às suas ambições.

Quando Chávez despede Luis Giusti da presidência da PDVSA., em seu lugar nomeia Héctor Ciavaldini. O novo diretor tenta reorganizar a junta de direção para permitir uma análise da gestão Giusti e, consequentemente, adotar novas medidas, mais de acordo com as exigências impostas pela nova Constituição. Esta decisão chocou os executivos contra o muro do silêncio, pois escondiam detrás de si intrigas inimagináveis. A disputa não iria diminuir com isso Chávez, que para resolver o assunto de uma vez, chama o general Lameda, que já tinha um cargo importante no governo, para dirigir a PDVSA, ressaltando a inteligência e a capacidade organizativa daquele homem. Isso ocorreu no mês de outubro de 2001. Assim, o general sai definitivamente do anonimato, converte-se em presidente da PDVSA e seu salário aumenta de maneira inimaginável para qualquer militar, passando dos dois mil dólares para mais de 20 mil dólares mensais. Estes fatos, além de fazê-lo engordar a carteira, o fazem inchar o peito, como um peru. De repente, vê que estão realizando suas ambições, vê reconhecidos seus gran-

des méritos e pensa que havia chegado o momento de começar a dar aulas de economia aos desprevenidos que o circundavam, naturalmente também ao tenente-coronel.

Já desde abril de 2001, a conspiração trabalhou continuamente para colocar as coisas em seu lugar. Personagens de relevo, dentre os quais Quirós Corradi, Calderón Berti e Miguel Henrique Otero, começam a frequentar a casa de Lameda, ainda mais em ocasiões em que o general criticava as aptidões do presidente. Evidentemente que Chávez pensava que o general atuava de boa fé, confiando em suas qualidades morais de "honra e pátria", e, ao final, tudo havia retornado à ordem natural das coisas. Mas a inexperiência e a excessiva confiança nos companheiros de armas pregarão nele uma tremenda peça. Convertido à causa golpista, naturalmente para maior glória da Venezuela, Lameda começa sua atividade de persuasor oculto e despertador de consciências, aplicando sua receita a muitos dos que estarão entre os protagonistas do golpe. Assim, leva à fila dos traidores o general Efraín Vásquez Velazco, e trabalham para levá-lo a ser comandante geral do Exército.

O mesmo acontece com o general Rosendo, o homem de completa confiança de Chávez. Foi suficiente para corrompê-lo dar um emprego à sua filha na companhia Intesa, de propriedade de um dos golpistas.

Janeiro de 2002

Nos primeiros dias de janeiro, foi transmitida pelo Canal 8, Venezolana de Televisión, a emissora estatal, a interceptação de uma conversa telefônica. O autoproclamado presidente da CTV, Carlos Ortega, liga para o ex-presidente da Venezuela, fugitivo da justiça venezuelana, Carlos Andrés Pérez, que se encontra nos Estados Unidos. Que estranho, não? Nesse país, realmente, sempre são bem acolhidos todos os ladrões que escapam de outros países para eximir-se da justiça. O importante é que levem com

eles muito dinheiro, e melhor ainda é quando os governos que queriam prendê-los não são muito amigos dos EUA.

O sr. Ortega deseja feliz ano novo e informa sobre o curso da greve geral que foi organizada em dezembro de 2001, sem muitos êxitos.

Pérez diz a Ortega para que ele se ponha em contato com Carmona Estanga, coisa que soa como uma ordem e Ortega apenas responde "ok".

Pérez encerra a conversa dizendo que desde o mês de dezembro passado o choque é frontal.

Evidentemente Pérez queria devolver o favor a Chávez, o golpe de 4 de fevereiro de 1992, e também porque, se cai o governo, o processo contra ele seria apagado, poderia voltar à Venezuela e continuar assim seus negócios, o mesmo desejo dos foragidos cubanos da Flórida (mas claro que com destino a Cuba). Pérez também foi um dos financiadores do golpe. O grupo Cisneros, uma das famílias venezuelanas com investimentos em meio mundo, foi outra fonte de recursos. Este grupo é proprietário de um vasto império na América do Sul, como as plantas industriais da Coca-Cola e Telecel (Oswaldo Cisneros), jornais e emissoras de televisão como a DirecTV, Venevisión e Televisa (Gustavo Cisneros). Gustavo Cisneros é então o proprietário da Venevisión e também quis ser presidente da Venezuela, uma vez concluída positivamente a aventura Carmona.

Os banqueiros venezuelanos, que quando seus bancos quebraram haviam fugido para Miami levando os frutos de seu trabalho, mais de 13 milhões de dólares, também são atores importantes. A essa altura, a oligarquia não tem dúvidas sobre o que terá de ocorrer. A técnica é aquela experimentada pela CIA no Chile quando eliminaram Allende: greve geral indefinida sustentada pelos empresários e derivados, crise política e social inevitável, intervenção dos militares e imposição de um governo pseudodemocrata, melhor ainda se ditatorial. Uma greve geral

indefinida não pode ser suportada por aqueles que não têm recursos próprios como a grande maioria da população. Enquanto os ricos só sofreriam uma pequena perda de recursos, que seriam recuperados em seguida, por sua vez, às pessoas comuns faltaria o essencial: água, mantimentos e remédios.

A Igreja Católica, nas figuras de seus representantes máximos e de quase todos os membros da Conferência Episcopal Venezuelana, puseram todos os empecilhos possíveis à candidatura de Chávez. Sucessivamente se empenharam em sermões, declarações públicas, homilias e tudo o que estava ao seu alcance para defender a tese da oposição e evitar a concretização da nova Constituição. Chávez, tendo assumido o poder, procura continuamente um diálogo com a Igreja e para demonstrar sua boa vontade concorda em continuar a financiar a Igreja Católica, tal como fizeram os governos anteriores, com muitos milhões de dólares a cada ano. Inclusive estava disposto a aumentar esse montante, desde que fosse destinado às obras sociais para o sustento dos mais necessitados.

Mas…

Sim, sempre há um "mas" no meio do caminho.

Mas Chávez adianta uma estranha pretensão que condicionaria o dispêndio desses fundos. Imaginem que ele exige inclusive saber como serão gastos e onde e como serão utilizados os financiamentos públicos. Por fim o que ele quer é redução de contas. Oh, Céus! Nunca antes ninguém ultrajou tanto o clero local! Chávez, que sempre se declarara católico praticante, corre o risco de excomunhão! Além de tudo, o governo estabelece que o Ministério da Educação deve definir os programas que têm que ser válidos para todas as escolas públicas e privadas, visto que, até aquele momento, cada escola aplicava o programa que lhe conviesse. O clero, que possui, na Venezuela, além das melhores escolas privadas, também um grande número de escolas públicas, não pode aceitar que o governo meta o nariz em coisas que não deveriam interessá-

lo. Pensem por um momento no que aconteceria se na Itália algum cardeal se arriscasse a pensar uma resposta desse tipo.

Quando perguntei o parecer de alguns amigos venezuelanos, professores em escolas católicas, responderam-me que o governo tinha a intenção de criar escolas anticlericais, que iriam doutrinar os jovens ao comunismo de tipo cubano, hostil à Igreja. Eu respondi que sempre haveriam as escolas privadas onde poderiam aplicar novos programas ou integrar os programas estatais com matérias mais idôneas. A resposta me deixou bastante perplexo: "(...) sim, mas se a Igreja tem que prestar contas de como vai gastar o dinheiro ao Estado ela é enormemente limitada". Quiçá se referia ao fato de que cardeais, bispos e altos prelados na Venezuela sempre viveram no luxo, descansam seus cansados corpos por algumas semanas em hotéis cinco estrelas, usam os meios de transportes militares ou da PDVSA para locomover-se (carros de luxo e aviões) e não pagam por nada obviamente. No fundo, trata-se sempre ou de dinheiro ou de poder, ou de ambos.

Até o fim de janeiro então, a Igreja Católica se declarou abertamente hostil a Chávez e, para não deixar dúvida sobre suas ideias políticas, barra qualquer diálogo com o condenado, amigo de Fidel Castro, e abraça sem reservas a causa dos opositores. Mesmo que essa sempre tivesse sido sua atitude, nesse momento atua abertamente para atrair o maior número de católicos à sua justa e sagrada causa golpista. Quase uma cruzada.

Fevereiro de 2002

Nos primeiros anos da presidência de Chávez, em 2000, o embaixador dos EUA na Venezuela, John Meisto, foi substituído por Donna Hrinak. Ficou evidente que a senhora, segundo uma escala de valores particular do Pentágono, não estava à altura das conspirações que requeria Washington, e evidentemente não teve suficiente descaramento, coisa que haveria sido necessária para

preparar a expulsão de Chávez. Depois que os EUA iniciaram os bombardeios no Afeganistão, apareceram as primeiras fotos dos "efeitos colaterais", nobre expressão para indicar a matança de mulheres e crianças. Infelizmente, e há vários anos, estamos nos acostumando a vê-los como acontecimentos "normais". Mesmo que a guerra ao Talibã fosse de conhecimento de todo o mundo, nem todos puderam aceitar passivamente as inúteis matanças, e, assim, Chávez fez uma declaração pública na qual estigmatizou os Estados Unidos por tais fatos.

O chefe dos donos do planeta Terra teve momentos de desconcerto e surpresa. Como ousa aquele verme ofender o reino e o rei de tal forma? Era necessário repreendê-lo e, em seguida, colocá-lo no seu devido lugar. Assim, Washington mandou a Donna Hrinak uma ordem peremptória de apresentar-se a Chávez e ler a ele uma carta de protesto e reprovação. Vejam bem, não ordenaram que entregasse a carta, mas que a lesse ao presidente e a levasse embora, imagino. Ou então, como nos ensina Hollywood, tiveram que agregar à carta algum aparato de autodestruição ou mesmo ordenar à pobre Hrinak que a engolisse. Agora não resta outra coisa à embaixadora senão obedecer. Desse modo ela pede uma audiência privada com o presidente da República Bolivariana da Venezuela e ele a recebe em seu escritório em Miraflores. A embaixadora lê a carta e, lida a última palavra, o presidente, em tom sério e formal, lembra a ela que está falando com o presidente da Venezuela, onde os EUA não têm jurisdição, e, para concluir, é convidada a sair imediatamente de seu escritório e que voltasse somente quando tivesse bem claro o modo de dirigir-se ao presidente de um país independente. A pobre embaixadora, confusa e deslocada, se desculpa e se despede.

A partir desse momento, Donna Hrinak já não é um elemento de confiança para o governo dos EUA, já que ela protestara até a histeria com o próprio governo e também porque, desde então, começa a simpatizar com o odiado Chávez.

Os acontecimentos chegam ao seu epílogo e se inicia a série de declarações dos altos oficiais deslegitimando "democraticamente" o governo de Chávez. Nessa fase declamam um por vez, seja para dar maior ênfase ao discurso político, seja para manter desperta e concentrada a opinião pública. As pessoas teriam de crer que, de um primeiro núcleo de militares dissidentes, lentamente todas as Forças Armadas se rebelavam contra um governo que estava levando o país a um obscurantismo de outros tempos, em direção ao "castro-comunismo". Mas talvez também tenha havido uma causa não muito ideológica ou patriótica entre as motivações desses altos oficiais, já que os EUA financiaram a "campanha" com 20 milhões de dólares, ao menos até 2002, e, sucessivamente, com uma contribuição à causa da democracia de mais de 60 milhões de dólares até 2004. E as coisas não terminam por aqui! Os EUA se comportam como um bom jogador de loteria que aposta sobre a extração de determinado número: para recuperar as apostas perdidas, cada semana duplica a aposta!

No dia 7, Pedro Sota, coronel da Aviação, aparece na televisão e pede a Chávez que renuncie a seu mandato. Todos os meios de comunicação da oposição transmitem ao mesmo tempo o acontecimento, com comentários e entrevistas a militares, comentaristas especialistas não importava em que, mas especialistas. Ninguém pensa que é algo casual, e sim que é algo programado. O coronel é quase elevado à honra dos altares e se converte em herói nacional por alguns dias, exatamente até o dia 18 do mesmo mês. Depois da Aviação, vem a Marinha.

Não se sabe se a ordem de aparição desses militares foi determinada por alguma lógica mais ou menos perversa, sugerida pela CIA, ou foram apenas organizadas aleatoriamente para não privilegiar ninguém. O locutor da vez, no dia 18, é Carlos Molina Tamayo, um vice-almirante obviamente da Marinha. Ele assegura que a relação com Cuba e o consequente distanciamento do amável abraço materno de estrelas e tiras está colocando o país

em enormes riscos, e que, portanto, seria oportuno que Chávez renunciasse pacificamente e acabasse assim com o incômodo da sua presença. Sobre este personagem há que dizer que, até a chegada de Chávez, havia se ocupado da aquisição de armas e munição dos EUA, obviamente, por parte das forças armadas venezuelanas. Como todo "moço respeitável", ele sempre atuou pelos interesses da pátria e, nunca mais, por interesses pessoais. Deus nos salve disso! Infelizmente pra ele, Chávez bloqueia todos os gastos, militares e não militares, incluindo aqueles referentes à compra de modernos armamentos ligeiros e munições. Antes de qualquer nova aquisição, Chávez exige estar ciente de tudo.

Isaac Pérez Recao é um jovem filho da nobre estirpe que recebera um patrimônio de um bilhão de dólares, dentre o qual está a empresa petrolífera Venoco. É primo daquele Juan Pablo Pérez Alfonso, fundador da Opep, ministro de Minas nos tempos de Betancourt. Recao agora vende armas, atua como intermediário nos EUA e estranhamente é íntimo amigo do vice-almirante. Os casos da vida... Com a decisão do governo atual os dois se veem, obviamente, privados dos fartos ganhos. Deixo-os imaginar o quanto esse pesado acontecimento elevou o grau de apego à democracia e de ódio ao castro-comunismo do nosso atual herói. Mas há ainda outra circunstância curiosa envolvendo Isaac Pérez Recao, que, repito, é proprietário da sociedade petrolífera Venoco: Pedro Carmona Estanga foi funcionário desta empresa. Um empregado seu, por fim.

Em 18 de fevereiro de 2002 o vice-almirante Carlos Molina Tamayo e o coronel Pedro Soto recebem a soma de 200 mil dólares de uma entidade estatal estadunidense através de um depósito feito em um banco de Miami, como antecipação para encaminhar as operações contra Hugo Chávez. Um ganho justo pelas suas declarações públicas, não? Washington decide substituir antes do tempo previsto a embaixadora Donna Hrinak, por motivos evidentes. Depois de uma atenta seleção de meses, o escolhido foi Charles S.

Shapiro, que oferecia todas as garantias em questão para "ajudar" a oposição a se livrar de Chávez. A chegada de Shapiro, em 25 de fevereiro, não passa desapercebida, e entre os fiéis de Chávez há certa inquietude. Já está claro que havia um golpe em preparação, mas o inexperiente grupo das novas estruturas políticas não consegue localizar nem prevenir o inevitável.

Shapiro já tinha mais de 20 anos na América do Sul, mas um precedente realmente alarmante é o fato de que ele fora assessor militar da embaixada dos EUA no Chile durante o golpe contra Salvador Allende; com essa experiência no currículo, quem melhor poderia assessorar a oposição?

O golpe, de fato, ocorrerá com uma sequência de acontecimentos exatamente iguais, estranha coincidência, aos que ocorreram no Chile em 11 de setembro de 1973. Parece que o dia 11 tem um valor mágico e negativo para a CIA: 11 de setembro de 1973, 11 de setembro de 2001, 11 de abril de 2002. Esperamos para saber qual será o próximo.

Enquanto isso eram intensificados os contatos entre os membros do grupo operativo do qual fazia parte Carlos Ortega, Isaac Pérez Recao, Molina e outros militares, e, naturalmente, Pedro Carmona Estanga, que mais tarde seria chamado de "o tonto útil".

Março de 2002

3. A tríade

No dia 5 de março, perto da sede da Conferência Episcopal Venezuelana, houve uma espécie de conselho entre os responsáveis do iminente golpe, isto é, a CTV e a Fedecámaras. Os meios de comunicação se limitaram à organização e difusão midiática do evento.

Ao final dessa reunião, foi emitido um comunicado no qual eram colocadas as bases de um governo de transição, dando por certa a saída de Chávez. Em um país onde várias eleições políticas definiram de modo inequívoco a vontade popular, uma minoria se deu o direito de ditar a sorte do país em nome de um conceito de democracia que se parecia mais com um regime nazifascista. Deste documento, extrairei os pontos mais significativos:

> A superação da pobreza, cuja gravidade não afeta apenas as suas vítimas, mas também o respeito do país, não tem que ser vista como uma consequência, e sim como um propósito concreto, o principal objetivo e marco moral de um empenho de toda a República.

Depois de 40 anos de democracia... colonial, redescobre-se nos opressores de sempre o sentido social e a solidariedade! Mas sigamos.

> A criação de novos postos de trabalho, o crescimento contínuo dos salários, o aumento da produção, a produtividade pública e privada, a competitividade e a responsabilidade cidadã, são indispensáveis para aproximarmo-nos como sociedade do alcance de metas legítimas e realistas.

Estas bonitas palavras abrem o coração à esperança! Mas o que querem dizer?

> Por tudo isso pareceu indispensável um acordo entre as organizações mais representativas dos trabalhadores (CTV) e dos empresários. Este acordo tem que penetrar e expressar o sentimento da maioria dos trabalhadores e empresários e não deve serparar-se em nível de gestão. Agradecemos à Igreja [Católica] por sua presença como força espiritual e aval moral, como defensora dos pobres [!] e elemento que facilita o diálogo entre os muitos setores sociais.

Forma elegante para expressar uma magnífica hipocrisia. Melhor se tivessem identificado, para maior clareza, os "muitos

setores sociais", como clero, nobreza e terceiro Estado! E a gentalha? E os chamados marginais? Quando foram consultados seriamente em um diálogo?

E agora a peça forte.

> Necessitamos de investigações e dos aportes mais recentes de que dispõe o mundo acadêmico. Por isso pedimos a participação do mundo acadêmico na formação de grupos de trabalho com os melhores talentos e estudiosos em muitos centros de educação superior.

Isso poderia ser verdade em uma sociedade na qual o acesso à educação fosse igual a todos, mas, certamente, esse país idílico não era a Venezuela de 2001, onde aos pobres foi, de fato, impedido o acesso à universidade. Então o que quer dizer esse discurso? Simplesmente que o país tem que voltar a ser conduzido pelos iluminados da oligarquia, sobretudo a que saíra com um bonito diploma de uma universidade católica, como a Universidade Católica Andrés Bello, a Ucab.

> Os meios de comunicação social são vozes vigilantes do trabalho do governo e da vida privada e, na prática, constituem um grande fator de socialização política. Hoje estão desempenhando corajosamente um papel central na formação da consciência crítica da sociedade. Na tarefa de construção do futuro, muito mais do que a denúncia, é necessária uma visão compartilhada dos objetivos comuns nacionais, assim como a estratégia para alcançá-los.

Ali está a futura glória das "quatro TVs irmãs".

Em nenhum país do mundo eu havia visto um emprego tão desleal dos meios de comunicação como na Venezuela, onde, em nome de uma muito abusada liberdade de imprensa, é permitido mentir, caluniar impunemente e incitar a violência. Na Venezuela, a apologia aos crimes é o esporte preferido da oposição e todos eles se sentem no dever de difundir golpes e atentados como se fossem brincadeiras de criança.

> A VTV e Fedecámaras, organizadores deste trabalho, estão conscientes de que o resultado do acordo irá ser colocado a serviço de todos, sem sectarismos, e valorizará o papel de cada um sem tratar de substituí-lo.

Esta parece a reedição da velha Constituição, a de Punto Fijo! Todos juntos, apaixonadamente. E agora vemos quais foram os dez pontos do acordo, o decálogo do século 21. O novo governo de transição deveria atuar sobre esses dez pontos; Chávez, obviamente, já está fora do jogo.

- A superação da pobreza. As ideias que estão nesse capítulo são no fundo as mesmas do programa social do Chávez, com a diferença de que o presidente, além de só falar, está colocando em prática as táticas, as estratégias e o poder (econômico) necessários para alcançar o mais brevemente possível esse objetivo. Na visão carmoniana, o emprego deve ser conseguido facilitando-se os investimentos, sobretudo estrangeiros, enquanto Chávez opta por um desenvolvimento interno das tecnologias e da produção, para tornar a Venezuela totalmente independente das atávicas sujeições.
- Planos de inclusão e unidade nacional. É como dizer: nos entreguem a PDVSA!
- Há que ser civil, democrático e constitucional. Mas adianta-se que a nova Constituição, a vigente, deverá ser radicalmente modificada. Serão definidas as bases dos novos partidos políticos, expressando uma renovação da CTV e Fedecámaras, para devolver às duas organizações – pensem gente, pensem – mais democracia!
- Há que ser pacífico e tolerante. Renegam-se todas as formas de violência (à oligarquia, imagino).
- As Forças Armadas e seu papel. Outro retrocesso à velha Constituição.
- Eficiência, produtividade e transparência da política pública. A reforma institucional será radical e orientada a informar ao povo; os excluídos não são e nunca foram considerados povo.
- Equilíbrio e complementaridade entre Estado e sociedade.

- Capital, trabalho e consumidores. Volta com toda força os preceitos neoliberais, como dizem as palavras de uma canção italiana: "(...) *come prima, più di prima* (...)", que quer dizer, "como antes, mais do que antes".
- Construir um verdadeiro acordo.

E *dulcis in fundo* [depois do purgatório a redenção – latim]:

> (...) convidamos a Igreja Católica e os muitos grupos religiosos (Opus Dei e outros do gênero) para que nos tragam o melhor de sua inspiração espiritual. Invocamos Deus para que proteja o país e nos dê força, constância, sabedoria e prudência para alcançar com união todos os objetivos planejados. Temos a certeza de que, unidos e sem sectarismo, poderemos alcançá-los.

É lamentável que de todos esses nobres propósitos nenhum deles tenha sido aplicado. O objetivo real era eliminar Chávez e todas as suas obras, voltando a 1998, o restante era pura demagogia. Mas o que têm em comum os três que, de mãos dadas, estão desencadeando uma série de acontecimentos dramáticos e desastrosos? Carlos Ortega é um ex-trabalhador que se envolveu em um ambiente de tipo mafioso, organizando as cúpulas sindicais de maneira que pudesse chantagear a PDVSA e aos empresários. Os empresários, por sua vez, preferiram comprar poucos sindicalistas que pagar o que deviam aos trabalhadores. Além disso, conseguiu rentáveis contatos com Carlos Andrés Pérez e as organizações estadunidenses interessadas no golpe, e estão colocando nos seus bolsos muitos milhões. Pedro Carmona Estanga, presidente da Fedecámaras, é ex-funcionário da Venoco, indústria petrolífera da família Recao. Os dois, ambos bastante mesquinhos, têm em comum uma desmedida ambição e muita sede, sede de dólares, na minha visão. Justamente por essas duas qualidades é que os verdadeiros regentes da orquestra golpista puderam aproveitar-se deles, já que buscavam quem se

expusesse em seu lugar, assumindo os riscos intrínsecos a uma ação desse porte; e permanecendo eles, os verdadeiros donos, em local seguro.

Difíceis de entender são as motivações do monsenhor. Serão as mesmas que empurraram Ricardo Coração de Leão a organizar as cruzadas contra os infiéis? Com muita pena confesso que nunca consegui encontrar nada de nobre ou ao menos aceitável em suas ações. Num outro dia, a embaixada dos EUA em Caracas enviou um cabograma a Washington, à CIA, à DEA (Administração de Repressão às Drogas), ao NSC (Conselho Nacional de Segurança) e a outras entidades. O título do cabograma foi mais ou menos esse: os sindicatos, o setor empresarial e a Igreja Católica anunciam um pacto de transição. E o texto era o seguinte:

> A sociedade que conta na Venezuela se reuniu no dia 5 de março para escutar os representantes da CTV (Confederação dos Trabalhadores Venezuelanos), da Federação das Câmaras de Comércio e os altos representantes da Igreja Católica como representantes das correspondentes categorias, por um acordo democrático [o que foi decidido por um grupelho pode ser chamado de democrático?] e estabeleceram dez princípios sob os quais será regido o governo de transição, depois de Chávez. Esse acordo representa um passo importante para a oposição que sempre condenou Chávez, mas que até agora não havia tomado nenhuma posição coerente.

Até aquele momento o governo dos EUA investira muitos milhões de dólares para financiar os partidos da oposição, a CTV e algumas organizações da assim chamada sociedade civil, e agora começava a ver os frutos. O NED, Fundação Nacional para a Democracia, foi e ainda é bastante ativo, conseguindo fundos e assegurando os contatos entre os mandantes estadunidenses e os executores venezuelanos. O empenho financeiro sustentado pelos Estados Unidos para eliminar Chávez foi de mais

de 20 milhões de dólares até 2003, pagos aos opositores. Estas cifras são reais e provas podem ser encontradas em documentos oficiais dos EUA que vieram a público. Intensificaram-se as reuniões dos membros principais e muitas delas eram realizadas na casa de Isaac Pérez Recao. Foi ele quem impôs as condições, estabeleceu os papéis de cada um e entregou o papel de presidente da nova junta a Pedro Carmona. Este último não foi o único a representar o "tonto útil" porque também Carlos Ortega e companhia acabaram por exercer o mesmo papel. Certamente o bilionário, com contatos nos altos cargos do Departamento de Estado, no Vaticano e na Opus Dei, amigo dos Cisneros e de grande parte dos infinitos venezuelanos em Miami, não tinha nenhuma intenção de dividir as honras e os frutos do seu trabalho com a gentalha a que, ao fim e ao cabo, pertenciam Carlos Ortega e seus sócios. Assim começam as discordâncias sobre a repartição do bolo e os membros da CTV são acalmados com promessas genéricas.

Dias 5 e 7 de abril de 2002

Os oficiais golpistas localizaram os batalhões fiéis ao presidente e, aproveitando-se de suas patentes superiores, rapidamente os neutralizaram. Para isso, inventam um treinamento militar e enviam-nos para fora de Caracas do dia 5 ao dia 18 de abril.

No dia 7 de abril, a CTV, com a presença de Pedro Carmona, anuncia uma greve geral. Naquela ocasião, Miguel Enrique Otero, proprietário, entre outras coisas, do jornal *El Nacional*, declara-se favorável à greve e, falando em nome de toda a imprensa venezuelana, diz que ele e seu jornal se sentem implicados nessa luta em defesa da liberdade de expressão.

Talvez valha a pena ressaltar aqui que o embaixador dos EUA, Charles Shapiro, alguns dias antes havia visitado os escritórios do bloco da imprensa venezuelana, BPV, na sua sigla em

espanhol, além de visitar também a associação de editores. Que haverá dito ele? Naquela ocasião, o porta-voz do CEV foi o padre Mikel de Viana, um dos mais extrovertidos e decididos depreciadores de Chávez. Um intelectual.

Dia 8 de abril de 2002

Um primeiro episódio ocorrido nesse dia nos dá a certeza de que as grandes manobras já estavam em curso. Pela manhã, o general Vásquez Velazco chega à base da 42ª Brigada de Paraquedistas de Maracay, no Estado de Aragua, cuja instalação militar dispõe de aviões F-16. Essa base está sob o comando do general Raúl Isaías Baduel, fiel amigo de Chávez, e, portanto, potencialmente perigoso. Velazco chega com uma equipe de militares para investigar sobre uma muito improvável conspiração contra o governo, de Chávez! A conclusão da investigação falsa é de que dois comandantes da unidade operativa eram não só sérios suspeitos, como seriam incriminados.

Naturalmente, não houve nenhuma conspiração, mas a manobra teve o objetivo de excluir Baduel do comando e substituí-lo por outro general, golpista. Realmente, a incriminação dos dois oficiais podia significar ou que Baduel foi incapaz de inteirar-se do que ocorria sob os seus olhos ou que ele mesmo teria de ser cúmplice da assim chamada conspiração. Em todo caso, seria indispensável substituí-lo. Tratou-se de colocar outra peça do mosaico em seu lugar. Só que substituir Baduel não era uma tarefa tão fácil, visto que nos três batalhões dos paraquedistas de Maracay militavam homens que participaram da tentativa de golpe de Chávez, o 4F. Estes fatos ocorrem em consequência da oposição assumida dias antes por Baduel, quando alguns notáveis que não mencionam os nomes o contataram insistentemente dizendo-o que algo deveria ser feito para solucionar a crise do país, e queriam incitá-lo a participar do golpe. Não é necessá-

ria muita imaginação para localizar tais notáveis como as mesmas pessoas a que Guaicaipuro Lameda e Rosendo haviam manipulado. Visto que, sobre essa questão, Baduel era irredutível e se mantinha fiel aos princípios constitucionais, experimentaram outros recusos para tirá-lo de seu posto de alguma forma, o que felizmente não ocorreu.

Outro fato sintomático ocorreu no hotel Meliá de Caracas, pela noite, onde houve uma festa oficial, organizada pelo corpo diplomático, para saudar a um adido militar chinês que, concluído seu mandato, iria repatriar-se. Estiveram também presentes alguns dos adidos militares das outras missões diplomáticas. Durante a festa ocorreu uma coisa estranha, no momento não avaliada como merecia, mas, depois, a luz dos fatos serviu para clarear os acontecimentos. Nessas festas, como é costume, o uísque é farto e todos terminam muito alegres e... diplomáticos. Reúnem-se em grupinhos onde fazem os mais diversos comentários, trocam informações inúteis sobre comidas e bebidas, fala-se de mulheres etc. Com isso, e tratando-se de um ambiente diplomático, sempre há a suspeita de que estão ali espiões e serviços secretos, como bem nos ensinam os filmes de James Bond – e, nesse caso, de fato podem ocorrer coisas assim... Entre os personagens que estavam na exclusiva e luxuosa sala do hotel estava também um oficial da Marinha dos EUA, David Cezares, adido militar da embaixada dos Estados Unidos.

Na Venezuela há o costume de se utilizar, como sobrenome, o paterno seguido do materno, mas os oficiais levam sobre sua roupa, como identificação, uma etiqueta dourada (ou de bronze) apenas com o sobrenome paterno. Um dos oficiais do alto escalão que teve uma parte ativa notável, seja na organização ou na execução do golpe, foi o general Néstor Gonzáles Gonzáles, de mãe e pai com o mesmo sobrenome. Bastante alto, careca, com um currículo militar respeitado por haver servido o seu país por mais de 30 anos sob diversos presidentes, dentre os quais Car-

los Andrés Pérez y Rafael Caldera. Sob a presidência do odiado Chávez, um pobre ex-tenente-coronel que agora se convertera em seu "comandante em chefe", tinha o cargo de diretor do pessoal militar e comandante de todas as escolas do Exército, enquanto, segundo ele, merecia outra classe de honras. Por casualidade, naquela tarde, este senhor esteve ausente, não pôde participar do acontecimento, perdendo, assim, os abundantes tragos.

Por outro lado, esteve presente outro general, exatamente o general Roberto Gonzáles Cárdenas, e obviamente seu crachá de identificação levava apenas o nome de "Gonzáles". Ironias do destino, este é também calvo, mais ou menos alto como o outro Gonzáles e quase da mesma idade, só que esse general não tem relação nenhuma com o golpe. Então, o pobre David Cezares, com seu copo de uísque em mãos, vai falar com o Gonzáles errado. É calvo, veste uniforme de general do Exército, a etiqueta mostra "Gonzáles", portanto é ele! Aproximando-se como se não quisesse ser visto, casual e sorridentemente, mas com tom bastante aborrecido, dirige-se ao Gonzáles mais ou menos nesses termos:

> Por que não fez contato ainda com os barcos deslocados nas costas do país? E com o submarino no fundo em frente ao La Guaira? O que está acontecendo? Por que ninguém apareceu ainda? É possível saber o que estão esperando?

Imaginem a surpresa do pobre Roberto!

Teve que pensar que era uma piada ou mesmo que o bom David estava embriagado. Foi salvo por um adido militar brasileiro que se aproximou para cumprimentá-lo enquanto já se retirava da festa. David Cezares se dá conta da reação bastante surpresa do general e desconfia de que havia metido os pés pelas mãos... Para tratar de ter certeza do engano, dirige-se ao capitão Moreno Leal, da Marinha venezuelana, o primeiro que vê, e pergunta, indicando o general Gonzáles: "Me desculpe, aquele homem é o general Gonzáles, o mesmo que prestou serviço na zona

fronteiriça com a Colômbia?" E o capitão Moreno responde: "Sim, é ele mesmo, o general Gonzáles, mas não sei onde prestou serviço". Convencido, portanto, de que aquele era o "seu" Gonzáles, entre uma volta e outra, tratando de não chamar atenção, continua a interrogar Roberto, que não sabe como reagir. Depois da enésima demanda de saber por que ainda não haviam feito nenhum contato, o general respondeu, muito diplomaticamente: "Averiguarei".

Saindo da festa, os dois se encontram uma vez mais no elevador e David Cezares diz: "General, tudo isso tem um custo operativo. Espero uma resposta sua". E o pobre David estava convencido de que Néstor Gonzáles Gonzáles se fizera de distraído por algum motivo, enquanto o general venezuelano tinha a certeza de que o estadunidense, completamente bêbado, acreditava ser o James Bond. Anos depois, exatamente em 4 de maio de 2003, no *Última Notícia*, um jornal de Caracas, apareceu essa história, e em seguida o James Bons-David Cezares, que ainda estava na Venezuela, foi rapidamente tirado de seu posto e enviado ao Chile.

Dia 9 de abril de 2002

Carmona Estanga encontra-se já há vários dias na Espanha em função de reuniões de trabalho com a Confederação de Organizações Empresariais Espanholas (Ceoe). Nessa viagem, ele se reúne com a cúpula dos grupos de bancos que têm interesse na Venezuela e que estão sendo obrigados a reembolsar milhões de dólares, por uma lei recente de Chávez, pois seus mútuos indexados foram declarados ilegais. No dia 9 de abril, recebe da Venezuela uma ligação na qual é comunicado que o momento muito esperado chegou. Pedro Carmona cancela uma reunião com ninguém menos que o ministro de Assuntos Estrangeiros espanhol, vai a Madrid, onde, antes de tomar o avião que o levaria de volta

à pátria, visita uma casa de costura de artigos militares e retira a faixa presidencial que encomendara com a sua medida já há vários dias! Ele previa vesti-la o quanto antes!

Nesse momento, a Venevisión se converte em centro nevrálgico e quartel general dos golpistas. O jornalista Nelson Bocaranda é instalado permanentemente na estação televisiva, cujos executivos pedem à OEA que proíba a exibição do presidente em cadeia nacional, já que esse seria o único recurso do governo para fazer chegar sua voz a todo o país. O Canal 8 não tinha cobertura 100% e as "quatro TVs irmãs" só transmitiam o que pudesse degradar a imagem do governo.

O general Néstor González González entra em cena e faz uma declaração bastante pesada contra Chávez, aludindo à marcha e dando presságios de iminentes acontecimentos decisivos no país. Esta declaração teve o objetivo de obrigar o presidente a ficar na Venezuela e evitar sua saída para a Cimeira do Rio na Costa Rica. A ausência do presidente teria frustrado o plano que tinham, que previa, como desfecho, a renúncia obrigatória do presidente Chávez.

O plano preparado com a assessoria de Francisco Arias Cárdenas, consegue o objetivo estabelecido. O presidente não pode sair do país, e esse ato daria a impressão de uma fuga, ou, no mínimo, daria a impressão de estar eximindo-se de sua responsabilidade. Outro acontecimento é averiguado durante a noite. A oposição organizou uma manifestação em Chuao, em Caracas, diante da sede dos escritórios da PDVSA. De um palanque, os dirigentes políticos se alternavam, discursando à multidão e instigavam-na aos direitos do 11 de abril. Uma das animadoras mais fervorosas desta manifestação foi, sem dúvida, a dra. Ruth Capriles Mendez, pesquisadora e assessora em metodologia, membro da "rede de coordenadores" da Universidade Católica Andrés Bello, em Caracas. A Ucab mais uma vez. Dessa universidade, querida da Opus Dei e administrada

pelos jesuítas, saem a maioria dos atores do golpe, como os membros do partido Primeiro Justiça e os mais importantes personagens da vida pública e cultural venezuelana. Da Ucab se ramificam os fios invisíveis que conectam toda a oligarquia venezuelana com o Departamento de Estado dos EUA e com a CIA. Todos eles tinham, e ainda têm, os mesmos objetivos: evitar que o socialismo se instale na América do Sul e cuidar para que a extrema direita siga administrando os governos do continente.

Ruth, contudo, autora de muitos livros sobre a corrupção na Venezuela, não me parece que em algum momento tenha se descabelado pela ampla corrupção no país até a chegada de Chávez à Presidência. A estrutura dos observadores da Ucab tem como lema "favorecer a busca da verdade no campo jurídico por meio da pesquisa, realizando, assim, o objetivo essencial da Universidade Andrés Bello". Muito bonito, não?

Em julho de 2001, Ruth publica um longo artigo na revista *Probidad*, no qual sustenta que com a nova Constituição, com poucos meses de vida, todos se sentirão desorientados e não haverá maneira de lutar contra a corrupção, enquanto até o ano de 1998... Faz parte da direção da Associação Venezuelana de Sociologia e é presidente da Sociedade Venzuelana de Sociologia do Direito. Por fim, é uma intelectual de alto nível. A senhora Ruth Capriles Mendez, numa determinada hora da noite, em torno das 19h30, quando os ânimos ainda estavam quentes, diz, textualmente, essas palavras que puderam ser escutadas ao vivo por uma transmissão televisiva: "(...) os jovens me informaram que estão saindo da embaixada de Cuba armados. Que da embaixada de Cuba estão saindo maletas pretas com armas. Não queremos violência (...)". Palavras ditas em tom enfático e alarmado. Sem dúvida uma boa atriz. E vejam, por volta das 22h da mesma noite, desconhecidos lançam um coquetel molotov contra a porta da embaixada cubana!

A jornalista de uma das "quatro TVs irmãs" que naquele momento estava transmitindo o acontecimento, retoma em seguida com estas palavras, também textualmente: "(...) durante a tarde estavam transportando grandes maletas. Muitas pessoas entraram na embaixada cubana e estão saindo levando maletas muito grandes, pretas, como se transportassem armas". Agora se encaixavam outras peças. Apresentava-se à opinião pública um quadro alarmante de violência. Os simpatizantes de Chávez estariam se armando, preparando-se portanto para responder com violência à marcha "pacífica" que aconteceria em poucos dias. Foram vozes descaradamente falsas porque não eram, seguramente, armas o que faltava ao governo – não haveria necessidade de abastecer-se na embaixada cubana. Mas com isso, envolveu-se Cuba na história, em agradecimento pelas ajudas financeiras indubitavelmente enviadas pelos expatriados cubanos em Miami, e preparava-se as ruas para a violência dos dias seguintes. Mas a frase mais impactante pronunciada por essa senhora, gritada com furor, foi: "(...) nunca vou engolir um presidente negro!" De fato Chávez tem traços de um verdadeiro venezuelano, não podemos negar.

A Venevisión aluga, com documentos e recibo de pagamento, a cobertura de um edifício nos arredores de Miraflores, de onde se tinha uma ampla vista da Avenida Urdaneta y Baralt. Nessa cobertura serão colocadas as câmeras que acompanhariam ao vivo os acontecimentos de 11 de abril. Evidentemente a Venevisión tinha certeza de que a marcha já havia chegado àqueles lados.

O dia 10 de abril de 2002

Estão em curso os últimos preparativos da marcha da oposição, que acontecerá no dia seguinte. O objetivo declarado é protestar para a gestão da PDVSA estar nas mãos do governo e reafirmar a meritocracia, isto é, dizer que o governo, como único proprie-

tário da PDVSA, não pode e não deve exercer nenhum direito sobre a organização, a gestão e o controle da empresa (que deveria seguir sendo administrada como sempre foi), e sim, agir como os governos anteriores que nunca puderam (ou não quiseram...) realizar auditorias. Mesmo que os custos de gestão superassem em 65% o ingresso, enquanto todas as sociedades petrolíferas existentes no planeta tenham custos inferiores a 35%, a direção não deve ser trocada! Para nós, pobres mortais, é difícil entender de qual meritocracia estão falando.

Já há alguns dias, as "quatro TVs irmãs" martelavam 24h sobre o mesmo tema: "nem um passo atrás"; "todos à marcha pela liberdade, pela democracia, pela meritocracia etc.". As entrevistas com gente da oposição se multiplicam, de Chávez não se fala a não ser em sentido negativo e a sinfonia golpista para o "crescendo" final.

Todos os discursos da oposição tiveram como finalidade a renúncia de Chávez. Todos os golpistas insistiram que, pelo bem do país, ele deveria, sem delongas, livrá-los da sua incômoda presença. As ameaças mais ou menos evidentes dos dias anteriores ficam muito explícitas. As entrevistas a especialistas e afins são contínuas e se assiste, assim, ao desfile de corruptos e traidores velhos e novos que, com pesar que o dramatismo dos acontecimentos revela, mostram ao país sua melhor luz patriótica. Só que toda essa gente teria melhor se apresentado se envolta na bandeira de estrelas e tiras.

Assim desfilam Luis Manuel Miquilena Hernández, ex-amigo de Chávez, que se amarga pelo fato de seu ex-pupilo não ter aceitado os seus sábios conselhos, isto é, trair o povo e colocar-se em acordo com os ladrões de sempre. Esta controvertida figura de mais de 80 anos se disfarçou de bolivariano revolucionário, atuando, de fato, no melhor estilo dos velhos políticos. Apegou-se a Chávez nos tempos de sua reclusão em função do golpe de 4 de fevereiro de 1992, e, aproveitando a grande estima e con-

fiança de Chávez por ele, o traiu sem nenhum escrúpulo. Brigou muito para colocar no Tribunal Supremo figuras de ideologia antibolivariana, de sua exclusiva confiança, e associou-se com Tobías Carrero no Multinacional de Seguros, utilizando depois a sua influência para repassar a esta companhia apólices de seguro de alguns serviços do Estado, ganhando muitos dólares. Por essa operação foi processado por tráfico de influências e conseguiu safar-se impunemente. No mês de dezembro de 2001, o senhor Luis Miquilena viaja aos Estados Unidos para um controle médico bastante improvável, que escondia outros objetivos. Naquele tempo ocupava o cargo de ministro do Interior e Justiça. No seu retorno dos EUA, vai a Miraflores e diz a Chávez que chegou o momento de parar de refletir o porquê das leis promulgadas estarem gerando conflitos, que estava na hora de voltar atrás e anular a maioria delas. Essa mudança repentina foi a razão pela qual Chávez pede a ele que se afaste da revolução e deixe seus cargos políticos. É evidente que Luis Miquilena se assustou pelo que já havia sido avisado nos EUA. O amigo, quase pai, torna-se, nesse momento, inimigo de Chávez, cuja culpa foi a coerência.

Também marcamos entre os novos inimigos o gordo constitucionalista Hermán Escarrá, um jurista e constitucionalista que num primeiro momento apoiou Chávez e depois, aprovada a nova Constituição, mudou de time, sem dúvida porque não se sentiu suficientemente recompensado. Com seu linguajar refinado, repleto de termos legais, tratou de montar uma tese de inconstitucionalidade e ilegalidade das leis promulgadas. Não pôde faltar o parecer dos oficiais golpistas, que exaltaram uma pátria deteriorada por aquele estúpido, ignorante e totalmente incapaz comandante em chefe, que demonstrou, em todas as esferas, ser pura e simplesmente um ex-tenente-coronel.

Depois vêm os comentaristas e jornalistas como a família Poleo; Rafael, o pai, e Patrícia, a filha; que se lançam a desmedidos elogios aos militares rebeldes. Rafael Poleo foi uma espécie de

agente da CIA nos anos de 1970, e diz-se que ainda recebem dinheiro do órgão. A greve em marcha e todas estas declarações de guerra colocam o governo em estado de alerta, mas ele, de fato, não consegue tomar as medidas necessárias e eficazes, limitando-se a, por volta das 12h30, colocar a polícia em estado de alerta. Qualquer dos governos anteriores, muito queridos dos EUA, e a alta hierarquia da Igreja Católica, haveria usado as Forças Armadas para reprimir com sangue cada tentativa golpista. Talvez equivocando-se, Chávez não quis usar as armas contra as pessoas inermes, fiel a um lema seu, citando Simón Bolívar: "maldito seja o soldado que usa as armas da Pátria contra o povo".

Pressionada pelos acontecimentos, a CTV, com Carlos Ortega em primeiro plano, e cada vez mais quixotesco, acompanhado sempre de Manuel Cova e semelhantes, contando também com a presença de Pedro Carmona, ameaça declarar greve indefinida se continuassem as agressões – inexistentes, por sua vez – contra os manifestantes. São 13h. Referem-se a episódios onde os grevistas queimavam pneus e erguiam barricadas nas ruas principais. Segundo as democráticas cúpulas da televisão, as ações dos grevistas foram a mais alta expressão da democracia, enquanto que as ações da polícia, que queria estabelecer a legalidade, eram agressões. Lembram-se do conto do lobo e do cordeiro?

Este tipo de declarações contra supostas agressões por parte dos órgãos do Estado acontecem durante toda a tarde. O objetivo é desorientar as forças públicas, dando luz verde aos grevistas. Tratou-se também de impedir o emprego dos lacrimogêneos, declarados pelos golpistas como ilegítimos e desrespeitosos aos direitos humanos. Neste clima, o general da Guarda Nacional, Rafael Bustillo, nas telas das emissoras golpistas, solicita aos militares não usar força contra os grevistas. São 14h. As TVs repetem esse esquema até às 19h, quando a CTV e a Fedecámaras declaram greve geral indefinida para conseguir o fim de Chávez.

A noite de 10 de abril

Na noite desse dia ocorrem alguns acontecimentos que dão uma clara noção do golpe, aportando provas incontestáveis que desmentem tudo o que se afirma sobre os Estados Unidos não terem nada a ver, ou que poderia tratar-se, como ainda creem muitos europeus, de um autogolpe de Chávez. Eu vivia na cidade de Ojeda, Estado de Zulia. Às 19h30 recebo uma ligação de Pedro P., um amigo de Valencia, que posso classificar de antichavista moderado. Transcrevo a conversa literalmente:

Pedro – Tens que ir a Caracas amanhã?

R. – Não, teria que ter ido, mas pelo visto, pelo que está acontecendo lá, adiei uma semana. Mas por quê? Quer algo de lá?

Pedro – É que me disseram que amanhã Chávez cairá e, portanto, preveem grandes desordens.

R. – Como conseguiu essa informação? Sei sobre a marcha, mas sobre Chávez cair... A informação é segura?

Sinto que meu amigo dá um profundo suspiro antes que continuasse.

Pedro – Hoje houve uma reunião da embaixada dos EUA com operadores do setor de peças de reposição da Mitsubishi e creio que com outros também. Concluída a reunião, Shapiro sugere a todos que, no dia seguinte, ao meio-dia, evitem passar perto de Miraflores porque se a marcha chegar até lá para expulsar Chávez, todos esperam uma reação violenta do governo.

R. – Por que, a marcha está armada?

Pedro – Não sei, isso é tudo o que me disseram. O que é seguro é que Chávez cairá amanhã, e que Deus nos proteja.

R. – Realmente, que Deus nos proteja! Porque, para mim, se Chávez cair será detonada uma guerra civil. Era só o que faltava...

Pedro – O que você pretende fazer?

R. – Se Chávez cair, a primeira coisa que farei será tomar o primeiro avião para a Itália. Em todo caso, esperemos os acontecimentos.

A embaixada dos Estados Unidos, certa do êxito do golpe, se expôs completamente. Soube o que havia ocorrido, soube que o objetivo da marcha era Miraflores, soube que haviam mortos e se preocupou justamente em advertir amigos e parentes de não se aproximarem dos acontecimentos.

Jorge Olavarría é um culto historiador, ex-chavista, que, como tantos outros, abandonou o presidente quando viu que os poderosos não estavam de acordo com a política praticada pelo governo. Tempos atrás, num discurso na Assembleia Nacional, lançou-se contra Chávez, concluindo que o país caminhava para uma ditadura, que era seu dever advertir os venezuelanos sobre esse perigo, não querendo ser cúmplice de tal crime. Aos olhos da oposição, portanto, ele era "um deles", muito qualificado para dar opiniões.

Às 20h recebe uma ligação de alguém que não quis revelar seu nome. Essa pessoa pergunta-lhe sobre a possibilidade de que recebesse em sua casa alguns amigos para discutir um tema de interesse para o país. Olavarría aceita e em seguida chega Daniel Romero, ex-secretário particular de Carlo Andrés Pérez e depois funcionário do grupo Cisneros, e David Brewer Carías, advogado de Pedro Carmona. Daniel Romero apresenta-lhe nada menos que o texto do decreto do governo de transição que dias depois seria lido, assim que Pedro Carmona Estanga assumir o cargo de novo presidente da Venezuela. Imaginemos sua surpresa e perplexidade. Em todo caso, Olavarría lê o documento e, ainda que esteja de acordo com a queda do governo, não tem a mesma posição sobre o conteúdo do decreto, e não quer nem corrigi-lo nem assiná-lo. Trata de convencer os colegas de que o decreto era "uma merda". A discussão se prolonga até as 21h e, sem con-

seguir resultado algum decide eximir-se de qualquer responsabilidade. Posteriormente comentará, em uma entrevista televisiva, que aquele documento foi redigido por um grupo de loucos.

Entre os que redigiram estavam, sem dúvida, Allan Randolph Brewer Carías, especialista em direito, com muitas publicações; a ex-presidente do Tribunal Supremo de Justiça Cecilia Sosa Gómez, que também fora presidente da "rede de coordenadores" da Ucab; o presidente da Comissão Andina de Notícias, Carlos Ayala Corao; os Cisneros e, obviamente, um tanto mais de intelectuais egressos da universidade católica. É lógico supor que aquele decreto, em cuja elaboração colaboraram tantas outras pessoas, esteve sendo elaborado por muito tempo, já que estava claro que nada havia sido casual, improvisado, fruto de circunstâncias imprevisíveis ou de um vazio de poder, e sim que tudo fora planejado há bastante tempo, e nos mínimos detalhes.

Otto Neustadt é um correspondente da CNN espanhola e trabalha na Venezuela. Sua esposa, Gladys Rodríguez, também jornalista, trabalha para a Globovisión, um dos canais que dirigiu o golpe. Uma das colegas da mulher, Lourdes Ubieta, que trabalha para a Televén, liga para Otto Neustadt às 21h e diz: "amanhã haverá uma reportagem sobre Chávez. A marcha chegará ao edifício de Miraflores, haverá algumas dezenas de mortos, e portanto os militares de alto escalão se pronunciarão contra o governo de Chávez e pedirão sua renúncia", e continua falando do acontecimento e o convida para que faça uma gravação para a CNN. Otto aceita com interesse, prepara o material e discute com a mulher, que não sabe o que dizer, pois não sabia de nada.

O ministro da Defesa, José Vicente Rangel, anuncia que Chávez falará ao país sobre a extensão da greve, mas às 21h40 é o próprio ministro quem fala em nome do presidente nas telas do Canal 8. Ele dirige um chamado às partes convidando-as a dialogar, a não lançar-se às aventuras golpistas que teriam efei-

tos desastrosos, mas seu pedido cai no vazio. Chávez se mantém num local escondido para sua segurança pessoal, e para que pudesse organizar as contramedidas que teria que adotar.

Durante toda a noite continua a martelação da publicidade pela marcha do dia seguinte. Todas as emissoras de televisão repetem infinitamente o *slogan* "nenhum passo atrás" e, como um refrão, "vá, vá… vá, vá, vá!", claramente referido a Chávez.

O plano golpista

Lourdes Ubieta é uma jornalista, e não uma adivinha. Portanto, como poderia ela saber que haveriam mortos e tudo o mais? Durante todo o dia 10 de abril, e por boa parte da noite, o grupo de comando dos golpistas se reunira para os últimos detalhes. Estavam presentes os militares Carlos Molina Tamayo, Néstor Gonzáles Gonzáles, Héctor Ramírez Pérez, o senhor das armas Isaac Pérez Recao, Pedro Carmona e seu grupo, além dos proprietários das redes televisivas e, naturalmente, alguns militares dos EUA e membros da CIA. Não temos como saber se aquela reunião, na qual foram decididas friamente as matanças de gente inocente, também estiveram presentes representantes da Igreja Católica; o que podemos lembrar é que nas reuniões onde foram tomadas as decisões mais importantes sempre estavam juntos Carlos Ortega, Pedro Carmona e o monsenhor Baltazár Porras.

O Forte Tiuna se transforma em quartel general dos golpistas. Isaac Pérez Recao organizara um grupo muito bem armado com equipamentos moderníssimos, fuzis lança-granada com pontaria telescópica e laser. Carlos Molina Tamayo é o responsável pelas operações militares. Este grupo de mercenários de uma empresa de segurança de propriedade de ex-agentes do Mossad teria a tarefa de operar como escolta armada dos novos figurões, de atemorizar os indecisos e ainda como comando no caso de intervenção de setores militares não alinhados. Depois

de acordarem os detalhes, a assembleia se encerra e passam em seguida para as disposições finais sobre o grupo de ação sob o comando de Molina Tamayo. Aquele foi um dia muito intenso para o vice-almirante e seu amigo: o estrategista e seu braço armado. Os mortos eram indispensáveis para tachar de assassino o presidente Chávez, e assim criar um ambiente "justificável" à ação planejada. Tudo tinha que mover-se sobre a onda da indignação popular para expandir-se logo para a esfera internacional. Esse *modus operandi* não é novo para a CIA.

Lembram-se quais foram os motivos que permitiram o início da Primeira Guerra do Golfo conta Saddam Hussein? Os EUA decidiram intervir em favor do Kuwait, mas necessitavam de apoio do Congresso e da opinião pública. De repente apareceu uma jovem de 15 anos, enfermeira no hospital da Cidade do Kuwait, que testemunhou, aos prantos, diante da comissão do Congresso, sobre um atroz crime cometido pelos soldados iraquianos. Os criminosos, tendo invadido a cidade, ocuparam um hospital onde arrancaram das incubadoras os recém-nascidos, atirando-os ao chão, rindo e fazendo piada enquanto os pobres bebês morriam pelo chão. A indignação foi geral e a guerra considerada justa e sacrossanta. Mas a jovem era filha do embaixador do Kuwait nos EUA, onde estudava para tornar-se atriz e seu testemunho foi uma atuação digna de prêmio Oscar, com direção conjunta do governo do Kuwait, do Bush pai e, naturalmente, da CIA.

Nossos personagens, para procurar os mortos, se valeram de franco-atiradores que teriam provocado as primeiras vítimas em ambas partes, e, assim, haveriam provocado a resposta violenta do governo e dos opositores. Isaac Pérez Recao coloca os homens, coloca as armas, a logística e se encarrega do adestramento. Esmeradamente são selecionados os edifícios de cujos tetos serão disparados os tiros. Teriam que estar nos arredores de Miraflores e ter no seu campo de tiro a entrada do palácio e a rua por onde chegaria a marcha. Cada um deles deveria provocar

ao menos uma morte; sete na primeira fase, pelo menos, como as sete estrelas sobre a bandeira da Venezuela. O resto viria como consequência. Uma das ordens era: necessitamos de jornalistas mortos; portanto, disparem sobre todas as câmeras que virem.

O general Rosendo

Manuel Antonio Rosendo era chefe do Cufan – Comando Unificado das Forças Armadas Nacionais, e foi o número dois na linha de comando, depois de Chávez. Isso demonstra a confiança que o presidente tinha nele. No caso de subversão da ordem pública as Forças Armadas elaboraram planos de intervenção já codificados para cada fase sua. Entre tais planos havia o Plano Ávila, que se referia à zona de Caracas, e o Plano Soberania, que dizia respeito ao resto do território nacional. Quando esses planos são aplicados, a linha de comando das Forças Armadas muda e passa ao Cufan. O chefe da entidade se converte no segundo na linha de comando, e se reporta única e diretamente ao presidente como comandante em chefe das Forças Armadas, que dele depende na ocasião.

Visto que era muito provável que fosse solicitada pelo presidente a aplicação do Plano Ávila, a oposição teve que levar para o seu lado o general Rosendo, que havia se convertido também em uma peça-chave para o golpe, porque sua deserção havia interrompido a linha de mando em um momento particularmente crucial e que, na prática, impediria a aplicação dos planos de contingência. Por outro lado, foi um assunto muito econômico para a oposição porque foram suficientes ofertas de cargos em geral no novo governo e, de imediato, um bem recompensado emprego para sua filha em uma companhia de propriedade de um dos empresários golpistas. A companhia se chamava Intesa.

PARTE IV

11 de abril

Os acontecimentos principais se desenrolaram nos arredores imediatos do edifício do governo: Miraflores. É uma construção bastante recente, cuja história se inicia no final do século 19, exatamente em 1884, quando o general Joaquín Crespo se torna presidente. Ele queria construir uma nova residência para viver com a família, então compra um terreno numa zona chamada La Trina, nas ladeiras a sul do monte Ávila, em Caracas. A construção do edifício, que foi chamado inicialmente de La Trina, prolongou-se por 15 anos. Depois da morte de Crespo, um outro presidente, Cipriano Castro, em 1900, aluga o edifício, que leva o nome definitivo de Miraflores. Em 1911, é adquirido como edifício do governo e residência oficial presidencial, e o general Juan Vicente Gómez foi o primeiro presidente a habitá-lo. Em 1979, o palácio Miraflores é declarado Monumento Histórico Nacional. Hoje é apenas a sede executiva.

A organização da marcha

Até as 8h30 a jornalista Lourdes Ubieta liga de novo a Otto Neustadt e confirma a informação da tarde anterior. Diz que possivelmente os oficiais não serão mais que 20, mas que em todo caso será um grupo numeroso. Ela o convida a apresentar-se no

lugar onde os generais estariam reunidos, levando todos os equipamentos para gravar o acontecimento. Lourdes insiste na presença do correspondente da CNN porque as "quatro TVs irmãs" previram que o governo cortaria o sinal, e assim Otto se tornava extremamente útil pela possibilidade de enviar diretamente à CNN uma gravação do evento. Nada foi feito por acaso e era extremamente importante que o mundo fosse informado imediatamente do que estava a ponto de ocorrer.

O ponto de encontro não era na sede de uma emissora de televisão, mas em um escritório particular em Chacao-Bello Campo, um luxuoso bairro de Caracas. Um lugar anônimo justamente para evitar intervenções não desejadas e de onde se podia efetuar as transmissões ao vivo sem interferências. E, se ocorresse alguma dificuldade, a gravação do correspondente da CNN era fundamental. Otto e a mulher tomam um rápido café da manhã, carregam o carro com todo o necessário e se encaminham à reunião. Já são quase 10h e sobre Caracas resplandece um sol brilhante. Pela manhã os franco-atiradores tomam suas posições nos lugares marcados e já inspecionados dias antes. Foram eleitos o hotel Edén, usado por casais na busca de intimidade, na Avenida Baralt; o hotel Ausonia, em frente a Miraflores; o edifício La Nacional e mais a cobertura de um edifício perto da Esquina de Veroes. Antes das 13h os franco-atiradores já estavam com o olho na mira telescópica de seus fuzis de precisão.

Enquanto isso, Chávez se reunia em Miraflores com os mais fiéis colaboradores e ministros. No palácio estavam até seus pais. Tentavam avaliar o caráter dos acontecimentos, mas o governo não tinha todos os elementos para compreender a real periculosidade do que estava prestes a acontecer. As contramedidas ditadas pela inexperiência parecem frágeis balbucios se comparados ao *know-how* dos golpistas, sob o mando de criminosos incorrigíveis da CIA – podemos lembrar com certeza da sua atuação na maioria dos desastres sul-americanos, mas não só, notar

também seu impressionante currículo de homicídios, torturas e matanças realizadas sem pestanejar. Espera-se sempre um milagre, algo que fizesse a oposição desistir de levar os manifestantes a Miraflores. Nunca haveriam imaginado que os acontecimentos daquelas horas tivessem sido planejados com mais de um ano de antecedência.

Chávez tenta chamar o general Rosendo ao palácio, mas não consegue encontrá-lo. Contacta então o alto comando para receber informações, mas a maioria deles faz parte do complô e, portanto, as notícias são genéricas senão evasivas, e muitos deles se confundem nas respostas.

Os manifestantes, concentrados no Parque del Este, começam a desfilar em direção a Chuao. As imagens transmitidas pelas "quatro TVs irmãs" transmitem a nata da burguesia venezuelana em marcha rumo à conquista da liberdade, sobretudo mulheres, arrumadas em exagero com roupas esportivas e acessórios caros de marcas famosas; bonés, óculos de sol, bolsas e bandeiras venezuelanas.

4. A sociedade dos bairros ricos

Encabeçam a marcha Carlos Ortega e seu grupo, com os militares que tiveram as tarefas operativas como Molina Tamayo e Guaicaipuro Lameda, junto aos prefeitos das três zonas principais de Caracas, Leopoldo López de Chacao, Capriles Radonsky de Baruta e Alfredo Peña da Alcaidia de Caracas, cada um deles com seu segurança com armas de guerra, colete à prova de balas, alguns a pé e outros motorizados acompanhados de um segurança armado no banco da frente.

No entanto, antes que a marcha chegasse a Chuao, as "quatro TVs irmãs" declararam que o destino era Miraflores. A marcha pacífica, como será repetido à exaustão, teria ido ao edifício sede de governo para perguntar pacífica e educadamente se Chá-

vez poderia retirar-se de seu posto, e permitir assim que os velhos e novos chacais o ocupassem, depois de quase três anos de jejum forçado de poder. José Vicente Rangel, ex-jornalista, tenta ser a voz da sensatez e faz uma ligação telefônica a Alberto Federico Ravell, proprietário da Globovisión, e a Marcel Granier, proprietário da RCTV, e os comunica da preocupação de que a marcha estava aproximando-se de Miraflores e ali haviam milhares de simpatizantes de Chávez. Ressaltou que o choque entre os dois grupos poderia gerar graves consequências. Certamente, ainda que houvesse suspeitado, não podiam imaginar que era justamente esse o plano: deixar mortos sobre o terreno e atribuir a culpa ao governo. Os chefes, contudo, respondem que não poderiam fazer nada, que não dependia deles e que a vontade popular deveria ser respeitada. Se as pessoas presentes na marcha quisessem ir a Miraflores, tinham todo o direito de fazê-lo, e, para evitar problemas, seria suficiente tirar dali os chavistas (que evidentemente não têm nenhum direito).

Apenas uma observação: o senhor Federico Ravell foi um ex-ministro do OCI, o gabinete de imprensa do governo, no tempo da presidência de Lusinchi, outro presidente venezuelano corrupto até o osso. Este aristocrata presidente, como recompensa pelos favores prestados ao país por Ravell, deu-lhe a concessão da Globovisión.

5. Em Miraflores

Mais ou menos na mesma hora, por volta do meio-dia, Otto Neustadt chega ao local estabelecido, onde está presente a colega Lourdes Ubieta e outros jornalistas, além de um grupo de generais que, bastante agitados, olham repetidamente o relógio. Começa a organizar os equipamentos para a gravação, e, enquanto trabalha, vê uma garota que ele conhece, entre o grupo de militares, e

que transcrevia algo que eles ditavam. O vice-almirante Héctor Ramírez Pérez, que parecia o chefe, lê o rascunho da declaração e, junto aos colegas, faz algumas correções.

Enquanto isso a marcha chega a Chuao e, então, Carlos Ortega, presidente do CTV, grita: "todos a Miraflores para tirar aquele traidor!", junto com Manuel Cova, outro dos seus colegas corruptos. E assim sequestram a nutrida multidão de classe média, que se dirigia do Parque del Este a Chuao, para um novo objetivo, que era o centro do poder: o palácio de Miraflores.

A mudança de direção havia sido montada nas emissoras de televisão nos dias anteriores, com um áudio que convocava a multidão ao Parque del Este, mas com imagens que apresentam como meta Miraflores. Os canais comerciais de televisão mostram o general Guaicaipuro Lameda, ex-presidente da PDVSA, gritando: "a Miraflores", enquanto indica com um braço a nova meta, seguida pelos colegas e pelos alegres manifestantes. Para facilitar a mudança de direção alguém faz circular o boato de que Hugo Chávez caíra. Os gritos de exaltação criam uma onda crescente, e, além de gritarem "fora Chávez", começa a se escutar frases mais específicas como as que gritava a gentil senhora da imagem 6, com a transcrição na legenda: "Chávez assassino". Apenas passava do meio-dia e ali não havia mortos nem feridos. Mas Chávez era um assassino. Em dado momento, a liderança da marcha é tomada pelo comando formado pela polícia dos prefeitos golpistas e de gente fortemente armada que serviu de guarda-costas aos nossos novos libertadores. Em primeiro plano, está Molina Tamayo, com a tarefa de abrir passagem aos manifestantes.

6. Chavez assassino

Mas a marcha não era pacífica e desarmada?

Enquanto a marcha inicia seu último desfile, uma nuvem escurece o sol e um vento frio passa sobre Caracas. Os generais

Belisario Landi e Luis Rincón chamam ao celular Carlos Ortega e o orientam para que não continue até Miraflores, mas Ortega ignora a solicitação, encorajado pela importância da sua tarefa e embriagado pelo poder que estava exercendo.

Também Fredy Bernal, prefeito do município de Libertaros, das telas da televisão, pede moderação e adverte às graves consequências a que estão sendo expostos cidadãos tão distintos. Mas as pessoas estavam como que drogadas com sua própria adrenalina ou quem sabe pelas muitas mensagens diretas e subliminares que foram bombardeadas nas telas da televisão por tanto tempo. Somente poucas pessoas da oposição se deram conta do real perigo e abandonaram a marcha.

O verdadeiro objetivo

A multidão cada vez mais excitada se encaminha de Chuao para Miraflores. Passaram-se apenas alguns minutos desde o momento da retomada da marcha e, portanto, a poucos metros de Chuao, averigua-se um fato preocupante. Dois dos participantes da oposição são feridos com armas de fogo. São Eleazar Norvaez e Carmen León, que, sem escutar ruídos de disparo, são feridos nas pernas. No hospital onde receberão os curativos, os médicos encontram queimaduras e marcas de pólvora sob suas roupas. Alguém, do interior da própria marcha, disparara a queima-roupa com uma pistola seguramente provida de silenciador. Ninguém se importa com isso e as emissoras de televisão ignoram completamente tal fato. Serão as próprias vítimas, uma a uma, que irão denunciar os fatos em todos os seus detalhes.

No escritório em Chacao, enquanto isso, Otto Neustadt e os generais falantes esperam os acontecimentos antes de transmitir ao vivo a proclamação. O tempo passa lentamente, provavelmente os manifestantes estavam atrasados em relação ao cronograma e no ponto de encontro ainda não haviam chegado os equi-

pamentos para a transmissão ao vivo. Perto das 14h o jornalista tem uma ideia, que apresenta aos militares: porque não fazer uma prova da declaração para que quando tudo estivesse pronto para transmitir ao vivo não ocorressem erros. Numa situação delicada, cada pequeno erro poderia criar incertezas perigosas na população. Os militares se convencem da bondade da sugestão, revisam o texto, corrigem-no várias vezes e, por fim, a garota transcreve à máquina. Alinham-se como o planejado, o vice-almirante Ramírez Pérez lê a declaração e Otto grava. Ramírez não está satisfeito, o texto é mais uma vez corrigido e grava-se novamente. Ramírez gostaria de ter corrigido ainda mais coisas. Quando concluíram a gravação, às 14h30, a marcha ainda estava longe de Miraflores e não se averiguava episódios dignos de nota.

Segue abaixo a transcrição literal do texto do comunicado dos oficiais, que representa uma prova irrefutável para atribuir as responsabilidades do que iria acontecer. O texto dizia o seguinte:

> Decidimos nos dirigir ao povo venezuelano para refutar o atual regime de governo, a autoridade de Hugo Chávez Frías e do alto comando militar. Venezuelanos, o presidente da República traiu a confiança do povo, está destroçando pessoas inocentes com franco-atiradores. Até agora houve seis mortos e dezenas de feridos em Caracas.

Este comunicado foi gravado duas vezes, existem ambas as gravações, entre as 14h15 e as 14h30, quando ainda não haviam nem mortos nem feridos e nenhum franco-atirador havia disparado. Acabada a gravação, Otto sai do escritório e vai mandá-lo à CNN.

Enquanto isso, a marcha continua rumo à sua sorte preparada com tanto cuidado pelos golpistas; mandar para a morte gente inocente e desavisada. Vítimas sacrificáveis, necessárias para salvar a pátria! Nesse clima de júbilo inconsciente e de segurança falsamente conduzidos, entre gritos eufóricos de "à Miraflores (...)", "nenhum passo atrás", Guaicaipuro Lameda sentia-se

como se fosse Gengis Kan. São quase 14h10 e um jornalista televisivo pergunta diretamente se ele estava decidido a ir a Miraflores, mesmo naquela situação. Lameda responde: "até agora a convocação da marcha está até a Avenida Bolívar, mas se o povo quer ir a Miraflores... Essa é uma marcha pacífica", e conclui sacudindo os ombros. Já circulavam vozes de que Chávez estava preso no Forte Tiuna ou em Miraflores, e, para desmenti-lo, o alto comando do Exército emite um comunicado em cadeia nacional, do Ministério da Defesa, dizendo que não acreditavam nas falsas notícias e pedindo às pessoas que mantivessem a calma e o espírito cívico. São então 14h15.

O comando logístico do Exército e o Instituto de Previsão Social das Força Armadas param o posto de controle número um de Los Próceres, a avenida dos desfiles em Forte Tiuna, a número três (de Coche) e a de número cinco (Tazón). O prefeito de Chuao Leopoldo López organizara a sua polícia de forma a fechar as ruas dos arredores de Forte Tiuna, desviando o tráfego civil para fazê-lo transitar dentro da instalação militar. Com esse artifício se criava um congestionamento nas ruas de acesso e de saída, impedindo, de fato, o deslocamento das equipes militares.

A excitação da multidão aumenta com a proximidade da nova meta e começam os atos de violência a quaisquer que fossem suspeitos de ser chavista. O senhor Andrés Antillano dirá ter presenciado uma dessas agressões feitas por uma multidão de opositores contra um jovem identificado como chavista. O pegam, atiram-no ao chão, enchem-no de pontapés e depois o abandonam desacordado no meio da rua. São 14h45 e a marcha segue pacífica!

A Globovisión transmite ininterruptamente imagens da marcha e uma jornalista as descreve, lembrando que, naquele momento, a marcha organizada pela sociedade civil se caracterizava pela absoluta tranquilidade e não havia ocorrência de incidentes de nenhum tipo. Os feridos e as agressões são oculta-

das intencionalmente, visto que todos os detalhes da marcha são gravados. Uma cautelosa direção estabelece o que deve ser transmitido e o que deve ser omitido.

O jornal *El Nacional* sai com uma edição extraordinária, por volta das 15h, com o título em letras garrafais: "A luta será em Miraflores". Prepararam a edição durante a manhã e a distribuíram pela tarde. Ganhar alguns trocados para quê? Na mesma hora, começam os choques com pedras e garrafas que são jogadas entre as duas facções a poucos metros de Miraflores, na zona do Calvario, em frente ao liceu Fermín Toro. Às 15h15, na Venevisión, chega uma notícia, e o locutor, fazendo o seu trabalho, apressa-se em lê-la imediatamente:

> a polícia metropolitana evitará que a marcha da oposição chegue a Miraflores. O comissário da polícia Henry Vivas disse que o órgão de segurança pública recebeu a ordem de impedir que a marcha, convocada pela Fedecámaras e pela CTV chegasse a Miraflores para evitar um possível choque com os simpatizantes do oficialismo, que se encontram no local. A polícia metropolitana está presente na altura da Avenida Bolívar.

A essa altura, a transmissão é interrompida. Os donos taparam a boca daquele jornalista inconsciente, visto que o que estava dizendo poderia prejudicar tudo, já que justamente o choque que mencionara estava previsto e programado. Com mortos e feridos. Uma prova posterior da cumplicidade das emissoras de televisão. Henry Vivas dera efetivamente aquela ordem, mas a polícia metropolitana recebeu outras diretamente pelo prefeito Major Alfredo Peña e Iván Antonio Simonovis Aranguren: abrir caminho à marcha da oposição, dispersando chavistas a qualquer custo. Para isso foram armados com M-16, HK, fuzis de todo tipo, luvas de látex e projéteis cortados para impedir a prova balística.

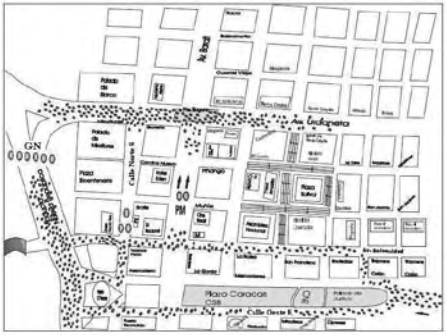
Enquanto isso, na base de Maracay, o general Baduel, mesmo com as comunicações militares confusas, começa a se dar conta de que algo não funciona.

Em função da situação alterada da ordem pública, colocou-se em marcha o Plano Soberania, que é como um pré-alarme na espera da atuação das Forças Armadas, da qual também faz parte a Guarda Nacional. Nessas condições, as ordens devem ser emanadas pelo Cufan, o Comando Unificado das Forças Armadas Nacionais, mas estranhamente, naquele dia, em Maracay recebem diretamente ordens do comando do Exército provenientes de um coronel em vez do general Manuel Antonio Rosendo, e quando Baduel pede explicações à divisão de infantaria e ao comandante recebe apenas respostas vagas. A cumplicidade do general Rosendo começava a render frutos.

A matança dos inocentes

Os mapas que seguem foram tirados de um documento redigido pela Defensoria do Povo.

Os simpatizantes do governo, marcados em vermelho, são alinhados na Avenida Urdaneta diante de Miraflores, na Rua Norte 8, entre a esquina da Bolero com a Camino Nuevo. Outros descem pelo Viaduto Llaguno na Avenida Baralt, até a esquina Piñago. A marcha dos opositores, procedente da zona leste de Caracas, na altura do palácio de justiça se divide. Uma parte continua pela Rua Oeste 8, alcança a Praça O'Leary e trata de chegar a Miraflores pelos dois lados, em frente pela Rua Norte 8 e por trás pelo Viaduto Nova República. Molina Tamayo e Guaicaipuro Lameda foram os líderes. O cordão da polícia metropolitana, nas imediações da Praça



7. Translado das duas marchas e dos agentes da ordem pública

O'Leary, trata de fazer com que Tamayo e Lameda desistissem de continuar, mas seus agentes são poucos e, por certo, não podiam usar a força contra as pessoas desarmadas, como já há semanas repetiam os meios de comunicação golpistas. Assim a multidão supera sem muitas complicações os agentes da polícia e vai dar sobre o viaduto com a Guarda Nacional, a última barreira entre a marcha e os chavistas.

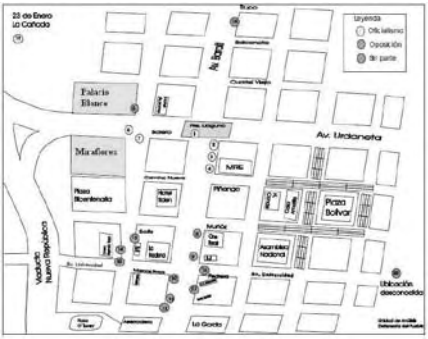
São lançadas bombas de gás lacrimogêneo e, em todos os vídeos feitos pelos câmeras das emissoras privadas, é possível constatar que a Guarda Nacional não empregou armas de guerra. Pablo Medina, outro político que virou a casaca e se tornou inimigo de Chávez, indica a Guaicaipuro Lameda e a Molina Tamayo como contornar a Guarda Nacional e penetrar em Miraflores. Um grupo de manifestantes pertencentes ao partido Bandeira Vermelha, organizado pelo capitão da Guarda Nacional García Morales, tenta, nos arredores do liceu Fermín Toro, arrombar a porta de segurança número quatro de Miraflores, mas também são impedidos pela Guarda Nacional. Molina Tamayo, com o megafone, incita a multidão: "precisamos conter as bombas de gás lacrimogêneo, o vento sopra na nossa direção, precisamos passar correndo ao outro lado… digam a todos, digam a todos…". Mas poucos, no entanto, estavam dispostos a sacrificar-se.

O outro grupo ia em direção ao norte, na Avenida Universidade. Os manifestantes tiveram que dobrar à direita no cruzamento com a Avenida Baralt, e continuar até a Ponte Llaguno, enquanto uma parte reunia-se ao outro grupo, a uma quadra a norte da Praça O'Leary. A avenida estava sob o controle da polícia metropolitana de Alfredo Peña – era como confiar o cordeiro ao lobo, mas era necessário ainda tirar de cena a Guarda Nacional, que havia recebido uma ordem de oficiais golpistas de se deslocarem para a Rua Camino Nuevo, ao lado, liberando assim a rua até o viaduto. Nesse momento, a Baralt é ocupada pelos chavistas desde o Viaduto Llaguno até a Esquina da Piñago, da

polícia municipal à Avenida Universidade e das pessoas da marcha somente no cruzamento da Avenida Universidade. Guaicaipuro Lameda sobe em uma moto da polícia metropolitana e tenta dirigir os manifestantes até a Baralt, visto que naquele ponto não estavam os agentes da Guarda Nacional, mas estava claro que seria muito difícil superar a barreira dos chavistas amontoada ao redor do palácio.

Nesse ponto, aos nossos generais pareceu claro que a multidão nunca tomaria Miraflores, e por isso passa-se ao plano B, o massacre. Os dirigentes opositores começam a fugir. Molina Tamayo y Guaicaipuro Lameda amparam-se nos escritórios da Venevisión, de propriedade dos Cisneros, onde já se encontra Pedro Carmona. Carlos Ortega e toda a sua equipe estavam há algum tempo num escritório perto da sede da CTV, e de lá desapareceram completamente. Reaparecem então no dia seguinte, em Miraflores. Henrique Mendoza, governador do Estado Miranda e outros executivos se esconderam numa clínica privada, porque disseram que padeceram do efeito de algumas bombas de gás lacrimogêneo. Substancialmente, todos os chefes da oposição encontraram boas desculpas para desaparecer. Nenhum deles estava presente na Avenida Baralt depois das 15h20.

A polícia metropolitana, que deveria ter se posicionado no cruzamento da Avenida Universidade e da Baralt, como força de interdição para impedir o choque entre as duas facções, para entre a Baralt e o Viaduto Llaguno, cheia, repleta de chavistas, alinha-se dos dois lados da rua com seus carros blindados e a proteção dos policiais armados. São 15h20 e, na Avenida Baralt, entre o cruza-



8. Mortos do 11 de abril

mento com a Avenida Universidade e o Viaduto Llaguno, está somente a polícia metropolitana e os chavistas. Não há ninguém da marcha da oposição!

Na altura da Muñoz cai a primeira vítima dos franco-atiradores com um tiro na têmpora esquerda, identificada como Tony Velasquez, chavista. É auxiliado pela polícia metropolitana, mas evidentemente já não há nada que fazer. Será levado a algum médico em Miraflores.

A partir desse momento começam a cair vítimas sob os tiros dos franco-atiradores. No mapa estão marcados os locais de algumas mortes. Como se vê, estão todas no campo de tiro dos hotéis Ausonia, Edén e do edifício La Nacional. Do hotel Ausonia, em frente ao Palácio Branco, tem-se a vista completa dele e de Miraflores, mas não há ângulo de tiro em direção ao viaduto. No hotel Edén, que se encontra a uns 150 metros ao sul do Viaduto Llaguno, há um campo de tiro a mais ou menos cem graus em relação à Avenida Baralt, mas a vista do viaduto é ainda bastante problemática. No edifício La Nacional, que se encontra a uns 350 metros, sempre ao sul do Viaduto Llaguno, há um ângulo de tiro a 180 graus com uma ótima vista do viaduto. Os chavistas descem pela Baralt até a esquina de Muñoz, na direção contrária à marcha da oposição, mas a polícia metropolitana os recebe a balas. São 15h20.

Alguns manifestantes da oposição retomam a Avenida Baralt na direção norte, precedidos pela polícia metropolitana, com seus blindados, que estão reprimindo os chavistas que se encontram no lugar, como o documentado nas figuras 9, 10 e 11.

9.

Os agentes da polícia municipal que se encontravam sobre o viaduto na Rua Norte 8, reúnem-se com os outros agentes na Aveni-

da Baralt, reprimindo atrás os chavistas na direção do Viaduto Llaguno; usavam jatos de água e gás lacrimogêneo. Os manifestantes da oposição conseguiram afastar-se de tudo pela Avenida Universidade. Em poucos minutos, a Baralt fica cheia de policiais fortemente armados, quase todos com fuzis e armas semiautomáticas, e usando luvas de borracha. Alguns diziam que essas luvas serviam de proteção no auxílio aos feridos, já outros acreditavam que serviam para evitar as marcas de pólvora sobre suas mãos e braços.

10.

As imagens de 9 a 11 são fotogramas tirados de um vídeo, e as três imagens fazem parte de uma sequência. A hora foi verificada como aproximadamente 15h20. A imagem dez evidencia a esquina da Pedrera, entre as Avenidas Urdaneta e Baralt. A imagem 11 mostra a Baralt desde a esquina da Pedrera até o Viaduto Llaguno, e não há sinal algum da marcha da oposição. São 15h43 quando ao escritório de Chacao, no qual se encontravam reunidos os militares por conta da declaração (registrada por Otto Neustadt), chega a unidade de transmissão, obviamente atrasada. Às 15h43, o presidente inicia uma transmissão em cadeia nacional, e, portanto, a mensagem dos golpistas não pode ser transmitida.

As emissoras, em vez de transmitirem somente as imagens do presidente, dividem a tela e transmitem, de um lado, a imagem de Chávez, e, de outro, imagens da marcha, e isso exatamente durante os ocorridos na Avenida Baralt, mas tomadas do alto para evitar a perspectiva real. O discurso do presidente quase não é ouvido, claro que por boicote das emissoras golpistas. Estas, além de seguirem exibindo imagens oportunamente selecionadas, propõem entrevistas que só fazem ressaltar a inevitabilidade dos acontecimentos e dos crimes de Chávez.

Às 15h30, Jorge Ibrahím Tortoza, há mais de dez anos repórter do *Diario 2001*, encontra-se na Baralt na altura da esquina com a Pedrera, no cruzamento com a Avenida Universidade. Está fotografando tudo o que acontece à sua volta, e tira muitas fotos apontando sua lente para o Viaduto Llaguno. Diante dele, a uns 20 metros, há um carro blindado da polícia municipal. Ele caminha à leste pela Avenida Universidade e tira fotos em direção ao norte. Abaixa a cabeça controlando a câmera e volta a andar pela rua, a um metro da borda da calçada. Segue alguns metros após o semáforo da esquina, diante da entrada do metrô (imagem 10). Naquele instante, uma bala alcança sua cabeça do lado esquerdo. O repórter cai para frente e fica imóvel no chão. A ferida é grave, o auxiliam e o levam ao hospital Vargas, onde é submetido a intervenções cirúrgicas, mas já não há o que fazer. Tortoza morre às 21h30.

11. A barralt e a PM

Um pequeno enigma está relacionado com a sua câmera. Quando o repórter cai, a câmera é tomada por um desconhecido armado, sucessivamente identificado como um empregado do *Diario 2001*. Pelo depoimento do irmão da vítima, o equipamento reaparece somente depois de um dia, mas das últimas fotos tiradas por Tortoza não há mais indícios.

O que teria fotografado o repórter? Ninguém nunca saberá.

O disparo teve um trajeto descendente em relação a Tortoza, vindo necessariamente do edifício La Nacional. Outro mistério é a bala que o golpeou. No dia seguinte, 12 de abril, foi feita uma autópsia. Num primeiro momento, falou-se num calibre de 9 mm blindado, depois de um 38, sempre blindado, e, naturalmente, na confusão, o disparo foi atribuído ao governo Chávez. Só que, no dia 12 de abril, o país estava nas mãos dos golpistas, que haviam ocupado todas as instituições.

Chávez interrompe a transmissão ao dar-se conta de que era inútil. Um comandante da Casa Militar diz a ele que estão disparando contra o palácio com fuzis e que já haviam matado um homem da Disip, que fazia parte da escolta de Diosdato Cabello, com um tiro na cabeça. Naquela tarde de 11 de abril, ao menos outros seis repórteres e fotógrafos ficaram feridos: Jonathan Freitas, do jornal *Tal Cual*, ferido num dos braços; José Antonio Dávila, técnico do canal CMT, ferido no joelho; Enrique Hernández, da agência *Venpres*, Luis Enrique Hernández, do jornal *Avance* e Jorge Recio, assistente do fotógrafo Nelson Carrillo. Jorge Recio foi golpeado na coluna vertebral e ficou paralítico. Miguel Escalona, do jornal *El Carabobeño*, foi atingido na cabeça com um taco de beisebol e teve todo seu equipamento roubado. Também foi ferido com arma de fogo um agente da Disip que gravava imagens da manifestação.

O estranho é que, estando presentes nas ruas do centro de Caracas tantos fotógrafos, repórteres e jornalistas das "quatro TVs irmãs" ninguém deles tenha sido atingido e as imagens mais impactantes tenham sido gravadas por eles. Por que os franco-atiradores não dispararam em nenhum deles? Teriam salvo-conduto? Boa pergunta…

Na mesma hora um disparo atingiu o rosto de uma mulher na marcha da oposição; Malvina Pesadas, que se encontrava próxima do lugar em que Tortoza morreu. A mulher estava cruzando a Avenida Universidade em direção à entrada do metrô, na

12. Carro blindado da PM

13. PM disparando

esquina com a Avenida Baralt. Assim como o caso de Tortoza, esse acontecimento é gravado por uma câmera. É possível ver a mulher atravessando a rua lentamente quando recebe o disparo na bochecha esquerda, empurrando sua cabeça para trás e logo conduzindo-a ao chão. É auxiliada em seguida. Na gravação, ouve-se nitidamente o disparo. O atirador devia estar bem perto. Nos cinco minutos seguintes, outras duas pessoas caem com tiros na cabeça, ambas da marcha da oposição.

São 15h55.

Até esse momento não se vê pessoas disparando da zona dos chavistas, que estavam amontoados sobre e abaixo do Viaduto Llaguno, assim como na Beralt. Mas, a partir desse momento, todos os atingidos serão das fileiras chavistas. Uma manifestante que estava sobre o viaduto foi golpeada no rosto enquanto seu marido recebia um tiro na perna. Os disparos vêm dos franco-atiradores que estavam nos terraços dos edifícios, e também da Avenida Beralt, onde se encontravam os agentes da polícia metropolitana armados com fuzis de alta potência.

O policial da direita da foto 12 faz sinal de pare ao repórter que está gravando naquele momento. A imagem 13 nos mostra um policial metropolitano que dispara em pé; vê-se também a fumaça produzida pelo disparo.

14. Polícia Metropolitana armada e o ataque aos chavistas

As fotos da imagem 14 documentam a ofensiva da polícia metropolitana contra os chavistas. Na primeira imagem vemos claramente um policial armado com um fuzil M-16, que não deveria estar sendo usado por essa corporação. Outro policial está com um fuzil e uma

bomba. O mesmo fuzil M-16 se vê nas mãos de vários outros agentes; outros disparam com HK MP5. Na última foto, um policial sobre o teto do tanque dispara muitas vezes com um M-16 em direção ao viaduto.

Esta imagem foi a causa do assassinato do condutor deste blindado no mês seguinte aos acontecimentos. No dia 11 de abril, o chefe da brigada blindada da polícia metropolitana, que se chamava Simón Fuentes, dirigia o blindado. Quando tiraram a foto, ele pôde ver tudo o que ocorria no dia e, obviamente, sabia quem se encontrava sobre o teto do tanque e disparara contra o viaduto com uma arma de guerra ilegal: um policial superior que, no entanto, desconhecemos o nome. Quando começaram as investigações, em 14 de abril, este superior, por razões óbvias, não queria ser identificado e buscou de toda maneira incriminar o pobre Simón, fazendo muitos de seus colegas – provavelmente sob ameaças – testemunharem contra ele, incriminando-o dos disparos. No dia 14 de maio, Simón Fuentes foi trabalhar, como todas as manhãs, no comando da polícia metropolitana em San José de Cotiza, Caracas. Sai de sua casa pouco antes das 6h, e, às 9h30, sua esposa, Marisol Cedillo, recebe uma ligação da parte de um oficial da polícia na qual comunica que o marido se encontrava no hospital em função de um acidente. O oficial diz que estava enviando um carro para acompanhá-la ao hospital. Chega o carro e a mulher, muito preocupada, sobe e pergunta o que havia acontecido. O policial, no entanto, não sabe de nada; sabe somente que deve levá-la ao comando da polícia. A mulher se assusta e pergunta o motivo da mudança, já que a haviam informado que seu marido estava no hospital, mas não consegue explicações. Poucos minutos depois, o motorista recebe outro comunicado e o destino da mulher muda uma vez mais. Agora seria levada ao necrotério de Bello Monte, outro bairro de Caracas, porque seu marido morrera. Durante o trajeto, chorando, a mulher recebe uma ligação com a informação de que a polícia

entrara em sua casa para pegar um documento de boa conduta do marido e outros papéis. Antes de chegar ao necrotério a informam de que seu marido cometera suicídio e que a estavam levando à seção de homicídios. Desta seção, depois de interrogá-la, levam-na ao necrotério e entregam-na os objetos pessoais do marido, cuja carteira estava evidentemente remexida, mas não a deixam ver o corpo de seu marido. A mesma polícia se encarrega do funeral e o cadáver é levado a uma funerária. Mas não deveria ter sido feita uma autópsia?

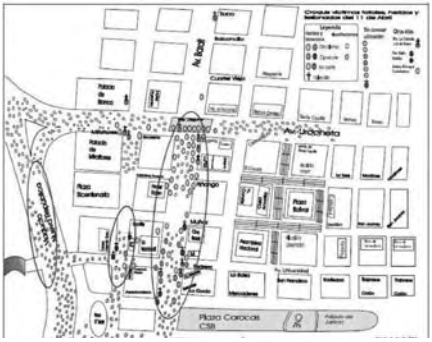
Na funerária também impedem a mulher de ver o marido, mas ela e os parentes se revoltam e os policiais acabam cedendo. Assim, a mulher, Marisol Cedillo, e a irmã do defunto, Maryuri Rosal, podem entrar e vestir o corpo do pobre Simón, com a presença da polícia e sob ameaças de serem expulsas ao menor sinal de problemas. Enquanto o vestem, a esposa percebe que o corpo apresenta queimaduras no braço esquerdo e a irmã vê um furo de bala sob a orelha direita, sem sinal de outro furo por onde a bala teria saído. Os policiais disseram ter ouvido o disparo que vinha do banheiro e ali o encontraram. A circunstância foi considerada bastante estranha por alguns colegas de Fuentes, já que o banheiro estava fechado com cadeado no momento em que ocorreram os fatos. Além disso, quando o encontraram, ainda estava vivo, mas se perdeu muito tempo porque não encontravam a chave da ambulância, e quando conseguiram embarcá-lo já estava, por fim, morto. Nos dias seguintes, Maryuri recebe a visita de uma mulher desconhecida que a aconselha a manter-se bem calada sobre os acontecimentos de 11 de abril, para sua segurança e de sua família. A polícia manteria esse clima por muito tempo, com ameaças telefônicas e com uma forte presença de policiais na zona em que moravam os Fuentes. No dia 13 de junho, alguns homens levaram Maryuri em um carro para um beco, onde a fizeram ameaças de que torturariam sua mãe diante de seus olhos e que matariam a todas as suas irmãs se não parasse de fazer denúncias.

Este era o modo de atuar dos funcionários da polícia metropolitana do senhor prefeito Alfredo Peña, mas toda a velha classe política sempre atuara pisoteando os direitos humanos e nenhum monsenhor se indignara por esses atos criminosos. O importante sempre foi que o objeto dessas perseguições fosse a ralé dos bairros, e não as pessoas abastadas

A grande mentira

Quero mostrar-lhes o mapa, tirado do documento da Defensoria do Povo, que assinala os lugares dos feridos e mortos, mas que ainda está incompleto. Como se vê, a maior parte das mortes é da parte dos chavistas, e em sua maioria aconteceram sobre o Viaduto Llaguno ou nas suas imediações. Impossível duvidar de Chávez. Até agora são contabilizados 37 mortos e centenas de feridos.

Os acontecimentos ocorridos ao redor do Viaduto Llaguno foram determinantes na tentativa dos golpistas de responsabilizar Chávez por essas mortes. A imagem 16 deu a volta ao mundo e foi utilizada, junto à gravação televisiva da qual foi extraída, para demonstrar como os chavistas dispararam sobre a marcha pacífica e inerme.

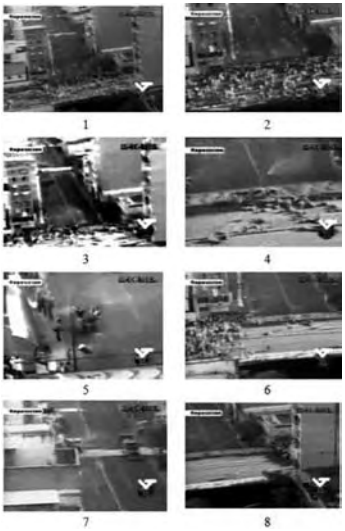


15. Mapa dos mortos de 11 de abril

Um apresentador da Venevisión se encarregou de comentar tais imagens com as seguintes, e exatas, palavras:

> (...) estão vendo as imagens de membros do MVR, com lenços do MVR, disparando com armas automáticas, descarregando-as e carregando-as, vez e outra, contra os manifestantes indefesos que se encontravam na Avenida Baralt (...).

Mesmo que houvesse dezenas de câmeras que gravaram o lugar de todos os ângulos, as cenas transmitidas sempre foram as da foto, todas as outras foram censuradas pelas "quatro TVs irmãs". A coisa se prolongou por bastante tempo, até que...



16. Sequência sobre o Viaduto Llaguno

A gravação que contém essa fotografia foi feita a partir do restaurante Mira Pollo, no edifício Invegas, além disso estão gravadas imagens relativas à Avenida Baralt, vazia, mas que foram censuradas imediatamente e desapareceram por completo. Confirmou-se, posteriormente, que as pessoas que são vistas na imagem 16 estão disparando contra a polícia que, por sua vez, estava detonando contra seus companheiros, estes realmente inermes. Penso, no entanto, que mais do que as palavras, as imagens fixadas pela câmera contam melhor sobre o acontecimento. As sequências da imagem 17 são tiradas de uma gravação transmitida pelo Canal 8 e comentada por Mario Silva, que viria a ser jornalista do canal estatal muito tempo depois. Referem-se ao intervalo temporal entre as 15h30 e as 16h30 do dia 11 de abril. A foto 1 mostra o Viaduto Llaguno cheio de gente do oficialismo e a Avenida Baralt completamente deserta ao sul. A gravação foi feita a partir da parte alta, ao norte, da Avenida Baralt, e podemos ver que na rua não há marcha nenhuma da oposição. Sobre o viaduto havia muita gente amontoada na parte sul, apoiada sobre as grades.

Na foto 2, o viaduto está repleto. Realmente, no intervalo entre as duas fotos, muita gente que se encontrava debaixo

do viaduto na Baralt sobe até ele. É o momento em que a polícia metropolitana, belicosamente, invade a Baralt. Começam os disparos em direção aos chavistas que se encontravam na avenida e no viaduto, onde houve os primeiros mortos. São 15h55 e se vê claramente na foto 3 que as pessoas jogam-se ao chão ou escapam para refugiar-se nos edifícios vizinhos. Na Baralt há pouca gente e são os chavistas que estão fugindo; nenhuma pista da marcha pacífica. Na foto 4, no centro da Baralt, vê-se fumaça de gás lacrimogêneo. Na porção direita alguns estão auxiliando uma porção de feridos a balas, todos chavistas, atingidos pela polícia ou pelos franco-atiradores. Sobre o viaduto estão todos deitados no chão. Na foto 5, duas pessoas estão transportando um ferido até o viaduto, escapando do sul da Baralt, onde estão os agentes da polícia disparando. Na foto 6, as pessoas escondem-se detrás dos edifícios do lado leste do viaduto. Entre eles estão também as pessoas que vemos na imagem 16, e que disparam. Sobre o viaduto há poucas pessoas no chão. A Baralt está sempre deserta. Na imagem 7, vê-se a esquina da Muñoz, onde estão os blindados da polícia. Nenhum civil aparece nesse enquadramento. A foto 8 mostra as pessoas escondidas detrás dos edifícios do lado oeste do viaduto . Abaixo, na Baralt, há poucas pessoas que foram paradas pelos disparos da polícia metropolitana e que preferiram ficar por ali em vez de subir o viaduto com o risco de tomar tiros, como ocorreu com alguns de seus companheiros. Estas imagens as "quatro TVs irmãs" tinham desde o momento em que foram gravadas, mas nunca foram transmitidas. E não foi só isso.

Todas as emissoras golpistas trataram com toda a força de defender a tese de que, com uma pistola calibre 9 mm, seria possível atingir uma pessoa a 350 metros de distância! Um novo tipo de arma letal! Tudo isso para jogar a culpa das matanças todas naqueles que definiram como "os pistoleiros do Viaduto Llaguno". Agora sabemos que os fuzis de precisão calibre 9 mm

estiveram nas mãos dos franco-atiradores. Devemos também examinar o fator tempo. Realmente, a hora em que as pessoas da imagem 16 são gravadas é seguramente posterior às 15h45, e depois dessa hora todos os mortos e feridos foram todos do lado dos chavistas.

Na tentativa bastante ingênua de interromper a campanha de incitação das emissoras privadas, o governo interrompe o sinal delas. Essa ação, no entanto, havia sido prevista e correm para corrigi-la. Nelson Bocaranda, da Televén, se conecta por satélite com a rede DirecTV e consegue transmitir por cabo a Venevisión e a Radio Caracas. A DirecTV também estava associada com a ação golpista. Enquanto isso, dentro de Miraflores há uma grande confusão, e ninguém sabe com exatidão o que está ocorrendo na rua. Chávez trata de colocar-se em contato com o alto comando militar, mas os golpistas também cortaram as pontes e o governo não tem ideia de quem eram os generais que permaneciam fiéis. Chávez liga para Rosendo para ordenar-lhe a aplicação do Plano Ávila, mas Rosendo simula não entender. Já que era impossível utilizar a corrente de controle, antes das 16h liga para Jorge Luis García Carneiro e lhe pede a aplicação do referido plano, além de mandar 20 carros rápidos para proteger Miraflores. Carneiro transmite a ordem ao general Wilfredo Silva, que sai em seguida do Forte Tiuna com destino a Miraflores. Quando chegam ao palácio, contudo, a marcha já estava lá. Chegaram tarde porque receberam a ordem de Chávez de não enfrentar a multidão, e portanto tiveram de contorná-la. À espera de outras ordens estacionam ali mesmo no palácio de Miraflores. Poucos minutos depois o general Vásquez Velazco, comandante geral do Exército, golpista, informado da saída dos carros, ordena ao general Silva que voltem ao Forte Tiuna. Assim, desobedecendo a uma ordem do presidente, Silva obedece ao general Vásquez Velazco e volta atrás. Se os carros houvessem chegado à tempo poderiam ter evitado muitos lutos.

Falou-se muito tempo desse Plano Ávila que o governo havia mandado aplicar por meio de uma ordem direta de Chávez ao general Rosendo. Os golpistas opinaram que o objetivo desse plano era dizimar a marcha pacífica e desarmada. Não vou insistir em detalhes inúteis, mas é oportuno assinalar que o notório Plano Ávila foi aplicado na visita do papa João Paulo II à Venezuela. Naquela ocasião, quem poderia ser dizimado? O plano prevê a segurança de pontos-chave e a proteção de objetivos sensíveis específicos, coisa que aos golpistas não os convinha, já que realizaram uma comédia digna da melhor tradição. A cumplicidade do general Rosendo foi determinante para o fracasso do Plano Ávila. A única coisa que teve que fazer foi… não fazer nada.

Os convites das Forças Armadas para se unirem ao tirano foram desperdiçados, sobretudo pela atuação de Molina Tamayo e Guaicaipuro Lameda. Na Beralt, contudo, as balas continuam. A guarda de honra e as tropas de proteção a Miraflores e do presidente percebem que estão havendo disparos a partir das coberturas dos edifícios nos entornos do palácio. As mesmas pessoas apontam para as janelas de onde partem os tiros.

Às 18h30, o major Suarez Chuorio, com agentes da guarda de honra, chega ao hotel Ausonia, no quarto 809, no oitavo andar, e pega sete pessoas munidas de fuzis de precisão. Trata-se de sete franco-atiradores do grupo de Isaac Pérez Recao, por ordem de Molina Tamayo. Um controle na cobertura do hotel permitiu recolher estilhaços de calibre 9 e 7,62 mm. Estes sete criminosos são presos e entregues à Disip. A este grupo são atribuídas as mortes nos entornos de Miraflores, mas parece que o seu principal objetivo era matar Diosdado Cabello, o vice-presidente, no momento que tivesse que aparecer diante do edi-

17. Os franco-atiradores se posicionam

fício. Isso porque, no caso da renúncia de Chávez, o poder passaria às mãos do vice, coisa que devia ser evitada a todo custo. Um dos primeiros a ser morto diante de Miraflores foi precisamente um guarda-costas de Diosdado Cabello.

O grupo estava constituído pelas seguintes figuras:

- Jesús Arturo Meneses Quintero, 19 anos, venezuelano, documento de identidade número 14.783.743.
- Jorge Meneses Quintero, 18 anos, venezuelano, documento de identidade número 17.126.818
- Nelson Enrique Rosales, 30 anos, venezuelano, documento de identidad número 14.160.140
- Robert Francisco McNight, 30 anos, estadunidense, documento de identidade número 10.480.186
- Franklyn Manuel Rodríguez, 30 anos, venezuelano, documento de identidade número 15.197.364
- John Carlos Muñoz Garzón, colombiano, com passaporte numero A-6324882; por outra fonte, AG324882.
- Roger de Jesús Lugo Miquilena, nacionalidade incerta, com documento de identidade falso, de número 10.612.977

Os juízes do Ministério Público Raquel Gásperi Arellano e Alí Marquina mandaram executar as provas da luva de parafina em quatro dos presos e os resultados deram positivo. Mas poucas horas depois da sua interdição, outro juiz, mas mulher, Norma Ceiba Torres, coloca-os em liberdade e naturalmente os sete desaparecem sem deixar vestígios. A algumas dezenas de metros ao sul do viaduto, na Avenida Baralt, no hotel Edén, foram presos vários franco-atiradores com armas e munição. Eles também foram colocados em liberdade pouco depois, pelos golpistas. A polícia do prefeito Freddy Bernarl, depois que alguns chavistas mostraram o que ocorria ali, circundou o edifício La Nacional e houve um tiroteio com alguns indivíduos entrincheirados no seu interior. A polícia entra e a ação é gravada por completo pe-

las câmeras das "quatro TVs irmãs", mas estranhamente, nunca nenhuma daquelas imagens veio a público. Foram todas censuradas e destruídas!

18. Carmona

Teve-se notícia por algumas testemunhas de que os manifestantes que defendiam Miraflores lincharam um franco-atirador e que feriram outros gravemente, mas também deles perderam-se as pistas visto que nos dias seguintes os golpistas trataram de fazer sumir todas as provas comprometedoras. O certo é que umas 20 pessoas foram mortas ou feridas gravemente com um único tiro na cabeça, este de trajeto descendente, coisa que só é possível se o disparo vem das alturas de um edifício com arma grande e de pontaria telescópica ou a laser, e a maior parte dos mortos era chavista. Pedro Carmona, em mangas de camisa, declara na Venevisión:

> O importante é que agora o presidente da República assuma a responsabilidade diante do país (...) de facilitar os (...) e que a transição ocorra ao menor custo.

Junto ao rosto cansado de Carmona, que, pobrezinho, estava sacrificando-se por seu país, a perfeita direção transmite imagens de gente que leva um ferido, mas sem dizer que aquele ferido era um chavista e que os companheiros o estão levando da Baralt a Miraflores na tentativa de salvar-lhe a vida. Sempre junto à imagem das vítimas, as telas transmitem declarações de Guaicaipuro Lameda, que se dirige às Forças Armadas para que abram os olhos e se unam aos golpistas:

> Coronéis, oficiais e suboficiais, profissionais de carreira, tropas profissionais e alistados. Vocês que estão aquartelados, estão vendo a televisão para saber o que têm que fazer, aproveitem esta mensagem e tomem uma decisão justa.

Os civis foram todos evacuados de Miraflores e só ficaram alguns fiéis que não queriam afastar-se. Enquanto isso, um grupo de militares e civis irrompem na Casona, a moradia presidencial, onde se encontram Marisabel de Chávez e a filha RosaInés. Os golpistas as insultam e ordenam que preparem seus pertences porque seriam tiradas dali imediatamente. Marisabel, aterrorizada, fica paralisada e não sabe o que fazer. Algum dos empregados toma uma bolsa e começa a encher com coisas da mulher. Alguns dos civis a escarnecem, a empurram e dão a entender que têm a intenção de abusar dela. Nesse momento um dos militares intervém:

— Vocês, o que estão fazendo?! Parem. Aqui não se abusa de ninguém.

— Mas são ordens de... – responde um dos democráticos membros da sociedade civil.

— Assim é suficiente! – e o tom é de que não admitiria réplica.

Marisabel de Chávez e a pequena RosaInés saem e são acompanhadas ao aeroporto de Caracas La Carlotta, situado na parte oriental de Caracas. Este aeroporto já estava nas mãos dos golpistas, que haviam inclusive circundado-o com gente da marcha, oportunamente organizada. Quando chega o carro com mãe e filha, essas pessoas tentam impedir sua entrada no aeroporto, golpeando o carro, gritando absurdos sobre os seus ocupantes, cúmplices do monstruoso assassino Chávez. Marisabel trata de acalmar a pequena, que chora aterrorizada e, por fim, são os militares perto da cerca de entrada que liberam a passagem e permitem que o carro entre, tirando as duas da cólera bestial da multidão. Marisabel e a pequena são embarcadas em seguida em um avião que decola rapidamente com destino a Barquisimeto, onde fica a residência de sua família de origem. A autorização para a decolagem do avião não agradou muito ao alto comando golpista, que fez com que alguém mais decidido interviesse.

Alguém é substituído, alguém mais é repreendido e ameaçado e, para evitar outras decolagens indesejadas, são dispostos dois tanques sobre a pista, não só para que não houvessem decolagens, mas também pousos indesejados, nunca se sabe.

Chávez não tem que escapar e não tem que receber ajuda! São 19h. O sinal está restabelecido e as "quatro TVs irmãs" podem encaminhar assim a fase final do golpe midiático. Por fim é transmitida a gravação feita por Otto Neustaldt. Os militares golpistas aparecem nos canais de seus cúmplices anunciando que desconhecem o governo de Chávez por ele ter violado os direitos humanos do povo venezuelano. O comandante geral do Exército, general de divisão Efraín Vásquez Velazco, afirma que os militares não estavam armando publicamente um golpe e pede perdão ao povo pelos fatos trágicos das últimas horas quando as Forças Armadas não tiveram capacidade de proteger cidadãos inermes. Como conclusão, ordenou a todos os comandantes que voltassem aos quartéis das suas unidades e repetiu:

> (...) o comandante geral do Exército (referindo-se obviamente a ele mesmo) é legítimo comandante de todas as tropas dessa corporação. Ordeno a todos os meus comandantes de batalhão, brigadas e divisões, que são minha força e a força da Pátria, que permaneçam nas suas unidades. Esse não é um golpe de Estado, não é uma insubordinação, mas é uma imposição de solidariedade com todo o povo venezuelano.

O vice-almirante Héctor Ramírez Pérez, chefe de Estado-maior da Marinha, declara que os generais das quatro forças condenam a decisão do presidente Chávez de interromper o sinal das redes televisivas e rechaçam sua saída para repreender os protestos contra o governo, e acrescenta: "a partir desse momento, as Forças Armadas Nacionais desconhecem as ações do presidente".

O general Camacho Kairuz opina que o governo de Chávez abandonara suas funções e que as Forças Armadas assumiram o

controle do país. O alto oficial atribui a Chávez a responsabilidade das violências que foram cometidas ao longo do dia. O ministro da Fazenda, general de brigada Francisco Usón Ramírez, renuncia a seu mandato e pede a Chávez que o demita. O general da Guarda Nacional, Alberto Camacho Kairuz, vice-ministro da Segurança Cidadã, aparece muito ativo, solicitando as demissões de Chávez e pede que também outros expoentes institucionais façam o mesmo. São quase 22h20. O governador do Estado Miranda, Henrique Mendoza, profere contra o Canal 8, dizendo que este estava criando problemas às "quatro TVs irmãs" e declara: "(...) nós não somos bobos, não estamos aqui chupando o dedo, o Canal 8, esta porcaria de canal, nas próximas horas estará fora do ar...". Nos edifícios do Canal 8 estão o presidente da VTV, um colaborador e os homens da segurança, desarmados, enquanto um dos grupos técnicos está trabalhando em outro lugar. Em um primeiro momento, chegam uns 30 agentes da Guarda Nacional, enviados por Chávez para a proteção do canal e, pouco depois, outra centena de homens.

São aproximadamente 21h e o Canal 8 havia sido sabotado; suas transmissões continuavam por meio da unidade móvel que se encontrava no edifício de Miraflores. E é mediante essa unidade que Juan Barreto pode dirigir-se aos militares, dizendo: "(...) oficiais que podem ser confundidos com esse tipo de notícia difundido por bandidos da informação, são eles que nos estão destroçando (...)". Nesse ponto cai definitivamente o sinal e, a partir de então, as emissoras golpistas são as únicas a transmitir. A RCTV entrevista um membro da Disip, que declara que todo o país está sob controle, salvo um pequeno grupo responsável pela segurança de Miraflores. Estes são convidados a depor as armas e a se render, pois não há a intenção de desatar-se uma guerra entre irmãos das Forças Armadas com mais derramamento de sangue, visto que todos os batalhões aderiram ao golpe. São 22h30, quando um grupo de militares do alto escalão golpista,

escoltado por civis fortemente armados, chega a Miraflores para pedir a renúncia do presidente. Reúnem-se no escritório privado de Chávez e não permitem que ninguém mais entre.

Entre os fiéis de Chávez estão Iris Varela, Maria Cristina Iglesias e Aristóbulo Istúriz. Pouco depois o ministro sai do escritório da Secretaria e comunica aos outros que Chávez não tem nenhuma intenção de assinar a renúncia. Os generais fizeram pressão ameaçando bombardear o edifício. Jorge Giordani, muito preocupado, sacudindo ligeiramente a cabeça, sussurra: "É a vitória da morte". Também chega ao palácio Freddy Bernarl, o único prefeito de Caracas chavista, enquanto quase ao mesmo tempo a DIM invade sua residência, encontra algumas pistolas, porém legais, e sai com a informação de que encontraram grande quantidade de armas destinadas aos círculos bolivarianos, comitês de bairros inócuos e desarmados, como depois foi possível averiguar, constituídos por um pequeno número de pessoas, normalmente algo entre cinco e dez. A oposição tratou de atribuir a essas organizações os delitos e violência cometidos pela própria oposição. Ninguém de tais círculos havia participado em atos de violência, com ou sem armas.

Por volta das 23h, os oficiais da Guarda Nacional que protegem o Canal 8 falam com o presidente Romero Anselmi e o informam que os golpistas estão enviando um grande contingente de homens fortemente armados e outras forças policiais para ocupar o edifício. Os oficiais dizem que não podem proteger as instalações porque têm poucas munições e não sabem se os militares que estão chegando são golpistas. Decide-se, portanto, evacuar o edifício. São fechadas as instalações e o pessoal é transportado a um local seguro em ônibus militares. Em seguida chegam os agentes armados por ordem de Mendoza e entram no edifício. São acompanhados por câmeras da Globovisión, que transmitem ao vivo o estabelecimento vazio, sem dizer que não se encontrava ninguém ali. Esta foi a primeira demonstração de tipo democrata que os golpistas estavam aplicando.

Por volta da meia-noite a Televén entrevista Teodoro Petkoff, que diz abertamente que esse fora um golpe de direita. É a primeira pessoa da oposição, provavelmente não completamente implicada nos fatos violentos que aconteceram, que diz realmente o que estava acontecendo. A organização do golpe foi bastante complexa e não pode ter sido organizada pelo medíocre Pedro Carmona. As estratégias e táticas empregadas pressupunham uma organização de tipo militar e bem-estruturada, uma linha de comando eficiente e uma logística extremamente sofisticada. A pergunta é: quem mandou efetivamente e quem pagou por toda essa organização?

Forte Tiuna

O que ocorreu em Forte Tiuna?

As operações do golpe iniciaram justamente nesse lugar, onde era normal ver chegar militares venezuelanos e estrangeiros, civis importantes e assessores militares de várias embaixadas, sem despertar suspeitas. O quinto andar do Comando Geral do Exército é a base logística da qual se ramificam todas as atividades golpistas. Desde as primeiras horas começam a chegar altos oficiais das várias forças. Também chegam civis como Pedro Carmona, Isaac Pérez Recao com seus homens armados, mesmo que fosse proibida a entrada de civis armados. Já anteriormente haviam redigido a lista dos militares amigos de Chávez, que são afastados do expediente em função da reunião. Já também precavidamente, organizaram uma manobra para afastar os batalhões cujos comandantes fossem considerados pouco confiáveis, retirando-os de Caracas na data da marcha, do dia 5 ao dia 18 de abril.

Lembrem-se que no dia 8 de abril os golpistas também tentaram substituir o general Baduel na base de Maracay porque conheciam muito bem a importância da 42ª brigada de paraque-

distas e o papel que poderiam desempenhar os aviões F-16 daquela base, também somente como efeito dissuasivo. Este foi o quadro geral organizado pelos militares dissidentes. Pela tarde, o coronel José Gregorio Montilla Pantoja, que se encontrava perto dos escritórios da Disip em Caracas, vendo chegar estranhos personagens para tomar posse daqueles escritórios, translada-se a Forte Tiuna e encontra o general García Carneiro. Mesmo que os dois não se conhecessem muito bem, tinham em comum o desprezo pelos golpistas e o respeito por Chávez, conhecido e estimado por Montilla quando frequentou a academia militar, Chávez tinha então o grau de tenente. Os golpistas já haviam mandado um ultimato ao presidente e estavam procurando Carneiro com intenção de prendê-lo. Nesse momento, então, Montilla e Carneiro vão a Miraflores para falar com Chávez. A situação no palácio estava caótica e aos dois não foi possível contatar o presidente, e então voltam ao Forte Tiuna, o quartel general.

Quando entram nas salas do quinto andar, os militares golpistas estão brigando para atribuir-se melhores cargos no futuro governo. E Chávez ainda era presidente!

Também chega a notícia de que o general Baduel está com Chávez, criando mal-estar entre os departamentos operativos, mesmo que a coisa fosse minimizada pelos altos oficiais que esperavam solucionar o problema da renúncia de Chávez rapidamente, prevenido-se de qualquer reação.

PARTE V

12 de abril de 2002

O dilema de Chávez

Depois que a comissão dos golpistas deixa o palácio de Miraflores, contrariada por não haver conseguido a renúncia de Chávez, ele fica sozinho no seu escritório, refletindo sobre cada detalhe, examinando todas as possibilidades, porque agora começava a ter um quadro bem claro da situação. O general dos paraquedistas Raúl Baduel, da base aérea de Maracay, coloca-se em contato com o grupo de tanques de Maracaibo e juntos analisam as poucas informações que conseguem. Fazem contato com Chávez e lhe dizem que estão prontos para marchar sobre Caracas para defender a Constituição. Chávez sabe bem o que significaria uma ação desse tipo: um choque sem precedentes com milhares de mortos e certamente um início de guerra civil. No momento não se tem exatamente ideia das forças de que os golpistas dispunham, a suposição mais lógica é que os generais rebeldes tivessem parte de seu contingente sob seu comando. Nas telas da televisão as declarações continuam, pesadas, ressaltando de forma obsessiva a matança de gente inocente, acusando Chávez de louco, tirano, jogando uma sombra escura e sinistra sobre o presidente e deixando indubitavelmente marcas nos ânimos de muitos militares. Visto que o Canal 8 fora eliminado, os golpistas com a

cumplicidade, ou melhor, com a participação ativa dos meios de comunicação, têm carta branca para manipular as informações, criando uma matriz de opinião favorável a eles.

Em Miraflores, os colaboradores de Chávez estão todos de acordo em resistir até as ultimas consequências, sabendo que, ao ponto em que chegaram os acontecimentos, os golpistas não podiam voltar atrás e era impensável a perspectiva do bombardeio do edifício como uma mentira banal. Justamente para organizar a resistência quase todos se armam com fuzis e estão prontos para dar sua vida pelo presidente. O dilema de Chávez era entre resistir à entrada do edifício, transladar-se a Maracay, resistir com Baduel ou entregar-se prisioneiro. A alternativa de trazer a Caracas os batalhões de tanques foi descartada definitivamente para evitar um banho de sangue fratricida. Enquanto as linhas telefônicas do edifício estão sendo sabotadas, o uso dos celulares também é problemático. Apesar disso, depois da meia-noite, Chávez recebe uma ligação de Fidel Castro. Explica resumidamente a situação, sob a ameaça de que o edifício seria bombardeado, e Fidel diz:

> (...) salva a tua gente e coloque-se também a salvo. Não te sacrifique, não faça como Allende. Ele era um homem sozinho, enquanto você tem ao seu lado grande parte do Exército. Não abandone a presidência, não renuncie. Negocie com dignidade, mas não te sacrifique, porque isso não acaba aqui.

Também estão presentes no edifício os seus pais, Hugo de Los Reyes e dona Elena. Pede para que eles partam, mas inutilmente: "não filho, se necessário morrerei contigo", responde a mãe, uma mulher de vida dura, de dificuldade, como muitas mães venezuelanas. Tal como eles, todos os amigos mais fiéis, na hora da verdade, estão prontos para morrer com o presidente. Chávez faz um resumo da situação. Naquele momento podia contar indubitavelmente com a guarda de honra e com a Casa Militar, com um total de uns dois mil homens armados com FAL

762 e UZI. Além disso, contava com seis carros rápidos que estavam na proteção externa de Miraflores. Ele está com uma farda, boina vermelha e armado com fuzil e pistola, pronto para o combate junto com a 42ª brigada de Maracay, sob as ordens do general Baduel. Poucos minutos antes, o general de divisão Julio García Montoya disse: "Presidente, estamos aqui para viver ou morrer, só temos que decidir quando atuar". E não são palavras ditas ao vento, mas sim palavras de um homem determinado e consciente do perigo. Também asseguraram seu apoio os comandantes de batalhão dos carros da cavalaria e infantaria de Caracas, do Estado de Zulia e de outras regiões. Mas dão-se conta de que as Forças Armadas estão divididas e não poderiam permitir que o país fosse destruído. Têm que utilizar todos os recursos ao seu alcance para impedir a catástrofe.

Já era quase meia-noite quando liga para a Nunciatura Apostólica e pede para falar com o núncio. Atendeu um conselheiro e o presidente o comunica que o objetivo da sua ligação era que, querendo entregar-se aos golpistas, queria pedir a intermediação do Vaticano. Mas vejam a casualidade! O núncio estava ausente porque encontrava-se em Roma! Não se sabe se por vontade própria, por necessidade de serviço ou, coisa mais provável, para evitar problemas e chateações perigosos. Então Chávez pede para falar com o monsenhor Sánchez Porras, o bispo capelão das Forças Armadas. Mas a Nunciatura, quiçá de boa fé, mesmo que pareça bem improvável, pensa que se tratava de Baltazár Porras. Assim colocam Chávez em contato com o monsenhor Baltazár Porras, presidente da Conferencia Episcopal, grande amigo e cúmplice de Pedro Carmona e Carlos Ortega. Apesar de saber perfeitamente a posição assumida pelo monsenhor, faz a tentativa e pede-lhe que vá até Miraflores, visto que estava preso no edifício e os generais haviam pedido sua renúncia. O monsenhor Porras promete que irá e intervirá em seu favor. Outra mentira descarada! Chávez, realmente não sabia que

o monsenhor não tinha nenhuma intenção de ir a Miraflores por saber que os golpistas poderiam bombardear o palácio caso o presidente resistisse. Melhor deixar que as coisas seguissem seu curso e ficar num local mais seguro. Até 1h40, o general Efraín Vásquez Velazco anuncia que Chávez está pronto para renunciar, indubitavelmente advertido pelo monsenhor, pois teve que referir-se, regozijante, ao diálogo entre ele e o presidente.

Nos entornos de Miraflores, só havia gente cansada, mas sem a mínima intenção de voltar às suas casas. Estavam todos sem defesas militares, com exceção dos agentes da Casa Militar. Fredy Bernal, por volta das 2h, entra no escritório do presidente, onde este está, fardado, triste e desmoralizado, sobretudo pela traição dos militares, falsos amigos. A alternativa que restava, para evitar derramamento de sangue, era deixar-se levar. Chávez estava convencido que o povo, em um ano, o resgataria e convida Bernal a ir com ele. Bernal, no entanto, tem outra ideia, está decidido a lutar com o povo, e nas ruas. Chávez pede-lhe que não faça loucuras porque os golpistas não o perdoariam pela lealdade ao governo. O presidente não tem nenhuma intenção de renunciar, mas já solucionara seu dilema: decidira entregar-se.

José Vicente Ranger não concorda e faz uma última tentativa para dissuadi-lo, já que teme por sua vida. Visto que cada tentativa se mostrava inútil, busca a melhor maneira de ajudá-lo. Chama a Televén com Omar Camero Zamora, presidente da emissora, e diz: "Chávez deseja que você faça parte da comissão de mediação à qual ele se entregará". Camero comunica a proposta aos generais e Efraín Vásquez Velazco designa os membros que farão parte desta comissão: Medina Gómez, González González, Romel Fuenmayor, dentre outros. Também chega ao canal o monsenhor Baltazár Porras, o infalível. Quer estar presente no momento histórico da derrota do inimigo. Camero diz que o presidente quer ir a Cuba, exige garantias de sua segurança e dos seus próximos e quer dirigir uma mensagem à nação. O ge-

neral Fuenmayor estava de acordo assim como Camero, mas os demais recusaram categoricamente e portanto a discussão encerrou-se nesse ponto; os generais, junto ao monsenhor, voltaram ao Forte Tiuna.

Seria sabido mais tarde que os detalhes das pressões psicológicas para obrigar Chávez a renunciar foram elaborados com a assessoria do seu companheiro e amigo Francisco Arias Cárdenas, naquele momento totalmente subjugado pelos golpistas.

Prisioneiro no Forte Tiuna

Às 3h30, a então ministra do Ambiente Maria Cristina Iglesias sai do escritório do presidente e, diz à sua volta que o presidente se entregaria para evitar derramamento de sangue, mas não renunciaria nunca ao seu cargo, e acrescenta: "(...) porque ele, Chávez, diz que politicamente é um golpe de Estado. Não renunciou e não quer renunciar. É um golpe de Estado e todo mundo deve saber disso". Irrompem fortes aplausos, secam-se furtivamente as lágrimas. Cristina ressalta à câmera que é um golpe de Estado. O aplauso continua e, em uníssono, levanta-se o grito: "Chávez, Chávez", enquanto os presentes se amontoam atrás da porta fechada do escritório.

O ministro de Secretaria intervém e convida a todos a abandonar o prédio. Antes de expirar o ultimato dado pelos golpistas, Chávez decide entregar-se. Entrega sua pistola e seu fuzil a

19. Lágrimas por Chavez

20. As lágrimas de Cristina

um amigo e sai do escritório circundado pela multidão que não quisera abandonar o palácio e que entoava o hino nacional. Enquanto o presidente saía do edifício para entrar no carro que o levaria ao Forte Tiuna, escuta-se, vinda do meio da multidão, uma voz: "Presidente, presidente, nos rebelaremos, esse quiprocó vai terminar".

22. Lágrimas e confiança

Os gritos são ensurdecedores e dentre os gritos de "viva Chávez" ouvia-se também, repetidamente, "viva Bolívar". Chávez entra no carro, que se distancia rapidamente, seguido pelas pessoas que ainda tentavam sustentar seu presidente. O garoto da imagem 22, que estava caminhando atrás do carro que partia, disse a um companheiro, entre lágrimas: "o povo está com o presidente e sairá para apoiá-lo, você verá".

Quase ao mesmo tempo, o comandante das forças armadas, general Lucas Rincón, anuncia que Chávez renunciou. Será especulado por longo tempo sobre essa declaração, pois o general Rincón era um dos fiéis de Chávez. Nunca ficou claro os motivos dessa declaração. Houve muitas hipóteses, como a da tentativa de despistar os golpistas: Chávez teria pedido a Rincón sobre fazer a declaração para confundi-los, visto que ele não assinara nenhuma renúncia. Em troca a oposição declarará que Chávez efetivamente renunciara, e isso havia sido a prova. Mas também há uma terceira hipótese: tendo sido interrompidas todas as comunicações com Miraflores, com o Canal 8 fechado, foi fácil fazer circular informações falsas e assim enganar o general Lucas Rincón, por exemplo, dizendo-lhe que era seu dever anunciar à nação o acontecimento para estancar a incipiente revolta popular. Ou ainda, também ele apoiou o golpe, inclusive sem se expor excessivamente!

Meia hora depois, antes das 4h, o carro com Chávez chega ao Forte Tiuna, onde se encontram reunidos os generais golpistas com Pedro Carmona e um monsenhor Baltazár Porras sorridente e satisfeito, como um peixe na água. Os generais e Pedro Carmona saem do salão para confabular e o monsenhor Baltazar Porras se aproxima do presidente dizendo: "Como Chávez se sente?", em tom muito amável, que esconde um profundo sarcasmo e algo de revanche. O presidente responde: "Monsenhor, eu estou sem dúvida muito preocupado, mas permita-me dizer que sinto-me muito bem espiritualmente". Porras, um pouco aborrecido, continua: "Ah, sim? Como pode sentir-se bem com tudo o que aconteceu: mortes, o país dividido... Não crê que fosse possível um maior esforço no sentido do diálogo, do consenso?". Os mortos e o país dividido são responsabilidade de Chávez, que recebe também a bronca. Depois sugere o que deveria ter feito e não fez. Mas, o que queria dizer de verdade eram outras palavras, por exemplo: "Teve o que mereceu! Teve o que mereceu, seu filho da...". Mas Chávez responde:

> Monsenhor, não venha fazer-me aqui uma pregação. Estou sentado aqui, não sei nem se têm a intenção de matar-me, e não sei se isso me faria desesperar porque estou consciente de ter permanecido fiel ao povo. Poderia ter me corrompido por esta oligarquia arrogante. Teria sido fácil para mim, em qualquer momento nessas noites de conflito que passamos, chamar até o palácio quatro ou cinco pessoas e dizer-lhes que teriam o que quisessem, e assim acabar com os conflitos. Só que assim eu teria passado a fazer parte daquela enorme fila de anões de longas tranças, como os chama o poeta chileno Mafud Masis em sua "Oração a Simón Bolívar na noite escura da América". Monsenhor, eu não serei nunca como um dos muitos anões de tranças compridas como já houve muito nessa pátria. Por isso estou bem.

O monsenhor se distancia consideravelmente e nem sequer arrisca um pequeno comentário sobre a frase de Chávez "(...) não sei nem se têm a intenção de matar-me (...)", mas simplesmente simula não haver sentido algum. Ou é porque o presidente demonstrara saber mais do que deveria? Poucos minutos depois, altos oficiais golpistas, os mesmos que apareceram na televisão para declarar sua discordância e desprezo pelo presidente, e outros que não tiveram ainda a honra de estar em primeiro plano, entram todos de uma vez na sala, provavelmente para impressionar Chávez e fazê-lo crer que tudo já estava perdido. O coronel Julio Rodríguez Salas mostra-lhe um documento com a renúncia já escrita, e, de pé, indica um ponto da página e diz: "Você assina aqui". Chávez responde: "Vocês estão muito equivocados". E olha-os firmemente, um a um, e descobre que entre eles também há aqueles que até poucas horas considerava amigo. Logo continua:

> Não assinarei nunca esse documento, parece que vocês não me conhecem. Muitos anos juntos e ainda não me conhecem. Não assinarei nada. Façam o que quiserem com esse documento. Parece que não se dão conta do que estão fazendo e, dentro de pouco tempo, ao nascer do sol, terão que explicar ao povo o que fizeram.

Alguém se aborrece, outros continuam insistindo, outros trocam olhares indecisos. Um dos oficiais mais hostis interrompe o diálogo dizendo que não tinha importância, pega brutamente o documento e encaminha-se à saída, seguido por todos os outros. Pouco depois, Chávez é levado ao regimento da polícia militar, sempre dentro do Forte Tiuna, onde o colocam numa cela trancada com um oficial como guarda diante da porta. Seja porque aquele oficial nunca havia estado perto do presidente ou então porque quis ver nele os indícios de monstro descritos pelos seus superiores, ou mesmo apenas por curiosidade, o fato é que o oficial começa a observar o preso atentamente, mas ele se mantém tranquilo. Chávez percebe e devolve o olhar, provavelmente

demonstrando uma calma que não tinha naquelas trágicas circunstâncias. Depois de certo tempo o oficial recebe um outro que o substituirá, e, para passar as instruções, trocam informações em voz baixa. O novo guardião, poucos minutos depois, estando sozinho, aproxima-se da cela e entrega ao presidente um pequeno objeto, dizendo: "Segure-a e a friccione" Era uma pedra de quartzo, a qual se crê poder recarregar as energias de alguém que esteja deprimido. O moço queria ajudá-lo com o que tinha e como podia.

23. A entrevista de Carmona

Às 14h, as emissoras de televisão transmitem a primeira declaração de Carmona Estanga. Na imagem 23, podemos ver, nos microfones, os símbolos da Venevisión, Globovisión, RCTV e Televén. À sua direita, está Efraín Vásquez Velazco, e, à esquerda, Héctor Ramírez Pérez, além do general Medina Gómez e outros altos oficiais. Carmona declara: "Decidimos que as Forças Armadas manterão em custódia o presidente que está saindo, o presidente Chávez, e que seja constituído em seguida um governo de transição (...)".

As notícias dadas pelas emissoras foram um contínuo hino, para a alegria dos golpistas. Com rostos sorridentes contaram como foi necessário trabalhar mais de um ano para levar a cabo a expulsão de Chávez. Indistintamente todos agradecem às "quatro TVs irmãs" pelo apoio dado à sua causa e reconhecem sem meios termos o seu papel: sem o apoio delas nada haveria sido possível. Por sua vez, também as emissoras declaram o orgulho que sentem por terem participado da salvação do país. Além disso, já seguros de que o plano saíra exitoso, por vaidade e estupidez, muitos cometem a imprudência de lançar-se em declarações comprometedoras das quais se arrependerão alguns dias depois.

Enquanto isso, na prisão de Chávez no Forte Tiuna, chega outra troca de guarda. A atitude do novo oficial não está muito bem dentro do conceito de guarda desejado pelos golpistas. Da parte dele o respeito a Chávez é ainda maior, seja por talvez ainda considerá-lo seu presidente ou seu superior, em todo caso, seja pela dignidade que demonstra aquele homem. Chávez o pergunta sobre a possibilidade de disponibilizarem a ele um televisor para que pudesse ver o que estava acontecendo lá fora. O jovem consegue posicionar uma televisão de modo que Chávez a visse, e assim ele acompanha o espetáculo de Napoleón Bravo e todas as outras figuras que, na pequena tela, vangloriam o próprio papel de haver levado o golpe ao êxito. Napoleón Bravo, da Venevisión, realmente abre as transmissões matutinas com essas poéticas palavras: "Olá, bom dia. São 6h14. Graças à sociedade civil e às Forças Armadas amanhecemos diferentes hoje, temos um novo presidente". E, depois, o esquálido condutor lê uma suposta renúncia de Chávez e conclui: "(...) e o assinou".

Este documento falso, já em seu primeiro parágrafo, removia de seu cargo o vice-presidente da República e o gabinete executivo, assim, por causa da renúncia de Chávez, não havia ninguém que pudesse assumir a presidência, criando automaticamente um vazio de poder e, portanto, não se podia falar em golpe de Estado. Isso é o que inventaram as mentes tortas dos grandes juristas saídos da Ucab, os que exprimiram a fundo suas sublimes meninges para compor o quadro jurídico que justificaria seus crimes. Continua o *show* de um Napoleón Bravo satisfeito, lendo a renúncia irrevogável de Chávez à Presidência e dando detalhes da assinatura dele, mas sem mostrar às câmeras. Esse detalhe nada irrelevante causou algum impacto, o que foi ressaltado pela BBC, às 10h15 em um comunicado: ninguém viu o documento assinado! Durante o dia o Bravo Napoleón, junto a Nitu Pérez Osuna, outra jornalista que fica histérica só em escutar o nome de Chávez, instigam a sociedade civil a denunciar os

chavistas, que devem, evidentemente, ser exterminados. Quando Chávez escuta esse comunicado, a primeira coisa que pensa é: "Estou morto! A única maneira de que eu não os desminta é matando-me." Tem que fazer algo, mas o quê?

Tenta algo bastante arriscado: pede ao oficial da guarda, no tom mais tranquilo possível, que lhe consiga um celular e, contra todas as expectativas, o militar o atende! O oficial sem dúvida não é estúpido, mas, evidentemente, isso seria muito para o comportamento de um oficial golpista. Ele tem que executar ordens, e, já que ninguém o ordenou que não satisfizesse aquela solicitação do prisioneiro... Este episódio desencadeará uma sequência de acontecimentos de notável importância. Mas vamos com calma. Chávez liga para Miraflores procurando pelos seus pais que deveriam estar ali, mas ninguém o atende. Então liga para a filha Maria Gabriela, escondida na casa de praia do namorado da irmã mais velha, Rosa. Maria atende ao telefone. "Maria, como está?". A outra filha, compreendendo que ao telefone estava o pai, começa a chorar. Maria também sente as lágrimas lhe subirem aos olhos, mas tem que dar suporte ao pai, então as engole, consegue manter a calma e, no tom mais alegre que pode, responde: "Papai, preso outra vez! O que arrumou? Onde está agora?". "Encontro-me no Forte Tiuna. Veja Maria, escute-me cuidadosamente. Faça contato com alguém, ligue para o Fidel, se puder". "E que devo dizer-lhe?". "Diga que não renunciei, que estou prisioneiro e que eles têm a intenção de me matar, mas que eu não renunciei". Maria tem um sobressalto, mas controla um pouco suas emoções. "Papai, tranquilo. Verá que conseguirei", e em tom de piada acrescenta: "E você, enquanto isso, comporte-se bem". Fidel a chamará de heroína.

Desliga o telefone e olha em silêncio para a sua irmã, que segue chorando. Estão chocadas com a notícia. Sentem-se frustradas e impotentes para administrar uma situação muito maior que elas. A Venezuela parece ter dado as costas ao seu pai. Dão-

se conta da gravidade e complexidade da situação, discutem cuidadosamente sobre o que fazer, formulam várias hipóteses e, ao final, percebem que a única pessoa que tem alguma possibilidade de ajudar ao seu pai é Fidel, portanto agem imediatamente para contactá-lo por meio da embaixada. No decorrer da manhã do mesmo dia, o monsenhor Baltazár Porras é entrevistado pelas emissoras privadas e, com a compunção e a piedade que o seu cargo o impõe, mas com a tranquilidade segura de um mentiroso incorrigível, diz que Chávez quase chorou sobre o seu ombro, pedindo perdão a Deus por seus pecados, e ele, como bom pastor que é, levou-lhe uma palavra de consolo. Acompanhei pessoalmente cada palavra do monsenhor nessa entrevista e não há erros de interpretação. Também acrescento que já não há sinal dessa entrevista algum nas sedes das "quatro TVs irmãs".

Naqueles dias, o monsenhor Baltazár Porras teve que mudar-se levando consigo seu confessor particular, e deu-lhe muito trabalho. Creio que, em vez de presidente do CEV, teria sido um magnífico presidente do tribunal do santo ofício, onde poderia ter torturado e mandado à fogueira os hereges incômodos. Sempre em nome de Deus. O Chávez pintado por esse discutível monsenhor é um homem destruído, confuso e indeciso, a beira de um ataque de nervos, e, portanto, pronto para assinar qualquer documento para afastar-se daquela incômoda situação. Nem uma palavra sobre o fato de que o presidente não renunciara e não pretendia fazê-lo. Nem uma palavra sobre o temor de ser assassinado. Esse quadro pintado pelo prelado veio reforçar as declarações de Napoleón Bravo, mas não só. Realmente, desde as primeiras horas daquele dia, na página da Globovisón na internet se podia ler:

"O ex-presidente de República Hugo Chávez assinou a renúncia do seu cargo no Quartel General do Exército em Forte Tiuna".

E, a seguir, o texto da suposta renúncia, idêntico ao que lera Napoleón pela manhã:

> (...) segundo o estabelecido no artigo 236, parágrafo 3, da Constituição, removo o vice-diretor executivo da República, Diosdado Cabello e todos os ministros que compõem o gabinete executivo. Ao mesmo tempo, segundo o estabelecido no artigo 233 da Constituição, apresento perante o país a minha renúncia irrevogável ao cargo de presidente da República, o qual exerci até o dia de hoje, 12 de abril de 2002.

Agora sabemos que tudo isso foi uma grosseira mentira, mas naquele momento foi um golpe na esperança de milhões de venezuelanos, tomados de surpresa e com os ânimos destroçados. Mas percebe-se que os golpistas não conhecem seus compatriotas; aqueles que, segundo Chávez, são feitos com o barro dos libertadores da América...

A democracia de Carmona

24a. Alfredo Peña

Já desde a noite do dia 11 e grande parte do dia 12, foi possível averiguar os exemplos da aptidão democrática dos novos donos da Venezuela, situação primeiro desejada e logo aceita sem reservas pelos Estados Unidos e pela Espanha. São executadas dezenas de irrupções violentas e muitas dessas ordens já haviam sido emitidas na manhã do dia 11, para que não perdessem tempo. Pela noite, a polícia, por ordem do governador Mendoza, de Alfredo Peña, de Leopoldo López e de Capriles Radonsky, irrompe em todos os escritórios e repartições estatais, ministérios e sedes sindicais, destruindo tudo o que não iriam levar. Em Maracaibo penetram nos escritórios de CorpoZulia, apoderando-se dos registros das pessoas que pediam aos bancos, sobretudo espanhóis, o reembolso, decretado por lei, dos devidos indexados, para também persegui-las.

24b. Alfredo Peña

As cúpulas golpistas da PDVSA se combinam e anunciam, obviamente na TV, por volta das 8h da manhã, a retomada das exportações do petróleo.

Enquanto isso, começa a circular a informação de que Chávez está preso em Forte Tiuna. A notícia passa de boca em boca e por celular, visto que a televisão silenciava tudo o que pudesse criar problemas aos golpistas. As pessoas começam a reunir-se diante das grades de entrada do Forte Tiuna pedindo a libertação do presidente. Estas cenas não são de forma alguma gravadas pelas "quatro TVs irmãs", e os golpistas começam a utilizar a polícia para controlar a ordem pública. Naqueles fatídicos dias 12 e 13 de abril, serão mortos pelas forças policiais mais de 50 pessoas, com cerca de 400 feridos e nenhum órgão internacional fez alarde, enquanto as emissoras venezuelanas simplesmente ignoravam o problema. Assiste-se, porém, comunicados nos quais se declara que os policiais não disparam nunca contra cidadãos desarmados. Alfredo Peña, ex-jornalista convertido em prefeito de Caracas com Chávez, e então seu inimigo, pois enriqueceu em poucos meses, aparece em várias circunstâncias nos canais golpistas dando este tipo de declaração. Começa a caça aos chavistas. Todos os funcionários públicos são buscados como se fossem criminosos. Muitos conseguem salvar-se, mas vários deles acabaram nas mãos dos grandes democratas golpistas, que tinham uma concepção muito particular dos direitos humanos. No Estado de Miranda, um grupo de civis é seguido por agentes de vários órgãos policiais, invadem a prefeitura de Petare, cujo prefeito é filho do chanceler José Vicente Ranger, mas ele consegue escapar. Eles têm ordem de prender ou disparar sobre os que tentam escapar.

No Estado de Tachira, ao sul do Lago de Maracaibo, num período anterior a Chávez, foi governador um senhor chamado

Sergio Omar Calderón, pertencente ao partido AD, e que fora apelidado de padre, pelos seus antecedentes em um seminário. Tal como em Carabobo reinou a família Röemer, em Tachira já reinava há muito tempo o padre Calderón, mas a chegada do MRV o depõe e chega, por meio de eleições públicas obviamente, um novo governador chavista: Ronald Blanco La Cruz, un ex-oficial piloto. O dano econômico à família do padre foi enorme, também porque em Tachira há uma espécie de loteria (Kino Tachira) que leva muito dinheiro aos caixas do Estado e, sem dúvida, trouxe muitos benefícios à economia familiar do padre. O senhor Sergio Omar Calderón não se resignou nunca por ser excluído. No dia 11 de abril, realmente, estava em Caracas, com megafones nas mãos, incitando a invasão de Miraflores. Voltou em seguida a Tachira e organizou uma invasão à casa do governador usurpador, quebrando portas e janelas. Os novos hierarcas comunicam a Blanco La Cruz que Chávez já havia assinado sua renúncia, e, portanto, impõem que ele também deveria assinar a sua, coisa que o governador recusa categoricamente. Ainda acrescenta que teria sido oportuno levá-lo também ao Forte Tiuna e colocá-lo em contato com Chávez, já que ambos concordaram com suas correspondentes renúncias. Evidentemente o governador conhece muito bem o presidente e não cai na armadilha. Vendo que eram inúteis as tentativas de fazê-lo renunciar, prendem-no e, enquanto é levado pela Guarda Nacional, os pacíficos defensores da liberdade e dos direitos humanos o atacavam com socos e pontapés. Alguém da multidão dos opositores grita: "Ataquem-no em sua perna direita". O governador Ronald Blanco La Cruz sofreu, um tempo atrás, um grave acidente, ferindo-se gravemente na perna direita. Pacíficos? Não violentos? Respeitosos dos direitos humanos? A propósito, de quais delitos era acusado o governador? Simplesmente ser chavista e haver excluído um opositor que tem o orgulho ainda ferido pela derrota política e, sobretudo, pela perda econômica de que padecia. Na-

turalmente a captura do governador chavista recebe cobertura total das "quatro TVs irmãs" e todos puderam admirar o tratamento que recebeu por dois golpistas que ignoraram os direitos humanos descaradamente.

Do mesmo modo é preso Tarek William Saab, membro da Assembleia Nacional, personagem que tem uma longa trajetória na defesa dos direitos humanos, além de ser um sensível autor de incríveis poesias. Eles o agarram em sua casa sob os olhos aterrorizados de sua família e o empurram a uma multidão uivante, expondo-o aos insultos e golpes dos pacíficos opositores; fizeram o mesmo com o ministro da Justiça Ramón Rodríguez Chacín.

24c. Alfredo Peña

Já estão todos seguros do êxito do golpe e os proprietários das emissoras de televisão, que se consideram coautores inquestionáveis, têm que seguir fazendo o próprio dever patriótico, que significa limpar o país da escória chavista. Assim se empenham em manter informada a nobre sociedade democrática sobre o desenrolar da perseguição aos deputados Iris Varela e Juan Barreto e aos ministros Aristóbulo Istúriz, María Cristina Iglesias e, naturalmente, ao delinquente do vice-presidente Diosdado Cabello.

Entre os mais convencidos desta nova política estão todos os executivos do partido Primeiro Justiça que, significa, pensemos, "justiça antes de tudo". Enquanto isso, os golpistas celebram o triunfo em Forte Tiuna antes de irem a Miraflores. Todos querem a foto histórica junto ao futuro presidente.

Mas ainda há algo em suspenso: Chávez não assinara renúncia alguma. A única maneira de solucionar o problema era fuzilá-lo imediatamente. Alguns pedem que ele seja levado a um tribunal, possivelmente nos EUA, onde sua certeira condenação serviria de argumento para tudo e todos. Provavelmente a CIA

25. Rambo?

26. O lança-bombas

não sabia ainda que Chávez não havia assinado, visto que estava muito bem isolado, impedido de qualquer contato com altos oficiais não seguros. Em todo caso, agora era necessário ir a Miraflores, estabelecer-se e, depois, tratar-se-ia da decisão sobre a sorte de Chávez.

Junto aos festejos no Forte Tiuna, as fotos também mostram outras coisas. Recordamos que foram tiradas no comando de Forte Tiuna, onde o acesso de civis armados é proibido. E então, o que faz toda aquela gente armada como se fosse o Rambo? Na foto 3, da imagem 24, vê-se Daniel Romero. Na imagem 25, vê-se Pedro Carmona em primeiro plano e, à suas costas, um civil armado com um fuzil lança-granada de pontaria telescópica e laser, cuja arma é vista mais claramente na ampliação da imagem 26. Esse "contratado" faz parte do grupo de civis utilizados por Pérez Recao e provenientes de uma agência de ex-agentes do Mossad. Sua tarefa foi proteger o grupo da oligarquia que comandou o golpe, também contra eventuais surpresas dos altos oficiais venezuelanos. Quem pagou por todo esse aparato? Vamos encontrar todos em Miraflores.

A embaixada cubana

Os golpistas receberam fundos dos cubanos desterrados em Miami, portanto o envolvimento de Cuba nas ações golpistas é a moeda de troca. Mas também há que se considerar que Cuba

é a única que pode ajudar Chávez e necessitam de algum modo neutralizá-la. Lembramos dos fatos da noite de 9 de abril, quando Ruth Capriles diz em Chuao que a embaixada cubana estava armando os chavistas. Já nas primeiras horas da manhã, um grupo de mais ou menos 35 pessoas inicia uma ação de protesto violento diante da embaixada cubana. Num primeiro momento, lançam objetos ao seu interior e depois começam a destruir os carros dos empregados da embaixada, sob o olhar benevolente da polícia de Baruta, que não interveio em nada.

27. Ação de Koesling

O advogado Ricardo Koesling, na imagem 27, à direita, já conhecido como valente defensor de Juan Álvaro Rosabal, reaparece entre o grupo de protesto e dirige pessoalmente as primeiras ações violentas, ajudando a deslocar os carros, que são destroçados sistematicamente, sempre de modo pacífico, obviamente.

Na imagem 28, um paladino da democracia entra em um carro, que seguramente não era seu, e de uma maneira bastante peculiar: detonando o para-brisas. As emissoras de televisão transmitem aquele legítimo protesto, justificando-o com a notícia, obviamente falsa, de que dentro da embaixada estava escondido o vice-presidente Diosdado Cabello, um criminoso chavista que naturalmente deveria ser preso. Poucas horas foram

28. Manifestação pacífica

29. Manifestação pacífica

suficientes para que os golpistas preparassem seu cartão de visitas e sua fila de juristas, constitucionalistas, comentaristas e todos os "istas" possíveis, considerando legítima a ação de invadir uma embaixada, ignorando todas as convenções institucionais. Se é a embaixada cubana que é invadida, tudo bem, mas se tivesse ocorrido com a embaixada dos EUA, a reação teria sido a mesma? Visto que se abre a temporada de caça aos membros do governo Chávez, todas as ações criminosas tornam-se legítimas. Na sequência desses comunicados, a aglomeração em torno da embaixada vai aumentando, assim como as ações violentas.

30. Salvador Romani

Estão presentes vários cubanos desterrados vindos de Miami. Entre eles, encontra-se também Salvador Romaní, outro dos autores do caso Rosábal. Ele declara aos microfones golpistas, diante da embaixada: "(...) o que estamos pedindo aos membros da embaixada, é que saiam, porque nós, os exilados cubanos, podemos com todo direito tomar posse da embaixada cubana e devolver a dignidade a ela (...) há que ser dissolvida a Assembleia Nacional [venezuelana], tem que ser dissolvido o Supremo Tribunal de Justiça (...)" Coisas essas que serão executadas pontualmente por Pedro Carmona poucas horas mais tarde. Que previsão e que casualidade!

31. Lopez Sisco e Romani

Estas são as mesmas pessoas que organizaram inumeráveis atentados contra Cuba, entre os quais a sabotagem a uma aeronave civil, há 20 anos, que custou a vida de ao menos 70 pessoas, realizada pelo terrorista Posada Carriles, preso na Venezuela e que fugiu com ajuda da CIA. Querem adivinhar onde se encontra este indivíduo? Sim. Tudo ocorre obviamente com a conivência dos muito democráticos governos dos EUA. Segundo eles, todas as ações terroristas contra Cuba são ações legítimas.

Salvador Romaní declarará que na manhã do dia 12, não se encontrava diante da embaixada cubana, no momento quando foram destruídos os carros. Mas isso tudo é desmentido pela vasta documentação em vídeo e fotografia. Outro sinistro personagem aparece na mesma manhã diante da embaixada: Henry López Sisco, ex-agente da Disip, envolvido na matança de Cantaura (em 1982, 23 pessoas assassinadas), de Amparo (em 1988, 13 pescadores assassinados) e de Yumare (em 1986, 9 pessoas torturadas e executadas).

A impunidade foi garantida por vários governos, que, de fato, também foram os mandantes. Nas fotos da imagem 32, vemos claramente todos juntos, organizando os manifestantes que, certos de que a polícia não interferiria, primeiro tratam de entrar na embaixada e depois começam a sabotar as instalações elétricas e a tubulação de abastecimento de água. Digo ainda que, em Cantaura, foi assassinada gente que pertencia ao partido Bandeira Vermelha e, em 11 de abril, o Bandeira Vermelha colaborara com os golpistas! Por quê?

O assédio continuará por muitos dias, impedindo os membros da embaixada de sair. São inúteis as tentativas de um funcionário cubano que sobe no muro do pátio e tenta conversar com os manifestantes. No lugar também se encontra o prefeito Capriles Radonsky. O empregado cubano concorda que entrem na embaixada o prefeito e um câmera, que chegam ao pátio pulando o muro. O embaixador os recebe e, com calma, ten-

ta compreender o que está acontecendo, que viola todos os tratados internacionais. O prefeito queria inspecionar a sede para averiguar a presença ao menos de Diosdado Cabello, mas o embaixador não permite. Lembra-o que está em território cubano, que há mais de 40 anos os Estados Unidos estavam tentando fazer com que Cuba desaparecesse, sem sucesso, e que não permitiria a ninguém violar sua dignidade e soberania, estando dispostos a defender a embaixada também com a sua vida. Radonsky sai da embaixada e, em vez de ir cuidar de seus deveres (a embaixada encontra-se no território de Baruta, jurisdição sua, portanto), se justifica diante das câmeras dizendo que não pode confirmar ou desmentir a presença de Diosdado Cabello ali, permitindo, assim, que se prolongue o ato violento.

32. Sabotagem

O conceito de asilo político é ignorado e a televisão transmite a suposta presença de membros do governo Chávez na embaixada. Evidentemente, os exilados cubanos insistiram e queriam ter maior disponibilidade da parte do novo governo de Carmona para invadir definitivamente a embaixada de Cuba.

Estados Unidos e Espanha

Estes dois países foram os primeiros a reconhecer, em seguida, o governo de fato de Carmona. Eles também se desequilibraram, convencidos de que o êxito do golpe era definitivo, em declarações mentirosas que foram tomadas por verdades absolutas. Os Estados Unidos declararam que não exerceram nenhuma ingerência e que não haviam avaliado a possibilidade de subversão da ordem constitucional. Visto que não houve nenhum golpe, e sim apenas um vazio de poder, tais coincidências pareciam plau-

síveis. Justos, emitiram uma primeira declaração na manhã do dia 12, na qual rechaçavam a violência exercida pelo governo de Chávez contra gente inocente, pacífica e desarmada. Depois pediram para a Organização dos Estados Americanos ajudar a Venezuela na consolidação das instituições democráticas. Tal como expressam seu apoio e solidariedade ao povo venezuelano, os dois governos reafirmaram sua convicção de que somente a consolidação de um quadro democrático estável podia oferecê-lo um futuro de liberdade e progresso. Vê-se que a "democracia fascista" é muito apreciada por esses dois governos. Mas ainda não sabiam do decreto de Carmona, ao menos não oficialmente. O certo é que – os golpistas, tendo este documento pronto com antecedência – é impensável que os financiadores do golpe, entre eles os EUA, não tivessem conhecimento de suas cláusulas e ainda não o tivessem avaliado. O departamento de Estado, na voz de Philip T. Reeker, declara:

> Nesses dias expressamos nossas esperanças de que todos os setores da Venezuela, especialmente o governo de Chávez, atuassem com moderação e se demonstrassem cheios de respeito à expressão pacífica da oposição política. Nos dá tristeza a perda de vidas humanas. Desejamos expressar nossa solidariedade ao povo venezuelano e esperamos com ansiedade o momento de colaborar com todas as forças democráticas da Venezuela para assegurar o exercício pleno dos direitos democráticos. Os militares venezuelanos, de maneira louvável, mantiveram o povo venezuelano informado. Os fatos que ocorreram ontem no país desembocaram num governo de transição que irá reger o país até que seja possível realizar novas eleições. Mesmo que os detalhes ainda não estejam claros, as ações antidemocráticas cometidas ou permitidas pela administração Chávez provocaram a crise de ontem na Venezuela (...).

A hipocrisia destas declarações poderá ser verificada completamente depois de um tempo, quando Eva Golinger, uma ad-

vogada de origem venezuelana, descobrirá e levará a público as mentiras dos EUA, publicando toda uma série de documentos.

Às 11h25, também o presidente dos EUA, George W. Bush, acusará Chávez de ter provocado a crise que levou à sua queda. Diz-se ainda pesaroso pela perda de vidas humanas e expressa confiança no triunfo da democracia.

O fiscal geral Isaías Rodríguez

Enquanto isso, Maria Gabriela, depois de várias tentativas, consegue por fim colocar-se em contato com Fidel Castro, a quem transmite a mensagem de seu pai. Fidel reflete alguns instantes e depois entra em contato com a TV Cubana, expondo o problema a Randy Alonso, apresentador do programa "Mesa Redonda." Randy pede a Maria Gabriela que repita a sua mensagem, para que seja gravada, e em seguida o apresentador a transmite. Ao mesmo tempo, Fidel convoca todos os jornalistas da imprensa estrangeira correspondentes em Cuba e os informa que Chávez é prisioneiro dos golpistas, que a televisão golpista está dizendo que ele renunciou e que isso é mentira. Depois de dizê-los tudo isso, faz com que escutem a gravação da ligação de Maria Gabriela, filha de Chávez. A notícia era muito importante e a CNN a transmite em seguida. Em poucos instantes ela dá a volta ao mundo e assim, também na Venezuela, as pessoas podem conhecer a verdade que os golpistas escondiam e disfarçavam. Quando falo de golpistas incluo todos os meios de comunicação privados venezuelanos, sobretudo as "quatro TVs irmãs". Por volta do meio-dia, os executivos da PDVSA anunciam que não enviarão nem um barril de petróleo cru a Cuba.

Já desde as 10h, as emissoras golpistas e os cães de caça aos membros institucionais chavistas conseguiram pegar a fiscalização. Do momento em que Chávez removera de seus cargos todo o gabinete, segundo as afirmações dos golpistas, e que tam-

bém renunciara ao seu cargo, ainda restava desfazer-se do fiscal. Quem era o fiscal geral?

Isaías Rodríguez nasceu no Vale da Pascua, no Estado Guárico, em 16 de dezembro de 1942. Formou-se advogado na Universidade Central da Venezuela, com especialidade em direito trabalhista. Inicialmente militou na Ação Democrática, mas, no ano de 1967, deixa o partido e participa da fundação do MEP, Movimento Eleitoral do Povo, onde ficaria até 1981. Torna-se procurador do Estado de Aragua em 1990, e, em 1997, quando, depois de muitos anos afastado da cena política, aceita a solicitação de Chávez para que se unisse a seu movimento. Nas eleições de 1998, foi eleito senador pelo Estado de Aragua, abandonando o cargo de procurador e apresentando-se candidato à Assembleia Nacional Constituinte. Será o primeiro vice-presidente executivo da nova República Bolivariana da Venezuela. Em 9 de janeiro de 2001, abandonar o partido MVR para assumir o cargo de fiscal geral.

Como fazem a todos os fiéis ao espírito da revolução bolivariana, a oposição tentou a todo tempo deslegitimá-lo, mas sua trajetória íntegra foi seu melhor escudo. Sua renúncia legitimaria, então, de forma definitiva, o golpe, e os golpistas poderiam trabalhar sob uma aparente legalidade, nacional ou internacionalmente. Para tanto recorrem a diversas vias, mas um jornalista comete o erro de dizer que, se o procurador renunciasse ao seu cargo, isso poderia ser feito diretamente na televisão. Nasce daí a ideia de aproveitar a circunstância favorável, já que as únicas emissoras ativas eram as golpistas. Isaías aceita que seja organizada uma coletiva de imprensa ao meio-dia, mas com a condição de que a transmissão fosse feita ao vivo. A ele é sugerido o modo de proceder; deveria aproveitar os primeiros segundos de transmissão, não esperar que lhe fizessem perguntas, dizendo logo o que tinha para dizer. A declaração do procurador é transmitida ao mesmo tempo pela RCTV, Venevisión e Globo-

visión. Isaías Rodríguez, depois de verificar que a transmissão é realmente ao vivo, começa a falar o mais depressa possível, com essas palavras:

> (...) não há dúvida sobre o fato de que o Estado constitucional foi violado e que estamos diante de uma situação que não pode ser qualificada de outra maneira senão de [faz uma pequena pausa e segue reforçando as palavras] GOLPE DE ESTADO!

Nesse ponto as direções das redes de TV, dando-se conta de que o procurador não tinha nenhuma intenção de renunciar e de que haviam sido enganados, interrompem bruscamente as transmissões. Mas a mensagem já havia sido dada. A transmissão durou apenas três minutos, mas a notícia de que tratava-se de um golpe e de que Chávez não havia renunciado e era um presidente prisioneiro dos golpistas estoura na Venezuela como uma bomba. O povo chavista desce dos morros de Caracas, os bairros se esvaziam, a notícia passa de boca em boca e todos se amontoam ao redor do Forte Tiuna pedindo a libertação de Chávez. A concentração de gente aumentará durante todo o dia e toda a noite. O mesmo ocorre em várias localidades do país, sobretudo, ao redor da base aérea de Maracay, onde se encontra o general Baduel, paraquedista e leal amigo de Chávez. A televisão golpista ignora esses protestos.

As pessoas organizam-se num movimento espontâneo, com cartazes improvisados, e os muros e paredes se convertem em meio de difusão popular. Os golpistas param a comunicação via celular, mas a notícia passa boca a boca e com megafones, enquanto que jovens motorizados percorrem cada canto de Caracas difundindo-a por toda parte. O maior "telefone sem fio" da história moderna mobiliza milhões de pessoas em poucas horas. Alguém gravara as palavras do procurador, que são transmitidas pelas rádios chavistas como a Rádio Fé e Alegria, YVKE Mundial etc.

Quando a transmissão ao vivo foi interrompida, calando assim a boca do procurador, todos os jornalistas presentes se entreolharam com cara de asco. Mas a conferência inteira (com 52 minutos) foi gravada e o Ministério Público, com a ajuda de alguns jornalistas, conseguiu mandá-la a agências internacionais. Pouco depois foi retransmitida pela Televisión Española e pela Telemundo, e dali rebateu na Venezuela. Depois dos primeiros três minutos fora do ar, os jornalistas seguiram fazendo perguntas. É importante lembrar que a maior parte desses jornalistas, e também suas consciências, está vinculada aos meios de comunicação golpistas. Perguntaram ao entrevistado se ele, como fiscal da República, havia reconhecido a junta de governo de Carmona, e ele respondeu que se tratava de algo completamente inconstitucional, sem validez internacional, e, portanto, que não havia motivo para reconhecê-la. Outro entrevistador lembra que aquelas declarações poderiam incendiar o país, pergunta se ele está consciente da gravidade do que está dizendo. O procurador responde: "Eu tenho um cargo e deveres atribuídos pela Constituição e sou o fiscal da República. Estas funções eu não posso ignorar numa circunstância como a que está vivendo o país agora"; outro assinala que a comunidade internacional poderia reconhecer o que ocorria, e, nesse caso, a leitura seria de que não se tratou do golpe de Estado que ele então enunciava. "O Estado de direito [responde ele] não é um problema de reconhecimento e muito menos de um reconhecimento do Departamento de Estado". E por fim chega a pergunta-chave: "Procurador, o senhor renunciará?". "Com que legitimidade [responde irritado] podem me fazer essa pergunta?". A conferência é encerrada e logo o procurador recebe ligações da BBC e da CNN de língua espanhola, que o entrevistam. São quase 14h.

Por volta das 15h45 os presidentes latino-americanos na cúpula do Rio na Costa Rica reagem aos acontecimentos venezuelanos de um modo seguramente não muito agradável aos

EUA: condenam o golpe militar contra Chávez e pedem imediatas eleições democráticas. Havana é muito mais explícita e o governo cubano condena o golpe e apela ao mundo para que isolem seus líderes. Por outro lado, Clemencia Forero, ministra do Exterior colombiana, celebra a Presidência de Pedro Carmona. As vanguardas de Carmona ocupam Miraflores preparando a chegada do novo presidente. O vice-almirante Molina Tamayo se apresenta em uniforme de gala da Marinha com o grau de almirante! Promoveu-se a si mesmo, seguramente por seus méritos na batalha do dia anterior. Jorge Olavarría o definiria como almirante de opereta. Pérez Recao e seu comando lhe servem de escolta. Os dois chamam o comandante da Casa Militar e lhe perguntam se quer desobedecer a nova junta ou aceitá-la em suas condições. O comandante diz que é dever seu proteger o presidente, quem quer que seja ele. Averiguado, portanto, que não haveria problemas, começam os preparativos, mas não tinham como saber o que passava pela mente do comandante. Suas considerações foram simples e lógicas. Opondo-se, teria seguramente sido removido e seus homens ficariam a mercê de algum golpista louco. Por outro lado, simulando aceitar a nova situação, conseguiria, em primeiro lugar, ficar em Miraflores e, sucessivamente, quem sabe...

Os golpistas ocuparam os escritórios de Miraflores, tirando dali documentos pertencentes ao governo Chávez. Além disso, não havia dúvidas sobre a direção imprimida às novas políticas, pois tiravam das paredes os quadros de Simón Bolívar e jogavam-no num depósito. Carmona se instala no escritório presidencial e são preparadas as câmeras de televisão para a transmissão mais importante: o juramento e o primeiro decreto.

O padre jesuíta Mikel de Viana, obviamente da Opus Dei, um dos mais fervorosos adversários e inimigos de Chávez, feliz, por fim, em entrar em Miraflores consagrado, declara, já na sua entrada: "(...) não é um governo minoritário. As Forças Arma-

das aderiram a um novo governo de maneira límpida, por mérito dos cidadãos venezuelanos". Os cidadãos a que ele se refere são os sábios e eruditos, e não a "ralé". Este padre, que tem grande influência na CEV, muito culto, com várias publicações em sua trajetória, não atua segundo o que predica porque suas ações não correspondem às ideias que expressa. Da página da Ucab na internet tirei o seguinte trecho, palavras suas:

> A principal regra dos seguidores de Jesus é romper as barreiras de discriminação e de produzir solidariedade com os demais. Tudo o que nos separa, rescinde ou divide é pecado. Meu trabalho é levar a cátedra às pessoas nas ruas, fazer da vida real o objeto de estudo e não elaborar uma seita de elite de pensadores sofisticados.

Seria bom que nos explicasse, quando fala de solidariedade, como vai aplicá-la à "vida real", visto que não buscou nunca o que não divide entre os chavistas e a oposição. Outra coisa que merecia explicação é como julga seus amigos da Ucab quando estes vaiam um chavista apenas por ele tentar entrar em um restaurante de Castellana ou Chacao, bairros notoriamente "nobres". Deveria explicar também o que quer dizer quando, em outra ocasião, afirmara que "(...) esta é a revolução dos miseráveis e sem intelectuais". O iluminado padre sabe que os miseráveis não devem ter voz, porque esse privilégio só é reservado aos intelectuais, melhor ainda se tivessem saído da Ucab. Em todo caso, naquele dia estava tranquilo, no salão onde Carmona viverá seu momento de glória não estará presente nenhum miserável!

O cardeal Velasco, também feliz e sorridente, a poucos metros de distância, falava ao celular com alguém, dizendo-se contente de voltar a vê-lo quando chegasse a Miraflores. Chegam também os generais e depois toda a fila de empresários, políticos e proprietários de meios de comunicação, todos transbordando de alegria e felicidade, longe do menor remorso pelos "mortos desnecessários".

33. Chegam a Miraflores

Olhando bem os rostos da sociedade VIP de Caracas, reunida no palácio, a coisa que impacta imediatamente é que são todos brancos. É a super-raça? Enquanto isso os protestos populares aumentam.

O juramento de Carmona

Às 17h30, tudo está pronto para a cerimônia de posse da junta de transição. Mais de 500 pessoas estão reunidas no salão Ayacucho, em Miraflores. Caras sorridentes e satisfeitas, abraços de felicitações e palmadinhas nas costas são as expressões orgulhosas da oligarquia que, por fim, conseguiu reconquistar o que sempre fora seu e que um vulgar marginal tentara tirar-lhes. Está presente a parte nobre da população venezuelana, a *high society*, convidada para a festa. É significativo o fato de que na sala, entre os ricos libertadores, não se encontra nenhuma pessoa com a pele escura. As coisas voltavam ao seu lugar.

34. Salao Ayaucho

O alívio pelo perigo afastado representado pelo castro-comunismo e por um governo excessivamente populista serenou a verdadeira Venezuela, aquela formada por quem sempre soube administrar o poder, por quem tem experiência, cultura, contatos de alto nível, seja na terra ou no céu. As câmeras são instaladas, as luzes e microfones estão em seus lugares e o *show* pode começar. Pedro Carmona se levanta, há uma folha à sua esquerda. Detrás dele, de um lado está a bandeira venezuelana, mas aos seus ombros falta o quadro de Simón Bolívar, até o símbolo do libertador é incômodo à nova junta.

Quando acabam os aplausos da elegante plateia, para um instante para adquirir a dignidade adequada ao cargo que está a ponto de assumir e também para saborear aquele momento mágico, sonhado por meses. Por fim levanta a mão direita e lê o juramento:

> Eu, Pedro Carmona Estanga, na minha... [aqui se atrapalha um pouco, emocionado] condição de presidente da República da Venezuela, juro perante Deus Onipotente, perante a pátria e todos os venezuelanos, restabelecer a efetiva aplicação da Constituição da República da Venezuela de 1999 como norma fundamental da nossa ordem jurídica, e devolver o

35. O juramento

36. O cardeal

Estado de Direito, a governabilidade e a garantia do exercício das liberdades cidadãs tal como o respeito à vida, à justiça, à igualdade, à solidariedade e à responsabilidade social.

O cardeal José Ignacio Velasco escuta perplexo estas imortais palavras, talvez desejando de todo seu coração que tudo acabe rápido e volte o quanto antes à tranquila normalidade. O dr. Carmona não faz muito tempo que fala, mas já enche o ambiente de incríveis mentiras e hipocrisias. Suas palavras serão desmentidas dentro de poucos minutos. Primeiro, se tivesse realmente aceitado a nova Constituição teria que acrescentar a palavra "bolivariana", porque, desde sua vigência, a Venezuela passara a se chamar "República Bolivariana da Venezuela". Seria importante que, naquele momento, o juramento fosse feito sob a nova constituição, porque, recorrendo a um artigo dela própria, o 350, os golpistas tentaram demonstrar legitimidade de todas as ações contra o governo, tido por eles como tirano e ditatorial. A continuação é a leitura do decreto, e Daniel Romero se encarrega de fazê-lo, já que também deseja ter seu lugar na história. O que será lido é o mesmo documento apresentado dias antes a Jorge Olavarría, na noite de 10 de abril, e que o historiador definiu como "uma merda".

Este decreto foi acordado entre os organizadores e os principais autores do golpe, mas, alguém, de fato, foi esquecido e excluído, como por exemplo o nobre presidente da CTV Carlos Ortega. Os pontos que saíram desse decreto foram:

Art. 1: designa-se como presidente Pedro Carmona, que assume o cargo em seguida.

Art. 2: restabelece-se o nome de República da Venezuela.

Art. 3: suspende-se de seus cargos todos os deputados da Assembleia Nacional, convocando novas eleições até dezembro para eleger novos membros, que terão a faculdade de reformar a Constituição, não se fala em referendo, mas retorna a velha corrente.

Art. 4: cria-se um Conselho Consultivo de 35 membros que representam setores da sociedade, sem especificar quais são esses setores, que certamente se referem àqueles que apoiaram o golpe. Tudo como antes.

Art. 5: o presidente da República de fato assume todos os poderes.

Art. 6: convocar-se-ão eleições gerais dentro de um ano.

Art. 7: o presidente, em conselho de ministros, poderá eleger e substituir os titulares de todas as instituições, incluídos os parlamentares destinados ao parlamento andino e latino-americano.

Art. 8: decreta-se a reorganização dos poderes públicos e, para tal fim, destituem-se o presidente e todos os magistrados do tribunal supremo, como o fiscal, o revisor geral, o defensor do povo e os membros do Conselho Nacional Eleitoral.

Art. 9: suspende-se a validade das 48 leis emitidas por Chávez (mais um elemento que evidencia o golpe).

37. Alegria

Art. 10: mantém-se a ordem jurídica, sempre que não esteja em conflito com o presente decreto. Mantém-se inclusive os tratados internacionais legalmente assumidos (quem estabelecerá sua legalidade?). Dois desses acordos serão em seguida apagados: o convênio com Cuba e a adesão à Opep.

Art. 11: o governo de transição democrática e unidade nacional manterá o poder público informado sobre sua gestão, quando for eleito.

E o decreto concluía: "Senhoras e senhores, para avançar com esse movimento de toda a sociedade democrática nacional, convoca-se os presentes a assinar o presente decreto como adesão ao processo".

Esse decreto, que não tem absolutamente nada de democrático, agradou muito a Geoge W. Bush e ao seu lacaio do momento, Aznar. Para eles são democráticos os governos que podem ser corrompidos e que, portanto, possam favorecer os desejos dos EUA. A leitura de cada artigo é afirmada por aplausos entusiásticos entre gritos de júbilo: "democracia, democracia, liberdade, liberdade...".

38. Felicidade

Carmona está cada vez mais satisfeito. Mas isso detrás de uma máscara de falsa modéstia, baixando pudicamente os olhos e a cabeça, agradecendo. Mas quando o nobre arauto lê o artigo 8, no qual são exonerados todos aqueles que poderiam criar problemas, não aguenta mais e, para não estourar de alegria, levanta o punho sorrindo e lentamente retoma uma postura mais condizente com a magnitude do seu cargo.

Concluída a leitura, os notáveis desfilam diante do presidente, assinando o decreto. No total, serão mais de 350 assinantes, e grande parte deles abraça o presidente-herói. Entre os assinantes também está o cardeal Velasco, representando a Igreja Católica. Um dos primeiros a assinar foi Carlos Fernández, o novo presidente da Fedecámaras, que abraçou muito carinhosamente o presidente da Venezuela Pedro Carmona Estanga. Depois todos vão brindar, com champanhe, a volta da normalidade... de tipo fascista.

E a ralé, o que faz?

Nas ruas

Durante toda a manhã, as pessoas continuavam amontoando-se no Forte Tiuna, tanto diante da entrada principal como ao redor dos demais acessos. Cartazes improvisados pediam a libertação

de Chávez. As pessoas não se moviam dali e pareciam ignorar a fome e o cansaço. Organizam-se espontaneamente e se revezam em turnos para manter o lugar ocupado. O mesmo também ocorria em Maracay, de onde o general Baduel trabalhava para averiguar o panorama militar do país. Os policiais, por ordem dos prefeitos golpistas, são utilizados para tentar dispersar os manifestantes chavistas a rajadas de metralhadoras e bombas de gás lacrimogêneo. Ninguém dos que gritavam pelo escândalo dos supostos crimes contra a humanidade cometidos por Chávez faz sequer um protesto mínimo pela brutal e generalizada repressão. Nem mesmo a Igreja Católica, cujos altos prelados, e toda a Opus Dei, estão brindando com os representantes do novo governo em Miraflores, no centro do poder.

A marcha golpista desaparecera e os manifestantes do dia anterior nunca mais sairiam de suas casas, aterrorizados com o que estão transmitindo os meios de comunicação, agradecendo seus anjos da guarda por estarem sãos e salvos. Mas, paradoxalmente, as mesmas cenas que aterrorizaram os rebeldes horas antes, exaltam os marginais de sempre que reclamam a liberdade do presidente. Em muitas mãos erguidas na multidão via-se empunhado um livreto azul, um pouco amassado: a nova Constituição. Sentem seus sonhos de renascimento frustrados e sabem que não podem esmorecer justo agora, no momento crucial, quando se tem que lutar pela Pátria, como os ensinara Chávez.

Todos os meios de comunicação silenciam completamente os protestos, os mortos e os feridos. Falam apenas da nova junta, dos atos de valor cumpridos pelos falsos heróis para tirar Chávez e são entrevistados golpistas, civis e militares, bem felizes de viver seu tão mágico dia de glória. Os militares em Forte Tiuna começam a demonstrar certo nervosismo, também porque vão aumentando as distâncias entre os contingentes ativos e o alto comando. O primeiro momento de asco pelas atrocidades cometidas contra Chávez começa a dar lugar às vozes das pessoas do

lado de fora, aos gritos. A televisão segue falando dos crimes do ex-governo, repetem que a situação está sob controle em todo o país, mas os soldados submergem nos gritos das pessoas, que gritam a sua verdade. Os militares de baixo escalão recebem, nas suas casas, informações contraditórias, na medida em que interessasse aos seus superiores o modo como fossem difundidas as notícias. Um grupo de deputados, literalmente, entrincheira-se dentro da Assembleia Nacional em protesto. Diosdado Cabello, o vice-presidente procurado em todos os cantos pela polícia golpista, organiza os Círculos Bolivarianos de Catia, um bairro popular da zona oeste de Caracas, para que se somassem aos que já estavam no protesto em Forte Tiuna.

Todos os fiéis a Chávez se mobilizam rapidamente, e podem fazê-lo porque o verdadeiro povo da Venezuela está com ele, o sustenta e lhe dão ânimo. No Estado de Aragua o governador Didalco Bolívar e seus seguidores chavistas sitiam a base aérea de Maracay, pedindo a libertação de Chávez. Já desde a tarde os habitantes dos bairros populares ocupam Caracas. De Catia, de Antímano, de El Valle, do 23 de janeiro, assiste-se a um real êxodo. Tudo até o Forte Tiuna e Miraflores. A esta onda se unem, inclusive, os habitantes do Petare, bairro popular na zona leste de Caracas que conta com mais de 600 mil habitantes. O assédio ao Forte Tiuna, Miraflores e Maracay continuará ininterruptamente, com uma presença que irá aumentando no transcorrer das horas e só parará depois que Chávez tenha voltado ao poder.

Todos os meios de comunicação estão nas mãos dos golpistas e as vozes dos chavistas vão ao ar somente pelas rádios locais. A Rádio Perola, em conexão com RNV (Rádio Nacional da Venezuela), antes das 18h40 anuncia que Chávez se encontra na ilha La Orchila e que não havia renunciado. Mais ou menos meia hora depois, a Catia TV, em conexão com uma emissora regional de Barquisimento, no Estado de Lara, transmite uma

entrevista telefônica com Marisabel de Chávez, que declara haver recebido uma mensagem do marido na qual ele dizia não haver renunciado.

As primeiras decisões de Carmona

Carmona, cumpridas as honras, põe-se de imediato a trabalhar nomeando os membros da nova administração. É preciso dizer, no entanto, que Carmona se limitou a avaliar estas nomeações, visto que todos os membros do novo governo seriam nomeados por Isaac Pérez Recao, que sempre fora o empresário e dono de Carmona, e que evidentemente seguia sendo. E Isaac elege os nomes e assina os cargos, fazendo-o no melhor estilo "punto fijo" entre os militares de alto escalão, empresários e membros da Opus Dei, civis obviamente, mas com o aval da parte clerical dessa associação. O conselho de ministros foi assim constituído:

- General Rafael Damiani Bustillos, ministro do Interior;
- José Rodríguez Iturbe, ministro do Exterior;
- Leopoldo Martínez, ministro do Ministério da Fazenda;
- César Carvallo, ministro do Trabalho;
- León Arismendi, ministro do Planejamento;
- Héctor Ramírez Pérez, ministro da Defesa;
- Rafael Arreaza, ministro da Saúde;
- Vice-almirante Jesús E. Briceño, ministro de Secretaria;
- Daniel Romero, fiscal geral da República;
- Guaicaipuro Lameda, retoma seu trabalho: presidente da PDVSA.

A nomeação que mais gerou incômodo entre os próprios golpistas foi a do ministro da Defesa. Todos esperavam a nomeação de Vásquez Velazco, mas foram surpreendidos porque Carmona, inesperadamente, nomeou o vice-almirante Héctor Ramírez Pérez, talvez por sua grande interpretação diante das câmeras de

Otto Neustadt ou então porque o militar, junto a Isaac Pérez Recao e a Molina Tamayo, providenciaram os mortos necessários ao suspeito plano. Nenhum cargo a Carlos Ortega, ainda que os pactos previssem sua participação ativa no novo governo, coisa que o incomodou muitíssimo. Sem dúvida, para acalmá-lo, foram administrados calmantes do tipo "dólares estadunidenses", que, como todos os fármacos, tem um efeito diretamente proporcional à sua dose. Carmona recebeu durante todo o dia uma avalanche de ligações de empresários, algumas para dar a ele felicitações, mas muitas para começar a definir o reembolso do que os empresários gastaram na ajuda dada à causa golpista. Parece que foram muitas as promessas feitas nos muitos meses de preparação e agora começavam os apuros. Por fim, Carlos Ortega se encontrava em boa e numerosa companhia.

Em todo caso, os pontos importantes do seu programa já estavam definidos e agora restava apenas realizá-lo no tempo que tinha a sua disposição, 365 dias. Deu rapidamente a ordem para que fosse colocado em contato com Luis Giusti, nos EUA, para fechar a negociação da venda da PDVSA, parece que a um consórcio estadunidense, com a intermediação do mesmo Giusti, obviamente. Da mesma forma, se tivesse tido tempo suficiente, Carmona teria vendido tudo quanto fosse possível, como cada bom intermediário, e haveria ganhado aqueles poucos milhões de dólares necessários para garantir uma tranquila e serena velhice. Mas ainda havia algo a ser feito, algo de extrema importância. Chávez não quis assinar a maldita renúncia. Sua presidência se fundava sobre esse documento e a verdade havia sido escondida; assim tinha sérios problemas em justificar a legalidade da sua situação, sobretudo em nível internacional. Esse problema teria de ser solucionado rapidamente, ainda naquela noite. De fato só haviam duas possibilidades: ou Chávez assinava a renúncia ou teria de ser eliminado. Melhor ainda se eliminado na sequência da assinatura. A CIA o queria nos EUA para processá-lo, condená-

lo e dar assim um exemplo a toda a esquerda sul-americana. Os militares, e principalmente os políticos, queriam processá-lo na Venezuela para degustar até o final a sua vingança contra Chávez e, naturalmente, todos os seus acólitos. Carmona está cansado e quer ir descansar. O dia fora estressante para o modesto ex-presidente da Fedecámaras, portanto, antes de ir dormir dá a ordem da eliminação do maldito teimoso. Mas era necessário explicar a "lei da fuga": deixá-lo escapar e depois disparar.

Carmona Estanga, sentado em Miraflores diante de uma mesa com Héctor Ramírez Pérez, Molina Tamayo e Néstor Gonzáles Gonzáles, comiam algo. Um dos camareiros escuta a conversa da condenação de Chávez à morte, palavras que são ouvidas também por alguns militares da Guarda de Honra, todos jovens. Ficam transtornados e decidem intervir de algum modo. Sabem quem são os oficiais que continuaram leais, e, sem chamar atenção, um camareiro contata alguns deles e os adverte do que se está planejando. Os oficiais tentam organizar-se, mas já não há tempo.

Padre Mikel de Viana, professor e jesuíta

Padre de Viana foi uma das vozes mais decididas e violentas contra Chávez. Pela sua forte personalidade, sua figura profissional e linguagem dignas do melhor político opositor, podemos considerá-lo como figura proeminente da CEV. Foi visto frequentemente na televisão, entrevistado pela jornalista Marta Colomina, em perfeita sintonia nas críticas ao ultrajante governo Chávez, mas nunca participando de maneira direta nas ações empreendidas pela oposição e pela Igreja, como o fez exemplarmente o monsenhor Baltazár Porras. Padre jesuíta, pertencente à Opus Dei, licenciou-se em sociologia e teologia, com um doutorado em teologia moral. Desenvolveu e ainda desenvolve atividades de ensino da Ucab em sociologia, sociologia política e doutrina so-

cial. Consultor em muitos projetos, colabora com a revista SIC. Escreveu diversos artigos sobre temas de sua área de estudo e tem sob sua responsabilidade várias publicações. Foi coordenador em um trabalho de pesquisa sobre a pobreza na Venezuela, num módulo dedicado aos aspectos culturais. Como se vê, a pobreza na Venezuela frequentemente é objeto de estudos e pesquisa, mas provavelmente estes trabalhos peculiares deveriam servir para evitar que a pobreza desaparecesse do país, visto que, com as democracias de até a Quarta República, ano após ano, ela sempre foi aumentando. Se os intelectuais tivessem exercido sobre os governos passados a mesma pressão usada contra Chávez, hoje a situação seria muito diferente.

A felicidade deste padre em ver um branco de volta ao poder na Venezuela foi, infelizmente para ele, de curta duração. Contudo, teve seu auge com o juramento do Pedro Carmona, que esmoreceu meia hora depois, quando Daniel Romero acabou a leitura do infausto decreto. Padre de Viana se deu conta imediatamente do grave erro do governo Carmona: a quebra da vertente constitucional. O jornal *El Universal*, alguns meses depois, saiu com um artigo no qual se afirmava que o padre de Viana, no próprio 12 de abril, enviara uma carta a Pedro Carmona na qual assinalava os erros cometidos, segundo ele, com o decreto, concluindo portanto: "Seu governo não pode iniciar com tais feridas, porque, se não me engano no que acabo de dizer, ela será deposta, não sei de quem, em breve".

É curioso ver como esse sacerdote, tão claramente perspicaz, não quis nunca nem mesmo tratar de entender as motivações da Revolução Bolivariana porque sempre esteve convencido de que a transformação da sociedade venezuelana só podia ocorrer por obra dos intelectuais, melhor ainda se da Ucab, e a Revolucção Bolivariana não só não tinha ao seu lado intelectuais de envergadura, mas, pior ainda, em sua maioria estava constituída de miseráveis (palavras suas).

Do Forte Tiuna a Turiamo

Para evitar surpresas, Chávez é deslocado várias vezes dentro do Forte Tiuna, justamente para impedir que alguém pudesse organizar uma tentativa de fuga. Mudando-o de lugar, não davam tempo material a eventuais grupos fiéis de organizar planos de fuga, o que seria catastrófico para os golpistas. Forte Tiuna, em todo caso, não é o lugar ideal para executar a sentença de morte porque havia muita gente e Chávez tem muitos amigos no Exército. Além de poder complicar as coisas no futuro, havia que considerar a presença de funcionários da embaixada dos EUA, militares da CIA e altos prelados, toda gente que, ao menos oficialmente, não deve saber.

Além disso, há muita confusão, formam-se grupos de militares que cochicham em voz baixa, longe dos olhares dos superiores, comandantes golpistas que querem convencer os colegas titubeantes, os fiéis a Chávez que tratam de dissimular indecisão para não serem presos ou afastados. Chávez aproveita cada circunstância para romper seu isolamento, discutindo com os guardiões a busca de um contato humano. Por fim, consegue uma vez mais um celular emprestado de um dos oficiais e liga para José Vicente Rangel, que diz:

> Hugo, é importante e necessário que todos saibam que não renunciou e que não tem nenhuma intenção de fazê-lo. Encontre uma maneira, porque todos devem sabê-lo pela sua voz, já que só assim será possível desvelar essa grande mentira.

Mais tarde, duas jovens mulheres, procuradoras militares, vão interrogar o presidente prisioneiro para saber de suas condições físicas, e, sobretudo, para averiguar a situação jurídica existente no momento. A entrevista é muito breve por causa da presença de um superior, que, evidentemente, aderira com outras intenções àquele encontro. Uma das suas prepara sua caderneta

e pergunta, dirigindo-se a Chávez, mas evitando dar-lhe algum título: "Como se sente?". E ele responde: "Bem, mas a primeira coisa que terá de escrever nesse relatório é que eu não renunciei". Somente transcreve que ele está bem, ignorando a parte que se referia à renúncia. Assinam o documento primeiro Chávez, depois as duas moças, e, por fim, o coronel golpista que as controla. Depois uma das duas faz uma cópia do documento e, abaixo da assinatura de Chávez, com letras bem pequenas, acrescenta: "PS: manifesta não haver renunciado". Este foi o primeiro documento, que provavelmente ficou entre os militares, que iniciava a desvendar a verdade.

A pressão das pessoas no exterior do Forte Tiuna preocupava muito os golpistas, que, visto que eram inúteis as tentativas de aplicar a "lei de fuga" no forte, decidem levar o prisioneiro a um lugar mais idôneo, e elegem a base da Marinha de Turiamo. Esse lugar é uma base logística da Armada, como um complexo de veraneio de uns 18 alojamentos, situado numa localidade isolada, com poucas ruas de acesso e bastante distante dos grandes centros. Ali era mais fácil controlar o prisioneiro e, antes que se espalhasse a notícia do novo local em que estaria preso o presidente, a junta já deveria ter solucionado o problema. Chegam dois helicópteros, Chávez sai da sua prisão escoltado e no trajeto até o veículo o general Pérez Arcay o entrega um crucifixo, que creio que o presidente guarda até hoje. Leva somente suas calças de uma farda e uma flanela branca, e todo o resto fica confiscado. Em um dos helicópteros embarcam o prisioneiro, um oficial e a escolta armada, enquanto no outro embarcam alguns oficiais e as tropas armadas. Completadas as operações, os dois helicópteros Agusta decolam por volta das 22h. Durante o trajeto, nenhum dos ocupantes do helicóptero fala, também porque tudo está envolvido pelo ruído das turbinas. A noite é sem lua e no céu as estrelas brilham frias. Olhares pensativos são trocados entre os ocupantes, que observam o presidente de relance.

Cada um deles queria estar em outro lugar, em suas casas com os parentes e amigos, tomando uma cerveja gelada, ou melhor ainda, dançando com uma mulher. Melhor era não pensar no futuro imediato, no que aconteceria nas horas seguintes. O oficial responsável por aquele trajeto sabe da ordem dada por Carmona e, inclusive, sabe que seus colegas e superiores diretos tiveram fortes discussões e se negaram a sujar as mãos com o sangue de Chávez. Um calafrio sobe por sua espinha e pensa no limite tênue entre ser um bom oficial e converter-se em um traidor, ou, pior ainda, um assassino. Dá uma olhada em Chávez, que está olhando para fora do helicóptero, e imagina o que estaria passando pela cabeça do prisioneiro... Parecia tranquilo, talvez ignorando o quanto estava próximo da morte. Mas seria verdade o que repetiram à exaustão os generais poucos minutos antes? Chávez mandara matar gente inocente! A sede de poder o enlouquecera! Passam por sua mente as imagens da televisão do dia anterior: meninos e meninas mortos com golpes na cabeça; chavistas que, do Viaduto Llaguno, disparavam sobre a marcha. Loucuras horríveis, mas como pôde acontecer tudo isso? Olha novamente para Chávez, que não se movera, e o vê como um frio assassino. Tem uma súbita vontade de atirá-lo do helicóptero. Suspira fundo e observa os outros militares. Todos estão com o olhar baixo, olhando as pontas dos sapatos, nenhum ousa olhar para a cara do outro.

De vez em quando os pilotos se viram por alguns instantes, controlando para que tudo esteja tranquilo. O oficial fecha os olhos como que para afastar pensamentos incômodos. Vem à sua mente um discurso de Chávez, quando ele repete as palavras de Bolívar: "maldito seja o soldado que dirige o poder de suas armas contra o seu povo". Pensa nos dois anos de governo daquele homem que está sentado ao seu lado. Tenta encontrar nele um sinal de loucura, mas não consegue. Recorre às intermináveis discussões que tivera nos círculos militares,

recordando os elogios dos oficiais amigos do presidente e das disputas com os que o obstaculizavam, mas não havia ordens de repressão, os militares não haviam sido usados nunca contra as manifestações, como ocorria antes. E então? Lembra-se também das críticas feitas a Chávez: é um covarde, demasiado complacente, insultam-no e ele não tem ânimo de quebrar os dentes daqueles imbecis. Algo não se encaixava naquela história. Move-se incomodamente na sua poltrona e naquele momento Chávez volta a observá-lo. Por um momento seus olhares se cruzam e o oficial abaixa os olhos, confuso, como se temesse poder deixar transparecer seus pensamentos. Chávez volta a olhar o céu e o brilho das estrelas que refletem sobre o mar. Não tem atitudes de um covarde. Será que tem a consciência tranquila?

Por sua vez, Chávez está revivendo os acontecimentos das últimas 24h como uma repetição infinita. As palavras de Fidel, a voz preocupada da filha, a vergonha no rosto dos seus colaboradores. Pergunta-se o que estaria realmente acontecendo, mas o quadro dos acontecimentos já começa a perfilar-se e lentamente o quebra-cabeça se compõe em sua mente, peça por peça. O que o fere a alma é principalmente a traição dos generais considerados fiéis a Constituição.

> Rosendo, covarde traidor. Escondeu-se sem ter nunca o ânimo de afrontar-se abertamente! E o outro Vásquez Velazco. Agora entendo o jogo. Antes manobraram para fazê-lo chegar a comandante do Exército, para, depois... E aquela merda de Guaicaipuro... Seu pai teria feito melhor se o tivesse chamado de Judas!.

Depois vem um pensamento triste e agoniante: o que teria sido feito de seus pais? E de Marisabel e RosaInés?... Não sabe ainda o que ocorrera a Marisabel.

Naquele momento, um dos pilotos fala com a base pedindo permissão para aterrissar.

Em Turiamo

O helicóptero levou uns 50 minutos para percorrer 120 km que separam Forte Tiuna da Baía de Turiamo, a oeste de Caracas, na fronteira entre os Estados de Aragua e Carabobo. Aproxima-se das 23h, quando os veículos aterrissam, despertando certa curiosidade no pessoal das casas, visto que não era usual a chegada de helicópteros por ali, muito menos a noite. Lá, contudo, oficiais e hóspedes importantes chegavam de carro parar passar o período de descanso do final de semana, desfrutando da bonita praia e da tranquilidade do lugar, em plena segurança.

Nessas bases logísticas o pessoal militar é reduzido ao mínimo indispensável e quase todos têm tarefas administrativas, exceto os da vigilância e segurança, obviamente. Naquela sexta-feira à tarde, não chegara nenhum hóspede, o que é normal, mas, durante a noite, chegaram centenas de homens armados, um comando inteiro, para preparar uma hospitalidade muito particular, adequada ao personagem que estava a ponto de chegar, reforçando a vigilância da base. Primeiramente descem os militares armados do segundo helicóptero, que são alcançados em seguida, na pista, por alguns colegas do comando que haviam chegado pela tarde, todos fortemente armados. Enquanto conversavam entre eles, desce do outro helicóptero o presidente, rodeado pelos guardas que viajaram com ele. O grupo com Chávez encaminha-se até o primeiro grupo e, enquanto se aproximam, o presidente percebe que o objeto da discussão é ele. Gestos nervosos, olhares rápidos, vozes reunidas levantam-se sobre o ruído dos helicópteros com os motores ligados, mas não compreende o que falam.

Quando o grupo com Chávez chega a poucos passos de distância, dois dos militares que estavam discutindo com maior empolgação se viram imediatamente de costas. Chávez vê ficarem brancos os rostos dos que permaneciam de frente e intui o que

está a ponto de ocorrer: aqueles dois vão disparar na sua direção! Vira-se de sopetão e, olhando bem nos olhos deles, diz: "Pensem bem no que estão a ponto de fazer!". Naquele instante o oficial que viajara com ele coloca-se a postos enquanto todos os militares, quase ao mesmo tempo, armam os seus fuzis. O oficial grita com uma voz falhada pela emoção: "Se matam aqui o presidente morreremos todos!". O tempo pareceu parar, pode-se sentir o estrondo de sangue nas orelhas, bombeado com violência pelos corações enlouquecidos daqueles rapazes. Sentia-se o cheiro da adrenalina. Estão todos com o dedo sobre o gatilho, olhos fixos, nervos tensos à flor da pele. Bastaria o mínimo ruído para que se desatasse o inferno. Por alguns segundos ninguém ousou respirar, e todos os olhares estão entre o presidente e os mercenários verdugos. Chávez está ali, erguido e imóvel, olhando diretamente nos olhos dos dois sicários. Passam alguns segundos, e, lentamente, mesmo que titubeando, baixam as armas. Chávez está salvo!

Naquele momento chega um oficial vindo do quartel, ordena conduzir Chávez a um dos edifícios e logo o tranquiliza dizendo que estão preparando um alojamento para ele. Enquanto Chávez se distancia com a numerosa escolta, os sicários e seu grupo permanecem perto dos helicópteros e a discussão, mesmo que em tons mais brandos, continua por algum tempo. Quando Chávez chega ao quartel, configura-se uma estranha situação: os oficiais estão evidentemente incomodados e muito agitados, enquanto os outros, os militares de baixo escalão, acolhem o presidente com certa alegria e expressões sorridentes, talvez porque muitos deles não sabem o que está ocorrendo exatamente em Caracas e assim poderiam não ter ideia do verdadeiro motivo da presença do presidente em Turiamo. Parece absurdo, mas aqui ocorrem realmente coisas absurdas. Naquelas horas e durante a permanência do presidente na base, da Itália me chega a seguinte notícia: "Chávez foi levado à ilha La Orchila, de onde parece

que partirá para Cuba!". Por sua vez, encontrava-se em Turiamo e nenhuma emissora na Venezuela dizia nada sobre isso.

Chávez sabia que o momento crítico já havia passado, graças à honra de militares honestos. Naquelas horas, foram muitos os heróis silenciosos que arriscaram suas vidas para cumprir um dever moral mais forte que qualquer ordem de crime. Ele mantém seu sangue frio, o que incomoda os oficiais. Enquanto os oficiais da base e os pertencentes ao comando saem para conversar entre eles e organizar a vigilância, os militares simples e suboficiais assistem-no como podem, intimidados pela sua presença e também porque não haviam sido informados sobre a sua chegada. Na enfermaria uma jovem que mede a sua pressão lhe diz em voz baixa: "Senhor presidente, eu e a minha mãe o estimamos muito. Tínhamos muita vontade de conhecê-lo, mas quem pensaria que iria ocorrer nessas circunstâncias!", e seus olhos se enchem d'água, enquanto conta-lhe sobre sua família, seu filho...

Chávez se enternece, mas não responde nada, compadecido. Logo está no seu quarto-prisão e pensa no seu país, cheio de crianças pobres. O que será deles, nas mãos dos traidores? Somente entre quatro paredes, no silêncio da noite, Chávez chora, chora por não ter sabido realizar o sonho de toda uma vida, chora pela sorte de seus seguidores, que serão perseguidos como criminosos, e chora, sobretudo, pelas crianças que serão obrigadas a crescer sem nenhuma esperança, como sempre fora. Depois do desabafo, no entanto, retoma o semblante rebelde, o teimoso rebelde. Não, aquilo não poderia acabar daquela maneira! Não há opções possíveis! Temos que vencer e venceremos!

Deram-lhe um colchão da enfermaria, uma lâmpada e uma poltrona. Dão-lhe uma janta e, principalmente, café, bebida da qual não pode prescindir. Vendo o mal-estar dos militares, lhes diz: "Não se preocupem comigo, garotos, apenas me tragam um lençol, sou um soldado como vocês". Um dos soldados lembra Chávez de que Maracay está a uns 50 quilômetros, e que pode-

riam organizar sua fuga. Baduel era um general confiável. Começaram a fazer planos para deixar a base a pé e logo tomar um carro, que disponibilizariam do lado de fora. Chávez se seduz com a ideia, mas há muitas incógnitas e poderia assim colocar em risco a vida daqueles garotos. Decide também esperar, porque aquela tentativa podia ser a ocasião que os golpistas esperavam para aplicar-lhe a "lei de fuga". Até aquele momento tivera sorte, mas também não poderia desafiá-la demasiadamente. Começava a crescer nele uma estranha confiança, mesmo que embrionária, nos companheiros de armas que estavam demonstrando em fatos as qualidades que deveriam fazer de cada oficial um cavalheiro. Deram-lhe um par de calçados esportivos e seus carcereiros permitiram que passeasse na praia. Caminha pensativo, enchendo os pulmões de ar fresco da bonita baía, e aproveitando para descarregar a tensão, saboreando ainda o fato de estar vivo. Admira as estrelas e escuta a voz do mar; o ar está imóvel, como se a natureza o tivesse suspendido, e um silêncio profundo o circunda, quebrado apenas pelo estranho coaxar das rãs e de uma ligeira brisa que sopra, por breves instantes, mostrando-lhe os perfumes que ele conhecia do campo: o cheiro da grama úmida e o leve aroma de baunilha, o aroma da salinidade. O prisioneiro pensa repetidamente nos últimos acontecimentos e sentimentos contrastantes o invadem e o confundem. Ignora intencionalmente o momento crucial vivido horas antes,

> (...) é evidente que os militares das repartições operativas não aceitam o golpe e o povo não pode aprovar passivamente uma ditadura desse tipo. O sonho de toda uma vida não pode acabar tão miseravelmente. Cedo ou tarde, terá que haver uma reação (...).

Roga a Deus para que não houvesse outro derramamento de sangue. Teme que possa ocorrer infelizmente na Venezuela o que ocorrera no passado: na Colômbia, em 9 de abril de 1948, assassinaram Jorge Eliécer Gaitán, chefe do Partido Liberal da

Colômbia, e sua morte desatou a reação violenta da população, que detonou um incêndio em Bogotá. O episódio foi chamado de "bogotaço". Em consequência de tais ocorridos surgiram grupos guerrilheiros e, desde então, não há paz na Colômbia, onde a guerrilha continua a fazer vítimas.

Chávez não recebe notícias há várias horas, e não pode, assim, avaliar o desenrolar dos acontecimentos. Fica, em todo caso, uma prioridade: fazer o mundo todo saber que não renunciara. Naquela noite circularam na Venezuela muitos rumores sobre as condições de Chávez e sobre o lugar onde ele se encontrava; algumas foram postas em circulação pelos golpistas e outras nasceram por frases captadas em discussões ocasionais, enquanto a multidão ao redor das instalações militares se converte em um verdadeiro mar. Diz-se que estava com uma ferida na perna, que se encontrava já em Cuba, que o estavam mantendo dopado em uma galeria, e alguém disse, inclusive, que o estavam mandando aos Estados Unidos. Chávez vai se deitar, cansado de pensar. Queria dormir um pouco, mas não consegue. Aperta entre as mãos o crucifixo que lhe deu o general Jacinto Pérez Arcay, fecha os olhos e, de repente, chegam os seus bons sonhos.

PARTE VI

13 de abril de 2002

Para contar os fatos desse convulsivo e decisivo dia do modo mais claro possível, creio ser oportuno evitar uma cronologia rigorosa, porque, tendo havido muitos acontecimentos dramáticos quase ao mesmo tempo, a narração se tornaria extremamente fragmentada e talvez incompreensível. Preferi então seguir os acontecimentos de uma maneira um pouco mais lógica, porque o objetivo não é fazer uma crônica jornalística, e sim fornecer uma breve leitura do lado humano dos protagonistas, muitas vezes involuntários, desse pedacinho da história contemporânea. A essência desses fatos é dada pela abnegação de milhões de venezuelanos, civis e militares, armados apenas com coragem, esperança, verdadeiro patriotismo, fé na sua Constituição e um amor sem reservas pelo seu líder, afrontando de cara limpa a repressão violenta e a cruel arrogância da oligarquia racista venezuelana.

É interessante o que aparece em um jornal mexicano, *La Jornada*. O artigo foi escrito por Gregory Wilpert, pesquisador independente de sociologia do desenvolvimento. Domiciliado em Caracas, formou-se na Universidade Central da Venezuela e depois fez seu doutorado na Universidade de Nova York. E escreve assim:

> O que aconteceu nos faz ver, mais uma vez, que a democracia na América Latina depende da preferência da classe que

> governa, e não da lei. Se os Estados Unidos e a comunidade democrática internacional tiverem a coragem de colocar em prática aquilo que dizem, não reconhecerão este governo. Os democratas do mundo têm que exercer pressão sobre seus governantes para que eles não estabeleçam relações com a nova junta militar venezuelana ou com qualquer outro presidente que seja designado. Conforme a Carta da Organização dos Estados Americanos (OEA), isso significará expulsar a Venezuela de tal organismo, como recentemente um funcionário do Departamento de Estado ameaçou, mas referindo-se a Chávez. Peço aos cidadãos de todos os países que coloquem-se em contato com seus respectivos ministérios de relações exteriores e peçam que retirem seus embaixadores da Venezuela.

Para usar um jargão venezuelano: "Um galo não canta mais alto!"

E o que diz o nosso Carlos Andrés Pérez, de seu exílio dourado em Miami? Numa entrevista concedida à CNN, sugere ao Departamento de Estado quais as normas que devem ser adotadas em relação à Venezuela: "o papel dos Estados Unidos é apoiar o grande trabalho de recuperação democrática que realizará este governo".

Em Caracas

Em Caracas ocorrem, durante a noite, os primeiros casos de saques e protestos violentos. São queimados pneus e interditadas algumas ruas de acesso à cidade. Estas ações são a resposta à repressão armada empenhada pelos policiais golpistas. Os protestos populares aumentam e já não é possível ignorá-los, mas as "quatro TVs irmãs" censuram as notícias de protestos e todos os comentaristas permanecem em suas casas, talvez para garantir sua segurança pessoal. Durante todo o dia são transmitidos desenhos animados, e as poucas notícias serão sempre sobre a junta

e sobre os militares golpistas. Nas primeiras horas da manhã, um grupo de funcionários do Canal 8 aparece na entrada dos estúdios da emissora, mas as tropas do governador Mendoza que guardavam o edifício não os permite entrar. Chegam em seguida, Jesús Romero Anselmi, presidente do canal, com dois magistrados, e também são impedidos de entrar. Os seguranças começam a ficar agitados e tentam contato telefônico com os superiores, que, evidentemente, tinham outras preocupações. A cada minuto que passa a concentração diante do edifício aumenta. Chega também gente que trabalha nos meios de comunicação comunitários e rádios privadas, prontos para dar uma mão aos colegas da VTV presentes. A maioria dos trabalhadores, no entanto, desde o dia 11, estava ainda escondida pelo medo da repressão da própria polícia do governo Mendoza.

Os efeitos do Decreto Carmona começam a ser sentidos e o asco provocado na opinião pública internacional e nacional faz balançar as arrogantes certezas da junta de transição. Além disso, o fato de não aparecer em lado algum a renúncia de Chávez estava complicando o quadro geral, o que tirava o processo golpista de qualquer legalidade. Ainda que o apoio das emissoras de televisão estivesse a todo vapor, a única coisa que os meios de comunicação conseguiram é mostrar abertamente que o golpe teve forte envolvimento da mídia, não só ideologicamente, mas como parte integrante do processo de desestabilização.

Alguns jornalistas sérios, em função da atitude dos editores, decidiram demitir-se e dissociar-se das ações ilegítimas aplicadas pela imprensa. Dentre eles está Andrés Izarra, um dos melhores jornalistas da RCTV, desgostoso pela atitude dos proprietários da emissora. Anos depois, converter-se-ia no presidente da Telesur. As pressões sobre o governo Carmona chegam de toda parte, inclusive de Washington. O embaixador Charles Shapiro transmite pessoalmente a Pedro Carmona as preocupações do Departamento de Estado sobre as violações

das instituições. Solicita, além de tudo, que seja apresentada à junta a prova física da renúncia de Chávez, único documento que poderia dar uma aparência de legalidade à junta. Um Carmona muito agitado liga para os militares e exige que façam o impossível para que Chávez assine e, uma vez em posse dele, deveriam fazê-lo desaparecer para sempre. Chávez tinha que ser eliminado. Não se soube de nenhum rechaço da Igreja Católica, para cujos altos prelados estava evidentemente tudo bem, desde que Chávez desaparecesse.

Para ganhar tempo, um dos ministros de Carmona declara publicamente que Chávez só havia renunciado verbalmente, desmentindo assim as notícias dadas pelas emissoras de televisão, dizendo ainda que o ex-presidente seria exilado em seguida, depois da assinatura da renúncia. Das emissoras locais era impossível obter notícias, então me coloco em contato telefônico com meus parentes na Itália e de lá recebo um pouco o que se transmite pelos telejornais; também na internet as informações eram muito escassas e discutíveis. As únicas fontes que puderam dar informações aceitáveis na Venezuela foram as agências estrangeiras com seus jornalistas, repórteres e fotógrafos.

Quando as notícias se tornaram mais preocupantes para os golpistas, como quando a verdadeira sublevação popular chegou às emissoras privadas, elas as substituíam com respostas brandas e declarações de que apenas se tratava de conversa, de episódios sem importância e de pequenos focos já controlados. Otto Neustadt, tal como muitos outros, são atolados de ligações procedentes de toda a Venezuela, onde as pessoas pediam a transmissão do que ocorria nas ruas, ou seja, a reivindicação dos chavistas para pedir a volta de seu presidente. Otto, em oposição à sua mulher Gladys, que o queria em casa e seguro, coloca-se em movimento porque acredita que os acontecimentos se desenvolviam de maneira inesperada e mereciam ser acompanhados.

Enquanto isso, em Miami, a sede da CNN de língua espanhola recebe da Venezuela dezenas de ligações por parte dos golpistas e, sobretudo, dos donos das "quatro TVs irmãs", que pedem que não sejam transmitidas notícias que coloquem em perigo a junta. Buscavam cúmplices e queriam ocultar a realidade. Simplesmente a CNN não aceita; por sorte. As pessoas agora protestavam por toda parte e a repressão da polícia metropolitana ocorre de maneira aberta e maciça, dispersando as concentrações a tiros. Pelas ruas, só havia jornalistas das agências estrangeiras. Perguntam aos manifestantes por que estavam protestando, e a resposta é sempre a mesma: "Porque sequestraram Chávez... ele não renunciou", e gritam contra Carmona e a favor de Chávez: "Liberdade... Chávez... Abaixo à ditadura...". Quando eram questionados sobre o que estava acontecendo, respondiam: "(...) estão disparando em nós somente porque nos manifestamos a favor de Chávez... têm que libertá-lo, têm que libertá-lo, o governo o está mantendo prisioneiro!", "Queremos Chávez", "isso é um golpe de Estado porque ele não renunciou...", "Chávez, amigo, o povo está contigo!". Uma mulher, em Jardines del Valle, periferia de Caracas, grita: "eu votei em Chávez e quero que ele termine seu mandato!"...

Durante o dia e em boa parte da noite continuam os saques e os incêndios dos estabelecimentos comerciais na periferia de Caracas. Os policiais sumiram, a junta de transição estava com outras prioridades – como a sua própria sobrevivência, e a segurança pessoal dos golpistas. Podia-se degustar o que poderia ser o futuro da Venezuela: caos institucional, ações de tipo fascista, guerrilha urbana e muita probabilidade de guerra civil. Do alto era possível ver a fumaça dos incêndios unida àquela dos pneus queimados pelos chavistas, que estavam literalmente paralisando Caracas. Os manifestantes desarmados, usando lenços e gorros, respondiam quando questionados pelos jornalistas: "Chávez tem que ser libertado, e se não for destruiremos Caracas!".

Em Maracay

Enquanto os chavistas começavam a mobilizar-se também em direção a Miraflores, o general Julio José García Montoya, secretário executivo do Conselho de Defesa, que saudara o presidente dizendo-lhe que havia decidido entregar-se aos golpistas, se dirige ao palácio branco junto aos seus colaboradores. Durante uma breve reunião, decide deixar também aquela instalação que poderia tornar-se uma armadilha e organiza um primeiro grupo de trabalho na sua casa, e um segundo instalado em um pequeno apartamento, também de sua propriedade. Começa assim a analisar as poucas informações que conseguem e, por fim, decidem mudar-se para Maracay.

Na manhã do dia 13 de abril, García Montoya, enquanto estava prestes a chegar aos escritórios improvisados, encontra-se com o vice-almirante Héctor Ramírez Pérez, que vive na região. Os dois se cumprimentam e trocam algumas palavras, e em seguida o vice-almirante manifesta sua grande preocupação a respeito dos últimos acontecimentos e do perigo potencial que representa a 42ª Brigada de Paraquedistas; teme uma intervenção militar que poderia ser mortal. García Montoya, já que havia decidido sair para Maracay, diz a ele que conhece Baduel e que está disposto a ir à 42ª Brigada para acalmar os ânimos. Os dois se separam, García Montoya vai para seu apartamento para dar as últimas instruções aos seus colaboradores e, logo depois, sobe em seu carro e parte para Maracay, onde chegaria por volta das 9h30 da manhã. Reúne-se no escritório de Baduel, com o próprio e com vários outros generais, como Nelson Benito Verde Grateról, do Exército, Luis Acevedo Quintero e Pedro Torres Finol, da Aviação. García Montoya expõe suas considerações sobre os acontecimentos dos últimos dois dias e afirma que as Forças Armadas não poderiam endossar um Estado de fato ilegítimo, inconstitucional e desumano.

Todos estavam de acordo e começaram a traçar uma estratégia para sair da crise de então. Assim nasceu a "Operação Restituição da Dignidade Nacional" e emitem um comunicado no qual se afirma a fidelidade das Forças Armadas e os princípios sancionados na Constituição e nas instituições nacionais. Esse documento foi assinado por todos os presentes. Quando o levaram a conhecimento público, chocaram-se com o silêncio das "quatro TVs irmãs" que se autocensuravam, negando-se a aderir à solicitação dos generais de Maracay. Tiveram que recorrer às agências estrangeiras e à CNN para que o documento pudesse ser levado à opinião pública mundial. Começaram assim a desmoronar as barreiras impostas pelos golpistas, e, à medida que as unidades operativas inteiravam-se da verdade, chamavam García Montoya e declaravam apoio à operação – chamando ainda os comandantes ainda indecisos ou que não estavam cientes da operação. São contatados um a um, e perguntados se estavam com Carmona ou com a constitucionalidade. Ao final daquela rápida sondagem, Baduel e Montoya são agradavelmente surpreendidos pelo fato de que todos, sem exceção, responderam que estavam com as instituições e com a Constituição. Os militares golpistas ficaram bastante isolados e só podiam agora contar com os mercenários de Isaac Pérez Recao, com um grupo de generais e com as poucas tropas cujos superiores diretos haviam sido cooptados.

No transcurso daquela manhã, o tenente-coronel da Guarda Nacional Fernando Capacie, procurador militar superior do Conselho de Guerra de Maracay, conseguiu contato com o coronel do Exército Rafael Ricardo Reyes Rincón, fiscal militar das Forças Armadas, o qual enviou a García Montoya, por fax, o relatório elaborado pelos militares em Forte Tiuna no dia anterior. Como devem se lembrar, uma das procuradoras havia anotado no rodapé da página a frase "PS: manifesta não haver renunciado". Assim, Garcia Montoya tem em suas mãos dois documen-

tos que confirmam que o presidente não renunciara: este fax da fiscalização de Caracas e a assinatura de Juan Bautista Rodríguez enviada a Baduel. Maracay converte-se então no centro de resistência dos constitucionalistas que reagirão à ditadura fascista e facilitarão a volta de Chávez à Presidência.

Durante a manhã, o novo ministro da Defesa da junta de transição, o exímio vice-almirante Héctor Ramírez Pérez, envia a Maracay o general de brigada Rangél López, com a missão de convencer Raúl Baduel a mudar de lado. Evidentemente não conhecem Baduel, um homem para o qual o lema "honra e pátria" ainda faz parte da sua natureza. As negociações de López foram uma tentativa de convencê-lo que Carmona era o salvador da pátria e também de corrompê-lo com a promessa de cargos de alto nível. Sua resposta foi penetrante: "Aqui não há negociação, aqui o que há é Constituição!". Rangél López conversa por telefone com o ministro da Defesa e explica-lhe seu fracasso, voltando enfurecido a Caracas. Mas alguém havia escutado a discussão e a resposta de Baduel, e a notícia se espalha muito rápido por todos os batalhões.

Já que estava claro que os militares não haviam cometido dano algum a Chávez, tenta-se remediar a situação com uma solução incruenta: os generais se reúnem com o ministro da Defesa, em Caracas, no Comando Geral do Exército, no escritório de Lucas Rincón. Enquanto discutem sobre o que fazer, entra na sala um major bastante aborrecido e o ministro diz: "tranquilo, estamos entrando num acordo para conseguir levar Chávez a Cuba". E o major também responde: "aqui não há negociação, aqui o que há é Constituição!".

Em Miraflores

As pessoas estão informadas de que o presidente já não está no Forte Tiuna e que poderia ter sido removido a La Orchila, mas

nada é certo. Em Miraflores, Carmona trata de organizar e colocar em funcionamento o novo governo, mas as notícias que chegam são cada vez mais preocupantes. Os chavistas não querem resignar-se e, mesmo que a polícia de Peña e comparsas atirem fazendo muitas vítimas, não conseguem dissuadir a maré humana que sai protestando sem trégua, negando a legitimidade de Carmona e seus acólitos. O que Chávez conseguiu em 4 de fevereiro de 1992 chega agora espontaneamente: o apoio popular.

Os proprietários dos meios de comunicação, advertindo sobre o perigo da derrota, reuniram-se na noite anterior comentando os efeitos do decreto e a composição da junta. As reclamações de Carlos Andrés Pérez e daqueles que trabalharam com Carlos Ortega chegam a seu destino; Gustavo Cisneros foi o porta-voz dessa manifestação. Acreditavam que, excluindo o presidente da CTV da nova junta, rebaixaram, ou até perderam, o apoio da classe trabalhadora. Claramente não viam ou se negavam a ver a realidade; isto é, todas as estruturas dos golpistas, tal como a velha classe política, perderam definitivamente o apoio popular e não poderiam conter aquela insurreição popular apenas contentando ao triste indivíduo chamado Carlos Ortega. Este senhor, junto aos seus cúmplices, durante o governo de Caldera e no primeiro ano de governo Chávez, organizara no Estado de Zulia um comércio bastante rentável, com a complacência dos políticos corruptos. Quando uma companhia pegava um trabalho ou ganhava uma licitação com a PDVSA, tinha que contratar novos trabalhadores e, por lei, uma parte da mão de obra devia ser provida pelos sindicatos. Mas como os sindicatos elegiam os felizardos operários? Colocando à venda os postos de trabalho, com um preço calculado com base na duração do próprio trabalho. Por exemplo: se o trabalho durasse um ano, em 1999, um operário que quisesse aquele trabalho teria que desembolsar 3 milhões de bolívares (na época quase 2,5 mil dólares), em dinheiro e antecipado. Essa renda era repartida entre os executivos

do sindicato e, naturalmente, uma parte também chegava à presidência da CTV. Multipliquem tudo isso por milhares de trabalhadores e se darão conta do nível de corrupção. E Chávez teve a pretensão de interromper aquele lucrativo comércio!

Mas, para corrigir Carmona, os proprietários dos meios de comunicação se reuniram com ele, confirmaram sua disponibilidade desde que fosse modificado o decreto, dando-lhe uma fachada de constitucionalidade, e Marcel Granier seria o redator para que fossem corrigidos os erros anteriores. Além disso, pedem a convocação de Ortega para que lhe fosse dado um cargo no novo governo, demonstrando assim que os trabalhadores não foram excluídos pela nova ordem. Encarregam Gustavo Cisneros, o inventor do plano, de intermediar a questão com Carlos Ortega, que se encontrava no Estado de Falcón. Ortega, se faz de orgulhoso por estar indignado com a sua exclusão, nega-se a reunir-se com Carmona. Mas Cisneros, que não tem lá muito problema de dinheiro, lhe envia um avião particular, coisa que obviamente toca a vaidade do nosso Carlos, que, vendo a insistência e a perspectiva de honras e dinheiro, se deixa convencer, mesmo que aparentemente de má vontade, e sobe no avião.

Pedro Carmona (o fantoche) não tem evidentemente ideias próprias e se limita a realizar os planos dos seus superiores (os controladores do fantoche) como Isaac Pérez Recao, empresários do calibre de Cisneros e os meios de comunicação, mas, quando toma decisões por conta própria só causa desastres, provocando reações em cadeia. Enquanto isso, a multidão começa a aproximar-se muito de Miraflores, que está sob a guarida da Guarda de Honra e agentes da Guarda Nacional, cada vez mais indecisos. Gritava-se: "Fora ditador Carmona! Viva a revolução e a democracia! O povo enfurecido reclama seus direitos! O povo enfurecido reclama seus direitos..." Quando chegam a Miraflores encontram agentes da Guarda Nacional alinhados uns 20 metros das grades, na rua, com a tarefa de impedir que se aproximassem muito.

O vice-almirante Molina Tamayo, que se autonomeara comandante da Guarda de Honra, ordenou que esta disparasse contra os manifestantes, crime que há poucas horas atribuíam a Chávez. Esta ordem é ignorada e a Guarda Nacional se nega a usar tanto armas como bombas de gás lacrimogêneo! "O povo, unido, jamais será vencido! Viva Chávez!"... a pressão se fazia mais intensa a cada minuto. Os manifestantes enfrentam sem medo os militares e pedem-lhes que os deixem passar; mas um oficial responde que haviam recebido ordens e pede que se dispersem, porque, caso contrário, seriam obrigados a usar armas de fogo. Um manifestante responde: "Terão então que matar o povo, terão que matar-nos todos!"... "Soldado, sincero, una-se ao povo! Soldado, sincero, una-se ao povo!".

Os militares estão desorientados, sentem-se cada vez mais próximos do povo que protesta e começam a derrapar. Alguns entregam as armas ao colega mais próximo e passam para o lado dos manifestantes, os demais decidem não intervir e deixam as pessoas passarem, e, em seguida, a multidão está subindo pelas grades e portões de Miraflores.

De Turiamo a La Orchila

Quando Chávez acorda em Turiamo, na sua cela improvisada, parece-lhe que passaram somente poucos minutos, mas já é quase sábado 13 de abril. Trazem-lhe o café e ele pede aos rapazes da enfermaria para fazer uma ligação. Depois de algum titubeio eles consentem. Um deles se coloca de sentinela, observando fora do edifício os guardas armados. Chávez consegue contatar Diosdado Cabello, o vice-presidente, ainda que por alguns minutos. Coloca-o a par do novo lugar em que está detido e se informa sobre a situação de Caracas. Diosdado o comunica que está coordenando os Círculos Bolivarianos de Catia, um bairro na zona oeste de Caracas, e o anima explicando como as pessoas estão se organi-

zando. Por fim, quando o presidente lhe pede para que se cuide e não cometa imprudências, Diosdado o tranquiliza sobre sua segurança pessoal – ele fora, de fato, o mais procurado pela polícia golpista. Chávez não lhe conta do porquê Ramírez Pérez escolhera Turiamo e muito menos fala sobre a intenção que tinha de matá-lo na sua chegada à baía. Os militares que o escutam não podem deixar de admirar aquele homem pela sua serenidade, mesmo que pensem ser só aparente, admirando, portanto, sua habilidade.

Desperta a base de Turiamo, Chávez pede para sair para caminhar e seus guardas permitem que corresse junto ao pelotão em treinamento. Ele se coloca, então, junto aos rapazes, aperta o passo, mas a idade reclama seus direitos e o presidente começa a perder terreno. Faz piada com os rapazes ao verem-no em dificuldade, e os jovens o motivam enquanto correm e sussurram: "Fique tranquilo porque em Maracay estão protestando e Baduel está contigo". Em qualquer circunstância que se encontre Chávez, seu carisma lhe permite estabelecer fortes relações humanas e, quando consegue conversar, quem o escuta fica envolvido com sua personalidade e autenticidade, muito simples, e imediatamente captura sua atenção. Também tem a capacidade de minimizar situações complicadas com certo bom humor. Lembro-me que, durante uma cúpula dos países da América do Sul e Central, desatou-se uma disputa entre Cuba e a República Dominicana que trouxeram à tona tensões de um passado recente. Chávez tomou a palavra e disse que era necessário olhar adiante, não ao passado, e buscar as coisas que os uniam no lugar das que os dividiam. Mas as expressões seguiam nervosas e a atmosfera tensa. Então ele conta uma piada:

> Um dia, um camponês que vivera toda a sua vida em uma granja decide ir a Caracas, e, quando chega fica pasmado admirando os edifícios, as lojas e as pessoas elegantes. Sente-se fora de lugar e decide melhorar seu aspecto. A primeira coisa que faz é ir a um barbeiro. Entra e, de cara, vê que ali está um

> galego, espanhol emigrado. Senta-se e, enquanto o barbeiro corta seu cabelo, conversa com os outros clientes que estão discutindo a época dos conquistadores. De repente, o camponês se levanta, furioso, tira a toalha e ataca o barbeiro. Os outros clientes têm que tirá-lo à força porque senão iria machucar o outro homem. Chega a polícia, que o prende e leva ao escritório do delegado. Este o interroga perguntando-lhe a razão da sua violência contra o pobre barbeiro e o camponês responde, ainda agitado: "Ele é um espanhol! Você tem noção das crueldades dos espanhóis contra nós?". E o delegado, pasmo, diz: "Mas isso aconteceu há 400 anos!", e o outro replica "sim, mas eu só fiquei sabendo agora!".

Uma risada geral e a cúpula pode seguir em um tom um pouco mais sereno. Falando com quem teve contato pessoal com Chávez, perguntei-lhes quais eram as qualidades que reconheciam nele e todos me responderam: sua grande humanidade, nunca dorme, trabalha sem parar estressando os seus colaboradores, é um atento observador, lê muito…

Voltemos à nossa história e apresentemos um novo personagem, um humilde suboficial da Guarda Nacional responsável pelos serviços do complexo de veraneio de Turiamo, outro herói silencioso: Juan Bautista Rodríguez. Nosso Juan, na tarde de 12 de abril estava em serviço no complexo de veraneio que se encontra na praia e que está a algumas centenas de metros de distância dos alojamentos militares. São quase 23h quando é despertado pelo ruído dos helicópteros que aterrissam na base. O acontecimento é completamente extraordinário porque era a primeira vez durante o seu serviço naquela base que helicópteros chegavam ali. Espera acordado, acreditando que chegavam hóspedes de respeito, mas, como ninguém entrara no complexo, voltou a dormir. Na manhã do dia 13, não podendo conter a curiosidade, decidiu encontrar uma desculpa para apresentar-se à base naval. Por volta das 6h30 Juan carregou uma caminhonete com alguns botijões

de gás e se dirigiu do complexo de veraneio à base. Diante da entrada, no entanto, havia um grande número de militares armados e encapuzados. Juan explicou que teria que levar os botijões à base e, como não poderia passar, voltaria ao seu trabalho no centro de veraneio. Ele não é ouvido, no entanto, e dizem estarem em estado de emergência e que todas as tropas deveriam manter-se aquarteladas, impondo-lhe que se dirigisse ao comando. Juan protesta, notando que é a Guarda Nacional e não a Marinha que está ali, mas não havia o que fazer, não o compreendem e ordenam que obedeça sem mais discussão. Juan sobe na caminhonete e dá a partida, seguido de olhares atentos e desconfiados. Chega ao palacete do comando e se apresenta ao chefe dos serviços, o capitão Padrón Sancovi, que praticamente o manda para o inferno, vendo-o como mais uma adversidade daqueles dias suficientemente complicados. Cada vez mais confuso, Juan busca por um amigo e encontra na cozinha Ramiro Herrera, que está preparando café, mas era possível notar que estava bastante agitado. Juan pergunta-lhe o que estava acontecendo, o porquê de tanta vigilância, e por que o haviam impedido de alcançar a base. Ramiro o aconselha a se manter calado e tranquilo, porque havia ali um grande problema: estava na base um prisioneiro, o presidente da República, e diz ainda que estava encarregado de preparar-lhe comida. O café que está preparando é para o prisioneiro e, enquanto fala, indica com a cabeça o cômodo ao final do corredor. Juan fica assombrado, e, num primeiro momento, pensa que é piada, mas, depois, vendo que ninguém ria e que as feições eram todas de preocupação, entende que ali não havia nenhuma piada.

Ramiro, preparado o café, dirige-se ao cômodo que indicara a Juan, abre a porta e entra. Ao mesmo tempo saem de lá alguns militares. Ramiro volta à cozinha e logo sai para alguma outra incumbência. Juan se dá conta de que os militares armados não se importavam com a sua presença, talvez por ser um simples empregado dos serviços e estar, naturalmente, desarmado. Então de-

cide ir encontrar-se com o presidente! Num futuro, sentirá arrepios de lembrar daquele impulso irresponsável, mas no momento não percebera o perigo ao qual estava se expondo. Caminhando tranquilamente, Juan se dirige ao cômodo-prisão, abre a fechadura da porta, enquanto os guardas o observam desatentamente, entra e fecha a porta nas suas costas. Vê Chávez sentado diante de uma mesa, com os punhos apoiados sobre a bandeja onde estava o café levado por Ramiro. Juan dá uma olhada naquele quartinho miserável onde havia uma cadeira ao lado da cama e sob a mesa uma lata de lixo. Sobre a cama havia uma mala aberta e semivazia, com um livro de Simón Bolívar dentro; esses eram todos os objetos pessoais do presidente. Chávez olha-o e ele se paralisa. Chávez se levanta e, vendo o uniforme, entende que é da Guarda Nacional. Juan Bautista faz a pergunta que todos queriam fazer: "Todos dizem que o senhor renunciou. Por que o fez?". E Chávez, com a voz cansada, responde: "Não filho, não renunciei e não renunciarei nunca. Provavelmente estão buscando uma forma de fazer com que eu desapareça para sempre, visto que me mantém isolado". "Então ainda é o presidente!", diz Juan, firmemente, e acrescenta: "Comandante, tenha confiança, juro que o ajudarei no que puder. Se quiser, pode escrever algo e colocar na lixeira. Agora tenho que sair porque alguém pode suspeitar. Volto dentro de instantes." Chávez o abraça e despede-se com palmadas nas costas, sem falar, não era necessário. Juan sai do quarto, fecha a porta atrás de si e, dirigindo-se aos guardas presentes, diz: "Bem feito, agora, enfim, isso acabou realmente". Eles o dirigem olhares entediados enquanto retorna à cozinha.

Passam poucos minutos e um grupo de oficiais entra no quarto do prisioneiro. Um deles, muito emocionado e com o rosto pálido, lhe diz: "Comandante, nós executamos ordens. Assine a renúncia, faça-o por seu bem, por sua vida". Mas Chávez responde como sempre respondera àquela solicitação: "Filho, não o farei nunca". Os militares saem sem conseguir nada e na base

começam a circular rumores de uma transferência imediata porque têm medo de que venham de Maracay para resgatá-lo. Fala-se em levá-lo às montanhas de San Miguel, outros dizem que o levarão a La Orchila, outra base logística da Marinha, uma ilha a uns 240 quilômetros a nordeste de Turiamo. Pouco depois, entra outro grupo de oficiais e a discussão fica ainda mais fervorosa, visto que comunicam a Chávez que teriam de levá-lo a outro lugar (fig. 39). Chávez diz: "Os rapazes estão me tratando muito bem desde a minha chegada. São soldados maravilhosos, pessoas humanas que me permitiram também conversar com eles". Coronel: "para mim é uma satisfação". Chávez, outra vez:

> Estava dizendo ao capitão que saiu agora há pouco, Sousa, creio, que até agora não pedi nenhum advogado. Confiei em Deus pedindo que uma luz de senso coletivo ilumine as mentes daqueles que tomam as decisões. Não perguntei nada. Não pude falar nem com meus pais nem com a minha esposa. Estou isolado. Em Forte Tiuna pedi um advogado e me foi negado. Só aqui em Turiamo tive companhia por toda a noite. Bem, agora chegou o momento de dizerem aonde querem me levar. Senão daqui eu não me movo!

E o coronel responde: "Sim, veja… fui encarregado, em primeiro lugar, de oferecê-lo, dentro do possível, proteção e segurança e as intenções são de levá-lo a La Orchila para uma possível viagem ao estrangeiro. Estas são as ordens que me foram dadas". Chávez:

> Agora coronel, veja, eu sou um soldado. Eu tenho uma preocupação. Para ir a Cuba, ou onde decidam, em primeiro lugar não poderão obrigar-me. Cuba seria uma possibilidade que estava avaliando uma noite dessas, mas não tive nenhuma resposta. A ansiedade pelo poder apoderou-se de todos os que acreditavam que tudo já estava concluído e que Chávez acabara. Mas aqui muita gente não sabia ainda, ou não entendera, que eu não sou alguém que se rende. Existe uma Constituição

eleita por 82% da população. Eu, para que saibas, pensei até em renunciar, mas o general Raul Baduel me disse para não ceder. Mas todo o alto mando me traiu. Covardes e desleais! Ordenei, na manhã de 11 de abril, que fosse aplicado o Plano Ávila porque tinha o poder de fazê-lo. Decidi aplicá-lo quando recebi a informação, dos órgãos de inteligência das próprias Forças Armadas e da Disip, que fora colocado em ação um plano insurrecional e que o general Medina Gómez, o adido militar da Venezuela em Washington, encontrava-se em Caracas e que trazia armas. Inteirei-me disso tudo. Por isso dei aquela ordem, por tantas provas: "Plano Ávila, general Rosendo"... mas Rosendo não executou a ordem e armou a emboscada. "Lucas, Plano Ávila!", e ele, "presidente... não sei... temos de refletir...". "O que há que pensar? Plano Ávila!". "Bom, vou ao Forte Tiuna", "Está bem, vá ao Forte Tiuna"... E quando chegou: "Não, não nos convém...". Naquele momento peguei o rádio, encontrei Garcia Carneiro e disse: "Garcia, o que está acontecendo?", "Eu não sei comandante, sei que estão me procurando para me prender", "Quem quer te prender?", "Os generais", "Por que, o que está acontecendo?", "Seguramente está havendo uma insurreição militar...". E disse: "Bom, estou ainda no mando, mande-me carros, apliquemos o Plano Ávila!", e ele: "Pararam a autopista...", e continua contando o que conseguira escutar nas conversas com os militares que o vigiavam. "Se tivessem obedecido... a história nos mostrará os responsáveis. Se o alto comando militar tivesse obedecido à ordem de aplicar o Plano Ávila na manhã daquele dia... Ocorre que alguns da linha de comando eram cúmplices de Vásquez Velazco. Traidor! Escondeu-se. Pedi que o chamassem até Miraflores e se escondeu. Pedi a um capitão, ajudante seu, que o chamasse, e ele me disse: "comandante, não sei do general, entrou nos seus aposentos e não responde". É um covarde! E esse é o homem que têm como comandante em chefe!.

O coronel ficava cada vez mais envergonhado e não sabia como responder. Por fim, quase balbuciando, diz: "Olhe... eu, como soldado... Primeiramente, deixe-me cumprir a missão de dar-lhe a proteção que o senhor, como cidadão venezuelano, merece. Por isso veio um grupo de oficiais de seu conhecimento para levá-lo a La Orchila". E Chávez:

> Te entendo, te entendo, garoto. Me perdoe pelo desabafo. Porque veja, a esse ponto eu poderia me recusar a ir com vocês porque, constitucionalmente, eu sou o presidente do país. Então, simplesmente, deixe-me aqui sentado. Agora almoçarei e, depois de comer, meditarei sobre o que fazer e tomarei uma decisão.

Depois, conta como impediu que oito batalhões de carros marchassem sobre Caracas. Os militares se entreolham e saem do aposento. Chávez come e depois aceita ir para La Orchila.

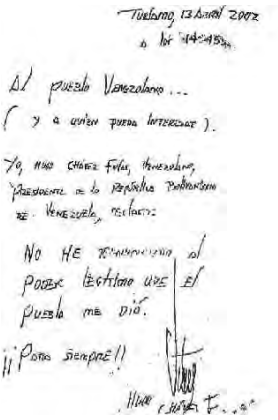
39. Em Turyamo

Na imagem 39, pode-se ver Chávez conversando com esse coronel. Trata-se de um fotograma tirado de uma gravação feita por um dos militares. Na mesma gravação se entrevê, ignorado entre os soldados, Juan, que entra por trás dos oficiais e sai em seguida do quarto, com a lixeira.

Não renunciei

Nosso Juan Bautista, depois de sair da cela do presidente, esconde-se, revolve a lixeira e encontra o documento assinado que será a chave deste fato. Juan, muito emocionado, sabe que tem que agir o mais depressa possível porque a vida do presidente estava em perigo. Sobe na sua caminhonete, dirige-se ao primeiro posto policial, guardado pelos agentes de Turiamo e, quando o param,

diz que está executando uma ordem do comandante da base. Os militares não julgam necessário fazer outros controles, deixam-no passar e Juan se dirige em seguida a Maracay, sem parar. Em Maracay, Juan se apresenta ao seu superior direto, o tenente-coronel Fernando Vigor Gómez, que o aconselha a falar com o comandante do Batalhão de Paraquedistas Pedro Nicolás Briceño, que é o tenente-coronel Argenis Ramón Martínez, e assim o faz.


Turiamo, 13 Abril 2002

Al pueblo Venezolano...

(y a quien pueda interesar).

Yo, Hugo Chávez Frías, Venezolano, Presidente de la República Bolivariana de Venezuela, declaro:

No he renunciado al poder legítimo que el pueblo me dio.

¡¡Por siempre!!

40. Declaração de Chavez

Chegando, apresenta-se à brigada e fala com um tenente na guarita policial. Muito agitado, pede para falar com urgência com o comandante do batalhão. O tenente, também em função do clima daquelas horas, logo se dá conta de que não era oportuno fazer perguntas, liga para o coronel Martínez e passa a Juan, que lhe diz: "Coronel, sou o segundo chefe Juan Bautista Rodríguez e estou executando uma ordem do presidente que está preso em Turiamo". O coronel fica sem palavras por um instante e logo diz: "Não se mova. Vou enviar alguém para que te traga até aqui". Chega um jeep e Juan, chegando ao escritório do coronel, entrega-o a carta assinada pelo presidente e acrescenta: "o presidente me disse que esse documento deve ser visto por todo o povo e pela sua família". Martínez não perde tempo e responde: "O general Baduel está em uma plataforma falando com o povo. Vamos logo". Antes de sair, Juan pede uma cópia para levar a Baduel porque o documento original teria que voltar ao presidente, quando possível. O coronel faz uma fotocópia e com Juan e uma pequena escolta vão até Baduel e o entregam a copia. Baduel a lê, incrédulo, manda chamar Juan e faz com que ele entregue o original. Examina o documento, o relê muitas vezes, e de-

pois pede explicações a Juan de como aquilo havia ido parar em suas mãos. Aquele pedaço de papel era extremamente precioso!

São quase 15h30.

De noite, ele circulará em todo o país e também será transmitido pelas televisões estrangeiras. Por volta das 17h, uma rádio comunitária entrevista Baduel e pergunta-lhe porque não havia aparecido a notícia nas "quatro TVs irmãs" e o general responde que elas se negaram, e se justificaram dizendo que havia problemas técnicos absolutamente inexistentes.

41. O contra-ataque

José Vicente Rangél estava em estreito contato com os generais Montoya e Baduel, que, de Maracay, reorganizavam as linhas de comando das Forças Armadas. Une-se ao grupo das forças constitucionalistas o general Nelson Verde Graterol, que comandava a quarta divisão de infantaria com tropas do Exército, da Guarda Nacional e da Aviação nos Estados do centro-sul do país. Em uma entrevista a Unionradio, Baduel fala em comandar uma operação cívico-militar denominada "Restituição da Dignidade" que teria como objetivo o restabelecimento do Estado de direito e a ordem constitucional. Acrescenta ainda que todos devem renegar a autoridade da junta de fato presidida por Pedro Carmona Estanga, definindo-a como usurpadora da ordem legalmente constituída na Venezuela. Logo esclarece os parâmetros da operação: "Estamos conscientes de que temos que voltar a ter calma e que a nossa munição serão as ideias e as opiniões, e são elas que devemos transmitir ao povo venezuelano".

Esse é o novo espírito das Forças Armadas Nacionais, derivado dos ideiais bolivarianos sancionados na Constituição, em luta contra as velhas ideologias. O 42º Batalhão de Paraquedistas é o contingente mais poderoso dentro das Forças Armadas

venezuelanas e se tivessem escolhido o emprego das armas poderiam incendiar o país inteiro, mas Baduel sabia muito bem disso e, portanto, busca uma solução sem derramamento de sangue:

> O aspecto principal dessa operação é de utilizar todos os meios de comunicação possíveis para divulgar o estado real das coisas e poder difundir nossas considerações, em nível nacional e internacional. Demos ordens taxativas às unidades para que fiquem aquarteladas para evitar que ocorram ações de violência também involuntárias. Queremos reforçar que estão ocorrendo ações violentas contra a população, em Caracas ou outro lugar, tais ações não são imputáveis às unidades que participam dessa operação.

Realmente, todas as ações que provocaram vítimas foram executadas pelas várias polícias de prefeitos e governadores golpistas, e às ordens de quem se proclamava paladino da liberdade, dos direitos humanos, da legalidade e da justiça. A primeira ação concreta será reconquistar Miraflores com a ajuda da Guarda de Honra e da Casa Militar.

Uma tarde decisiva

Diante do Forte Tiuna, Iris Varela (fig. 42/2) incita os presentes a não se afastarem, como alguns militares queriam. Ali o assédio deveria ser mantido porque a polícia não poderia intervir disparando sobre a multidão. Maria Cristina Iglesias desempenhou um papel central na organização daquela enorme massa de gente. Desde Los Teques até Caricuao o rio humano engrossava o grito "o povo, unido, jamais será vencido".

Às 14h, o povo enchia as ruas de todo o país. Milhões de pessoas gritando invadiam Caracas literalmente. Os chavistas superaram a confusão inicial e agora davam vazão à sua raiva. Começam os saques no comércio da periferia, nas zonas de Antímano, Caricuao e La Vega, estendendo-se logo a Catia. As lojas

42. Mobilização geral

são saqueadas e depois incendiadas. A polícia perdera o controle e todos os grupos armados dos golpistas desertam em massa, temendo ser reconhecidos pela multidão e linchados.

Aos chavistas também se unem antichavistas que se sentem traídos por Pedro Carmona e seus comparsas. De hora em hora, a arrogância e resplandecente alegria dos "carmonianos" vacila. As "quatro TVs irmãs" veem desperdiçados anos de trabalho e muito dinheiro investido. Para tratar de reduzir o dado evitam transmitir qualquer imagem ou comentário sobre o que ocorria nas ruas, não dão nenhuma informação e transmitem desenhos animados em sequência: Tom e Jerry se convertem em protagonistas absolutos. A CNN em espanhol, a TV espanhola e algumas emissoras colombianas transmitem ao vivo as imagens da insurreição popular. A rádio Fe y Alegria, do padre Azuaje, mesmo sendo uma organização de amadores, transmite notícias dos acontecimentos e dá ampla cobertura às palavras de Marisabel de Chávez, que têm muita ressonância.

Em Cuba, é retransmitida a entrevista com Maria Gabriela, que contatara Fidel outra vez mediante a embaixada de Cuba em Caracas. Pouco a pouco, a verdade começa a reluzir e muitos governos que em um primeiro momento apoiavam Carmona começam a titubear. Um só país se arrisca a reconhecer de maneira explícita o governo de Carmona: trata-se de El Salvador, cujo presidente José Flores evidentemente tem alguma pedra chavista no sapato. Acabam-se as aparições dos golpistas satisfeitos e Wa-

shington, pela primeira vez em vários dias, cala-se, à espera do desenrolar dos acontecimentos.

A notícia de que Chávez não renunciara, que ainda estava vivo e muito animado, que as Forças Armadas leais estavam retomando o controle e que o povo chavista está conquistando todos os espaços em todo o país, faz Carmona e seus sócios estremecerem e perceberem que deveriam atuar rapidamente, que teriam de fazer algo para resolver o grave problema da renúncia.

De novo em Miraflores

As pessoas estão coladas às grades gritando: "Fora Carmona!"

São 14h e Miraflores está rodeado por milhares de chavistas que gritam continuamente. Os guardas dentro do pátio, do outro lado das grades, observados pelos golpistas dispostos nas janelas e varandas, incitam com gestos a multidão para que ela se manifeste, enquanto, do palácio, os nobres democratas começam a ficar agitados, muito preocupados.

No pátio, estão presentes os jornalistas estrangeiros que gravam o protesto. Um deles deu o seguinte depoimento: "Os chavistas que em um primeiro momento pareciam uma minoria resignada à nova ordem institucional chegaram até a porta do palácio presidencial de Miraflores, em Caracas, dispostos a lutar para que seu líder Hugo Chávez volte à Presidência". E depois, dirigindo-se aos rostos comprimidos entre as grades do portão: "Por que vieram até aqui?". "Para buscar o nosso presidente Hugo Chávez Frías", respondem, "mesmo que nos custe a vida queremos que ele esteja aqui. Esse é o nosso sonho, por nossos filhos, queremos o nosso presidente!".

O homem que pronuncia essas palavras com a voz cortada pela emoção, algum tempo depois, será convidado de Chávez em uma das suas transmissões dominicais do "Alô presidente". Os militares que compunham a Guarda de Honra estão todos com

Chávez e o coronel Jesús del Valle Morao Cardona, comandante do regimento da Guarda de Honra, já havia tido contato com Baduel e estava pronto para agir. Um grupo de agentes se desloca nas laterais de Miraflores para controlar as adjacências e também para prevenir eventuais ataques. Um segundo grupo toma a entrada do palácio e outros o interior. Esses movimentos são justificados como necessários para organizar a proteção dos próprios golpistas, que olhavam cada vez mais desconfiados aquela gentalha que gritava. Dentro do palácio, no salão dos espelhos, estava a ponto de começar a cerimônia de posse dos novos ministros, com a presença na sala de muitos convidados importantes, elegantemente vestidos e envolvidos em cultas conversas sobre temas de alto interesse à pátria.

Molina Tamayo, muito elegante em seu imaculado uniforme da Marinha, estava bastante inquieto e não parava de olhar pelas cortinas de maneira indecorosa para um guerreiro como ele, espiando o que ocorria na entrada. Nosso recém autonomeado comandante da Guarda de Honra, pouco antes de ir assistir à cerimônia, deu com muita tranquilidade a ordem de disparar sobre os manifestantes caso fosse necessário. García Montoya liga para Morao em Miraflores e acordam as operações.

A cerimônia estava começando quando um grupo de oficiais entra depressa no salão provocando um sobressalto nos nobres ali reunidos. Dirigindo-se às novas autoridades, os adverte que uma formação de F-16 estava a ponto de ser enviada de Maracay para bombardear o palácio. Obviamente é uma mentira, mas os golpistas não tinham como saber, visto que já haviam sido advertidos que os generais Montoya e Baduel tramavam algo. A notícia caiu no salão como um balde de água fria, transtornando os presentes que se agitavam enlouquecidos como formigas. A ameaça parecia plausível, visto que era o que queriam ter feito com Chávez. Percebe-se que, por fim, os militares raciocinam da mesma maneira…

Isaac Pérez Recao, especialista em segurança, é um dos primeiros a se dar conta de que tudo estava perdido, portanto ordena, imediatamente, que sua escolta armada o levasse dali muito depressa. Com pouca dignidade foge do palácio, deixando amigos e cúmplices à sua própria sorte. Alcançou diretamente o aeroporto e abandonou o país na mesma noite. Daniel Romero deveria ter sido nomeado fiscal geral, mas a nomeação foi suspensa. Ele não aceita a derrota e queria que a cerimônia fosse concluída, mas ninguém o escutava. Os seguranças escoltam Carmona para fora do salão e o levam provisoriamente a um escritório. Guaicaipuro Lameda, enquanto escapa, caminhando a passos curtos e rápidos como um frango assustado, tenta aparentar dignidade, mas, com gestos nervosos, se nega a parar para responder a um jornalista, dizendo: "Não tenho tempo, agora não tenho tempo" – e seu passo contido se transforma em corrida desesperada até o pátio traseiro.

Nos nobres caraquenhos desaparece toda arrogância e certeza majestosa de até poucas horas antes, e os responsáveis por aquela sangrenta aventura fogem abjetamente enquanto os homens da Guarda, reforçados com um contingente de paraquedistas, todos armados e dispostos a usar suas armas por ordens de oficiais e suboficiais leais a Chávez, tomam posição no exterior de Miraflores, cobrem a cobertura, controlam todas as entradas e entram no palácio, assumindo o controle completo. Os rostos daqueles rapazes são a mais nobre expressão de amor à pátria. Olhares decididos, gestos rápidos e seguros, movimentam-se naturalmente: carregam os fuzis, apontam-nos, prontos para tudo, atentos às ordens dos superiores nos quais têm plena confiança. A elite das Forças Armadas venezuelanas dá uma demonstração incrível de eficiência. Conquistam Miraflores sem disparar nenhum tiro, mesmo que tivessem muita vontade de matar algum daqueles... senhores. As ordens do comandante em chefe, repetidas desde o primeiro momento que ele assumiu o poder, esta-

vam arraigadas na melhor parte do povo venezuelano, tanto civis quanto agentes das forças nacionais.

Da cobertura de Miraflores, os militares saudavam a multidão, que respondia com gritos de júbilo irrefreáveis. De cada janela do palácio se viam agitar boinas vermelhas e bandeiras. Por toda parte, viam-se rostos sorridentes. A tempestade estava indo embora, mas ainda havia muito que fazer.

Alguns dos quase ministros se amparavam nos porões, junto a um grupo de jornalistas. Enquanto as câmeras dos presentes em Miraflores gravam a impetuosa fuga dos golpistas e afins, documentam também o momento em que os agentes da Guarda de Honra tomam posse do palácio, prendendo todos que ali estavam. Enquanto isso Pedro Carmona e os generais, que haviam conseguido escapar, estavam abrigados em Forte Tiuna. Alcançado o controle completo de Miraflores, num primeiro momento agrupam todos os civis comprometidos com os golpistas no salão Ayacucho. Eles depois são levados aos porões do palácio para evitar o contato com a multidão enfurecida, que seguramente os lincharia. Pouco depois, o procurador Isaías Rodríguez os visita, encontrando pessoas desanimadas e assustadas, e pensa que a eles poderia ser destinado o mesmo tratamento que fora aplicado aos chavistas, e com juros e correção!

Mas, para a surpresa de todos, aqueles marginais que foram definidos como incapazes, ineptos, violentos, tirânicos etc., demonstram-se, digamos assim, diferentes. O procurador se dirige a eles com um discurso incoerente à imagem que lhe atribuíam – de alguém pertencente ao regime tirânico e autoritário. Usa estas palavras, documentadas em gravação:

> Na minha qualidade de procurador, estamos notificando formalmente que estou aqui para garantir, com a representação da Defensoria do Povo, os direitos que têm como cidadãos e, não só serão respeitados os seus direitos civis, mas também não será agredida a sua integridade moral. Mas lá fora há

> mais de um milhão de pessoas as quais não podemos garantir o controle. Creio que a coisa mais razoável a fazer seja ficar aqui até quando possamos garantir a saída de vocês do palácio em plena segurança.

Estranho discurso para um afiliado ao governo autoritário e tirânico do enfurecido Chávez...

Isaías Rodríguez distinguira-se sempre pelo seu alto sentido de dever e respeito aos direitos humanos, até excessivos, poderia dizer. Não fala em atirá-los na cadeia sob a luz das câmeras, fazendo-os passar todos pela multidão exaltada – sistema adotado poucas horas antes pelos democráticos "carmonianos", mas aplica simplesmente a lei, sancionada pela nova Constituição. No recinto estão presentes também algumas mulheres, todos estão desmoralizados e trocam olhares de incerteza e preocupação, mas as palavras daquele bom homem levantam os ânimos e tranquiliza-os, ao menos em parte.

Os chavistas que haviam coordenado os membros da perseguição advertem-nos de mudanças e os acompanha em seguida ao palácio. José Vicente Rangel organiza um grupo seleto, composto naquele momento pelos melhores elementos disponíveis, de completa confiança. Envia um grupo a Catia para resgatar Diosdado Cabello, e outro a Caracas para buscar William Lara. Assim chegam Maria Cristina Iglesias, Jorge Giordani e muitos outros. Chega também o negro Aristóbulo Istúriz, o professor ministro da Educação, um dos mais fiéis. Entrevistado, responde assim: "Estamos voltando e retomando a constitucionalidade. Custodiaremos esse palácio até a chegada do presidente Hugo Chávez, que estará livre nas próximas horas". "Tem certeza?", pergunta o jornalista, referindo-se à libertação do presidente. "Toda a certeza!", Istúriz responde. "Como chegaram até aqui?"; "Caminhando ao lado do povo". As respostas às diversas perguntas dos jornalistas são todas na mesma linha: "Não negociaremos com ninguém. Esperamos

somente a volta do presidente! É a única coisa que queremos nesse momento!".

Militares, membros do governo, funcionários e humildes criados se abraçam entusiasmadamente, e as lágrimas já desapareceram dos olhos de María Cristina Iglesias. Está presente o procurador Isaías Rodríguez e chega também William Lara, que evidentemente não pode ir até sua casa trocar de roupa porque ela estava vigiada pela polícia golpista. O ministro da Secretaria diz: "Saímos da clandestinidade, agora voltou a legalidade", e convida todos os ministros presentes a sentar e dar vida a um conselho improvisado.

A sala fica cheia e é quase impossível organizar uma discussão porque todos estão muito excitados. Aristóbulo Istúriz se queixa pedindo um pouco de disciplina, enquanto os jornalistas presentes não têm intenção de acalmar-se: o momento é inédito e nenhum deles quer perder uma só palavra dos protagonistas. Por fim, todo mundo se move em meio a um delicioso caos onde os ministros têm que coordenar ações importantes e tomar decisões de muita relevância, enquanto repórteres, câmeras e jornalistas de jornais estrangeiros estão rodeando-os. São quase 15h e as emissoras golpistas não tem nenhuma intenção de transmitir informações contrárias aos seus criminosos objetivos. Falta informar o país que Miraflores estava nas mãos dos chavistas, falta reativar a VTV e o Canal 8!

E a multidão repetia sem parar: "Chávez, Chávez...".

Alguns haviam subido até nos postes de luz, enquanto outros competiam para ficar na primeira fileira, diante das grades, para gritar sua verdade para as câmeras, não por vaidade, mas porque se davam conta da enorme importância que o protesto popular teria se alcançasse seu objetivo: reconduzir Chávez à sua casa, Miraflores.

A CNN transmite ao vivo uma entrevista de Carmona. A jornalista pergunta: "Sr. Carmona, onde se encontra ele [Chávez]

nesse momento? Qual é agora a situação no palácio de Miraflores? Como o senhor sabe, apresentaram-se algumas manifestações de sustentação a Chávez; qual a sua opinião?". E Carmona responde: "Veja, mesmo que tenham ocorrido alguns distúrbios, o controle já é total. O país está num estado de normalidade e controle". Ao ouvir essa declaração, Wiliam Lara, presidente da Assembleia Nacional, decide desmentir Carmona imediatamente. Os jornalistas presentes chamam por telefone suas correspondentes agências e Lara se dirige a um certo Arismendi da CNN de língua espanhola: "Aqui fala Wiliam Lara, jornalista venezuelano, presidente da Assembleia Nacional da República Bolivariana da Venezuela. Nos encontramos no palácio de Miraflores…", e continua afirmando que, segundo a Constituição, no caso da ausência temporária do presidente, o cargo deveria ser assumido pelo vice-presidente. O vice-presidente Diosdado Cabello estava ainda na clandestinidade. Era necessário levá-lo com urgência ao palácio para que assumisse o cargo de presidente temporário, tarefa assumida, até o momento, por José Vicente Rangél.

PARTE VII

Operação "Restituição da Dignidade"

Operação "Restituição da Dignidade"

García Montoya liga para Vásquez Velazco em Miraflores e o comunica em tom decidido que a base de Maracay e todos os batalhões da quarta divisão estão prontos para marchar sobre Caracas. Para evitar essa catástrofe Pedro Carmona teria que reconhecer a Assembleia Nacional. Velazco, já muito contrariado pela falida nomeação do ministro da Defesa, transmite a solicitação de Montoya e Carmona é obrigado a aderir. A Assembleia Nacional, desde então, retoma o seu papel constitucional.

Antes das 14h, os comandantes dos 16 batalhões organizaram uma reunião no círculo de oficiais perto do Batalhão Ayala, no Forte Tiuna, e, de algum modo, pretendiam contar com a presença do general Efraín Vásquez Velazco. O comandante Cepeda, que comandava o Batalhão Ayala, recebe do general Carneiro a ordem de mover os tanques do seu batalhão e juntá-los aos do Batalhão Bolívar, manobra dissuasiva em relação ao comandante do Exército, mas Cepeda responde que já recebeu ordens do general Velazco de não obedecer a Carneiro. Advertidos por Velazco, chegam junto a ele outros generais golpistas, como o general de divisão Ruiz Guzmán, Colmenares Gómez, Usón Ramírez, Manuel Rosendo, Ovidio Poggioli Pérez e Guaicaipuro

Lameda, e mais um certo número de civis provavelmente do grupo de seguranças de Isaac Pérez Recao.

O objetivo da reunião era retirar definitivamente o apoio a Pedro Carmona. A discussão se anima também porque os golpistas mais intransigentes, como Velazco, Lameda, Guzmán e Rosendo, queriam a todo custo reconhecer e apoiar completamente o governo de Carmona, o único que dava garantias democráticas contra aquele criminoso assassino que era Chávez. Mas a razão verdadeira foi que, fracassado o golpe, encontrariam-se sem proteção, expostos à vingança de Chávez.

Carneiro se aborrece e lembra que o acordo era de respeitar a Constituição. O mais combativo se demonstrou Guaicaipuro Lameda que, evidentemente, via frustrados seus esforços e traições de muitos meses: Chávez não poderia vencer, custe o que custasse! Carneiro reage violentamente dizendo: "Não é problema seu!". Lameda, realmente, já não estava em serviço ativo. "Estas são decisões que concernem somente aos comandantes de batalhão!". E intervém o general Martínez Vidal que, em tom beligerante, defende Carmona e diz aos comandantes: "Estão defendendo o que armou a gentalha que provocou todos os mortos da quinta-feira!". Carneiro, cada vez mais aborrecido, diz: "Não é esse o problema. Agora temos que decidir se atenderemos aos princípios legais ou não!".

Depois de muitas brigas, começa a ser escrito o documento que deveria ser lido na televisão por Vazquez Velazco. García Carneiro insiste em querer controlar o documento, mas os demais o ignoram. Quando o documento está pronto, o general Navarro Chacín intervém e convida Vásquez Velazco a sair do recinto para confabular longe de ouvidos indiscretos. Carneiro intervém uma vez mais tentando impedir a saída de Velazco, mas os dois se distanciam deixando na sala o documento que acabaram de escrever. Enquanto os dois tramam em particular, Carneiro toma o documento e se dá conta de

que nele era reconhecido o governo de Carmona e que Chávez deveria deixar o país.

Evidentemente o medo da volta de Chávez estava mais forte do que qualquer outra consideração. Carneiro, pacientemente, pega sua caneta, apaga e corrige o texto colocando-o da forma que segundo ele ficava melhor. Depois, vendo que Velazco não retornava, se dirige aos comandantes do batalhão: "Já gastamos bastante tempo esperando. Vamos buscar o general Velazco para que ele volte à reunião". Uma vez que todos retornaram à sala, indica a Velazco o documento e diz: "Leia-o e pratique um pouco, para falar corretamente ao país!". Ao dar-se conta do conteúdo do documento, os generais golpistas se revoltam com violência, mas Carneiro rapidamente faz com que os jornalistas entrem. Velazco, muito contrariado, começa a ler com má vontade e, enquanto o faz, Rosendo passa-lhe um pedaço de papel no qual estava escrito que Chávez tinha que ser exilado.

Para transmitir essa declaração, buscou-se o apoio de uma das emissoras que naquele caso estavam ativas, a Globovisión. Apesar de vários jornalistas de televisões locais e estrangeiras estarem no Forte Tiuna, estas não puderam transmitir ao vivo, portanto tentou-se a Globovisión. Vásquez Velazco liga para Alberto Federico Ravell, diretor dessa rede, esta figura, no entanto, quando escuta o motivo, responde que as ruas estavam inseguras e que, portanto, não podia colocar em risco os equipamentos e o pessoal necessários para efetuar a transmissão.

É necessário dizer também que as outras três emissoras irmãs evitaram esmeradamente transmitir ao vivo o protesto popular e a atitude dos seus proprietários não mudou até que fossem literalmente obrigados a fazê-lo. Mas disso falaremos mais adiante. Outra prova da cumplicidade dos meios com o golpe. Vásquez Velazco grava a mensagem, que logo é transmitida. Antes das 16h, o coronel Morao informa a Carneiro que está com

Chávez. Uma hora depois Carneiro estará no olho do furacão. Os golpistas têm que impedir que ganhe apoiadores e cometa danos posteriores. Alguém informa Carneiro que o general Ruiz Guzmán havia dado ordem de prendê-lo e de isolá-lo em um dos batalhões do Exército. Para evitar a captura decide agir imediatamente. Acompanhado do general Wilfredo Silva e dos coronéis José Gregorio Montilla Pantoja, da polícia militar, e Granadillo Perozo, vai a uma das saídas do Forte Tiuna, a guarita número três, onde estão amontoados centenas de milhares de manifestantes que pedem a libertação de Chávez.

Naquele ponto estavam dispostos seis tanques desde o dia 11, pela tarde, por ordem dos generais golpistas, com o objetivo de impedir a aplicação do Plano Ávila. Agora aqueles tanques estão praticamente entre a multidão, e os militares estão todos do lado dos manifestantes. Carneiro sobe em um tanque, passam-lhe um megafone, e ele se dirige à multidão dizendo: "Me escutem todos. É muito importante que vocês permaneçam por aqui conosco, porque daqui não sairemos até que reapareça Hugo Chávez". Deixo que imaginem com quanta alegria essas palavras foram acolhidas pela multidão. Foram as mesmas palavras que Iris Varela havia pronunciado havia pouco, diante da entrada principal do Forte Tiuna, ditas com um único objetivo e sem prévio acordo entre os dois.

Estava presente também um forte contingente da polícia militar, e Carneiro ordena ao capitão que estava no comando que retirasse seus homens porque já não era necessário, enquanto o entusiasmo sobe às estrelas. São quase 17h30. Os tanques se transformam em palanques de onde falam oradores improvisados, entre os quais também esteve o ministro Nelson Merentes. Carneiro pede um equipamento de som, que chega em poucos minutos, e as pessoas cantam e dançam com a música e as palavras do cantor do povo Alí Primera. De Maracay, colocam em dia a lista das guarnições que se declaram leais a Chávez e Car-

neiro, de seu tanque-palanque, com um microfone, dá a notícia à multidão, que responde ovacionando-o. A guarnição de Barinas foi uma das primeiras que se somou à lista.

Não renunciei!

Voltemos a Maracay, Estado de Aragua, perto da base aérea na qual a torre que se encontra na entrada se convertera em palanque, e sobre a qual sobem militares e notáveis que têm contato com a multidão. Entre eles está o general Baduel com um microfone em mãos. Por volta das 19h40, já havia escurecido. Alguém segura uma lanterna que ilumina o documento que o general segura com a mão esquerda. Consegue um pouco de silêncio e depois fala à multidão: "Recebemos uma carta", e depois de uma breve pausa, "do senhor presidente da República". Suas palavras são cobertas pelo grito unânime das pessoas acompanhado por um enorme e frenético aplauso. Uns 20 segundos depois, Baduel pode reiniciar sua leitura. "Turiamo, 13 de abril de 2002, às 14h45, ou um quarto para as três da tarde, para quem conhece a hora militar", acrescenta brincando, também para acalmar sua agitação. Quer manter a postura adequada à solenidade do momento, mesmo que se sentisse estourando de alegria. Depois, aumentando o tom e com a voz segura volta a falar: "Ao povo venezuelano e a quem interessar", e, enfatizando as palavras, "eu, Hugo Chávez Frias, venezuelano...", outra ovação da multidão, e alguém, de cima do palanque, grita: "calem-se!". "Presidente da República Bolivariana da Venezuela..." outro grito forte. "Declaro: não renunciei"; dessa vez a confusão não se acalma e Baduel é obrigado a concluir a leitura do documento entre os gritos desenfreados da multidão que começa a ver a clássica luz no fim do túnel. "(...) não renunciei ao poder que o povo me deu. Para sempre". E logo acrescenta: "posso testemunhar que a caligrafia e a assinatura do senhor

presidente são autênticas...". E o restante das suas palavras é coberto pelo clamor...

Vocês devem recordar que o cabo Juan Bautista Rodríguez havia entregado este documento a Baduel antes, umas quatro horas, por volta das 15h30. Baduel, junto ao general Montoya, bons estrategistas, utilizaram aquelas horas para consolidar a posição das guarnições fieis, evitando que o conteúdo explosivo da carta do presidente fosse de conhecimento dos golpistas antes da hora.

Carneiro ainda se encontrava na guarita número três de Forte Tiuna, onde os chavistas iam aumentando. Sobre as palavras a favor de Chávez e contra Carmona alguém fala ao celular, provavelmente um comandante de guarnição:

> As Forças Armadas são fieis à institucionalidade democrática e fazem com que se realizem os princípios sancionados na Constituição Bolivariana da República da Venezuela. Assim não podemos continuar, permitindo e aceitando um presidente autonomeado, como um autogolpe. Estão repartindo o bolo ao seu gosto e acreditavam que o povo... acreditaram que nós militares éramos eunucos e que iríamos permitir... essa farsa, compadre!

Enquanto falava estava muito aborrecido e gesticulava bastante, como um bom Venezuelano.

Pouco depois, com um microfone, se dirige ao povo chavista: "comunico a todos que as guarnições militares estão com o presidente Hugo Rafael Chávez Frías". A multidão aplaude e os militares que rodeiam Carneiro levantam o punho ao céu em sinal de vitória.

Prisioneiro na base de La Orchila

Os generais e, especialmente, Carmona estão quase histéricos pela assinatura daquela maldita renúncia que não chega, porque sabem

que estão lutando contra o tempo. De Washington, pressionam para ver o documento assinado, tal como os comandantes das guarnições e alguns generais que passaram do lado dos golpistas ao de Chávez – por terem sido enganados sobre a matança de civis e pelas conspirações. Carmona repete algumas vezes a ordem de obrigar, de qualquer maneira, Chávez a assinar a renúncia e com isso poderem fazer o que quisessem. Enquanto isso, em Turiamo, a situação vai se complicando, seja pela relativa proximidade a Maracay, já claramente chavista, seja pela atitude dos próprios militares, que não demonstram o repúdio contra o presidente que os golpistas desejavam. Era necessário afastá-lo para o mais longe possível. O translado a La Orchila tinha que ser imediato.

Dessa forma, na tarde do dia 13, chega a Turiamo um helicóptero que leva o presidente à ilha. La Orchila é uma ilha que se encontra a uns 170 quilômetros em direção nordeste de Caracas e a 50 quilômetros a leste do arquipélago Los Roques. De Turiamo, cerca de 240 quilômetros de distância em direção nordeste, o helicóptero levou umas duas horas para percorrê-la.

43a. Ilha La Orchila

43b. Sala de recreação na base navall

Na base estão presentes umas 70 pessoas, com poucos civis, como uma família de pescadores que vive há muito tempo na ilha e alguns familiares dos militares para o final de semana. A única forma de se chegar à ilha é por meio de um voo militar que parte às manhãs de La Guaira e ali volta pela tarde, numa viagem que dura cerca de uma hora. A foto da direita da imagem 43, eu tirei em 1996, quando fui convidado para ir até

lá junto de um professor da Universidade Central da Venezuela. Tive que realizar um projeto de viabilidade para uma instalação de potabilização de água marinha capaz também de tornar a ilha autônoma no cultivo de hortaliças. Até então, a ilha era abastecida de água potável uma vez ao mês por meio de um navio, portanto, a água é um elemento precioso na ilha. Lembro dos contos do velho pescador que economizava cada gota de água para regar um par de míseras flores e de como tinha que lutar contra as lagartixas negras que saqueavam dois metros quadrados de jardim. Em todo caso o projeto não se realizou porque alguns generais da época embolsaram o dinheiro e não se soube de nada.

Voltemos à nossa história.

Naquela mesma manhã, três barcos de guerra dos EUA entraram nas águas territoriais venezuelanas navegando nas vizinhanças de La Orchila. Eles foram avistados por volta das 9h e se mantiveram na zona até as 16h, distanciando-se em direção ao norte. Estes barcos foram identificados perfeitamente com as siglas NC1 3300, NC2 2027 e NC3 2132. Logo depois do meio-dia, dois helicópteros com sigla NC 11100 e NC 10107 levantaram voo desses barcos, sobrevoaram a ilha e voltaram à bordo. Os três barcos faziam parte de um comboio maior que ficara em águas internacionais. A presença, na área, de outro helicóptero, com sigla NC 20212 que, até as 16h, vindo do norte sobrevoou os três barcos em questão e voltou atrás é prova disso. Estes reconhecimentos foram comunicados ao comando das Forças Armadas Nacionais e a Carmona, que evidentemente estava a par de tais manobras. Eram barcos de transporte e se chegou à hipótese de que iriam servir à evacuação de cidadãos dos EUA, mas havia também outra versão: transportavam *marines* prontos para atuar em território venezuelano.

Certo é que estes barcos desapareceram, no momento em que os golpistas fugiram de Miraflores. Coincidência muito

curiosa! O comandante da base, capitão José Aguilera, desde as primeiras horas da manhã, foi advertido pelo vice-almirante Héctor Ramírez Pérez sobre a chegada de Chávez. Vindo do helicóptero como um incômodo personagem, designam a ele um alojamento com uma vigilância não muito estrita como em Turiamo, pois era impossível escapar da ilha. Um capitão da Marinha se encarrega dele, o leva ao alojamento reservado e o informa de que a sua família está bem. Antes de deixá-lo, acrescenta em voz baixa para que ele olhe com calma debaixo do colchão. Chávez olha-o com cara de interrogação, mas o capitão sai sem dizer nada mais. Depois de alguns minutos sozinho, Chávez vai até a cama, levanta o colchão e lá encontra um celular.

Depois da declaração do general Efrain Vásquez Velazco na televisão, quando solicita a retratação de Carmona, o grupo de mando dos golpistas se reúne com urgência e discute sobre uma sugestão do monsenhor Baltazár Porras. Todos estiveram de acordo em pedir ao cardeal José Ignacio Velasco para que fosse pessoalmente falar com Chávez e que tentasse convencê-lo a assinar a renúncia, pelo bem do país, e com a garantia de ir a Cuba. Entram em contato com Víctor Gil, um banqueiro proprietário do TotalBank, por sugestão de Cisneros, pois ele colocara à disposição dos golpistas seu avião particular, matriculado nos EUA, mas que se encontrava na Venezuela. Com o senhor Gil ciente, os golpistas preparam o plano de voo que levará o cardeal a La Orchila, de onde Chávez seria levado até Porto Rico (território estadunidense...), enquanto disseram a ele que o destino seria Cuba e por fim, voltaria a Caracas. Sem dúvida o cardeal não foi informado sobre a decisão de levar o presidente a território estadunidense, pois assim, não poderia trair sua boa fé e jogar a favor dos maquiavélicos criminosos. Mas é certo que o monsenhor Baltazár Porras conhecia o movimento porque sempre esteve presente quando os golpistas tomaram decisões importantes.

O presidente passa uma hora em relativa calma, passeando sobre a cândida e deslumbrante areia da ilha, admirando os reflexos do pôr do sol sobre as águas verde esmeralda. Já são as horas em que o vento varre continuamente a ilha, tudo parece calmo, em paz. O sussurro da ressaca é tranquilizador e Chávez aproveita daqueles poucos momentos de serenidade observando dezenas de pequeníssimos caranguejos, seres quase transparentes, que correm pela praia e se escondem, entrando rapidamente sob a areia quando ele se aproxima. Não sabe o que se passava com o cabo da Guarda Nacional de Turiamo. Haveria encontrado o documento na lixeira? Chávez tentara usar o celular mas não conseguiu contatar ninguém. Não tem informações certas e suas perguntas aos militares da base haviam ficado sem resposta. Vê certo movimento na base, alguns carros, um deles com o comandante a bordo, que se dirige em direção à pista de aterrissagem.

Quase ao mesmo tempo ouve o som das turbinas de um pequeno avião que se prepara para aterrissar. Chávez intui que haveria algumas novidades na chegada, visto que era um avião civil. Pouco depois os carros voltam trazendo várias pessoas que Chávez identifica em seguida como golpistas, mas fica bastante surpreso vendo que no primeiro carro está o cardeal Velasco junto ao coronel e advogado do Exército Julio Rodríguez Salas, e entende então o motivo daquela inesperada presença na ilha. O cardeal é um homem bom que fora sequestrado por figuras como Baltazár Porras e Mikel de Viana. Estes, realmente, não poderiam ter participado tão ativamente dos fatos dos últimos anos se o cardeal tivesse se mostrado mais decidido em fazer com que o alto clero venezuelano se comportasse de maneira coerente com a missão que a Igreja os havia confiado. Por outro lado, tais figuras conseguiram convencê-lo de que era seu dever ajudar a Pedro Carmona na eliminação do marxismo da cena política, assim como o castro-comunismo e o ditador Chávez –

que estava levando o país à ruína e acentuando incrivelmente as divisões que ameaçavam o país.

Assim, as raposas golpistas pediram ao cardeal para que fosse a La Orchila por motivos nobres, como consolar o prisioneiro, averiguar suas condições de saúde, se o tratavam cristãmente e, por fim, alentá-lo de que ninguém tinha intenção de fazer-lhe mal. Mas ele deveria também estender a mão, colaborar para o apaziguamento do país, por meio de mais um sacrifício pelo bem comum, que seria assinar sua renúncia, permitindo que o levem a algum lugar como Havana, em Cuba, com a presença constante do cardeal como garantia. Visto que não se conseguiu arrancar do presidente sua renúncia com ameaças, agora estavam tentando uma gota de mel, e tudo em nome de Deus.

Com esse programa, sugerido por seus colaboradores mais próximos, empurrados por seu desejo de ver o fim daqueles dias turbulentos e em perfeita boa fé, o cardeal vai ao encontro de Chávez. Quando o alcança, vendo-o um pouco desarrumado e em um vestuário bastante modesto, o cardeal se comove e, em lugar de um cumprimento formal, aproxima-se e o abraça compadecido. O cardeal reprova brandamente Chávez por ter abusado das redes de televisão e por suas palavras, não muito ternas, usadas contra os adversários, mais ou menos as mesmas coisas que o monsenhor Baltazár Porras o havia dito em Forte Tiuna.

Chávez não é um político de carreira e também tem que ganhar experiência nesse novo papel, assim reconhece que suas ações poderiam ter sido menos traumáticas para a oposição e poderia ter usado um linguajar mais tolerante, mesmo que não acreditasse ter transgredido os princípios que o inspiram. O tom da conversa é conciliador e as posições dos dois tornam-se menos distantes. O presidente diz: "Como pastor da Igreja, lhe peço perdão pelos erros que possa haver cometido". "O perdoo de bom grado e também lhe peço perdão por nossos er-

ros. Aqui todos nós nos equivocamos". Umas palmadas sobre os ombros para romper com as emoções que os invade e se dirigem até a praia.

O presidente não pode saber o que ocorre em Caracas e no resto do país. Começa a ficar cansado, a tensão nervosa o desgasta. Não vê como escapar, avalia a possibilidade de distanciar-se da Venezuela e do que isso significaria para o país. Repensa nas palavras de Fidel: "(...) trata com dignidade (...)". Pouco depois o coronel Rodríguez Salas submete ao presidente o documento que Napoleón Bravo lera. Chávez o lê, percebe que está com a data do dia anterior e isso é uma forma de ganhar tempo. "(...) não se demita e não renuncie...". "Rapaz, eu não assinarei este decreto. Como pode achar que vou assinar um documento que está com a data errada? E depois, outra coisa. Eu declarei que estou abandonando o cargo sob ameaças, mas não renuncio!". E isso não acaba por aí...

O cardeal está presente à negociação e tenta esconder seu incômodo inerente. A tensão também está lhe criando sérios problemas, sente-se fora do lugar, mas pensa que sua participação é fundamental para solucionar a crise e crê que é seu dever carregar tudo aquilo. A discussão continua sem mudanças nas posições assumidas, até quando Rodríguez Salas, para sair daquele ponto, já exausto, decide perguntar o parecer dos seus superiores. Liga para o ministro da Defesa e comunica a mudança que Chávez quer fazer. O ministro responde que não havia problema, que se pudessem modificar o texto, o importante era fazê-lo assinar e levá-lo o mais distante possível. Fazem as correções no documento, o escrevem à máquina e apresentam novamente a Chávez. Ele lê várias vezes e depois, deixando-o sobre a escrivaninha, diz: "não assinarei um documento anônimo. Escreverei tudo à mão depois podem fazer todas as cópias que quiserem!". "Não se demita, não renuncie...".

Enquanto isso, Miraflores passava à mão dos chavistas.

Reabre o Canal 8 (VTV)

Diante do edifício do Canal 8, num bairro do leste de Caracas chamado Los Ruices, em função dos cães de guarda colocados ali por ordem do governador Mendoza, a situação se torna cada vez mais perigosa. Chega a notícia de que Miraflores está em mãos chavistas e a segurança daqueles homens começa a balançar. Outros manifestantes chegam e rapidamente a situação se torna crítica. As pessoas que vivem por ali, todas de classe média, muitas delas que marcharam na manhã do dia 11 contra Chávez, começam a sair de suas casas e aproximam-se do Canal. Também dessa vez têm uma bandeira, porém a consigna é outra: guardar o edifício para permitir aos seus odiados inimigos de horas antes, os chavistas bolivarianos, entrar no edifício, reativar as instalações e transmitir tudo o que estava sendo censurado pelos golpistas.

A leitura do decreto Carmona, na tarde anterior, abriu os olhos de muita gente que se sentiu enganada e utilizada ao melhor estilo quarta república. O que os meios de comunicação declaravam nos dias anteriores, como mais liberdade, mais democracia, mais, mais, mais... foi tudo varrido por um decreto que abria portas a uma ditadura de tipo Pinochet e as pessoas puderam dar-se conta da realidade. Os que chegaram primeiro, agitando bandeiras e se abraçando com os chavistas, fizeram uma chamada aos demais vizinhos que observavam a cena, pasmos e indecisos, das janelas das redondezas. Pouco depois, eles também abandonaram as janelas e a segurança de suas cômodas moradias para jogar-se às ruas, colocando em risco até mesmo sua integridade física.

Não havia mais chavistas e opositores, somente venezuelanos traídos e enganados pelos meios de comunicação, por políticos e militares corruptos. Um oficial da Guarda Nacional fez a mediação com Anselmi, mas a pressão popular era incrivelmen-

te forte e impossível de ser detida. Chegam câmeras e repórteres que gravam o acontecimento e, a essa altura, à polícia não resta alternativa senão afastar-se das milhares de pessoas que não se deixavam intimidar pelas armas. Deixam o local definitivamente entre assovios e gritos dos manifestantes.

Jesús Romero Anselmi, com pouca presença de mestrança, junto aos técnicos das rádios locais e alguns voluntários, entra por fim no edifício. Começam a telefonar incessantemente à procura dos trabalhadores da rede para fazê-la voltar ao ar. Era necessário reativá-la o mais rápido possível. Em meio a uma incrível confusão chegam algumas motos transportando os técnicos da emissora, amigos de amigos que trabalham na RCTV – escondidos dos donos, obviamente, vindo dar uma mão à liberdade de imprensa, pela volta da legalidade. Ninguém fala de remunerações, somente perguntam em que podem ajudar. Começam a funcionar algumas instalações e as pessoas levam uma televisão gigante para o meio da rua. Os manifestantes, chavistas e não chavistas, alinham-se ao redor do edifício para impedir um improvável retorno da polícia.

Por volta das 20h aparece o monoscópio, um pouco desbotado e cambaleante, com a música do canal como áudio. Pouco depois chegam os técnicos de outras redes, que regularão melhor o equipamento, mas ninguém se importa com a qualidade da imagem, era o de menos. Iniciam-se as transmissões da VTV. Desaparece o monoscópio e aparece uma imagem desfocada, toda branca. Entrevê-se uma mesa ao redor da qual estão sentadas três pessoas que não podem ser reconhecidas. Escuta-se a voz de Anselmi, que diz: "Estou convocando a todos os trabalhadores da Venezolana de Televisión que queiram vir contribuir com a missão pois esse canal é de todos os venezuelanos; as portas da emissora estão novamente abertas e o sinal da VTV está de volta ao ar...". Faz também um chamado para que os parlamentares se dirigissem à Assembleia Nacional. Logo Juan Bar-

reto adverte: "Estão mantendo o presidente Chávez na ilha La Orchila e fazendo pressão para que ele saia do país. O presidente Chávez nunca renunciou!". A mesma coisa dirá Jesús Romero Anselmi.

Pela primeira vez há uma nova voz que dá uma versão diferente sobre os acontecimentos. Pouco antes das 22h, a VTV transmite Miraflores. O presidente da Assembleia Nacional, William Lara, faz o juramento do vice-presidente Diosdado Cabello como presidente temporário da República, na espera da volta do presidente constitucional, tal como estava previsto no caso da ausência temporária do presidente eleito. Estão presentes o fiscal Isaías Rodríguez e Germán Mundaraín, da Defensoria do Povo. A partir desse momento, o canal do Estado transmitirá tudo o que as "quatro TVs irmãs" não quiseram transmitir.

A CNN e as outras emissoras

Aquele 13 de abril foi realmente o meu dia mais longo. Reunimos-nos em minha casa, na cidade de Ojeda, Estado de Zulia, eu e meus quatro colaboradores, visto que a PDVSA havia fechado suas instalações desde o dia 9 e não tínhamos o que fazer senão esperar o desenrolar dos acontecimentos. Ficamos grudados ao televisor até o dia seguinte, oportunamente abastecidos com comida e bebida, enquanto a TV via satélite nos permitiu receber as notícias a partir das maiores emissoras estrangeiras. Uma notável contribuição da difusão da verdade se deu pela CNN em espanhol, que transmitia desde Miami. Otto Neustadt, já desde manhã, percorria as ruas de Caracas gravando o que estava ocorrendo. Até o meio-dia a CNN transmite uma reportagem na qual ele conta:

> Decisões como aquela de destituir a Assembleia Nacional, destituir as autoridades como a do Supremo Tribunal de Justiça, criaram manifestações em diferentes pontos da cidade,

> pequenas manifestações que são reprimidas pela polícia com bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Tivemos contato com muitos membros das Forças Armadas Nacionais, falamos com o secretário permanente do conselho de segurança nacional durante o governo Chávez, general Julio Garcia Montoya. Ele está em atividade e mantém o controle de uma das bases mais importantes do país, a base de Maracay, onde se encontram os F-16. Eles dizem que não são chavistas e que não reconhecem a autoridade de Pedro Carmona. Consideram-no um governo de fato e asseguraram que não querem derramamento de sangue nesse país, mas querem manter a calma, as instituições e a institucionalidade.

Sobre essa declaração são transmitidas imagens do protesto popular e as ações repressivas da polícia metropolitana, armadas exatamente como na manhã do dia 11, com M-16 e HK, bem visíveis em todos os vídeos gravados. As emissoras venezuelanas seguiam ignorando esses fatos e transmitiam temas esportivos e desenho animado, distanciados por alguma esporádica notícia que assinalava cinicamente ao país que tudo ia bem, em plena tranquilidade. A CNN seria a única fonte de notícias até o meio da tarde.

Também será transmitida uma entrevista de Alfredo Peña, que segue mentindo descaradamente e de maneira categórica que a polícia militar só utilizava projéteis de plástico. As imagens, no entanto, mostram efetivamente os armamentos de M-16, fuzil-metralhadora de emprego militar, arma de guerra como as usadas na manhã do dia 11 pelos mesmos policiais... estas armas simplesmente não disparam projéteis de borracha! Com o passar das horas, a presença da polícia militar está cada vez menos numerosa, enquanto a maré chavista ocupa todos os espaços civis e militares em todo o país. Pouco antes das 17h, as "quatro TVs irmãs" tentam justificar a ausência de notícias nas suas transmissões com desculpas ridículas. Às 16h52, a Globovisión sai com o seguinte comentário:

> Globovisión, como meio de comunicação social, mas, sobretudo, como uma família venezuelana que trabalha e luta por seu país, condena qualquer atividade irregular que possa causar desajuste ou confusão na coletividade, não importando de qual grupo provenha. Nesse momento, em nome da prudência e do clima de incerteza e falta de informações seguras sobre os acontecimentos, não temos dado informações ou transmitido imagens que poderiam vir a causar danos maiores ao nosso país. Mas isso não quer dizer, em absoluto, que escondemos intencionalmente informações ou que estamos violando o direito de vocês de serem informados. Por isso insistimos em comunicar a existência de focos de perturbação e recomendamos que se mantenham nas suas casas.

Um minuto depois, às 16h54, a Venevisión se incorpora à essa linha editorial. Um comentarista, com expressão muito preocupada, diz: "Nossos jornalistas receberam ameaças de morte por parte dos próprios círculos chavistas. Nessa circunstância não é possível que nos movamos em segurança para conseguir informações precisas." E depois continua sugerindo que se mantenha a calma, que todos fiquem em casa, e que, assim que tivessem notícias seguras as transmitiriam. Em resumo, exatamente as mesmas informações: fiquem em casa por medo das hordas chavistas.

A história das ameaças é uma mentira colossal que dentro de pouco tempo seria revelada. Os círculos chavistas não mataram ninguém e nunca exerceram violência gratuita como foi feito pelos golpistas contra os chavistas. Pela tarde, a RCTV é circundada por chavistas, a maioria motorizados, que gritam contra o canal que se autocensurara. Pedem que seja transmitida a verdade, isto é, o protesto popular e tudo o mais que estava ocorrendo no país. A polícia metropolitana desaparecera. O canal transmite imagens da pressão dos chavistas, que gravam de dentro de edifícios e por trás de vidros. Um jornalista, bastante assustado, pede ajuda:

> Nós da RCTV lançamos um chamado para que, por favor, o povo da Venezuela... nos proteja! [e acrescenta, com voz trêmula] porque um país onde não existam meios de comunicação, onde não exista liberdade de expressão, e sim uma só linha de pensamento, é algo muito perigoso.

Plenamente de acordo, mas ninguém na RCTV protestou quando fecharam a VTV!

O mesmo está ocorrendo na Venevisión, onde, no entanto, há um cordão da polícia metropolitana para proteger o edifício. O jornalista diz: "(...) vejam como estão se amontoando os simpatizantes do ex-presidente Chávez. Entendemos que o protesto é livre, mas...". Também diante da Globovisión os chavistas chegam para protestar. Mas, contrariando o que essas emissoras queriam dar a entender, os chavistas não foram lá para invadir e destruir as instalações e atacar de maneira selvagem os que ali se encontrassem, por mais que tivessem uma grande vontade de fazê-lo. Sabem que seu presidente não permitiria isso e, portanto, se limitam a tentar transmitir as suas declarações, a verdade do que ocorria pelas ruas. Creio que nunca ocorrera isso em nenhuma outra parte do mundo; manifestantes reivindicando da televisão o cumprimento da lei e os direitos da população de ser informada corretamente. Os editores são obrigados, para evitar problemas mais sérios, a mandar câmeras entre as pessoas. Alguns operadores mais atrevidos decidem aderir à solicitação dos manifestantes e vão entrevistar os chavistas. Não acontece nada dramático, ninguém é atacado e a massa pode, por fim, falar diante das câmeras. Assim, mesmo que por poucos minutos, já há as primeiras imagens dos protestos populares difundidas nacionalmente.

Na RCTV, os jornalistas insistem em declarar que têm medo de sair para acompanhar os acontecimentos e que a sua integridade física não pode ser garantida por nenhum órgão do Estado. Qual Estado? O de Chávez ou o de Carmona? Nenhuma

das "quatro TVs irmãs" pensou na segurança dos seus primeiros operadores, quando gravavam ao vivo os homicídios da polícia metropolitana e dos franco-atiradores, quando os mesmos jornalistas foram bem contentes de encontro à guerrilha urbana, realizando seu melhor serviço! Logo depois desses acontecimentos, os canais golpistas se fecharão em um hermetismo total.

O fim da junta de transição

Por volta das 19h, o general Montoya telefona para Héctor Ramírez Pérez pedindo a libertação imediata do presidente, mas o ministro da Defesa nem responde, e, sem dizer palavra alguma, passa o telefone ao gordo herói Manuel Rosendo que, por sua vez, pergunta a Montoya o motivo da ligação. Montoya repete a solicitação e o herói também não sabe o que responder, não tendo vontade de desafiar a cara de pau do seu interlocutor – se o ministro não o havia enfrentado, porque ele deveria fazê-lo? Mudo e calado, Rosendo também passa o telefone para o general Efraín Vásquez Velazco. Montoya, aborrecido, repete a solicitação pela terceira vez e o general gagueja palavras incoerentes porque não sabe o que dizer.

Montoya teme que o presidente já pudesse estar exilado, ou algo pior, e reage com violência, intimidando Efraín Vásquez que não ousasse tocar em um fio de cabelo do presidente e que não cometesse o grave erro de fazê-lo emigrar à força. Depois o ameaça dizendo que haveria represália imediata caso se negassem a entregar Chávez na sequência. Dito isso em tom firme, desliga bruscamente o telefone.

Faltava encontrar apoio aéreo! Tinham que ir o mais rápido possível a La Orchila…

Três oficiais com grau de major se aproximam do coronel José Gregorio Montilla Pantoja e dizem que chegou o momento de agir e prender Pedro Carmona, que, naquele momento, en-

contrava-se no ministério da Defesa. Para tanto poderiam contar com o Batalhão Caracas. Montilla avisa Carneiro do que está para acontecer e ele aprova inteiramente. Montilla vai ao ministério da Defesa, liga para o comandante do Batalhão Caracas e o coloca a par da operação. O comandante se mostra surpreso e indeciso, pois, bastava um pequeno erro para perder não só a carreira mas também a própria vida. Prender Pedro Carmona significava colocar-se contra os altos oficiais, o que significava muitos perigos. Por fim, cede e coloca-se às ordens de Montilla. Escoltados por homens do batalhão, se encaminham para o escritório do quinto andar. Além de Montilla, do comandante e dos três majores, havia o general Martínez Mendoza, que acalma os ânimos aconselhando Montilla a discutir melhor antes de agir. O comando chega à porta do escritório, Montilla para um momento, observa aqueles que o acompanham e depois, com um suspiro, segura a maçaneta da porta, abre e entra com passo firme. No escritório, encontram-se mais de 50 generais que se viram para olhar o intruso, surpreendidos e emudecidos. Montilla não dá tempo a perguntas e, com voz autoritária e cara fechada diz: "Venho prender Pedro Carmona Estanga como responsável pelos fatos que acometeram o país!", e, como ninguém ousou abrir a boca, continuou, "Nós não aceitamos ficar sob o mando de vocês pois vocês violaram a Constituição."

O general Navarro Chacín o enfrenta: "Sob qual mando está atuando? Quem você representa?". E Montilla responde: "nós, os oficiais jovens do país, não estamos de acordo com o que está acontecendo". Chacin, enfurecido, responde aos gritos: "Os militares não falam em grupo!". "Eu falo pessoalmente!", responde Montilla, no mesmo tom. E o mesmo gritam os outros que o acompanham.

Muitos generais estão visivelmente chocados e resignados. Montilla acrescenta: "Vocês estão todos em estado de prisão. Vamos agora prender Pedro Carmona!". E depois repreende as-

peramente Molina Tamayo, que estava sentado em silêncio: "Por que está sentado, foi demitido da Marinha?", e o vice-almirante, cada vez mais nervoso e assustado, coloca-se de pé, sem dizer uma palavra. Depois Montilla continua: "Vocês, entreguem-me agora os seus celulares! Daqui não sai ninguém. Repito, estão presos!" Enquanto seus homens recolhem os celulares, ele sai do recinto, fecha a porta e dá um grande suspiro de alívio. O pior já passara, mas ainda não sabiam onde estava Pedro Carmona. Enquanto caminham pelo corredor, vê que se aproxima o capitão Guerrero Núñez, e Montilla lhe pergunta em qual escritório se encontra Pedro Carmona. O capitão não sabe, mas um cabo encarregado dos serviços deveria sabê-lo. Encontram então o cabo e ele os conduz por um corredor lateral até que param diante de uma porta. "Está aqui dentro", disse ele. Montilla abre a porta e vê Pedro Carmona, sentado, agachado, enquanto procura algo no criado mudo. "Senhor Pedro Carmona, o senhor está preso". "Por quê?", pergunta ele com uma voz fraca, já que o medo lhe fecha a garganta. "Por ter violado a Constituição da República Bolivariana [e marca bem a palavra bolivariana] da Venezuela". Montilla o pega pelo braço e percebe que Carmona está tremendo, visivelmente perturbado. O homem que mandou eliminar Chávez agora teme que aquela sorte se destinasse a ele próprio, mas Montilla o alenta: "Não se preocupe. Nós respeitamos a lei e a Constituição e respeitaremos seus direitos humanos e civis". Vejam, é justamente a Constituição que ele queria eliminar que agora o protege!

Pedro Carmona, escoltado por Montilla e outros homens, é encaminhado pelo corredor. Encontram o general Rosendo que, sabendo da detenção dos generais e da intenção de prender também Pedro Carmona, queria alcançá-lo antes que Montilla, evidentemente sem êxito. Rosendo se impõe a Montilla, como se ignorasse o que estava acontecendo: "O que está acontecendo aqui? Onde pensa que vai com esse homem? Preste atenção no que faz,

coronel!". E o outro responde, firmemente: "Este homem está detido por haver cometido um golpe de Estado". "Calma coronel, calma, não tome decisões impetuosas…", insiste Rosendo.

O gordo traidor salva seu novo dono. Montilla diz que Pedro Carmona tem que renunciar diante do país, na televisão, e para isso daria algum tempo aos dois para que discutissem a forma, enquanto ele se ocuparia de organizar a coletiva de imprensa.

Os generais advertem que não há maneira de ir ao ar, ao vivo, porque nenhuma das "quatro TVs irmãs" quer enviar equipes até Forte Tiuna. Naquele momento, William Lara está juramentando Diosdado Cabello, e esse acontecimento acaba com todas as esperanças dos generais, e Pedro Carmona cede definitivamente.

García Carneiro acorda com Montilla e com os outros oficiais o texto da declaração que o resignado Pedro Carmona lê diante das câmeras. Além da renúncia também há a comunicação de que o novo ministro da Defesa seria o general Lucas Rincón. Carneiro poderia ter dado uma ênfase maior ao acontecimento, mas preferiu concluir rapidamente aquela bagunça. Apressou o tempo justamente para evitar que pudessem nascer problemas e complicar um quadro que já estava sendo definido em detalhes, e da melhor maneira: não se disparou um só tiro e estava sendo levada a cabo a operação "Restituição da Dignidade", encaminhada por Baduel e Montoya, e em pleno acordo com a Constituição e as leis.

Pelas indiscrições filtradas uns dias depois, parece que os únicos feridos foram os altos oficiais golpistas por causa das brigas desatadas entre eles por melhores cargos, brigando para ver quem ficaria com o maior pedaço de bolo. Para que não houvesse mal entendido, no fechamento da coletiva de imprensa o coronel Montilla repete o nome dos generais que estão presos. Depois contatam Diosdado Cabello e os outros ministros do governo de Chávez.

Pouco depois, chega ao Forte Tiuna José Vicente Rangel, que segue para o Batalhão Caracas. Depois de felicitar o grupo de oficiais autores da captura, vai ao encontro de Carmona. Num primeiro momento, trata-o duramente como traidor e, depois de ver que o homem já estava vencido e inerme, sentado com a cabeça reclinada, repreende-o sem tanta dureza, reprovando suas ações fascistas daqueles dois dias, os ataques e prisões ilegais. Pedro Carmona não tem nada a dizer, não sabe como responder. Depois José Vicente vai até o quarto onde estão reunidos os dois generais: "Como é possível que vocês tenham entregado o país à Fedecámaras? Onde estava o amor pátrio quando acabou o juramento defendendo as instituições?". Os generais estão chocados, muito nervosos, e alguém gagueja desculpas.

Pouco depois Diosdado Cabello e Lucas Rincón chegam e vão também reclamar algo aos generais que, instalados em seus escritórios, já haviam separado todos os documentos de trabalho e coisas pessoais.

O prisioneiro da ilha La Orchila

Deixamos Chávez e o cardeal Velasco na praia de La Orchila.

São 22h15 e, enquanto em Caracas Diosdado Cabello toma o cargo de presidente e os generais e Pedro Carmona são presos, na ilha ainda não haviam chegado tais notícias e o cardeal tinha ainda uma tarefa para terminar. Naquele ínterim, o general Montoya contatou dois oficiais da Aviação: O general da divisão Luis Acevedo Quintero e o general de brigada Pedro Torres Finol. Explica a eles que necessita de helicópteros para resgatar o presidente na base La Orchila.

Os dois começam a trabalhar e, por sua vez, contatam os oficiais que tinham o controle da Base Aérea Libertador e a Escola Mariscal Sucre, tratando de convencê-los a se unirem com as FAN (Forças Armadas Nacionais) constitucionalistas. Pas-

savam das 23h quando, por fim, conseguiram que fossem disponibilizados quatro helicópteros Super Puma. Enquanto isso, Chávez está metido em sua renúncia digitada e quer reescrevê-la a seu punho. O coronel Julio Rodríguez Salas começa a perder a paciência, mas sente que o assunto já está quase resolvido e não custa nada conceder aquele capricho. Levam alguns papéis e Chávez começa a escrever sua renúncia, lentamente. Faz pausas, relê, faz correções e depois continua, sempre com extrema lentidão. O coronel queria chutá-lo, mas a presença do cardeal o obriga a ficar tranquilo enquanto Chávez perde tempo intencionalmente. O coronel, para descarregar a tensão, fala com o cardeal, olhando continuamente para o prisioneiro. Por fim o documento está escrito e Chávez o entrega ao coronel, dizendo: "Faça as cópias à máquina e então assinarei".

Não tem intenção de assinar nada, está pensando a qual desculpa irá recorrer, uma vez feitas as cópias. O cardeal Velasco e o coronel dão um suspiro de alívio. Pronto! Agora basta copiá-lo à máquina, assiná-lo e partir com o incômodo prisioneiro para seu destino final. O coronel entrega o documento a um soldado para que passasse à máquina. O soldado, enquanto pega o documento das mãos do superior, olha para Chávez, que corresponde com o olhar ao mesmo tempo em que transparece uma expressão irônica. O soldado já se deu conta do que tentava fazer o presidente: perder tempo. Sendo assim, também age no mesmo sentido. Começa a digitar lentamente, logo se equivoca intencionalmente, dissimulando grande nervosismo, arranca a folha e começa de novo.

José Vicente Rangél deixa o Forte Tiuna e regressa a Miraflores. Acaba de chegar e liga para Montoya e Baduel para colocar-lhes a par dos detalhes do último minuto, e assim também fica sabendo da disponibilização dos helicópteros, que já decolaram. A notícia se difunde em La Orchila e deixa todos agitados. Chávez percebe que algo de muito grave acontecera,

pois de repente toda a calma da ilha se transforma em agitação frenética. Os oficiais se reúnem e analisam a situação. A chegada dos Super Puma com um esquadrão de paraquedistas decididos não é um fato que se podia ignorar. Era necessário decidir se os enfrentariam ou se se renderiam, mas também tinham que considerar a ordem dada por Baduel aos seus homens. Melhor estar preparados para tudo. Dispõem alguns homens na defesa ao redor da casa onde estava Chávez, outros utilizam visores noturnos e se posicionam em uma segunda linha defensiva. O cardeal começa a ficar assustado, não entende o que ocorre, mas Chávez logo se dá conta dos sentidos daqueles movimentos: estão organizando linhas defensivas. Quem estaria chegando? Amigos ou hostis?

A esperança começa a transformar-se em certeza e Chávez se dirige aos militares que estavam dispondo-se ao longo do perímetro da casa: "Vocês aí, o que estão fazendo?". "Comandante, estamos executando ordens do almirante". "Chamem-me o almirante!". Naquele momento, Chávez está com o cardeal e com dois coronéis, um dos quais é Julio Rodríguez. Quando o almirante chega diante de Chávez, coloca-se firme e diz: "Às suas ordens, presidente". Chávez fica pasmado, mas entende logo o sentido daquela situação. O cardeal e os dois coronéis empalidecem, a superioridade se transformara em medo. E o almirante continua: "Senhor presidente, queria falar com o senhor em particular". O presidente, que estava sentado, pede licença ao cardeal e aos outros dois e saem. "O que ocorre, o que te preocupa?"; "Comandante, a situação no continente está muito difícil. O povo invadiu as ruas protestando. Eu estou executando ordens, mas fique tranquilo, o protegeremos. Eu estou aqui para protegê-lo"; "Proteger-me de quem?"; "O general Baduel com um comando de paraquedistas está a ponto de chegar com quatro helicópteros Super Puma. Não quero confronto. Se puder, ligue para ele por favor".

O almirante não consegue saber se o comando quer libertar Chávez ou eliminá-lo e não quer ficar de braços cruzados em nenhuma das hipóteses. Chávez consente imediatamente, ele também não queria conflitos armados. Os dois dirigem-se ao centro de comunicação e Chávez pode falar com o comandante do grupo de helicópteros, mas Baduel não está com eles. Está claro que o objetivo do grupo era o de resgatar o presidente, e então Chávez explica a situação, diz que não quer conflitos e que não haverá problemas com o presídio da ilha. O próprio Chávez, referindo-se àqueles momentos, contará que o cardeal Velasco iniciou uma conversa com Hugo Chávez prisioneiro e a concluiu com o mesmo homem, mas que voltara a ser o presidente da Venezuela. Agora só restava esperar. A notícia chega a todos os presentes na ilha e a atmosfera muda radicalmente, desaparecem as expressões aborrecidas, os rostos se estendem e volta a simples alegria natural dos caribenhos.

A tripulação que levou o cardeal agora se encontrava incomodada e temia uma retaliação, mas ninguém nem se importou com a presença deles. Já era 14 de abril, domingo, e se prenunciavam as melhores perspectivas: Os helicópteros que reconduziriam o presidente a Miraflores aterrissaram a 1h30. Enquanto lidavam com os preparativos para a decolagem, Chávez aproxima-se do cardeal e diz: "monsenhor, vamos dar as mãos". Juntos, na praia, em uma noite sem lua, o monsenhor e o presidente como dupla improvisada de personagens como Don Camillo e Peppone, protagonistas inesquecíveis de alguns romances de Guareschi, rezam juntos. Depois Chávez diz: "Pedimos a Deus que nos ilumine, o invocamos para que nos faça capazes de aceitar nossas diferenças e dialogar. Nossos objetivos são os mesmos: a paz e o progresso do país. Não permitamos que as nossas diferenças se imponham". Depois Chávez sobe no helicóptero dando palmadinhas nos ombros daqueles que encontra, à maneira venezuelana. Pouco antes das 3h o helicóptero sobrevoa Caracas.

A volta

Durante o voo até Caracas Chávez faz muitas perguntas aos militares que viajam com ele, e a coisa que mais o impressiona é a notícia de que em todo o país o povo está ocupando as ruas desde a noite do dia 11, e ainda estão cercando todas as instalações militares e o palácio de Miraflores, onde soldados celebram junto a civis. Mas, quando são 2h25 e o Super Puma entra no vale de Caracas, o presidente sente uma grande angústia ao ver a cidade salpicada de focos de incêndio dos quais sobem fios de fumaça cinzenta, lhe dizem que os saques começaram há mais de 24 horas e a polícia desaparecera.

Lembra-se então do seu pior pesadelo, o "bogotaço", a destruição de Bogotá na Colômbia por causa do assassinato de Jorge Eliécer Gaitán. Sabe que ali a coisa nascera do desespero das pessoas humildes e pobres que se viam de algum modo vítimas de abusos e violências parecidas, e espera ansiosamente chegar a tempo de por fim naquelas desgraças. Também faz a autocrítica e, como é da sua natureza, se responsabiliza até por coisas que não são de sua responsabilidade, mesmo que não tenha sido a causa. Pensa em uma frase de Che Guevara: não há revolução sem derramamento de sangue. Roga a Deus para que o futuro seja diferente, que possa completar a pacífica Revolução Bolivariana sem mais violência. Depois repete: "Deus queira que todos saibamos aprender a lição que a Venezuela recebeu por esses dias".

Pelo Canal 8 dão a notícia da iminente chegada do presidente constitucional da República Bolivariana da Venezuela, ex-tenente-coronel, comandante Hugo Rafael Chávez Frías, enquanto Miraflores se converte no centro do universo para todos os venezuelanos que deram tudo que tinham por seu sonho. E alguns deram a vida! O bravo povo grita com a voz já rouca, mas com todo o fervor de seu ânimo, o nome de Chávez. Misturam-se

risos e lágrimas, dançam e cantam o hino nacional. Em cada canto do país, nos bairros, nas praças, pelas ruas. Ao redor das sedes das instituições, via-se repetir a mesma cena de júbilo. As "quatro TVs irmãs" e toda a oposição emudecem. Talvez estivessem buscando nos armários o traje propício à circunstância, negro, para chorar a oportunidade perdida para sempre!

Algum tempo depois, falando por telefone com minha esposa na Itália, conto, com uma piada, como naquele dia ocorreram diversas intervenções nos serviços de emergência, com as quais curaram um grande número de opositores de Chávez que estavam mordidos, ou melhor, "automordidos", comendo-se de nervoso as próprias mãos e dedos. Mas respeitemos sua dor e voltemos a Miraflores.

São 3h55, quando a massa amontoada em Miraflores vislumbra a luz do helicóptero que leva um passageiro excepcional. O ruído do veículo é coberto pelos gritos das pessoas, empoleiradas nos muros, grades e postes de luz, enquanto os jornalistas, ali no meio de todos, se esforçam muito para que sejam notados, cercados de maneira respeitosa do carinho dos jovens. Enquando o helicóptero aterrissa, são lançados fogos de artifício. O caminho entre o helicóptero e o interior do palácio fica literalmente atolado e os guarda-costas precisam suar muito para fazer com que o presidente passe, sem dúvida feliz, mas também um pouco transtornado. Depois de muito silêncio, encontra-se imerso numa massa que grita e sente-se até intimidado, como se toda aquela acolhida o assustasse.

Escuta-se o refrão: "voltou, voltou, voltou…", que se extende às adjacências de Miraflores até a Avenida Urdaneta, Baralt, em toda Caracas, enquanto nos nichos ricos… os ricos se fecharam em suas casas, preocupados e assustados, à espera da certeira vingança do tirano. Por fim, Chávez consegue chegar ao salão onde estão reunidos seus fiéis amigos e onde foi recolocado em seu lugar o quadro de Simón Bolívar. O primeiro abraço é em

Diosdado Cabello, dois verdadeiros amigos, e a quem diz: "temi por sua vida", "e eu pela sua!".

Depois leem o decreto número 1.743 com o qual o engenheiro Diosdado Cabello devolve as funções de presidente à Chávez. Logo o presidente toma a palavra.

O discurso de Chávez

São 4h40 e toda a Venezuela está grudada nas telas da televisão, em silêncio:

"A Deus o que é de Deus, a César o que é de César, ao povo o que é do povo", inicia com estas palavras seu discurso, apertando entre as mãos aquele crucifixo que o seguiu durante as 48 terríveis horas. Depois continua:

> Nesse momento me sinto como um mar multicolorido, e contudo tenho que lhes confessar... que estou assombrado, estou ainda assimilando tudo o que ocorreu... como pude dizer alguns dias atrás, na Avenida Urdaneta... o povo chegou nesse edifício e aqui ficará para sempre... já foi demonstrado. Falando do povo tenho que dizer que o que ocorreu na Venezuela nestas últimas horas foi, na verdade, um fato inédito no mundo. O povo venezuelano e seus verdadeiros soldados, o povo venezuelano e suas Forças Armadas, esses soldados escreveram uma nova página na história da América Latina, exemplo de um povo que acordou definitivamente, de um povo que reconheceu e praticou seus próprios direitos e obrigações. Uma Força Armada cuja essência, cuja razão estrutural, cujos oficiais, suboficiais, tropas, estão conscientes de suas responsabilidades históricas e não se deixaram confundir, manipular, enganar, e ressurgiram... com uma força que devolveu a legitimidade e a Constituição da República Bolivariana da Venezuela.

O cansaço e a emoção são evidentes e as pessoas sentem e entendem os sentimentos que aquele homem transmite. São pala-

vras humildes, não há raiva ou sentimento de vingança, e ainda insiste chamando o diálogo. Ele, primeiramente, está disposto a retificar, mas também chama à mesma retificação todos os atores principais, como a Igreja, os empresários privados, os partidos políticos. Diz claramente que não voltava com sentimento de vingança, que não será desatada nenhuma caça às bruxas e que serão respeitados os direitos humanos, tal como prevê a Constituição. Um discurso conciliador que, lamentavelmente, será mal entendido pela oposição, considerando-o um sinal de debilidade e inconsistência política. Depois Chávez convida a que todos retornem às suas casas, às suas famílias, e que abandonem qualquer ação violenta. Haveria tempo para celebrar. Os saques acabam imediatamente e, lentamente, o país volta à calma e a uma aparência de normalidade.

Os culpados

Nos meses seguintes aos acontecimentos dos dias entre 11 e 14 de abril de 2002, houve a maior descarga de responsabilidade da história venezuelana, na qual a conclusão foi que na Venezuela não aconteceu nada, que se algo aconteceu eu não estava, e, se estava, não vi nada, não sei nada, me equivoquei, me enganei... Parece uma farsa, mas é a trágica realidade. Foram todos inocentados! Quero citar um artigo de 20 de abril de 2002, com um título muito significativo e claramente sarcástico: "Puros inocentes", escrito por Augusto Hernández, que encontrei em uma página da internet, La BitBiblioteca.

> A Fedecámaras como instituição, não teve nenhuma responsabilidade no golpe de Estado, somente convocou a greve geral e a marcha contra o governo. O doutor Pedro Carmona Estanga agiu em total inocência, pois não podia prever o que ocorreria. Os sindicatos apenas tentaram fazer uma greve insurrecional indefinida, mas sem más intenções. Carlos Orte-

ga, presidente da CTV, não sabia o que fazia quando instigou os manifestantes a seguirem em direção a Miraflores. Os generais, almirantes e coronéis envolvidos que organizaram a chuva de declarações na televisão até desembocarem em um protesto armado, atuaram inocentemente, enganados pelos políticos de sempre. Monsenhor José Ignácio, cardeal Velasco, assinou a ata da ditadura com toda ingenuidade [talvez o único verdadeiro ingênuo, eu diria...]. O partido Copei não teve nada a ver com a ata inconstitucional. A nomeação de José Rodríguez Iturbe para chanceler de Carmona foi a título pessoal e nem sequer compromete a Opus Dei. José Curiel, secretário geral democrata cristão, assinou o decreto ditatorial sem saber o que estava fazendo. O partido Primeiro Justiça não estava presente em Miraflores e acabou contando com um ministro para o gabinete de Carmona; o fez ingenuamente. A polícia de Baruta (de Capriles Rodonsky) prendeu e humilhou muitos chavistas sem saber que o fazia. Suas tropas de choque invadiram a embaixada de Cuba acreditando que lá dentro estavam delinquentes comuns. Os executivos das empresas aplaudiram freneticamente o que ocorria em Miraflores e assinaram a violação da Constituição sem se dar conta de nada! Miguel Ángel Martínez, em nome dos meios de comunicação, das câmaras de rádio e televisão, assinou de boa fé a ata de usurpação presidencial. A Globovisión, RCTV, Venevisión e Televén, as emissoras de televisão que boicotaram o discurso do chefe de Estado, não combinaram a sabotagem nem a programaram com antecedência. Os proprietários e editores de alguns jornais nacionais de Caracas pecaram pela ingenuidade. As edições especiais que foram lançadas nos dias do golpe foram mera casualidade. Nem o Departamento de Estado nem a embaixada dos EUA tiveram conhecimento prévio dos fatos. O general em chefe Lucas Rincón é um leal colaborador de Chávez que foi enganado

> quando anunciou ao país a renúncia de Chávez. O diretor da polícia técnica judicial (PTJ) não traiu, somente cumpriu seu dever buscando criminosos entre as hordas chavistas, e em nenhuma outra parte. Os comentaristas e repórteres de alguns canais, tal como de alguns jornais, não tomaram atitudes prejudiciais, não agiram em conivência com os conspiradores e nunca souberam o que se estava preparando. Na realidade, o golpe deveria ter sido preparado para o dia 28 de dezembro, que seria mais apropriado porque é dia dos santos inocentes.

Na Venezuela o dia 28 de dezembro é como o nosso 1º de abril, o dia dos ingênuos e das mentiras e piadas.

PARTE VIII

A evolução

A volta de Chávez põe em crise momentânea os opositores, mas quando se dão conta de que Chávez não cometeria represálias, tudo recomeça.

A teoria do autogolpe

Já no mês de abril a oposição começou a fazer circular a teoria do autogolpe segundo a qual o único que teria a ganhar com a história toda seria o próprio Chávez; é surpreendente ver até onde chegam as maquinações das mentes retorcidas destes acrobáticos intelectuais.

Antes de tudo, uma simples consideração: se se tratasse realmente de um autogolpe, os mortos deveriam todos ser atribuídos a Chávez, enquanto que a oposição sairia cândida como neve. Muito simples e cômodo! Mas todas as provas emergidas nos anos seguintes demonstraram amplamente que o autogolpe é uma teoria que somente um tonto cego pelo ódio poderia apoiar. Uma síntese desse teorema foi dada por um tal de Antonio Ward num artigo seu publicado em 15 de abril de 2002, no qual diz: "Um dos melhores resultados desse regime foi o 'dividir'". Sobre o conceito das divisões já discutimos bastante. Em seguida, sob o título de "Uma teoria possível", diz:

> Foi imposta uma lógica fria e o coração sereno, e dizem que ambas as coisas têm todas as características de um autogolpe. A tese não é descabida. Esta ideia não teria outro objetivo que o de descobrir por fim quem eram os inimigos de Chávez nas Forças Armadas, no governo e na sociedade civil, além de quem era que estava com eles. Por que alguém irascível e violento como Hugo Rafael Chávez Frías sai de Miraflores de maneira tão pacífica nas primeiras horas do dia 12 de abril? Por que os assassinos do Viaduto de Carmelitas (Llaguno) disparam sem se importar com as consequências, apesar de estarem sobre as câmeras de várias emissoras de televisão? A voz fora das câmeras que fora apresentada como de Marisabel na verdade não era sua...

Dentre muitas outras colocações.

O senhor Ward apenas escreve o que os muitos intelectuais e afins tentaram demonstrar nos dias seguintes ao golpe. Ainda hoje, realmente, há muitas coisas na internet que falam dessa bobagem. É certo que, se o senhor Ward tivesse a bondade de esperar um pouco antes de publicar seu artigo, talvez suas emoções tivessem sido acalmadas depois e sua lógica pudesse alcançar uma temperatura mais baixa, vendo os fatos sem o filtro do antichavismo. Em todo caso, a técnica da oposição sempre fora a mesma: utilizar um acontecimento e distorcê-lo de modo a confirmá-lo com a teoria da comodidade. À luz do bom senso, por que Chávez, uma vez descobertos os seus inimigos, não os eliminou? Uma pessoa violenta, tirânica, cruel, irascível, por que permitiria que estes delinquentes lhe criassem problemas por tantos anos? Parece impossível que um gênio do mal não consiga se desfazer de um punhado de inaptos charlatães.

Além das perguntas, o senhor Ward também dá as respostas, enumerando as vantagens que Chávez conseguira: neutralizar a greve geral indefinida porque não tinha outra maneira de recobrar a popularidade perdida, neutralizar Pedro Carmona –

único líder honesto da oposição –, se fazer de mártir internacional, descobrir seus inimigos dentro das Forças Armadas Nacionais, justificar a repressão que antes fora difícil fazê-lo. Conclui o artigo como um autêntico barítono:

> Não quero parecer obcecado, mas não posso crer nas mensagens conciliadoras do presidente. Esta é outra charada. Outra palhaçada. Outra mentira. Os inimigos da "revolução", ou "roubolução", como dizem alguns, estão sendo desmascarados... Nós, antichavistas, agora somos motivo de guerra. Sobre isso não há dúvida.

Toda a oposição é vítima e não tem nenhuma responsabilidade!

Este senhor foi simplesmente desmentido pelos fatos, mas os argumentos ficam e a oposição também seguirá elaborando a tese da ditadura contra todas as evidências, sempre propondo ações desestabilizadoras com o auxílio contínuo e constante das "quatro TVs irmãs" e da CIA.

A sociedade civil

A velha classe política estava acostumada unicamente a uma dialética hipócrita e a um tipo de comparação política baseada em palavras, em projetos apenas formulados, sobre a marginalização dos desamparados e a população indígena e sobre a repartição cristã dos lucros entre os poderosos. Chávez irrompe como um redemoinho, desorganiza os velhos equilíbrios e levanta todas as hipocrisias ou erros que sempre estiveram sob os olhos de todos, mas que ninguém teve vontade ou ânimo de afrontar. A chegada de Chávez desmonta definitivamente os esquemas políticos existentes e dá voz ao povo que sempre esteve marginalizado. Assim, a luta de classes sai da sombra da clandestinidade e se manifesta em todas as suas trágicas matizes, dando às massas o poder que nunca haviam tido.

Mas ainda assim a oposição diz que antes de Chávez os venezuelanos viviam em paz, fraternalmente, enquanto essa paz a que se referem trata-se daquela imposta pelos colonizadores aos colonizados, que acabam por aceitar sem reagir, de tanto receber chicotadas, como se a sua pobreza fosse somente culpa sua. Chávez usa palavras como: solidariedade, oportunidades iguais em igualdade de condições, que não devem existir cidadãos de categoria B ou C... Também fala dos direitos fundamentais que o Estado deve garantir a todos, como saúde e educação gratuita e de qualidade, acesso à água potável, uma distribuição mais justa da riqueza. Também diz que a sociedade tem que ser do tipo humanista, que a solidariedade deve ser um elemento fundamental na consciência social, que não são só esmolas e subsídios, mas companheirismo e senso de coletividade para com os mais frágeis. Declara que um dos objetivos da Revolução Bolivariana é criar governos estáveis que garantam ao povo a maior soma possível de felicidades. Mas estes discursos não agradam aos intelectuais, aos ricos e à Igreja, cada um deles preocupados em perder os privilégios de que gozam.

Chávez é criticado porque no seu governo não há verdadeiros sábios, gente culta, preferindo utilizar os militares e a população dos bairros. Esse critério foi uma escolha necessária porque quase todos os intelectuais que Chávez chamou para compor o governo ou o desdenharam e não quiseram sujar as próprias mãos com aquele ser desprezível ou aceitaram, mas logo mudaram de ideia ao perceber que nunca iriam ganhar dinheiro e poder, justificando que era impossível dialogar com aquele ignorante; houve alguns também que foram colocados para fora por corrupção. Somente poucos, bem poucos, ficaram, sendo taxados de traidores e isolados como a peste. Quem quisesse seguir fazendo parte da sociedade civil deveria demonstrar seu desprezo por tudo o que Chávez é e por tudo que ele representa, deveria abjurar da revolução bolivariana. Cada deserção do governo Chávez é acolhida

pela oposição com júbilo, e estes ex-chavistas recebem honras e glórias em cada sede, incluídos obviamente os estúdios das "quatro TVs irmãs", onde encontram formas de cativar novos colegas (ou donos) dizendo todas as besteiras possíveis sobre Chávez.

A maioria verdadeira e a maioria midiática

Chávez venceu todas as eleições e com ampla margem, mas a oposição, em lugar de fazer sua *mea culpa* e buscar as causas reais que permitiram o nascer e desenvolver da revolução bolivariana, minimiza seus erros e sempre atribui os crescentes êxitos da ideologia bolivariana ao autoritarismo do presidente, que fomenta as divisões, que impõe em vez de dialogar. A oposição sabe perfeitamente que a maioria está com Chávez e que eleitoralmente não tem nenhuma possibilidade de derrotá-lo, precisando, portanto, de outros métodos. Com a ajuda constante dos meios de comunicação, convertidos em reais partidos políticos, começam a criar a matriz de opinião de que Chávez perdeu o apoio da maioria, que as pessoas estão cansadas de falsas promessas, que o desemprego aumentara, que não se constroem casas suficientes, que o governo é o mais corrupto da história do país, que a violência pelas ruas está insustentável, que Chávez aterroriza as pessoas obrigando-as a votar nele, que está doando recursos do país aos cubanos.

A mentira se converte em arte e todos os meios de comunicação são usados com esse objetivo: se Chávez está com a minoria deve renunciar para que novas eleições expressem a verdadeira vontade popular. Uma eleição sempre é uma incógnita, poderia ocorrer um milagre e nesse caso Chávez poderia ir para sempre. Mas, se por casualidade, vencesse, poderiam, como sempre, gritar à exaustão e subverter o resultado das urnas, segundo uma regra já consolidada. Para chegar rapidamente a uma nova eleição havia duas maneiras: a renúncia de Chávez ou o referen-

do revogatório. A Constituição prevê que este referendo pode ser organizado em meados do mandato, portanto, em agosto de 2004. Muito longe no tempo. Com Chávez no governo, caso ele consiga realizar seu programa, a oposição não conseguiria tirá-lo nunca mais como, portanto é necessário impedir que realize seus projetos, mesmo que quem sofra as consequências seja o próprio povo e o país. Se não se pode organizar o referendo imediatamente, resta a ação violenta.

Na segunda metade de 2001, iniciou-se o pedido de eleições antecipadas e no mês de dezembro daquele ano irrompe a greve geral organizada pelos empresários que fecharam fábricas e lojas para obrigar os trabalhadores a fazer greve. Os meios de comunicação ativaram um martelante programa para fazer a população acreditar que a maioria estava com a oposição, provocando um ódio irracional em relação a Chávez que envolveu boa parte do país, encaminhando-o para o golpe de 11 de abril.

Depois do golpe a oposição continua sua campanha para demonstrar que Chávez contava com no máximo 30% de apoio da população e que os militares se arrependiam de ser a causa de seu retorno ao poder. Esta mentira é vendida como verdade absoluta à opinião pública nacional e internacional, e, principalmente, a Washington. Os EUA pensavam que financiando oportunamente a oposição para realizar o referendo revogatório, Chávez seria indubitavelmente colocado para fora do jogo. Uma grande parte desse financiamento de dezenas de milhões de dólares acaba nos bolsos dos patrióticos opositores. Difunde-se muita insegurança por fim e se discute se Chávez, uma vez pedido o referendo, poderia apresentar-se para novas eleições. A oposição encaminha uma campanha nacional pela coleta de 2 milhões de assinaturas para solicitar e convocar o referendo. Surgem as primeiras dificuldades porque não conseguem superar 1 milhão. Para alcançar o *quorum*, as empresas obrigam os empregados a assinar, e quem se nega está despe-

dido, depois recorrem a coisas como assinaturas falsas e outras assinaturas claramente duplicadas.

Por fim, a oposição, com uma marcha triunfal, apresenta as assinaturas ao conselho nacional eleitoral, querendo que o referendo fosse realizado imediatamente, mesmo que a Constituição previsse que apenas a partir da metade do mandato. Inicia-se outra polêmica, organizam-se mesas redondas, mas Chávez está irredutível: houve uma eleição, ele é presidente eleito, a oposição poderá pedir referendo no devido tempo, assim como diz a lei; a Constituição deveria ser respeitada.

A corrida ao referendo revogatório

A partir do mês de outubro de 2002 a Praça Altamira, em Chacao, se converteu no epicentro da resistência, foi rebatizada pelos golpistas como "Praça da Meritocracia" e considerada território livre, do castro-comunismo obviamente. Foi montado um palanque de onde se anunciavam militares dissidentes, representantes de partidos e sindicalistas, constantemente sob as câmeras das "quatro TVs irmãs". Se as câmeras do Canal 8 apareciam, seus repórteres e operadores eram atacados sistematicamente a socos. A polícia de Chacao e civis com armas de guerra protegiam os manifestantes.

O prefeito desta zona de Caracas era Leopoldo López do partido Primeiro Justiça que obviamente assegurava proteção aos golpistas que estavam concentrados ali. A polícia militar e as FAN receberam ordens diretas de Chávez para não intervir na praça porque ele não desejava confrontos armados; lhes deixaria cozinhar em seu próprio caldo.

O general Néstor Gonzáles Gonzáles, o mesmo do episódio ocorrido no dia 8 de abril no hotel Melià de Caracas, assumiu o comando das operações. Os militares e alguns civis do entorno se instalaram no Hotel Four Seasons, disponibilizado pelos do-

nos, embora ainda não estivesse aberto ao público. Este hotel se converteu em seu quartel general e era abastecido, não se sabe por quem, de víveres e armas em quantidade suficiente para resistir a um longo cerco.

Tudo isto para evitar que os dissidentes pudessem ser presos pela Guarda Nacional ou pela polícia militar ao sair da zona protegida pelos homens de Leopoldo López, .

Invocava-se o artigo 350 da constituição, oportunamente adaptado e interpretado como convinha. Um conhecido advogado venezuelano, Carlos Escarrá, disse que a oposição tratou as leis como se fossem massa de modelar, modelando-as conforme suas necessidades, conferindo uma leitura muito pessoal aos códigos. As motivações alegadas pelos militares dissidentes, ex-golpistas, eram sempre as mesmas, vejamos algumas delas:

Primeira – A traição de Chávez que teria entregado o território venezuelano à guerrilha colombiana. Esta notícia é totalmente falsa e se é verdade que foi diminuída a eficácia do controle das fronteiras com a Colômbia, embora tenham sido quadruplicados os efetivos e recursos para isso, a responsabilidade também é dos Estados Unidos que boicotaram a venda de material de reposição, sobretudo para helicópteros, e armamentos, para não falar dos radares, já em número insuficiente, que começaram a parar de funcionar pelo mesmo problema de falta de manutenção e de material de reposição. De um lado os EUA negam o fornecimento de material de reposição, de outro, de maneira bastante cínica, tratam de atribuir a Chávez a culpa pela ineficiência dos controles.

Segunda – Chávez se disfarça de democrata mas a amizade com Fidel Castro demonstra suas verdadeiras intenções, isto é, estabelecer um regime comunista, totalitário e fundamentalista. Este perigo não existe porque é impossível estabelecer um regime totalitário na Venezuela exatamente por causa da nova Constituição, da qual as Forças Armadas Nacionais são as protetoras.

Terceira – Chávez manipula as informações. É preciso uma notável dose de cinismo para fazer esta afirmação, quando a manipulação e a parcialidade da informação tem sido uma constante entre a oposição desde 1998, desde a campanha eleitoral para as eleições presidenciais vencidas por Chávez. A oposição, na tentativa de criar uma frente única de luta crível, dá vida à "Coordenadora Democrática" em torno da qual a frente golpista se reúne. Outra vez se encontram reunidos os partidos de oposição, os meios de comunicação, Fedecámaras e os generais golpistas.

44. Corina e Bush

Também nasce uma associação civil golpista: Sumate. A presidente desta associação se chama María Corina Machado. Para definir esta associação é suficiente ver a fig. 44, em Washington, onde aparece Machado, feliz, enquanto recebe a alta honra de apertar a mão do presidente dos Estados Unidos, em maio de 2005. Mas por que Bush recebeu Machado com todas as honras? Que ganhavam os Estados Unidos? Era Machado uma heroína que estava sacrificando o seu tempo em nome de uma causa nobre? Hoje esta dama da alta sociedade venezuelana, na qualidade de presidente da associação, está sob julgamento por ter recebido dezenas de milhões de dólares em financiamentos ilícitos dos EUA.

No dia dois de novembro de 2002, inicia-se a greve geral por tempo indeterminado que deveria mais uma vez obrigar Chávez a renunciar, enquanto do lado, digamos, legal, se recolhem as assinaturas para solicitar o referendo revogatório; a Sumate, com os dólares estadunidenses, é a entusiasta de tudo isto. Em 2 de dezembro de 2002 a Coordenadora inicia a greve geral indefinida. A gerência e quase todos os empregados da PDVSA participaram em massa, assim como as empresas de serviços, in-

cluindo os do Estado Zulia, onde eu trabalhei. Fecharam mais uma vez as instalações e não permitiam nem sequer que fossem postos guardas para proteger os equipamentos. Por esta situação, decidi adiantar meu regresso à Itália para celebrar o natal em família e, antes de partir, fui me despedir de alguns empresários da empresa em que colaborei. No escritório do presidente, encontrei outras cinco pessoas, dentre as quais meu amigo Pedro P., que discutiam os acontecimentos do dia. Em síntese, diziam que a greve estava parando as atividades da PDVSA e Chávez resistiria apenas por poucos dias, logo teria que declarar estado de emergência, decretando assim o seu fim. Enquanto um daqueles senhores, que eu via pela primeira vez, expunha a tese da oposição, Pedro P. me observava e, em seguida, disse aos outros que eu pensava de outra maneira. Todos dirigiram seus olhares, em um primeiro momento, com curiosidade e surpresa, para Pedro e, em seguida, dirigiram sua atenção para mim, como se houvesse dito uma blasfêmia. Com presunção, expuseram-me os detalhes do que poderia ocorrer nos próximos dias e que eu fazia bem em voltar à Itália. Mais uma vez Pedro P., que me conhecia melhor que os outros, disse que até aquele momento todas as previsões que fiz se confirmaram pontualmente. O que parecia o porta-voz do grupo me perguntou com uma atitude bastante sarcástica, como se falasse com um menino bobo:

— "Interesante! Podemos saber então quais são as suas considerações? Em sua opinião, o que fará Chávez?"

Como bom siciliano que sou, estava começando a me esquentar, mas por respeito ao presidente da companhia, um verdadeiro *gentleman,* embora não chavista, esforcei-me para manter a calma e respondi:

— "Quer saber o que fará Chávez? Nada! Não fará absolutamente nada. Tarde ou cedo a greve acabará, a oposição sairá com os ossos quebrados e, para a infelicidade dos senhores, Chávez permanecerá."

Naturalmente me acharam estúpido e quase em coro me disseram:

— "Faça boa viagem. Veremos nos próximos dias quem terá razão!"

Como se dissessem "vá para o inferno!".

O único realmente preocupado, depois de minhas palavras, foi Pedro.

A Venezuela hoje

A greve foi um verdadeiro desastre para o país, deixando para trás perdas de mais de 13 bilhões de dólares. Apesar de paralisar o país por meses, e principalmente a PDVSA, a greve foi derrotada.

Chávez praticamente desmantelou a velha PDVSA, completamente podre, despedindo mais de 18 mil empregados, toda a direção e colocando em seus lugares pessoas aposentadas ou enviadas por outros países.

O sistema de informática foi sabotado, paralisando todas as atividades de exportação. Descobriu-se pouco depois que o *software* utilizado pela PDVSA foi produzido por uma companhia estadunidense ligada à CIA. Descobriu-se também que os servidores tinham uma conexão disfarçada, com a passagem de cabos clandestinos em cômodos isolados, de onde foram enviadas informações sobre a PDVSA para fora da empresa. Além disso, destes terminais clandestinos se podia interferir na parte ativa do sistema, boicotando-o com interrupções e sabotagem de dados.

Assim, dos escritórios se mandavam ordens para carregar um navio no terminal do porto, com todos os dados relativos, mas estas ordens não chegavam ao terminal de carga ou chegavam com dados alterados: mudava-se o destino, as quantidades, os dados de referência dos contratos etc.

Foram necessários anos de trabalho para construir todos esses sistemas de espionagem, prevendo claramente a greve e com a cumplicidade da alta gerência!

Logo após as demissões massivas, quando se reconstruiu o corpo de funcionários da PDVSA, mais uma vez haviam infiltrados que continuaram as sabotagens, ainda que em menor intensidade, mas estas personagens também foram descobertas e expulsas.

Em qualquer outro país, esses criminosos acabariam na cadeia e as chaves teriam sido jogadas fora, mas na Venezuela, lamentavelmente, ainda hoje o sistema judicial é muito corrupto, os julgamentos são lentos e frequentemente os processos acabam em nada, com o júbilo da oposição que financia este tipo de corrupção. Em 15 de agosto de 2004, Chávez venceu o referendo com 59% de NÃO contra 40,6% de SIM. Votaram acerca de 70% dos que tinham direito. A Coordenadora e a Sumate se lançaram em acusações de fraudes das quais rapidamente apresentaram provas. Para defender esta tese, utilizaram falsas investigações que davam Chávez como derrotado, mas, como não perdeu, iniciou-se o escândalo.

O Centro Cárter, tal como todos os outros observadores internacionais, declarou que o voto foi claro, mas César Gaviria, presidente da OEA, Organização dos Estados Americanos, se negou a aceitar aquele veredicto, indubitavelmente pela enorme pressão exercida pelos Estados Unidos, que acreditavam ter concluído o capítulo Chávez. A oposição iniciou acusações absurdas contra o Centro Cárter, chamando-o de vendido e desqualificando-o de todas as maneiras. Mas, ao final, sem que fosse apresentada uma só prova que sustentasse as acusações de fraude, também a OEA teve que aceitar o veredicto.

A ofensiva antichavista não parou e recomeçou quase em seguida, preparando o terreno para as eleições presidenciais de dezembro de 2006.

A oposição contrapõe Chávez ao senhor Manuel Rosales, governador do Estado Zulia.

As "quatro TVs irmãs" se calam frente ao fato deste senhor não ter sequer terminado o segundo grau; ninguém da oposição lhe tem como ignorante, simplesmente porque é um branco e faz parte de seus quadros, o vendem como Maracaibino, embora, ao que parece, tenha nascido em Mérida. Quando se menciona que Rosales foi um dos signatários do decreto de Pedro Carmona, dizem que ele não assinou o decreto, mas sim uma simples lista e que em todo caso os golpistas lhe enganaram. Recentemente vieram à luz duas provas que desmentem definitivamente esta explicação: um artigo no jornal *La Verdad* de 13 de abril de 2002 e uma gravação de uma coletiva de imprensa, em que ele declara suas verdadeiras convicções em apoio ao golpe.

Descobriu-se que López Sisco, preso no mês de outubro de 2006 sob a acusação de massacre, era o chefe de segurança de Rosales e seu velho amigo. O senhor Leopoldo López, um dos prefeitos golpistas, é um dos mais ativos entre os seus partidários, junto a muitos outros já qualificados como ex-golpistas.

Também nesta campanha, todo o potencial da oposição foi posto em campo, mas não bastou para mudar o inelutável. Em três de dezembro de 2006, Chávez venceu a eleição com 62,87%, enquanto Rosales obteve 36,88% e esta é a real relação de forças na Venezuela de hoje.

A companhia Intesa

Para entender melhor a dimensão da influência dos EUA na gestão do golpe, vamos ver quem e o que é esta companhia. Mencionei este nome falando do envolvimento do general Rosendo com os golpistas, subornado com a nomeação de sua filha nesta companhia, seu nome completo é: "Informática, Negocios y Tecnología, S.A, (Intesa)". A PDVSA detém 40% das quotas acionárias

enquanto os 60% restantes, portanto a maior parte, pertence a uma associação estadunidense chamada Saic. No *site* desta associação na internet se lê:

My Work Aids In Our Nation's Defense. [Meu trabalho contribui na defesa de nossa nação].

My Company is Saic [Minha empresa é a Saic]

Agora, quando aparece a palavra mágica "defense" sempre existe uma ligação com a CIA, da qual a Saic é, efetivamente, um desdobramento. O grupo Saic fatura mais de 2 milhões de dólares por ano e deste montante, 90% provém de contratos com o governo estadunidense na área de defesa e inteligência. Intesa, portanto, é a empresa que controla todo o sistema de informática da PDVSA, colocando-a, de fato, sob o controle do governo dos Estados Unidos. Esta associação foi orquestrada pela alta gerência da PDVSA, com a justificativa de baixar os custos deste serviço, mas na realidade foi outro passo em direção à submissão da PDVSA aos interesses dos Estados Unidos.

Em 1996, a PDVSA tomou a decisão de criar uma sociedade comercial com a Saic, registrando na Venezuela uma nova empresa, e a Saic participa como uma de suas empresas registradas fora dos Estados Unidos, denominada "Saic Bermuda". Também desta vez, como, em geral, em todos os assuntos administrados pela junta diretiva da época, a PDVSA estipulou um acordo que favorecia aos seus sócios estrangeiros, perdendo sistematicamente dinheiro e prestígio. Assim, muitos milhões de dólares passaram para os caixas de companhias estadunidenses e uma parte proporcional acabou nos bolsos dos responsáveis pelos contratos.

A Intesa não foi uma exceção, vejamos por quê.

A Saic só investiu 1.300 dólares, enquanto que a PDVSA aportou o capital necessário para a operação, além de disponibilizar equipamentos, escritórios, pessoal e 800 dólares em espécie. O objeto da sociedade foi um acordo de serviços de informática por cinco anos, renovável com o consentimento das partes.

Naturalmente, a PDVSA deixou nas mãos da Saic tanto a direção administrativa como também o controle da junta diretiva. A Saic forneceu todos os *softwares* com que a PDVSA foi administrada até 2003, quando uma greve tentou colocar de joelhos a PDVSA e a Venezuela.

Para a Saic este foi um tema realmente rentável, porque a criação da Intesa e seus custos foram muito mais altos que o orçado, revelando-se, de fato, uma posterior fonte de perdas para a PDVSA. A Saic, com efeito, ganhou mais de 40 milhões de dólares como dividendos e, além disso, faturou da PDVSA outros 53 milhões de dólares por serviços – um total de quase 100 milhões de dólares frente a um investimento financeiro de apenas 1.200 dólares! Não é um erro de impressão. Esta soma ridícula foi tudo o que a Saic desembolsou: 1.200 dólares!

Estes foram os métodos com os quais foi administrada a PDVSA de então, meritocrática e protegida pela alta gerência, pela velha classe política e pela Igreja contra as ingerências de Chávez, até desembocar em um golpe e, em seguida, numa greve indefinida. A coisa mais importante a destacar é que a Intesa controlava toda a informação vital da PDVSA, tendo o controle da gestão direta de todo o sistema de informática. Seus servidores armazenavam todos os dados financeiros, técnicos, além de orçamentos e contratos comerciais.

Quando começou a greve indefinida, a Intesa boicotou as informações, impedindo o desenvolvimento normal das atividades, sendo assim a base, o núcleo central de toda a operação contra a Venezuela. Naturalmente, a Saic estendeu sua rede em quase toda a região sul-americana, com os mesmos objetivos. Citar Intesa, portanto, é como mencionar diretamente a Saic que é quem, de fato, tem o controle total.

Quando, no mês de dezembro de 2002, começou a sabotagem da PDVSA, a Intesa (ou melhor, a Saic) obrigou seus empregados a abandonar seus postos de trabalho correspondentes, pa-

ralisando o sistema de informática e causando a paralisação das capacidades operacionais da PDVSA.

O racismo na Venezuela

Nos primeiros meses da minha estadia na Venezuela, convenci-me de que o racismo naquele país não existia. Todos os meus amigos pareciam muito tranquilos deste ponto de vista e a mistura de etnias era um fato aceito com naturalidade. Lamentavelmente, tratava-se de uma capa de respeitabilidade superficial que escondia um mal-estar profundo na sociedade venezuelana.

Os brancos aceitam os negros contanto que estes sempre estejam submetidos a eles, segundo as mais arraigadas tradições coloniais espanholas. Não existem negros ricos com criados brancos e os maiores empresários são quase todos de origem europeia ou estadunidense. Fui hóspede de várias famílias que podem ser chamadas de ricas, de brancos obviamente, e a coisa que mais me impactou foi a presença destas pessoas de cor empregadas nos serviços da casa, que se moviam como se fossem transparentes, invisíveis, silenciosas e eficientes, mas tratadas com arrogância, sem nenhuma familiaridade e como mal necessário: alguém tem que cozinhar, lavar a roupa e limpar o chão, cuidar do jardim, ser o motorista etc.

Mas os negros custam pouco e não têm muitas pretensões.

Se se tem convidados importantes para uma refeição, cuidado ao lhes oferecer frutas como manga ou bananas, porque amavelmente recusarão, e se forem pessoas próximas lhe dirão que é comida de negros, porque são coisas comuns, muito baratas. Se, em vez dessas frutas, oferecer-lhes peras, maçãs, morango ou mamão papaia certamente aceitarão, porque estas frutas custam muito mais caro e, portanto...

Pode lhes parecer inacreditável, mas o mais sério problema introduzido no país por Chávez é aquele que é resultado de seus

traços somáticos, provocando na Venezuela o mesmo alvoroço que causaria nos EUA se um presidente de cor fosse eleito. A alta burguesia culta, rica, branca não pode aceitar aquele aborto de presidente quase negro!

Ser negro e pobre significa ser um feroz inimigo dos ricos, de seus privilégios consolidados por uma longa tradição de corrupção e roubos. É preciso interromper a sua marcha, eliminá-lo a todo custo. Como ensina Maquiavel: os fins justificam os meios!

Os opositores temem que Chávez construa um Estado ditatorial, autoritário, vingativo e mobilizam todos os recursos disponíveis para criar uma fonte de opinião negativa. Dizem que é um assassino, mas não se sabe bem quem ele matou ou mandou matar. Dizem que faz pressão sobre a imprensa e atua contra a liberdade de expressão, mas nunca foi preso um só jornalista nem qualquer pessoa por razões ideológicas. As emissoras de televisão e a maior parte da imprensa estão nas mãos de empresas ricas ligadas à velha ordem e que se posicionam contra Chávez sem parar, todo santo dia, em todas as horas, evitando cuidadosamente falar dos sucessos conseguidos pelo governo e só mencionando os problemas não solucionados, generalizando cada caso individual, fazendo de cada banalidade um assunto grave. Assim, se uma escola tem um problema de infraestrutura, colocam todas as escolas do país como tendo o mesmo problema. Se sequestram alguém é culpa do governo, ainda que os culpados sejam presos e condenados.

Dizem que controla o Tribunal Supremo de Justiça (TSJ), mas, meses depois dos acontecimentos de abril de 2002, com uma sentença escandalosa e desleal, os magistrados deste Tribunal deliberaram que não houve nenhum golpe, demonstrando com fatos de que lado estão alinhados.

Chávez é acusado de acorrentar as emissoras nas chamadas cadeias nacionais, em que o governo transmite informações em redes unificadas e que abusa deste direito. Mas este sistema é o

único meio de que o governo dispõe para que o país possa tomar conhecimento do quanto está fazendo, porque as televisões privadas ignoram e censuram toda informação que possa, mesmo que de maneira longínqua, ser considerada como favorável a Chávez; o Canal 8 não cobre todo o território nacional, além de ser sabotado continuamente. Tudo isso em nome de uma interpretação pessoal de liberdade de imprensa e direito à informação cunhada pela oligarquia, digamos que à sua própria imagem e semelhança.

Dizem que menospreza as Forças Armadas, mas agora seus membros adquiriram o direito ao voto, que não tinham, e as mulheres são admitidas sem discriminação de qualquer tipo; estão melhorando tecnologicamente e profissionalmente todas as divisões, as escolas militares são a vanguarda e na Venezuela também são treinados militares de outros países sul-americanos.

Nunca como hoje as Forças Armadas foram tão queridas pelo povo e pela primeira vez na Venezuela não representam um órgão repressivo, porque Chávez nunca as utilizou contra civis.

Que ditador estranho!

Fala-se de Jesus e menciona alguma passagem do evangelho; é identificado como o bobo do interior, uma vez que a Igreja é a única que tem o direito de difundir os ensinamentos do "Novo Testamento", enquanto todos os outros têm apenas que escutar em atitude piedosa, mas, sobretudo, obedecer incondicionalmente.

Os bispos podem falar em todas as oportunidades contra Chávez e seu governo, mas Chávez não pode retrucar porque cada palavra sua é analisada no microscópio pelos cultos sábios que sempre foram respeitosos dos ensinamentos cristãos e sempre respeitaram os prelados e sua missão.

Será talvez pelo modo partidário de interpretar a passagem do evangelho?

"É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha que um rico entrar no reino dos céus".

Assim, é melhor que todos os venezuelanos sejam pobres de modo que a eles esteja garantido o reino dos céus, enquanto políticos e clero nobre se sacrificam, gozando nesta terra, desse modo, colocando em risco a salvação de sua alma e tudo pelo bem do povo ingrato.

O colonialismo interno

Estas formas de racismo implicam inevitavelmente em instaurar-se uma organização social que pode ser definida como "colonialismo interno".

De fato, quando existe uma relação de exploração entre um grupo ou uma categoria social que exerce o poder sobre uma classe mais frágil, se pode com razão falar em colonialismo. Se os colonizadores que exploram e os colonizados explorados pertencem a países diferentes se pode falar em colonialismo internacional, mas quando estas duas categorias pertencem ao mesmo sistema ou país, esta condição se define como colonialismo interno.

Na Venezuela um sistema semelhante se desenvolveu em mais de 50 anos de falsa democracia.

Faz alguns anos, a Sumate custeou um livro com o título *Apartheid del siglo XXI*, onde o autor atribui a Chávez as divisões sociais que hoje são claramente visíveis, e acaba fazendo apologia aos governos passados, vistos como a perfeição em política.

Citarei o começo do primeiro capítulo:

> Depois de ter mantido por mais de quatro décadas uma das democracias mais estáveis do continente americano, no ano de 2001 se iniciou na Venezuela um dos períodos de choque e polarização política mais radical de sua história moderna (...). O regime [de Hugo Chávez] não só provocou fraturas dentro da sociedade venezuelana, mas também revela as verdadeiras intenções de sua assim chamada revolução bolivariana e tem causado acalorados debates nos cenários internacionais.

Isto é o que afirma a oposição que pode ser entendida como coincidente com a classe dos colonizadores, internos e externos, os primeiros sendo financiados pelos segundos.

A radicalização ainda existe. Constituíram-se duas frentes bem claras: de um lado os marginalizados que se rebelaram porque querem sair da condição de exploração atávica, onde sistematicamente tem sido violados seus direitos humanos e civis; de outro lado os poderosos das democracias anteriores, que não querem ceder nem uma mínima parte de seus privilégios e de seu poder, exercido com arrogância durante as mencionadas quatro décadas, com os pobres que aumentavam a cada ano.

A radicalização existirá enquanto a velha classe dominante não admitir que a massa de explorados tem os mesmos direitos e que este processo não tem como voltar atrás. Portanto, não depende de Chávez aproximar as duas frentes, mas sim do quanto a oposição está disposta a fazê-lo.

Além de todas as considerações possíveis, há uma prova que crava a velha classe política de suas responsabilidades: a presença dos *ranchos!*

Por que proliferaram sob os olhos de todos, sem que nunca um governo tenha tomado medidas de tipo social para a ajudar aquelas pessoas? Por que a Igreja Católica, tão ativa durante os anos do governo de Chávez, não fez nada pelos milhões de indivíduos obrigados pela miséria a viver de um modo indigno de um país civil e democrático? Onde estiveram os valentes defensores atuais dos direitos humanos? E a voz da livre imprensa e da televisão, por que não se levantaram e denunciaram este estado de coisas?

Agora vamos reler mais uma vez o livro da Sumate. Agora poderemos entender melhor toda a hipocrisia da rica burguesia que viveu tranquilamente sua vida de colonizadora. A PDVSA foi o poço de San Patricio dos colonizadores, e dela tiveram privilégios inimagináveis, como salários fabulosos e direito a casas em

condomínios privados e protegidos, à energia, casas para férias, aviões da companhia para suas viagens, e também privados. Os empregos na PDVSA eram hereditários ou de caráter familiar, se convertendo em uma casta intocável. Para não falar logo nas tramoias na atribuição de trabalhos a empresas que para poderem desenvolver em paz as atividades contratadas tinham que pagar comissões milionárias a gerentes e similares.

Esta era a PDVSA que a oposição desejava.

Quando Chávez chegou à Presidência, tentou de todas as maneiras "recuperar" estes funcionários corruptos, mas, em vez de ceder à legalidade, estes preferiram participar de um golpe de Estado e, depois de uma greve indefinida, sabotando refinarias e oleodutos, exercendo inclusive atos de pirataria real, como quando paralisaram um navio cheio de combustível nas proximidades de Maracaibo, no canal.

O governo tentou retomar este navio, em Pilí León, mas encontrou-se com muitos barcos e iates que a circundavam, pertencentes obviamente à classe rica e que, de fato, impediram a sua recuperação. Se Chávez tivesse sido aquele sanguinário violento descrito pelos meios de comunicação, não teria tido qualquer dificuldade em enviar navios de guerra, helicópteros de combate, e de varrê-los como cacos. Em vez disso o governo solucionou a espinhosa questão sem disparar um só tiro. Uma vez mais!

Na Venezuela, hoje se diz que se alguém não é chavista não encontra trabalho, porque é discriminado pelo governo de Chávez, principalmente na PDVSA. O problema não é o credo político que os discrimina, mas o modo como a oposição gostaria de extirpar este câncer chamado Chávez. Não se trata de simples ideologias políticas em embate em uma dialética democrática, porque sempre são autores de ações desestabilizadoras.

Durante o ano de 2006, a oposição articulou inumeráveis tentativas de empurrar alguns militares em outra insurreição, e os poucos que se deixaram manipular foram localizados e pos-

tos fora do jogo, exatamente porque a maioria das FAN são fiéis à Constituição. Também na PVDSA realizaram ações de sabotagem: no mês de outubro de 2006, vazou a notícia de que um navio carregado de petróleo saiu de Maracaibo para um destino errado; sabotaram os documentos da viagem, assim como ocorreu em 2003. Não se tratava de ineficiência, mas sim de sabotagem real, e o governo foi obrigado a encontrar os criminosos e tentar jogá-los na prisão. E certamente não são chavistas!

As ações do governo são definidas pela Sumate como discriminatórias, enquanto as ações puramente criminais de elementos da oposição são nobres expressões democráticas. A Sumate é o símbolo da oligarquia soberba e é porta-voz dos interesses dos Estados Unidos – e para esta atividade recebe financiamento ilegal do estrangeiro. Trabalha em estreito contato com a embaixada dos EUA e membros da CIA.

Recentemente, o embaixador dos Estados Unidos colocou em prática uma nova política, pelo menos até o mês de dezembro de 2006, com o objetivo de conseguir se infiltrar nos bairros onde financia pesquisas e estudos sociológicos disfarçados, pois na verdade busca prosélitos, tentando minar a Revolução Bolivariana, mas as pessoas já estão com os olhos abertos e não se deixam surpreender: o que chamam de "sabedoria popular" funciona perfeitamente e nos meses anteriores às eleições de 2006 foram desmascaradas dezenas de tentativas desestabilizadoras.

Chávez repete que a essência da revolução é o despertar definitivo do povo, que não se deixará enganar jamais. Ouve-se, frequentemente nas manifestações, as pessoas gritarem o bordão:

— "Caminha, caminha, a espada de Bolívar na América Latina!".

Bolívar se converteu mais uma vez no símbolo de um movimento anticolonial que está se estendendo na América do Sul. Venezuela, Brasil, Argentina, Bolívia, Equador e, em parte, Chile estão trabalhando nesta direção: talvez o sonho de integração en-

tre os Estados do continente meridional, que Bolívar chamou de "Gran Colombia", hoje esteja mais próximo do que se imaginava.

Em 3 de dezembro de 2006, Chávez venceu com 62,87%, com mais de 7 milhões de votos e se tornou presidente por mais seis anos. A guerra contra o colonialismo foi declarada e será conduzida em todas as frentes para a recuperação do controle dos recursos estratégicos, a luta contra a burocracia inútil, contra a corrupção e, por fim, a luta mais dura e mais importante: a que elevará o nível sociocultural de todo o povo venezuelano utilizando-se das novas estruturas que nascerão da realização do socialismo do século 21.

Utilizando as palavras do presidente Hugo Chávez, este novo socialismo será solidário, humanista e cristão, com um autêntico poder popular, conceitos que encontrarão uma resistência feroz no mundo globalizado e neoliberal, onde impera a busca pelo poder pessoal e a riqueza, explorando abjetamente os indivíduos.

Na Venezuela, nos próximos anos, a oposição se arriscará em um referendo revogatório?

FIM

Por enquanto...

Hugo Chávez representa – na história e no imaginário coletivo de seu país e para a cultura e tradição sul-americana em geral – a continuidade da luta contra os conquistadores, que teve início no século 18 e nunca foi, de fato, concluída.

O livro trata dos acontecimentos ocorridos durante as 61 horas, entre as 15h do dia 11 de abril de 2002 – hora em que se iniciou a ação golpista, com o assassinato de inocentes por franco-atiradores patrocinados pela oposição a Chávez – e as 4h da madrugada do dia 14, quando Chávez regressa a Miraflores, o palácio do governo.

Trata também dos fatos que antecederam o golpe e as situações ocorridas nos meses seguintes, até a greve que, de acordo com as intenções da velha classe política, poderia ter provocado o fim do governo Chávez, conseguindo, assim, o que eles não conseguiram com o golpe.

Núnzio Renzo Amenta italiano da Sicilia muda-se para a Venezuela, em 1995, onde se dedica ao estudo e à realização de processos de tratamento para reaproveitamento de petróleo cru contaminado, cuja patente lhe foi concedida na Itália.

Sua presença na Venezuela durante os fatos narrados e a necessidade moral de contá-los tal como de fato ocorreram foram os motivos principais deste livro.

200 años

9 788577 431328